

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

EDISMAR GOMES GALVÃO

**A PRODUÇÃO TEXTUAL DE HENRIQUE SILVA NO
JORNAL *O PAIZ* E EM A *INFORMAÇÃO GOYANA* COMO
PROJETO DE MEMÓRIA: A ESCRITA DE SI E A
RECEPÇÃO DOS LEITORES – 1890 A 1935**

Dissertação de Mestrado

GOIÂNIA
2017

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

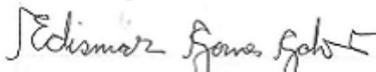
Nome completo do autor: EDISMAR GOMES GALVÃO

Título do trabalho: **A PRODUÇÃO TEXTUAL DE HENRIQUE SILVA NO JORNAL O PAIZ E EM A INFORMAÇÃO GOYANA COMO PROJETO DE MEMÓRIA: A ESCRITA DE SI E A RECEPÇÃO DOS LEITORES – 1890 A 1935.**

3. Informações de acesso ao documento:

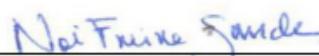
Concorda com a liberação total do documento **SIM** **NÃO**¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.



Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:


Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 05/12/2017

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² A assinatura deve ser escaneada.

EDISMAR GOMES GALVÃO

**A PRODUÇÃO TEXTUAL DE HENRIQUE SILVA NO JORNAL O
PAIZ E EM A INFORMAÇÃO GOYANA COMO PROJETO DE
MEMÓRIA: A ESCRITA DE SI E A RECEPÇÃO DOS LEITORES
– 1890 A 1935**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás como critério para a obtenção do título de mestre.

Área de Concentração: Culturas, Fronteiras e Identidade

Linha de Pesquisa: História, Memória e Imaginários Sociais

Orientador: Prof. Dr. Noé Freire Sandes

GOIÂNIA
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Galvão, Edismar Gomes

A produção textual de Henrique Silva no jornal O Paiz e em a Informação Goyana como projeto de memória: A escrita de si e a recepção dos leitores - 1890 a 1935 [manuscrito] / Edismar Gomes Galvão. - 2017.

205 f.: il.

Orientador: Prof. Noé Freire Sandes.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História (FH), Programa de Pós-Graduação em História, Goiânia, 2017.

Bibliografia. Anexos. Apêndice.

Inclui fotografias, tabelas.

1. História. 2. Leitor. 3. (Auto)Biografia. 4. Escrita de Si. 5. Memória.
I. Sandes, Noé Freire, orient. II. Título.

CDU 94(81)



Ata da Sessão de julgamento da Defesa de Dissertação de Mestrado de **Edismar Gomes Galvão**. Aos 07 (seis) dias do mês de novembro de dois mil e dezessete (2017), com início às 14h30, nas dependências da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás, teve lugar a sessão de julgamento da Defesa de Dissertação de Mestrado de **Edismar Gomes Galvão**, cujo título foi **“A PRODUÇÃO TEXTUAL DE HENRIQUE SILVA NO JORNAL O PAIZ E EM A INFORMAÇÃO GOYANA COMO PROJETO DE MEMÓRIA: A ESCRITA DE SI E A RECEPÇÃO DOS LEITORES - 1890 A 1935”**. A Banca Examinadora foi composta, conforme portaria nº065/17-PPGH, de 31 de outubro de 2017, pelos seguintes Professores Doutores: **Noé Freire Sandes (Presidente)**, **José Eustáquio Ribeiro (UFG Catalão)**, **Luiz Ricardo Magalhães (UNEB/Brasília)** e, como Suplentes, **Cristiano Pereira Alencar Arrais (UFG)** e **Profa. Dra. Fabiane Costa Oliveira (IFG)**. Os examinadores arguíram na ordem acima citada. Às 17 horas a Banca Examinadora passou a julgamento em sessão secreta tendo sido a candidata

Prof. Dr. **José Eustáquio Ribeiro (UFG Catalão)**, Ass.: *José Eustáquio Ribeiro*

Decisão (..... *Aprovado*)

Prof. Dr. **Luiz Ricardo Magalhães (UNEB/Brasília)** Ass.: *[Assinatura]*

Decisão (..... *Aprovado*)

Presidente da Banca Prof. Dr. **Noé Freire Sandes (UFG)**, Ass.: *Noé Freire Sandes*

Decisão (..... *Aprovado*)

Reaberta a Sessão Pública, a Presidente da Banca Examinadora proclamou os resultados e encerrou-a, da qual foi lavrada a presente ata que vai assinada por mim, Cintila Alves Garcia, secretária do Programa de Pós-Graduação em História, e pelos membros da Banca Examinadora.

Coordenador: *[Assinatura]*
Prof. Dr. Marlon Feison Salomon

Secretário: *[Assinatura]*
Cintila Alves Garcia

*Dedico este trabalho a minha mãe
Conceição Gomes Galvão.*

AGRADECIMENTOS

Durante a realização desta pesquisa, muitos obstáculos surgiram no caminho, impedindo sua concretização. Muitos deles foram superados, outros contornados, e muitos ficaram no percurso. Foi difícil chegar até aqui. Seria mais ainda se estivesse sozinho. Felizmente, isso não aconteceu. À minha volta, um conjunto de forças se formou e me amparou durante todo o tempo da pesquisa. Sem ter a pretensão de esgotar, nem tampouco simplificar, diria que essas forças são divinas, vieram de diferentes lugares e pessoas, como meus pais; filhas e filho; companheiras; irmãos; amigas; amigos; colegas; professores da graduação, da licenciatura, do mestrado; professor orientador; banca de professores da Qualificação; Secretaria de Educação de Goiânia; Escola Municipal Residencial Itaipu; Faculdade de História; Universidade Federal de Goiás e a Coordenação do Programa de Pós-Graduação em História.

Obrigado a todos!

Se já não podemos definir pela investigação de outrem e das suas psicológicas que se dissimulam *atrás* do texto e se não queremos reduzir a interpretação à desmontagem das estruturas, que fica para interpretar? Responderei: interpretar é explicar o modo de ser-no-mundo exposto diante do texto.
(Paul Ricoeur)

RESUMO

O presente trabalho buscou alcançar alguns objetivos sobre a produção textual de Henrique Silva, bonfinense que escreveu, entre 1890 a 1935, em diferentes meios de comunicação, notadamente no jornal *O Paiz* e na revista *Informação Goyana*. No primeiro, foram centenas de notas publicadas cotidianamente entre os anos de 1890 a 1917: registros de ações envolvendo os mais diferentes assuntos. Na revista, que circulou de 1917 a 1935, as publicações de Silva aumentaram sobremaneira em quantidade e tamanho. Esse material, após ser mapeado em tabelas distintas, apresentou o goiano com uma erudição peculiar: discutia sobre hidrografia, pecuária, bandeirismo, geografia, história, saúde, construção da nova capital federal e tantos outros. Após a análise desse material, percebeu-se que a grande maioria das publicações tratava das possibilidades econômicas do Planalto Central, especialmente Goiás. Essas terras eram a bandeira erguida à qual dedicou a maior parte de sua vida. À sombra dessa temática, o amor por Goiás, vislumbrou outro projeto de igual importância: a construção de um projeto de memória, o eternizar-se nas terras goianas como indivíduo que foi para a capital como militar, escritor, jornalista e lá contribuiu para o redescobrimto de Goiás. O referencial teórico utilizado para as publicações no jornal *O Paiz* foi a *escrita de si* realizada por Henrique Silva. Um constituir-se pelos seus feitos, por meio de uma escrita (auto)biográfica, que visava, também, como propósito, ao povo goiano. Nas publicações em *Informação Goyana*, o projeto se mantém. Nesse mensário, buscou-se analisar a produção textual de Silva a partir da recepção dos leitores, identificar como o leitor atribuía significado para os diversos assuntos abordados pelo jornalista. Um diálogo entre autor e leitor que, em alguns momentos, ocorreu tendo como suporte a revista, uma interação importante para o êxito de seus objetivos. Assim com a *escrita de si* e a recepção dos leitores, Henrique Silva, em certa medida, se imortalizou diante dos goianos.

Palavras-chave: história; *escrita de si*; estética da recepção; suporte; leitura, memória.

ABSTRACT

The present work sought to achieve some objectives on the textual production of Henrique Silva, from Bonfin, MG, who wrote between the years 1890 to 1935, in different media, notably in the *O Paiz* newspaper and the *Informação Goyana* magazine. To begin with, he wrote hundreds of notes published daily between the years of 1890 and 1917, which record activities involving a variety of subjects. In the magazine, which circulated from 1917 to 1935, Silva's publications increased greatly in quantity and size. All this material, after being organized into distinct tables, showed the Goiano had a peculiar erudition. He discussed hydrography, cattle raising, *bandeirismo*, geography, history, health, construction of the new federal capital, and many other subjects. Analysis of this material found that the great majority of the publications dealt with the economic possibilities of the central plateau, especially Goiás. These lands were the cause that he dedicated most of his life. Under this theme and for the love for Goiás, he envisioned another project of equal importance: to construct a memoir. He portrayed himself in the region of Goiás as an individual that went to the capital as a soldier, a writer, and a journalist, who contributed to the rediscovery of Goiás. The theoretical reference used for the publications in the newspaper *O Paiz* was the writing about his own actions. He built his achievements, through (auto)biographical writing, which was also purposefully aimed at the people of Goiás. The project continued in the publications in *Informação Goyana*. However, from this monthly journal, we sought to analyze the textual production of Silva from the response of the readers and identify how the reader in general attributed meaning to the various topics addressed by the journalist. A dialogue between author and reader, which sometimes occurred supported by the magazine, was an important interaction for the success of his goals. Thus, by writing of himself and the reaction of the readers, Henrique Silva, to a certain extent, immortalized himself before the Goianos.

Keywords: history; writing about oneself; reception aesthetics; support; reading, memory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1: A FUNDAÇÃO DA CIDADE DE BONFIM: ENTRE A MINERAÇÃO E AS ATIVIDADES AGRÍCOLAS.....	15
1.1- Goiás, a Cidade de Bonfim no contexto da Independência.....	21
1.2- A Família Silva: entre Mercês e construção de uma nobreza da terra.....	26
1.3- Goiás, Bonfim e a Guerra do Paraguai.....	30
CAPÍTULO 2: A IMAGEM DO HOMEM PÚBLICO HENRIQUE SILVA NO CONTEXTO DO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX.....	44
CAPÍTULO 3: A PRODUÇÃO TEXTUAL DE HENRIQUE SILVA EM INFORMAÇÃO GOYANA: ESCRITOS, SUPORTE, LEITOR E PROJETO DE MEMÓRIA.....	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	112
REFERÊNCIAS.....	120
APÊNDICES.....	128
ANEXOS.....	181

INTRODUÇÃO

A preocupação com a temática Goiás teve início em dois momentos distintos: enquanto docente no ensino público em Goiânia¹ e como aluno de graduação em História na Universidade Federal de Goiás². Ao ministrar aulas de Brasil no Ensino Fundamental, Goiás surgia nos livros didáticos com a descoberta das minas de ouro; depois desse fato, desaparecia. Como aluno da graduação em História, nas aulas de Brasil deparava-se o mesmo problema: a pouca ou nenhuma inserção de Goiás nos assuntos nacionais. Ao estudar a Independência, a queda da Monarquia e a instituição da República, o movimento de 1930, a revolta de São Paulo em 1932 e o Estado Novo, Goiás continuaria não existindo enquanto unidade da Federação.

A intenção de pesquisar sobre Goiás e seu povo nasceu da ausência desse Estado na historiografia brasileira. A ideia era ainda mais ousada, pois havia grande motivação em buscar, presenciar o goiano vivendo os grandes acontecimentos da história brasileira a partir de seu ponto de vista. Desejava-se pesquisar Goiás não somente no centro das atenções da historiografia, mas, sobretudo, conferindo visibilidade à pessoa comum, às classes subalternas desprovidas de quase tudo.

Onde encontrar esse indivíduo sem vê-lo pelo filtro do outro? Diante de tais dificuldades, limitou-se a tomar Goiás, o seu povo lutando por sua identidade, por sua valorização frente às grandes unidades da Federação. Mas como tomar um Estado rico em diversidade como entidade única? Para solucionar esse impasse, as contribuições de Kathryn Woodward (2000) e Wasseman (2002) foram utilizadas, as quais afirmam que as diferenças existentes em determinado grupo tendem a ficar fluidas diante do outro e podem fortalecer uma identidade nacional e regional.

Esse sentimento identitário ocorreu com o povo goiano, principalmente levando em conta as discriminações do governo federal, que não incluía o Estado em seus estudos técnicos, aliadas aos preconceitos da imprensa carioca e sua ignorância espacial quanto à localização exata de Goiás no mapa brasileiro. Diante desse ataque, as diferenças internas dos goianos tenderiam a ir para um segundo plano, se enfraquecer. Nesse momento, o que importa ou mais se destaca, lembrando Woodward (2000), é o nós em oposição ao outro.

¹ Bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela UFG em 1995. Ingressou-se por meio de concurso na Prefeitura de Goiânia no ano de 1999.

² 2010/2013.

Ao compartilhar essas angústias com o professor orientador Noé Sandes, entrou-se em contato, pela primeira vez, com a Revista *Informação Goyana*³ e seu fundador Henrique Silva. Percebeu-se nas ações dessa personagem a possibilidade de contemplar os objetivos pretendidos, isto é, escrever sobre Goiás na perspectiva de um goiano.

Assim, uma busca por Henrique Silva pelos principais jornais da capital federal, Rio de Janeiro, foi iniciada. Concomitantemente a essa atividade, procedeu-se ao mapeamento de todos os seus artigos assinados na revista em que foi editor geral por dezoito anos. Foram mais de duzentas publicações: todas passavam a imagem de um grande conhecedor das riquezas naturais do Brasil, especialmente o planalto central.⁴ À medida que se avançava no mapeamento, considerou-se que aquelas publicações, que exaltavam as riquezas, juntamente com suas possibilidades econômicas, deveriam ou poderiam ter outro objetivo não revelado. Por que tanto empenho em apresentar-se como protetor, defensor dos interesses de Goiás? Que outras motivações guardava Silva?

A explicação levantada para as ações do militar, editor geral da revista, não apenas as textuais, muito provavelmente constituíam projeto de memória. Um projeto de memória ancorado em outro projeto, esse mais óbvio, o de desenvolvimento do potencial econômico do Estado de Goiás. Enquanto não dispunha de espaço maior para expor suas ideias, o goiano utilizou os diferentes meios de comunicação para combater o preconceito, o desconhecimento e a discriminação que boa parte da imprensa do Distrito Federal e até mesmo significativa parcela do povo goiano nutriam pelo *Estado mais central do Brasil*⁵.

Dos periódicos investigados antes de 1917, quando do lançamento da *Informação Goyana*, encontrou-se farto material de Henrique Silva publicado entre os anos 1890 até a primeira década do século XX no jornal *O Paiz*. Nele, quase todas as ações do militar goiano eram registradas cotidianamente nas colunas do jornal, ora pelos seus pares da imprensa, e em algumas situações, pelo próprio Henrique Silva.

Assim, com as publicações de *O Paiz* e, posteriormente, de *Informação Goyana*, foi possível dividir o projeto que aqui se defende, de memória do militar em duas grandes partes. A primeira, as ações e a ascensão de Henrique Silva no Exército registradas no diário da capital como uma *escrita de si*. A segunda parte, a recepção aos

³ 1917 a 1935.

⁴ Segundo Henrique Silva, o Planalto Central do Brasil compreende o Oeste de São Paulo; Triângulo Mineiro; Goiás e Mato Grosso (*Informação Goyana*; ano IX, RJ, 12/1926, vol. X, n. 05).

⁵ Expressão muito utilizada Silva em a *Informação Goyana*.

seus textos publicados na revista em que era o editor chefe. Esses dois momentos, ao final desta pesquisa, podem confirmar ou não a existência de um projeto de memória, um conjunto de ações visando à construção de uma imagem de indivíduo combativo, protetor, defensor dos interesses de Goiás, que esperava não ser esquecido pelas futuras gerações.

Vale sublinhar que as páginas dos jornais assumem ou se aproximam de uma escrita (auto)biográfica, não obstante serem públicas ou que se deseja tornar-se públicas. Essa escrita pública pode caracterizar-se em um projeto, consciente e/ou inconsciente. Não importa se contempla coerências ou incoerências em relação aos projetos individuais estabelecidos pelo militar em um contexto no qual se desenvolvem suas ações enquanto sujeito. A *escrita de si* são ações praticadas pelo indivíduo, cujo interesse é dotar o mundo à sua volta de significados, não importando se tais ações são ou não relevantes⁶. Ao realizar essas práticas, Henrique Silva constitui uma identidade para si.

Destaca-se que essa escrita realizada a pedido, encomendada, produzida pelos colegas das redações não desqualifica a pertinência da questão aqui levantada por visarem ao público. As práticas de produção de si podem consistir em amplo conjunto de materiais para além daquelas “mais diretamente ligadas à escrita de si propriamente dita – como é o caso das autobiografias e dos diários” (GOMES, 2004, p. 11). A intervenção de Gomes, bem como de outros autores citados nesta pesquisa, pode embasar a hipótese de que a *escrita de si* feita por meio de um jornal é aceitável na construção de um projeto de memória. Igualmente, compondo esse projeto de memória tem-se a perspectiva da estética da recepção, que prioriza o leitor diante dos textos publicados em *Informação Goyana*. A proposta é observar como Silva atribuiu significado às referências bibliográficas por ele utilizadas no ato de escrita de seus textos e como esses textos eram recebidos por seus leitores.

Com a finalidade de trabalhar a questão da recepção à produção textual de Henrique Silva, foram utilizadas as colaborações de Paul Ricoeur (1999) em sua reflexão no ensaio intitulado *O que é um texto*.⁷ Este autor afirma que um texto é um discurso não pronunciado pela fala; ao ser escrito, sua circunstância referencial fica “em suspenso”, cabendo ao leitor o papel de estabelecer a interpretação a partir de seu referencial. Outros dois autores utilizados para corroborar as afirmações são Iser

⁶ GOMES, 2004, p. 10.

⁷ RICOEUR, 1999, p. 59 a 80.

Wolfgang⁸ e Roger Chartier⁹, ambos consoantes com o deslocamento que se deve permitir ao ato da leitura. Assinala Iser (1999) que a interação entre texto e leitor, nos diferentes modelos de textos, descreve somente uma dimensão da situação de comunicação. Tanto o repertório como as estratégias textuais tendem a apresentar uma pré-estrutura do potencial do texto.

Para Iser (1999), cabe ao leitor atualizar o texto a fim de construir o objeto estético, e isso significa que a aquisição de experiências pelo leitor se dá em um estado de consciência sob as quais a experiência se constituiu. Cabe salientar que a intenção nesta pesquisa é captar a atualização ou refiguração, conforme Ricoeur (1999), dos textos de Henrique Silva pelo leitor sem que passe necessariamente pela dimensão do objeto estético¹⁰. Como se pode vislumbrar em grande parte dos exemplos extraídos do periódico, o leitor da revista acessa os textos do editor geral da revista quase sempre em uma dimensão prática, podendo ou não concordar com o autor. Evidentemente, a forma que esse suporte lhe chega às mãos é um importante elemento a ser avaliado na leitura.

Nesse sentido, Chartier (1992) tem um papel fundamental na discussão sobre o papel do leitor. Em sua perspectiva, a distinção essencial entre o texto e a impressão, ou seja, o trabalho de escrever e o de fazer o livro requer um suporte que lhe confere legibilidade. Ressalta que qualquer compreensão de um texto depende das formas que chega ao leitor. Logo, é preciso não esquecer e saber distinguir entre os dois tipos de aparato: o da escrita e intenções do autor e o outro, resultante da manufatura do livro, ou nesse caso específico, a revista *Informação Goyana*. De acordo com Chartier (1992), é nesse intervalo entre as expectativas do autor e a confecção do suporte que o significado pode ser criado. Também contempla-se o projeto gráfico do periódico, com atenção especial à disposição das matérias, imagens, títulos, uso de fios e entrelinhas com a finalidade de aproximar o leitor dos textos e de uma interpretação.

No desenvolvimento desta pesquisa, outras problemáticas surgiram e se juntaram ao projeto inicial de memória a partir da defesa das potencialidades de Goiás. Dessa forma, as ações de Henrique Silva visando a seu futuro reconhecimento diante das populações regional e nacional abriram caminhos para a conjuntura do momento de

⁸ WOLFGANG, Iser. O ato da leitura – Uma teoria do efeito estético, vol. São Paulo, Editora 34, 1996.

⁹ CHARTIER, Roger. A aventura do livro – do leitor ao navegador. São Paulo, Unesp, 1999. A mão do autor e a mente do editor, 2014; A história ou a leitura do tempo, 2015. Leituras e leitores na França do Antigo Regime, 2004.

¹⁰ Aspecto também abordado por Iser no livro referido.

transferência da capital federal para o Brasil Central¹¹, especialmente Goiás. A produção de artigos do então diretor geral da revista pode ter repercutido em seus leitores com o conhecimento da região, favorecendo a acomodação da mudança da capital federal. Isso é proposta que o leitor pode, ao adentrar no texto, realizar sua própria refiguração, contribuindo para maior ampliação das questões aqui levantadas.

Esta pesquisa está dividida em três capítulos, mais as considerações finais. No primeiro, realiza-se uma visão geral de Bonfim, atual Silvânia, seu surgimento com a descoberta do ouro e a prática da agricultura. Contempla-se a família de Henrique Silva, considerando-a de tradição e respeito entre os goianos, importância conquistada com o patriarca da família Vicente Miguel da Silva, que ajudou a colocar ordem no vilarejo de Nosso Senhor do Bonfim. Posteriormente, têm-se seus herdeiros Francisco José da Silva e Vicente Miguel da Silva Neto, pai e filho, ambos com participação na guerra entre Brasil e a República do Paraguai. A Província de Goiás tem papel de destaque no conflito ao fornecer homens para a guerra, bem como responsabilizar-se pelo envio de víveres para tropas brasileiras acampadas em Mato Grosso até a invasão do território inimigo, em Miranda. É possível identificar a família Silva como pertencente a uma nobreza terra (MORÃES, 2014) no segundo Império, agraciada com mercês na cidade de Bonfim. Com essa estrutura familiar, Henrique Silva teve acesso às primeiras letras, apoio para entrar no Exército e completar seus estudos nunca concluídos na capital Rio de Janeiro no final do século XIX.

No segundo capítulo, focam-se nas publicações de Henrique Silva no jornal *O Paiz*. Ali, foram escritas centenas de notas, pequenos textos relativos a suas ações, sobretudo de cunho público. Busca-se empreender uma discussão de uma *escrita de si* (GOMES, 2004; LORIGA, 1998).

No terceiro capítulo, a temática abordada são as publicações do editor geral da revista goiana e a recepção de textos por parte de seus leitores. Não se descuidada que o grande articulista da revista, antes de autor era leitor, e desse modo, fez uso de larga referência bibliográfica na produção de sua escrita.

¹¹ Artigo 3º da Constituição de 1891, que definiu o Planalto Central como região a ser demarcada área da futura capital federal.

CAPÍTULO 1

A FUNDAÇÃO DA CIDADE DE BONFIM: ENTRE A MINERAÇÃO E AS ATIVIDADES AGRÍCOLAS

O sertão goiano, segundo Bertran e Coelho (1997, p.76), era muito conhecido pelos paulistas e “por gente de Belém, do Maranhão e da Bahia” no século XVII, tendo como principal objetivo o apresamento de indígenas, atividade muito lucrativa no período. Contudo, somente com a descoberta do ouro inicia-se, definitivamente, a ocupação da região dos *goyases*¹². Afirma Neiva (1997) que tal descoberta possibilita a incorporação ao território da América portuguesa das regiões antes pertencentes à Espanha. Ao contrário do que ocorreu nas descobertas das Minas Gerais, em que vários arraiais deram origem a Vila Rica, em Goiás, “cada pequeno grupo, se prosperar, dará origem sozinho, a um aglomerado maior e, futuramente, a uma vila” (NEIVA, 1997, p.79).

A explicação fornecida pelo autor é que não existiu em Goiás uma preocupação por parte desses mineradores com uma fixação mais duradoura¹³. Em sua concepção, devido à rapidez no esgotamento das minas de ouro, a mobilidade das populações se torna intensa por todo o território. Assim, ocorriam outros descobrimentos e povoamento na capitania, às vezes por uma mesma pessoa, como o caso de Meia Ponte, São José, Água Quente. Nesse sentido, seguindo a cronologia de Neiva (1997) das descobertas e ocupação do sertão goiano, tem-se, conforme Coelho (1997, p. 90),

[...] pois, que nos três primeiros anos de ocupação do território goiano, representados pelos últimos da década de 1720, foram fundados, além de Sant’Ana, os arraiais de Barra, Ferreiro, Ouro Fino, Santa Rita, Anta e Santa Cruz. Mais de quinze núcleos surgem na década seguinte, tendo início aí o processo de diminuição dos descobertos, com dez núcleos implantados na década de 1740, quatro na de 1750 e apenas um na de 1760. A década de 1770 encerra o ciclo com cinco novos descobertos.

Na década de 1770, se encerram os surgimentos de povoados devido às novas descobertas de ouro. E na metade dessa década, tem-se a fundação do Arraial de Nosso Senhor do Bonfim, atual Silvânia. Conforme expõe Humberto Crispim Borges (1981), existem três hipóteses plausíveis para o aparecimento do Arraial: a primeira atribui a primazia da descoberta, em 1774, a Antônio Bueno de Azevedo e a Amador Bueno. Borges (1981) assinala que tal realização seria impossível, uma vez que Antônio Bueno fora sepultado em 1771. Essa possibilidade é descartada pelo autor sem considerar que apenas Amador Bueno pudesse ter realizado tal empreendimento. Possivelmente, os

¹² Referência a antigo povo indígena, que segundo alguns historiadores, vivia na região.

¹³ É contrapondo a tal perspectiva, e em busca de novos olhares, que se recorrem às contribuições de Morães. A autora lança mão de outra possível explicação para o desenvolvimento, dos espaços urbanos na província de Goiás, com o fortalecimento do sentimento de pertencimento, logo, de aglutinação, permanência nesses lugarejos entre homens e mulheres. Ver Corpo Místico de Cristo – Irmandades e confrarias na Capital de Goiás 1736-1808, 2002.

indícios para essa afirmação não existem ou ainda não foram encontrados. Por enquanto, essa possibilidade deixa de ser considerada. Em duas outras hipóteses mencionadas por Borges (1981) como mais aceitas¹⁴, discorda apenas em relação ao ano, que em sua visão aconteceu muito antes da data considerada. Borges (1981) lança mão do balancete da Capitânia de Goiás, de 1775, existente no arquivo Histórico do Estado, para corroborar seu argumento. No item relativo ao imposto sobre produção de aguardente, Bonfim aparece com o título de Arraial, subordinado a Meia Ponte, com estrutura de alambiques montadas, lavouras se desenvolvendo e safra alcoólica taxada de impostos. Isso entre 1774 a 1775, improvável de ocorrer em um período tão curto, conclui Borges (1981).

Antônio Americano do Brasil, em *Súmula de História de Goiás* (1931), ao avaliar os capitães-generais que até então haviam sido enviados para governar Goiás, afirma que, de todos, José de Almeida era o mais notável em títulos nobiliárquicos e detentor de uma sólida cultura intelectual. Sua administração, cuja nomeação se dera em outubro de 1770, se estendeu até 1778. Muitas foram suas realizações públicas em Goiás: *deficit* equilibrado, e em atendimento à carta régia, criou o *subsídio literário* para pagamento de educadores, um estímulo à educação. Americano do Brasil (1931) assinala que diversas outras obras foram implementadas nessa administração, inclusive as descobertas das minas de Bonfim.

Observa-se a concordância, entre Americano do Brasil e Borges, sobre as descobertas das lavras de ouro na década de 1770. A segunda hipótese aceita por Borges (1981) é a defendida pelo major do exército Henrique Silva em artigo publicado nas páginas de *Informação Goiana*, editada pelo próprio Silva por dezoito anos na cidade do Rio de Janeiro.

Borges (1981) busca realizar uma costura entre as duas versões para a fundação de Bonfim. Uma das versões, a de Henrique Silva, relata que homens vindos de Santa Cruz chegam à região do Bonfim. Uma parte deixa a região por não vislumbrar tantas possibilidades de lucro e a outra permanece no local entregue à faiscação e ao plantio de pequenas roças.¹⁵ Isso, evidentemente, no início da década de 70 do século XVIII. A

¹⁴ A segunda hipótese, a Câmara Municipal de Bonfim em 1848, respondendo a uma solicitação do presidente da província de Goiás, afirma que a vila foi descoberta em 1774 por pessoas vindas de Santa Luzia, atual Luziânia. Esse documento, segundo o autor, encontra-se no Arquivo Histórico de Goiás. A terceira e última explicação foi defendida por Henrique Silva baseado em consulta no manuscrito arquivado na Biblioteca Nacional de José Ribeiro da Fonseca com o título: “Breves Notícias da Capitânia de Goiás” também considera o ano de 1774 marca de fundação do Arraial de Bonfim, contudo por pessoas vindas de Santa Cruz.

¹⁵ Prática muito comum entre os homens que saíam à procura de ouro pelo sertão: mineração e atividade agrícola se desenvolvendo concomitantemente.

outra narrativa liga-se à primeira quando, conforme pronunciamento da Câmara de Bonfim, em 1848, tendo por base “tradição e testemunho de homens de boa fé”, afirma a descoberta das ricas minas no ano 1774 por pessoas vindas de Santa Luzia (BORGES, 1981, p. 15).

Depreende-se o caráter lacunar da história abordado por Veyne (2008) e como essas mesmas lacunas “fecham espontaneamente a nossos olhos e que só as discernimos com esforço”. Com isso, não se quer rebaixar a narrativa histórica exposta, mas ressaltar que ela se esforça para lançar luz a uma parte do passado, que ora está bem iluminado, ora parcialmente, ligado às fontes ou pistas deixadas pela história vivida. Há de se lembrar também que a História não detém a prerrogativa, unicamente, de dizer/falar sobre o passado (ARÓSTEGUI, 2004). A memória, com suas especificidades, pois não se vincula ao método historiográfico, realiza sua interpretação sobre o que ocorreu. No entanto, é preciso estar atento para as aproximações e distanciamentos entre essas duas maneiras de contar. Não obstante tais diferenças, pode-se concordar com Aróstegui (2004) e Sandes (2012) quando declaram que a memória é fonte para a História. E se pode observar que uma hipótese aceita por Borges (1981) para o surgimento do Arraial de Bonfim foi o recurso utilizado pela Câmara de Vereadores: ouvir o que “os homens de boa fé” tinham a dizer sobre o assunto. Aqui, consideram-se as reflexões de Sandes (2012) sobre a ação da memória. Nas palavras do autor,

O memorável é o resultado de um deslocamento: a lembrança capturada pelas malhas do presente formula uma nova representação do vivido. [...] O que está em jogo é a disputa pela interpretação do passado. Retomar a perspectiva dos contemporâneos não significa eliminar as diferenças entre as duas formas de representação do passado, entretanto, é preciso reconhecer que a tensão resultante da comparação constitui um rico campo de estudos para o historiador interessado na cultura da lembrança (SANDES, 2012, p. 39).

Salienta-se que a História se apropria das lembranças oferecidas pela memória dos vereadores de Bonfim em 1848, quando da descoberta da Vila em atendimento à solicitação do presidente da Província de Goiás como dado, como fonte para representar um momento do passado porque outros registros não estão disponíveis ou não existem. No entanto, a “perspectiva dos contemporâneos” está imbuída de subjetividades daquele que vive e recorda; constata-se um afrouxamento dos distanciamentos concebidos entre as duas maneiras de representar o passado. Não se refere aqui à perda das especificidades de ambas, mas da atitude da História em se valer da memória enquanto fonte em sua representação do passado de Bonfim. Nesse sentido, recorrer às contribuições de Julio Aróstegui (2004) pode enriquecer esta discussão.

Em *La Historización de la experiencia*, Aróstegui (2004, p. 163) expõe duas funções importantes da memória na apreensão do histórico:

[...] para que la experiencia o la imagen de lo vivido alcance la realidad de lo histórico será preciso que salga de sí misma, que se coloque em el punto de vista del grupo, que pueda denotar que un hecho marca una determinada época porque há penetrado em el círculo de las preocupaciones e dos intereses dos grupos.

Se os testemunhos dos “homens de boa fé”, logo uma coletividade ou parte dela, sinalizam 1774 como marco de nascimento ou descobertas das minas de Bonfim, pode-se depreender que tal fato gerou preocupações naquela comunidade a ponto de se exteriorizar ou se objetivar diante deles¹⁶ (GINZBURG, 2007; HALBWACHS, 2006). Criou-se uma imagem, uma representação, que em consonância com Pesavento (2003), estabeleceu relação entre ausência e presença de correspondência. Entretanto, adverte a autora que a presença não é uma cópia do real ou sua imagem perfeita, mas elaborações a partir dele. Há de se lembrar, também, que das memórias existentes, a “dos homens de boa fé” tornou-se hegemônica (POLLAK, 1989, p. 04; SANDES, 2012, p. 31) e chegou aos dias de hoje silenciando possíveis outras memórias de grupos não considerados de “boa fé”. Tem-se, então, para o surgimento de Bonfim, duas interpretações que se aproximam e se completam, a de Henrique Silva, o primeiro ato, homens vindos de Santa Cruz que se estabeleceram naquelas terras, desenvolvendo pequeno trabalho de fiação e agricultura. Posteriormente, completa-se a narrativa do marco inicial de Bonfim com o segundo grupo de homens, procedentes de Santa Luzia, em 1774, (re)descobrimo as minas.

Nessa narrativa da descoberta, ressalta-se o desenvolvimento, concomitante, da atividade de pequenas roças naquela localidade, prática comum daqueles homens que se dirigiam para o interior do sertão dos goyazes em busca das riquezas minerais. O que difere nessas duas práticas é que boa parte dos homens resolveu se fixar em Bonfim no início da década de 1770, embora não vislumbrassem grandes lucros na atividade fiascadora.

A memória histórica hegemônica criada pelo modelo abstrato da história, do qual se distancia da experiência vivida, portadora de verdade, conforme Sandes¹⁷ (2003), não é capaz de suprimir outras memórias, as chamadas por Pollak (1989) de subterrâneas. Lembra-se, porém, da observação de Sandes (2003) para o caráter de

¹⁶ Acrescentam-se ainda as multitemporalidades em que ofício de historiador é intimado a trabalhar. A sua temporalidade, a dos autores utilizados como referência teórica, a temporalidade de que rememora.

¹⁷ Sandes, Noé Freire, 1930: Entre a Memória e a História, 2003.

plasticidade estabelecido pela memória histórica, iluminada com as luzes da verdade, e aquelas outras, com sua luz própria, que também interpretam o passado e se acomodam no interior dessa flexibilidade da memória instituída pela História.

Na passagem a seguir, tem-se Sandes (2003) partilhando o caráter singular da memória e sua legitimidade de penetrar e narrar o passado vivido. Assinala o autor:

Partilho de convicção distinta, a de que a memória organiza uma outra percepção do acontecimento, o que permite vislumbrar a multiplicidade do tempo histórico e até mesmo sugerir a especificidade da reflexão do memorialista na composição de uma consciência histórica (RUSEN, 2001). A memória inscreve o seu lugar de produção, explicitando a dimensão subjetiva da escrita (SANDES, 2003, p. 153).

A dimensão em que a memória se situa é aquela que tem como marco fundamental a subjetividade da história vivida, aspecto que a ciência histórica se distancia em busca de uma verdade “verdadeira” sobre o passado, ainda que provisória. No entanto, a memória vista por Aróstegui (2004) como matriz da história avança incólume, ora aprisionada, ora sucumbida pela História; outras vezes, ao contrário, sua interpretação sobre o passado se apresenta como o meio possível de se alcançar aquele mesmo passado carente de outros rastros, fontes. Desse modo, conta a professora Cida Sanches¹⁸ sobre a tensão estabelecida nos primeiros anos de Bonfim, que não obstante a descoberta das minas de ouro, as de Vila Boa entravam em período de escasseamento na produção. De acordo com Sanches (2011), nos primeiros anos de intensa exploração das minas, em Bonfim tudo estava por realizar, não existia uma administração política que orientasse a construção de casas, ruas, estradas e plantações. Cada indivíduo do garimpo criava suas próprias regras, ignorando as determinações da Coroa Portuguesa. Predominavam os interesses pessoais e a lei do mais forte.

É nesse contexto, no final do século XVIII, que chega à Vila o patriarca da família Silva, Vicente Miguel da Silva, assumindo a responsabilidade de estabelecer a ordem no lugar. Além das primeiras medidas em busca da tranquilidade para os habitantes do Arraial, pode-se, considerando a “lei do mais forte”, imaginar o que teve que fazer Vicente Miguel para assumir o controle do lugarejo. Ao liderar as tropas portuguesas, impediu a derrubada da igreja e casas nas imediações por mineradores que acompanhavam “filão de ouro que penetravam as terras nesta (naquela) direção” (SANCHES, 2011, p. 18). Com a ajuda de alguns habitantes, erigiu casas para a instalação da cadeia e para o conselho municipal.

¹⁸ Sanches (2011) é professora e diretora da UEG/Silvânia. Jornal A Voz – cidade de Silvânia, abril de 2011, p. 18.

Em conformidade com Sanches (2011), Vicente Miguel exerceu diferentes cargos públicos em Bonfim: tabelião, comandante da Companhia de Ordenanças¹⁹, juiz ordinário e tenente coronel comandante do 1º Batalhão de Caçadores de Milícia. Posteriormente, foi coronel comandante da Legião de Guarda Nacional de Bonfim, em 1842. Vale realçar que sob a dimensão política da História, no Brasil se encontra confirmada sua emancipação junto à Portugal há vinte anos. Faz-se necessário adentrar no contexto da Independência da Colônia e melhor focar em como a Província de Goiás, à época Capitania, se posicionou diante dos eventos no processo emancipatório iniciado pela convocação das Cortes. Após esse percurso, pode-se concluir que em Bonfim Vicente Miguel teve uma atuação respeitada e reconhecida pela Corte no Rio e pelas elites locais que se formaram no comando da Província.²⁰

1.1 GOIÁS, A CIDADE DE BONFIM NO CONTEXTO DA INDEPENDÊNCIA

Ao se evitar o distanciamento em demasia do objeto que aqui se contempla, Bonfim e a forças representativas daquela região, recorre-se à tese de Ribeiro (2016) sobre esse momento singular na história brasileira, notadamente de Goiás, quando os nascidos da terra se articularam em busca pelo controle do Estado e na formação de uma elite dirigente. Segundo o autor, os acontecimentos que se desenvolveram em Portugal chegaram à cidade de Goiás com alguns meses de atraso. Ribeiro (2016) enuncia que quatro meses fora o tempo levado para chegar a notícia determinando a eleição de deputados para as *Cortes Gerais e Extraordinárias e Constituintes da Nação Portuguesa*²¹. Para melhor explicitar, o Estado do Pará, cujo vínculo a Lisboa era de maior rapidez e intensidade, estabeleceu uma junta provisória, assim como o Estado da Bahia. Informa Ribeiro (2016) que esses acontecimentos propagados a partir das Cortes de Lisboa despertaram diversos e confusos sentimentos e ideias nas diversas regiões do Brasil e que “a experiência desse momento é que vai ativar uma nova ordem de coisas, que vão marcar o ordenamento político de todo período imperial” (RIBEIRO, 2016, p. 59).

¹⁹ Documento apresentado por Humberto Crispim Borges em História de Silvânia. Goiânia, Cerne, 1981, pág. 137. Segundo o autor, consta no “Livro de Patentes, 1812/1820” do Arquivo Histórico de Goiás.

²⁰ José Eustáquio Ribeiro. Tese: Da “impolítica” à política: Estado imperial e formação das elites dirigentes em Goiás na primeira metade do século XIX (das Cortes de Lisboa à Regência – 1821-1839), 2016.

²¹ As *Cortes Gerais Extraordinárias e Constituintes da Nação Portuguesa*/janeiro de 1821, tinham como propósito a criação de uma constituição a qual o rei estaria submetido (RIBEIRO, 2016).

Na Província de Goiás, verificou-se posicionamento político contrário entre o norte e o sul. A região norte, com forte ligação com a Corte Portuguesa, sob influência da Província do Pará, e a região sul, com tendência à Corte no Rio de Janeiro. Destacam-se ainda as disputas entre Meia Ponte e a Cidade de Goiás, esta última favorável aos nascidos na Província e aquela mais ligada aos setores portugueses, ambas almejando o controle do poder local.²² Apesar de as divergências apontadas, estas se diluem para formar, como assinalado, uma elite local em Goiás. É por esse caminho que trilha José Eustáquio Ribeiro.

Ao ressaltar o trabalho de Moreyra e as dissertações mais recentes sobre Independência em Goiás, Ribeiro (2016, p. 81) pontua que

[...] trata-se de marcar o papel particular que esse contexto cumpriu na formação política e das elites dirigentes da região. [...] não é por meio da compreensão dos grandes projetos políticos do Império, nem dos jogos estruturais que se compreende a formação dos grupos dirigentes no Brasil. Mas sim pela atuação de indivíduos, grupos socioeconômicos e pela atuação de forças e tendências históricas que se entende o processo [...].

Ribeiro (2016) discorre sobre três personagens importantes que se apresentaram no jogo político na Província de Goiás nos momentos iniciais da constituição do processo emancipatório da colônia brasileira. Antes, duas observações são necessárias. Primeiro, não se pretende, aqui, como não se vislumbrou na obra de Ribeiro (2016), um culto a personalidades que de forma heroica se firmaram enquanto elite dirigente em Goiás com as transformações porque passaram o Brasil nas primeiras décadas do século XIX. Tais indivíduos, pertencentes a grupos locais ou a uma nobreza da terra, souberam canalizar as forças, até então adormecidas, de uma parcela significativa dos goianos contrários ao governador geral, à época Manoel Inácio de Sampaio. Há de se destacar ainda que esses grupos locais desenvolveram modos de adaptação em relação às Cortes de Lisboa, e após 1808, com as do Rio de Janeiro. Todavia, com os acontecimentos advindos das Cortes Portuguesas, bem como as articulações no Rio de Janeiro²³ buscando se desvencilhar das pretensões recolonizantes daquelas, isto é, das Cortes, as articulações colocadas em prática no Rio abalaram,

²² De outro modo se refere José Eustáquio Ribeiro em sua tese de doutorado: “Assim é que as Cortes de 1821 e 1822 vão produzir grande transtorno na normalidade política nas diversas regiões do Brasil, ampliando possibilidades, desnortando a ações, impondo-lhes o inesperado, tornando possível tanto a manutenção do velho como a imposição do novo” (2016, p. 58). Ver Sérgio Paulo Moreyra, 1972, p. 462-467.

²³ Os deputados eleitos pelas províncias se encontravam em Lisboa em trabalho nas Cortes enquanto no Rio se desenvolviam as articulações que levariam ao processo emancipatório. Ver: O Processo de Emancipação – Livro 2 – O Movimento da independência. In: Coleção História Geral da Civilização Brasileira; direção Sérgio Buarque de Holanda. Bertrand Brasil, 11ª edi; Rio de Janeiro, 2004, p. 132-178.

conforme Ribeiro (2016), o horizonte de expectativas em grande parte das regiões do Brasil, especialmente em Goiás.

As disputas nacionais de poder entre o Rio de Janeiro e Lisboa, culminando com a Independência do Brasil, geraram uma crise de orientação entre o norte e sul na Província de Goiás (RIBEIRO, 2016). Para “intervir nessa dissensão entre a Comarca do Norte e a Comarca do Sul” e impedir que as ideias da primeira alcançassem a segunda, isto é, o sul de Goiás, o governo imperial nomeou Raimundo José da Cunha Mattos capitão das Armas, em 1824. Ribeiro (2016) atesta que essa nomeação gerou outro conflito com as lideranças locais que também estavam em disputas internas pelo poder desde 1821, quando *chegaram as notícias das cortes*.

Em Goiás, os grupos ligados à Cidade de Goiás e Meia Ponte assumiram o comando da situação, ligados ao comércio, à agropecuária e aos próprios estratos burocráticos locais do sistema colonial português (RIBEIRO, 2016). Complementa o autor:

Assim, Cunha Mattos, que não vinha exclusivamente com atribuições militares, chegava em um momento em que via se assentarem as disputas pela destruição dos poderes que se viram sem dono na vacância daqueles burocratas nomeados por Portugal. Além disso, o próprio interior da junta, havia as disputas entre as forças emergentes, como José Rodrigues Jardim, Luiz Gonzaga Camargo Fleury e Joaquim Alves de Oliveira (RIBEIRO, 2016, p. 118).

Segundo Mattos (apud RIBEIRO, 2016, p. 127), a junta de governo provisório que se instituiu em Goiás era constituída apenas de famílias “cujos interesses eram somente particulares, sendo que nenhuma atenção era dada aos interesses gerais da Província ou do próprio Império”. Embora outras avaliações depreciativas de Mattos sobre a Província já discutidas por outros autores,²⁴ esses interesses particulares não se distanciam das conclusões de Ribeiro (2016) quando demonstram a rede de poder que se transformaram, posteriormente, José Rodrigues Jardim, Luiz Gonzaga Camargo Fleury. A exceção fica por conta de Joaquim Alves de Oliveira, homem rico de Meia Ponte, que começou suas atividades no comércio e as diversificou em outros ramos, inclusive atividades agrícolas. Recusando diversas indicações que o colocaria em ascensão no poder político na constituição do Estado, no momento em que se confirmava o rompimento dos laços com Portugal, Oliveira optou por continuar nos bastidores e em Meia Ponte. Assim, pode-se compreender também o posicionamento diferenciado da família Silva em Bonfim, uma vez que Vicente Miguel, como

²⁴ Paulo Bertran; Maria Cristina Pereira de Cássia.

autoridade naquele Arraial, diante dos acontecimentos que levariam à emancipação, assumiu postura mais condizente com a ordem portuguesa estabelecida.

Em outras regiões, particularmente no Arraial de Bonfim, foram identificados momentos de tensão e incertezas, com evidente apoio ao governo local, isto é, a Manoel Inácio Sampaio de Pina (BORGES, 1981). No entanto, deve-se recordar que aqueles povos faziam sua história em um espaço de experiência, sem certeza do futuro, sem a visão de conjunto desvendada pelo ofício de historiador, posicionado em outra temporalidade. Com isso, pretende-se pontuar que há uma gradação nessa oposição que ora se discute. Os bonfinenses, diante das informações, das incertezas geradas com o retorno do rei a Portugal e a permanência em seu lugar do príncipe regente D. Pedro, resolvem respaldar o governador de então, Manoel Inácio Sampaio de Pina. Sob a orientação de Vicente Miguel da Silva, os milicianos de Bonfim se manifestaram favoráveis ao governador. Assim,

Dizemos nós abaixo-assinados, oficiais e soldados milicianos do quartel do arraial do Senhor do Bonfim, que a eles suplicantes em parada da presente, dia foi público, que um punhado de indivíduos faltos de conselho tentaram abater com força e tirar o Governo Real nesta Capitania, sábia e felizmente confiado a V. Exa., que munido de real autoridade adidas as sábias Cortes, atualmente reunidas em Lisboa, as conserva em paz, sossego e fortuna conveniente, e análoga a sua presente situação, e portanto os mesmos suplicantes penetrados do mais pungente sentimento sobre o referido sucesso, espontaneamente declaram a V. Exa. Com todo o respeito devido as decorações legítimas: Que eles, suplicantes, inteiramente satisfeitos com o Governo atual, representado nesta Capitania pela pessoa de V. Exa. Não querem outro Governo diferente, que não seja primeiro pacificamente autorizado por diploma legítimo Real, e aceito em paz e a contento geral, segundo os princípios de direito prático desde a criação deste país, e conforme a dignidade do homem português [...] (BORGES, 1981, p. 139)²⁵.

Nota-se nesse documento a grande tensão que se instalou na capitania de Goiás, posteriormente Província de Goiás, com o retorno do rei a Portugal. Defendem a ordem constituída os cento e vinte homens que assinam o documento, tendo à frente como juiz ordinário daquele julgado Vicente Miguel da Silva o patriarca da família Silva. Consta no documento que se posicionam ao lado do capitão-general, mas aceitam qualquer mudança no comando da capitania, desde que obedecendo à lei “e autorizado por Diploma legítimo Real”. Ou seja, não veem nenhum problema na mudança, desde que seja dentro da ordem estabelecida. Vislumbram também a defesa da ordem, e porque não, a defesa seus interesses no Arraial e na capitania.

No documento endereçado ao governador da Província, depara-se com a dificuldade em antever os rumos que os acontecimentos poderiam tomar. Ao que

²⁵ De acordo com nota de Borges, esse documento encontra-se no Arquivo Histórico de Goiás, de 1821.

parece, o agir intuitivo da autoridade de Bonfim soube ser reconhecido pelo governo imperial. Por esse e outros relevantes serviços prestados no Arraial, Vicente Miguel recebeu a Comenda da Rosa. Veio a falecer em Bonfim no ano de 1845, deixando o controle de seu trabalho para os filhos Francisco José da Silva²⁶ e Joaquim José da Silva. Vicente Miguel foi enterrado na Igreja Nosso Senhor do Bonfim, juntamente com sua esposa. Citando Borges (1981), muitos viajantes europeus, de passagem por Bonfim, exaltaram a qualidade das terras para o cultivo e a receptividade das lideranças do Arraial. Auguste de Saint-Hilaire, em 1819, se referiu ao lugar como grande produtor de ouro de outrora, mas com sua redução, a maioria dos habitantes passou a se dedicar à atividade agrícola. Afirmou ainda o viajante ter sido muito bem recebido pelo comandante Vicente Miguel, que se colocou à sua disposição. Em sua casa, Saint-Hilaire se surpreendeu ao ouvir os músicos que tocariam nas festividades de Bonfim, um misto de atividades envolvendo o sagrado e profano.

Do mesmo modo se referiu Johann Emanuel Pohl, em 1820, após descrever o local: que os moradores preferem, depois do empobrecimento das lavras, o cultivo do milho e legumes e a criação de gado. Menciona também em seu relato a boa recepção oferecida pelo comandante do Arraial, que com tamanha gentileza insistiu para que ele se hospedasse em casa que havia dias fora preparada para abrigá-lo.

Finalizando esses breves depoimentos, tem-se Francis Castelnau, em 1844, expondo suas impressões acerca do governo local, relatando que sua expedição fora muito bem recebida “em casa do coronel Vicente Miguel da Silva” (BORGES, 1981, p.132). Esses elogios vindos de estranhos, tendo a Europa como parâmetro, podem ser entendidos, nesse caso, como uma positividade. Depreende-se um estreitamento entre aquilo que traziam os viajantes com o que vivenciaram em Bonfim, não lhes causando tanta estranheza. Nesse ponto, são relevantes as contribuições de Morães (2011) e Pereira (2014) em relação à instigante discussão acerca da existência na Capitania de Goiás de uma nobreza da terra.²⁷

²⁶ Pai de Henrique Silva, editor da Revista *Informação Goyana*, que circulou por 15 anos no Brasil e em alguns países.

²⁷ Nos domínios ultramarinos, período moderno, ocorreram transformações significativas no conceito de nobreza ou processo de nobilitação. Afirmam os autores que não mais o nascimento que transforma em nobre um homem. Na colônia brasileira, notadamente na Capitania de Goiás, são pelas ações dos homens, seja prestando relevantes serviços à Coroa, que lhes poderão ser concedido, por solicitação, um título nobiliárquico.

1.2 A FAMÍLIA SILVA: ENTRE MERCÊS E CONSTRUÇÃO DE UMA NOBREZA DA TERRA

Cristina de Cássia Pereira Morães e Alan Ricardo Duarte Pereira empreenderam uma exaustiva discussão sobre o conceito de nobreza da terra. Para tanto, respaldaram-se em extensa referência bibliográfica, por meio da qual historicizam o conceito de Portugal no período medieval, alcançando seus domínios ultramarinos. Embasados em Anderson e Elias, lembram que em Portugal as transformações no processo de nobilitação se desenvolviam de forma lenta e gradual.

Na América Portuguesa, esse processo de mudança se intensifica. O nascimento, antes como condição primeira para tornar nobre um homem, se enfraquece. O que vai dignificar o “[...] homem são suas ações e, nesse sentido, ao conquistar novas terras, como o Brasil, a nobreza e, em específico a nobreza da terra, encontrará regiões propícias para seu desenvolvimento e legitimação” (MORÃES e PEREIRA, 2014, p. 99). Destacam a recorrência das historiografias portuguesa e brasileira para se libertarem da dicotomia,

[...] de sociedade apenas fundamentada no comércio e na escravidão e discutindo, nesse contexto, o estudo de 'elites coloniais' como uma forma de compreender – para além de uma visão externalista e/ou econômica – o Brasil a partir da expansão portuguesa. [...] nos domínios ultramarinos desenvolveram práticas administrativas e sociais complexas, pois, a conquista ultramarina abriu um campo extenso de prestação de serviços à coroa, o que, por sua vez, criou com a remuneração desses serviços uma nobreza da terra, ou seja, sem dignidades ou hereditária, mas, de superfície fluída e volátil (MORÃES e PEREIRA, 2014, p. 99).

Morães e Pereira (2014) sinalizam que, ao se pensar em nobreza, talvez pelas tradições portuguesas, se pensa com antecipação em pesquisas ligadas à genealogia e à procura da origem nobre de uma família. Alegam ser necessário entender e aceitar que a partir das mudanças sofridas por esse conceito a nobreza da terra em hipótese alguma recai (somente) sobre os nascidos em Portugal, ocupantes de altos cargos burocráticos; ao contrário, há uma flexibilização do conceito contemplando também os “chamados naturais da terra” (2014, p. 102), os filhos da capitania de Goiás, mesmo na província, no Império. Defende-se a permanência dessa estrutura social rompendo os limites temporais e adentrando no Brasil Império, uma vez que o conceito nobiliárquico, ainda em contínua modificação, não se deteve diante de alterações políticas que se realizavam na América Portuguesa.

Reivindica-se nesta pesquisa a possibilidade de se considerar Vicente Miguel e seu filho Francisco José da Silva portadores de títulos da nobreza da terra no Arraial e

posteriormente na cidade de Bonfim. Para tanto, têm-se como base os títulos concedidos pela Coroa a ambos por suas ações praticadas em defesa da lei e ordem em Goiás. Ao primeiro, Borges (1981, p. 138) cita em sua obra documentação, que em outubro de 1812, “HEI por bem fazer mercê de prover (como por esta provo) o dito VICENTE MIGUEL DA SILVA no referido posto de capitão da Companhia de Ordenanças do arraial de Bonfim; onde reside”.²⁸ Lembra do recebimento, por meio de decreto imperial, do título Comenda da Rosa. Em relação a essa fidalguia, assim corrobora Morães (2011, p. 83-84):

Os habitantes dos *Guayazes* acabaram transformando o fato de ter nascido no ultramar, ou de virem povoar o território, num fator positivo, ao criarem, no sertão, uma categoria da *nobreza da terra*, que incluiria proprietários de fábricas de *mineirar*, de lavouras, de boticas e lojas, de Ordens Militares, cargos públicos, de capelães, de serviços especializados como tabeliães, alfaiates, tanoeiros, carpinteiros, arruadores, dentre outros, desde que não trabalhassem, ou seja, possuísem cativos para trabalharem por eles. Enfim, tudo comprovado por meio das provanças – documento ou ato de provar – feitas por testemunhas para confirmar a nobreza e a *limpeza de sangue*.

A autora expõe que quase sempre os requerentes não se enquadravam nos requisitos exigidos para o recebimento de mercê, isto é, tinham algum tipo de impedimento de qualidade e condição. Contudo, como a maioria tinha cabedais e não limpeza de sangue, “os monarcas quase sempre os liberavam dos impedimentos” (MORÃES, 2011, p. 84)²⁹. Apesar de a publicação dessa lei, há de se reconsiderar as transformações porque passaram o Brasil após o retorno do monarca a Portugal, em 1821, lembrando das observações de Morães e Pereira (2014) sobre as adaptações atribuídas à fidalguia da terra.

Salienta-se a complexidade da sociedade que em Goiás se criou. Para além dos ciclos econômicos utilizados por significativa parcela da historiografia, o ouro, por si só, não se constituiu como elemento único capaz de fundar arraiais, vilas, e proporcionar a ocupação do sertão. Nessa perspectiva e na busca de novos problemas, incluem-se publicações em diferentes temporalidades desviando-se do discurso tão somente da decadência.³⁰ Seguindo essa trilha, deparam-se com outras vivências e costumes que contribuíram para propiciar sentido para aqueles que por ali fixaram raízes.

²⁸ Segundo Borges (1981), o documento citado encontra-se no Livro de Patentes – 1812/1820 do Arquivo Histórico de Goiás.

²⁹ Até a carta régia de 1794, quando se passou-se a não mais ignorar pessoa alguma do impedimento de limpeza de sangue (MORÃES, 2011).

³⁰ Morães (1991; 2012); Sandes (2002; 2003; 2016); Mendonça (2013); Chaul (2010); Rildo (2014); Rabelo (2010); Delgado (2005).

Nesse contexto, tem-se na morte do patriarca Vicente Miguel da Silva, fato que não interrompeu o mando da família Silva na região, momento emblemático com a apresentação do filho Francisco José da Silva à irmandade Nossa Senhora do Rosário para a realização de um rito, a prestação de contas do pai. Em ata, lê-se,

[...] foi dito que havendo a Irmandade pedido ao seu falecido pai, no ano de mil oitocentos e treze para ser o protetor da dita Irmandade, e havendo este senhor, coronel Vicente Miguel da Silva falecido no dia 6 de agosto deste corrente ano, tendo servido para mais de trinta anos de protetor da igreja, pois, naquele dito ano se encarregou de mandar fazer a imagem, altar para ela, paramentos e o mais que se vê na dita igreja; vinha, portanto, com todos os documentos, que seu falecido pai tinha deixado, dos dinheiros recebidos dos tesoureiros e por ele empregado na mesma obra da igreja[...] Declaro que o saldo acima declarado foi entregue nesta data ao tesoureiro da mesma Senhora, o Revdo. Snr. Vigário Antonio Tomás de Campos. E eu, José Vicente da Silva, escrivão da Irmandade q. O escrevi. - José Vicente da Silva (BORGES, 1981, p. 80-81)³¹.

Essa assertiva possibilita fechar um raciocínio aberto no início deste trabalho, quando se buscou conhecer o marco fundador do Arraial de Bonfim.³² Segundo Morães (2012),³³ que se aproxima de uma perspectiva antropológica, quando considera também os aspectos socioculturais capazes de aglutinar, manter, estabelecer os homens e mulheres em um espaço geográfico, especificamente nos sertão dos Goyazes, tal sentimento permeado pelo sobrenatural, religioso não é limitado por nenhum tipo de periodicidade. Dessa maneira, a força que ajudou os homens e mulheres a se aglutinar ignorou os acontecimentos políticos e adentrou o século XIX na Província de Goiás.

Tem-se então Vicente Miguel da Silva, homem rico, respeitado pela comunidade, pelas autoridades imperiais, filiado a uma irmandade não apenas para se manter no poder, mas também para satisfazer razões mais subjetivas. Interessante observar que Morães (2012) percebe aspectos na sociedade mineradora e depois agropastoril ainda não ressaltados pelos estudiosos da história de Goiás. A autora observa maior dinamicidade e que a extração do ouro em terra dos índios Goyá, por si só, não fixou outras populações nos locais onde esse minério foi encontrado. Em sua visão, antes o foi também o sentimento religioso, a busca pelo sagrado que possibilitou aos milhares de homens se irmanarem, organizando-se em sociedade e se enraizando em locais que lhes eram completamente adversos (MORÃES, 2012). Esclarece a autora

³¹ Livro Ata da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário” - Arquivo da Igreja de Silvânia.

³² Para tanto, foi exposto à permanência de um primeiro grupo de mineradores no início da década de 1770 ou um pouco antes. Homens que tocaram pequenas roças concomitante à atividade mineradora de baixo rendimento. Não obstante a desorganização dos primeiros tempos do Arraial, é aceitável a explicação para a fixação naquela localidade a existência de uma força permeando, ou melhor, sobrepondo-se às cabeças desses indivíduos.

³³ Do corpo de místico de Cristo: irmandades e confrarias na capital de Goiás 1736-1808, Editora UFG.

que, no século XVIII, a esfera do religioso ainda marcava a vida dos seres humanos que habitavam a Europa e as Américas, pois o transcendente, o divino e sagrado, ainda envoltos em mistério, podiam ser desvendados pelas religiões.

Nesse sentido, a autora se contrapõe a Neiva (1997) e a outros estudiosos que apostam no ouro, e apenas nele, como elemento de fixação dos homens e mulheres nessas terras. Na ótica de Morães (2012, p. 69), o sagrado há que ser levado em alta conta, pois

[...] todas elas oferecem respostas para as questões fundamentais que a inquietam a humanidade desde tempos imemoriais, tais como: qual o sentido da vida humana neste mundo, porque há sofrimento físico, doença e morte; o que é o pecado e, por que não se é completamente feliz? “O sagrado sustentava a vida terrena, pois estabelecia uma ordem para a mesma (cosmo) e anulava a desorganização (caos) constituindo assim, o único mundo no qual o homem suportaria a viver.

Assim, quando se observa o filho do patriarca Vicente Miguel da Silva, Francisco José da Silva, adentrar os portões da irmandade para prestar contas dos recursos sob a responsabilidade do finado pai, protetor da irmandade, conjectura-se que também ele era filiado. Pode-se até supor que o escrivão José Vicente da Silva, que redigiu a ata de reunião, fosse da família Silva, porque seu prenome Vicente, sobrenome Silva, é forte indício (GINZBURG, 2007) para essa afirmação.

Dado por encerrado esse desvio, retornam-se aos descendentes de Vicente Miguel da Silva. Borges (1981) e Sanches (2011) declaram que esse patriarca deixou numerosos herdeiros, uma ampla rede de parentesco que dominou por mais de um século a administração de Bonfim. Indivíduos como Vicente Miguel da Silva Neto, Henrique Silva, Antônio Americano do Brasil, José Xavier de Almeida, Vicente Miguel da Silva Abreu, Antônio Eusébio de Abreu e principalmente os referidos Francisco José da Silva e Joaquim José da Silva. Extensa família e em nenhum momento Borges (1981) e Sanches (2011) sinalizam para uma eventual tensão entre os descendentes. Nesse âmbito, as reflexões de Oliveira³⁴ (2011) podem constituir um referencial importante para o trabalho com a imprensa enquanto fonte. Assinala este autor que sua utilização é um fenômeno recente na historiografia, uma reação contra a Escola Metódica, culminando, entre outros aspectos, em uma ampliação das fontes pelo historiador.

³⁴ Professor visitante do curso de História da Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

Dessa forma, as fontes ou esse “[...] novo olhar também levou o historiador a uma nova leitura das suas fontes – que deixaram de “falar por si” e se tornaram passíveis de interpretação” (OLIVEIRA, 2011, p. 126). O alerta tem sua importância para o historiador, que deve se manter sob vigília e colocar sob suspeita, sob crítica tudo o que caia em suas mãos e se transforme em fonte, seja intencionalmente por quem a produziu ou não. Nesse sentido, se utilizará da imprensa como fonte especialmente quando tratar-se da publicação dos artigos de Henrique Silva nos periódicos editados no final do século XIX até as primeiras décadas do XX.

Retomam-se os dois últimos descendentes da família Silva, Francisco José da Silva e Joaquim José da Silva, os quais tiveram papel de destaque nas terras dos goyazes, particularmente nas de Bonfim. Francisco José da Silva merece maior ênfase, pois ocupou diferentes cargos públicos, chegando a ser nomeado por D. Pedro II vice-presidente da Província de Goiás, o sexto na linha sucessória.³⁵

Quando as forças paraguaias invadiram a Província de Mato Grosso, em 1864 (MARTINS, 1983)³⁶, dando início à guerra entre Brasil e Paraguai, a Província de Goiás desempenhou papel relevante no conflito, possibilitando uma intensa relação com o litoral e com o extremo ocidente da Província, a região de fronteira do Mato Grosso com o Paraguai.

1.3 GOIÁS, BONFIM E A GUERRA DO PARAGUAI

A Província de Goiás contribuiu para a expulsão do exército de Lopes com homens e fornecimento de alimentos, farinha, rapadura, víveres e gado. Naquele período, a população da Província era irrisória diante da imensidão de seu território, conforme relata Morães (1991)³⁷: a capital possuía, no ano de 1848, um total de 15.524 habitantes entre escravos (2.096) e homens livres. Com a capital da província dispondo desse quantitativo de habitantes, pode-se intuir, a partir do historiador Ginsburg (2007), outros municípios com índice populacional inferior a esses números. Não se ignora o contrário: municípios alcançando população maior que a capital da província. Pode-se

³⁵ Carta de nomeação do cel. Francisco José da Silva, disponível em: <<http://portal.seduc.go.gov.br/SitePages/HistoriaEducacao/Default.aspx?idEscola=11>>

³⁶ AMARO, Henrique. A Guerra do Paraguai em perspectiva histórica (1995, p. 09). O conflito também foi conhecido por Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), que confrontou aliados: Argentina, Brasil e Uruguai contra o Paraguai (1995, p. 264).

³⁷ MORÃES, Cristina de Cássia. Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Ciências Humanas e Letras/UFG, 1995.

ainda, com os dados disponibilizados por Morães (1991), prever um crescimento populacional no ano de 1864, quando da invasão da Província de Mato Grosso pelas forças paraguaias. E para corroborar essas ideias, consideram-se os dados fornecidos por Rabelo (2010), o qual assevera que a população da Cidade de Goiás, no ano de 1872, chegou a 17.727. Nesses mesmos dados pesquisados pelo autor, o Censo do Império,³⁸ depara-se com uma população total para o período na Província de Goiás de 140.518 habitantes. Chega-se à compreensão do porquê, apesar de óbvio, a Província de Goiás ter fornecido poucos soldados para as forças que lutaram em Mato Grosso. E sobre as primeiras medidas de recrutamento efetuadas em Goiás a fim de atender à solicitação do Império, Martins (1983), fundamentada em documentação³⁹, expõe as dificuldades inerentes a esse recrutamento.

Martins (1983) alega que a invasão de Mato Grosso pelas forças paraguaias demandou do governo imperial medidas urgentes para a expulsão e defesa do território brasileiro. Com base na Constituição do Império, especificamente em seu artigo 145,⁴⁰ o governo exigiu dos presidentes das províncias ações efetivas a fim de constituir voluntários para defender a soberania do estado imperial. Publicou o Decreto nº 3.383, assinado em 21 de janeiro de 1865, que estabelecia que as Províncias deveriam colocar à disposição do governo central efetivos para combater em Mato Grosso. Conforme Martins (1983, p. 57), “Pelo decreto, coube à Província de Goiás o fornecimento de um efetivo de 490 guardas, tendo as diversas paróquias o encargo de tal promoção”. De todos os municípios da província, Catalão, Rio Claro, Santa Cruz e Bonfim foram os que mais ofereceram contingente, 66, 28, 28, 28, respectivamente. O primeiro e o último municípios, segundo o presidente da Província, foram os “que forneceram numero mais considerável de bravos para o serviço da guerra”⁴¹. Acrescenta no mesmo documento, a responsabilidade da Província de Goiás diante da nação ao fornecer mantimentos para as forças em defesa da pátria.

Esta provincia, pela posição que ocupa em relação à de Matto Grosso, é aquela que em melhores condições se acha para abastecer de viveres à

³⁸ Disponível na Biblioteca do IBGE

<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv25477_v6_go.pdf> acesso em 18/08/2016.

³⁹ MARTINS, Zildete de Oliveira. A participação de Goiás na Guerra do Paraguai (1864-1870). A autora se ampara nas fontes do Serviço de Documentação do Estado de Goiás (SDEGO) e em Relatório da Presidência da Província de Goiás (RPPGO).

⁴⁰ Constituição de 1824. Disponível no Senado

Federal<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/137569/Constituicoes_Brasileiras_v1_1824.pdf?sequence=5> Acesso em 18/08/2016.

⁴¹ Fala apresentada à Assembleia Legislativa Provincial de Goyaz na sessão ordinária de 1865, pelo Exm. Augusto Ferreira França. Memórias Goianas, nº 10, 1998, p. 67.

segunda, no caso de manifestar-se ali carencia de generos, quer por estar ocupada pelo inimigo grande parte do seu territorio e vedada a navegação para Cuyaba, quer pela aglomeração de forças expedicionarias (MEMÓRIAS GOIANAS, 1998, p. 68).

O presidente da Província de Goiás sinalizava para outro sacrifício a ser cumprido pelos goianos. Buscando responder com eficiência ao papel de destaque posto para a Província, o então presidente, no mesmo documento, nomeia comissões municipais encarregadas de estimular a população agrícola e criadora de gado a aumentar sua produção para atender o governo na obtenção de “víveres necesarios se tornarem para ocorrer a qualquer emergencia, aqui ou na provincia [Mato Grosso] a que me refiro” (MEMÓRIAS GOIANAS, 1998, p. 68). Naquele momento, era premente reunir a cota de homens exigida pelo Império à Província de Goiás. Exigência difícil de ser cumprida, devido ao pequeno número de voluntários, à escassez de armamento e de homens para atender o apelo do governo imperial. Não obstante tais obstáculos, assevera Borges (1981, p. 140) que “deflagrada a Guerra do Paraguai [...] Bonfim foi dos primeiros municípios goianos a concorrer com voluntários [...]”. Ainda citando o autor, o 20º Batalhão de Caçadores, contendo vinte e um voluntários e dezesseis guardas nacionais, entraram na cidade de Vila Boa, capital da Província, procedentes do Arraial do Nosso Senhor do Bonfim, ao som da banda de cornetas. Composto esse Batalhão, lá estava com patente de 1º cadete outro Silva, Vicente Miguel, neto mais velho do patriarca, à época com vinte e um anos, que se alistou para defender a nação brasileira contra as forças paraguaias.

Destaca-se, nesta pesquisa, o papel estratégico no contexto da guerra que se travava entre o Império Brasileiro e a República do Paraguai. Tem-se a inserção da Província de Goiás no corpo da nação, apesar de todos os equívocos etnocêntricos propagados pelos viajantes estrangeiros desde sua colonização após a descoberta das minas de ouro. Contra todos eles, outro Silva, outra geração⁴² ainda em formação, trabalhará, principalmente por meio da escrita, com o objetivo de demolir tais argumentos depreciativos sobre a região.⁴³ De volta ao cenário da guerra e ao patriotismo dos goianos e sua constante atuação, há se fazer uma pausa para melhor refletir sobre esse sentimento demonstrado pelo povo goiano, tão propagado pelas fontes e referências consultadas. O alistamento compulsório, criado pelo governo imperial para aqueles que relutavam em candidatar-se espontaneamente às forças

⁴² O entendimento de geração está ancorado na perspectiva do sociólogo Karl Mannheim.

⁴³ A referência feita é a Henrique Silva, neto de Vicente Miguel da Silva, editor da Revista *Informação Goyana*, editada na Cidade do Rio de Janeiro entre os anos de 1917 a 1935.

militares em formação, chegou a ser percebido como uma ameaça pelo governante da Província a outra grande responsabilidade aqui descrita, de fornecimento de víveres para os soldados que lutavam no *front*. Assim profere o presidente da Província, Augusto Ferreira França, em relatório sobre o recrutamento:

Parecendo-me que, concorrendo a província com um numero consideravel de guardas e voluntarios da patria para o serviço de guerra, não justo proceder ao recrutamento enquanto se organizavam as forças compostas de uns e outros, e reflectindo depois que, assistindo à mesma provincia o dever sagrado de sustentar com viveres em grande copia as forças em operações no territorio matto-grossense, o recrutamento impediria que se fizesse remessas avultadas de generos alimenticios, deixei de pol-o em pratica até Outubro do anno passado. [...]

V. Ex. Comprehende que o recrutamento, amedrontrando os lavradores, e leando-os a refugiar-se no matto, como é usual nos sertões, assáz embaraçaria o fornecimento de viveres, que aliásurgia ser o mais amplo possível (MEMÓRIAS GOIANAS, 1998, p. 113)⁴⁴.

Decorridos dois meses, tempo estabelecido pelo presidente da Província para a suspensão do recrutamento de voluntários, este, em comunicado ao chefe de polícia, solicita que se retomem as ordens do Ministério da Guerra, o trabalho de recrutamento para a formação do 2º Corpo de Caçadores a Cavalos (MEMÓRIAS GOIANAS, 1998, p. 114). De tudo o que foi dito sobre o patriotismo, conclui-se que se deve considerar com cautela o uso desse sentimento da parte dos goianos. Muitos não atenderam a esse chamamento com espontaneidade. Enquanto se retoma a caçada por homens para se alistarem compulsoriamente à corporação como “voluntários”, outros, com elevado grau de “patriotismo”, se encarregam de evidenciar junto às autoridades o sublime sentimento.

Na retaguarda da guerra, Goiás, especialmente Francisco José da Silva em Bonfim, membro de comissão responsável por angariar recursos alimentícios e suprir as necessidades das tropas em Mato Grosso, em atendimento ao apelo do então presidente da província Francisco José da Silva, escreve:

Ilmo. E Exmo. Sr. Dr. Augusto Ferreira França,
M.D. Presidente desta Província.

A Comissão desta cidade em resposta ao officio de V. Exa. De 1º do corrente, tem a honra de comunicar a V. Exa. Que parte hoje para o Coxim [Mato Grosso] os Srs. João Pacheco Amora Júnior e Francisco Pedro Dias, conduzindo ambos, em nove carros, oitocentos arrobas⁴⁵ de gêneros alimentícios, em socorro das forças expedicionárias. Segundo o mapa junto verá V. Exa. o que seguiu nestes carros, assim como a quantidade e o peso dos gêneros conduzidos. Segundo o conhecimento junto verá V. Exa. Os recebimentos e obrigações dos condutores. - A Comissão esforça-se para que tenha lugar mais brevemente possível a saída de outros carros contratados,

⁴⁴ Relatório do Exm. Sr. Dr. Augusto Ferreira França, presidente da Província de Goiás em 20 de abril de 1867.

⁴⁵ Equivale a 12.000 kg.

assim como de todos aqueles que puder contratar e remeter. - Deus guarde a V. Exa. - Afonso Nicolau de Carvalho – Francisco José da Silva. Goiás – cidade de Bonfim, 5 de julho de 1866 (BORGES, 1981, p. 141).⁴⁶

A aquisição de víveres e outros gêneros alimentícios não se realizava gratuitamente, era um negócio que se estabelecia no cenário nacional de guerra entre Brasil, Argentina e Paraguai. Tendo a Província de Goiás como atividades fundamentais a agricultura e a criação de gado, os grandes proprietários possuíam compradores para toda a sua produção. Em Memórias Goianas (1981, p. 127)⁴⁷, lê-se a preocupação do presidente da Província em relação à administração do dinheiro público: “[...] mandei seguir para Bahús, afim de ser tocada para as forças uma boiada que fora comprada antes de ser recebida a ordem que expedi, suspendendo a compra de gado”. Sobre a compra de gêneros alimentícios, demonstra o relatório do presidente Augusto Ferreira França preocupação com os investimentos em sua aquisição: “Encoutrará registrado muitos officios meus, ora determinando a compra e remessa de rezes, ora suspendendo-as, conforme as noticias e informações que chegavam ao meu conhecimento relativas as condições em que estavam as forças” (MEMÓRIAS GOIANAS, 1981, p. 127). De acordo com Martins (1983), o governo, preocupado com a multiplicidade de agentes para a aquisição de víveres e outros itens, controlou os fornecimentos de depósitos, conservando apenas um agente em Rio Verde e outro em Rio Claro, permitindo que a Comissão Bonfim continuasse a enviar os gêneros que em abundância mantinha acumulados. Complementa a autora que foram enviados para os depósitos em Coxim e Bahús cento e quatro carros de víveres. Dados apresentados em sua obra discriminam os gêneros remetidos pela Comissão de Bonfim, dentre os quais encontram-se farinha de mandioca, feijão, arroz, toucinho, açúcar, sal, café, polvilho, pano, farinha de milho (MARTINS, 1983).

Sem ter a intenção de afastar-se muito dos objetivos traçados para esta pesquisa, julga-se pertinente indagar: de onde procedia a fonte de recursos utilizados para vestir, comer, enfim, suprir todas as despesas dos custos demandados por uma guerra com duração de cinco anos? Conforme Amayo (1995, p. 265), à exceção da República do Paraguai, os outros países envolvidos, de economia aberta, estavam endividados muito antes da guerra, e “para sustentar seus gastos de guerra tiveram que aumentar ainda mais o ritmo de empréstimos”, principalmente junto aos bancos

⁴⁶ Segundo Borges (1981), documento do Arquivo Histórico de Goiás do ano de 1866.

⁴⁷ Relatório com que o Exmo. Sr. Dr. Augusto Ferreira França, presidente da Província de Goiás, passou a administração ao Exm. Sr. Vice-Presidente, em 29 de abril de 1867.

ingleses. Após o conflito, finaliza o autor, todos os países tinham acumulado uma dívida externa em milhões de libras esterlinas, e o Império do Brasil foi o que mais se destacou em relação ao total de sua dívida. Se em nível externo este autor salienta a interferência no conflito e seus fabulosos lucros comerciais e financeiros, internamente pode-se supor que muitos “patriotas” possuidores de terras e víveres também auferiram lucros com o conflito que se passava na Província do Império do Brasil contra a República do Paraguai, conforme documentação apresentada, com a ressalva de que essa documentação não descreve ou indica os maiores negociantes com a Província durante a vigência do conflito. Contudo, o governador da Província de Goiás comunica ao Ministério dos Negócios da Guerra a suspensão de compra de víveres provisoriamente. Afirma o ministro, em fragmento de despacho: “[...] fico inteirado de haver V. Exa^a mandado sobrestar até segunda ordem a compra de viveres e activar o mais possível a remessa dos já obtidos, visto haver grande abundância dos mesmos nos depositos creados por essa presidência”.⁴⁸ Em mesma fonte, tem-se o coronel comandante Carlos Moraes Camisão, do quartel do Comando das Forças em Operações ao sul da Província de Mato Grosso, confirmando ao governador da Província de Goiás a qualidade e a quantidade dos gêneros recebidos pelas tropas:⁴⁹

Em resposta cumpre-me communicar a V. Ex. que frequentes e abundantes tem sido as remessas de generos vindos dessa provincia para a subsistencia das forças sob o meu commando, não podendo nesta ocasião enviar a v. ex. a referida tabella em consequencia de sua organização exigir algum tempo e trabalho da repartição fiscal. Tão logo depressa me seja possível farei a sua remessa (MEMÓRIAS GOIANAS, 1998, p. 121 e 122).

Muitos foram os carros de bois abastecidos com alimentos destinados às forças expedicionárias saídos da Província de Goiás, apesar dos obstáculos que se apresentaram e que foram contornados, mesmo diante da ordem de não ter quem os conduzissem ao campo de batalha. Martins (1983) cita o documento⁵⁰ dos oficiais que compõem a 2^a Brigada, em que o tenente Vicente Miguel da Silva Neto também assina, agradecendo à Província de Goiás pelos “incessantes esforços por v. ex. empregados, no intuito de abastecer este ponto de generos alimenticios e outros diversos misteres para o consumo das forças libertadoras nesta Província” (MARTINS, 1983, p. 136-138). As

⁴⁸ Publicado em Memórias Goianas n. 10 (1998, p. 120) – Relatório com que o Exm. Sr. Dr. Augusto Ferreira França, presidente da Província de Goyaz, passou a administração ao Exm. Sr. Vice-Presidente, desembargador João Bonifácio Gomes de Siqueira, em 29 de abril de 1867.

⁴⁹ Carlos de Moraes Camisão, coronel nomeado pela presidência de Mato Grosso em 01 de janeiro de 1867 para assumir o comando das tropas em Miranda (TAUNAY, 2013, p. 49).

⁵⁰ Extraído do Correio Official, n. 143 – 14 de julho de 1866, p. 4.

forças expedicionárias estacionadas em Miranda⁵¹ por mais de cem dias se puseram então a caminho, relata Taunay (2013, p. 51):

Moveu-se a força a 11; e, pela primeira vez, as peças de artilharia montada, puxadas por bois, acompanharam a marcha da infantaria. Saíram os diferentes corpos da vila de Miranda completamente fardados, armados e providos de munições, libertos, pressentiam-no, das provações a que se submeteram, desvanecidos daquele sentimento de disciplina que tudo os fizera suportar, embora exercitando-se, cada vez mais, no manejo das armas. O que estes homens pediam era um clima salubre que os revigorasse e os pusesse em condições de agir. E este iam encontrá-lo em Nioac, a 210 quilômetros a sudeste de Miranda.

Para chegar a Miranda, as forças expedicionárias tiveram que percorrer mais de dois mil quilômetros. Saindo do Rio de Janeiro, passando por Minas Gerais, posteriormente juntaram-se às forças os goianos ou voluntários da pátria. O contingente alcançou um total de três mil homens. Porém, um terço desse número teve suas vidas ceifadas por moléstias, consideradas inimigo poderoso na guerra, assim como febres palustres⁵² e beribéri⁵³ (TAUNAY, 2013), esta última relacionada à má alimentação e à ausência de vitamina B1 no organismo. A alimentação, o fornecimento de víveres se tornou um problema quase insolúvel após decisão do comandante Camisão, tendo à frente o guia José Francisco Lopes.⁵⁴ Igualmente, lá iam sob as ordens do comandante Camisão o oficial bonfinense Vicente Miguel Neto e os voluntários de Goiás.

Pode-se pensar com Sandes (2000) sobre formação da nação ou o sentimento de nacionalidade. Lembra-se que essa nação, esse sentimento de pertencimento, conforme assinalado, apresentou suas nuances: ora a lei para despertar o sentimento de pátria, ora os bons negócios que alguns lucraram.

⁵¹ Vila da Província de Mato Grosso que leva o nome de rio de mesmo nome que banha aquelas terras. Foi elevada à condição de município em 07 de outubro de 1871.

⁵² Também conhecida como malária, doença infecciosa febril aguda, cujo agente causador é um parasita do gênero *Plasmodium*. É conhecida popularmente como impaludismo, paludismo, febre palustre, febre intermitente, febre terçã benigna, febre terçã maligna, maleita, sezão, tremedeira, batedeira ou febre. A transmissão natural da malária ocorre por meio da picada da fêmea do mosquito do gênero *Anopheles*. *As pessoas infectadas podem apresentar sinais e sintomas genéricos como dor de cabeça, dor no corpo, fraqueza, febre alta e calafrios. Em geral, esses quadros são acompanhados por dor abdominal, dor nas costas, tontura, náuseas e vômitos. Disponível em Clínica de infectologia.*
<<http://www.ralcyonteixeira.com.br/index.php/malaria>> Acesso 26/08/2016.

⁵³ Disponível: Universidade Federal de Pernambuco<O beribéri – literalmente “Eu não posso, eu não posso”, em cingalês – é causado por uma carência de vitamina B1 (também chamada de tiamina, presente em cereais integrais e algumas leguminosas e carnes).
https://www.ufpe.br/agencia/index.php?option=com_content&view=article&id=33639:a&catid=20&Itemid=77. Acesso em 26/08/2016

⁵⁴ Sertanejo, dono da Fazenda Jardim, que conduziu as forças expedicionárias comandadas por Camisão ao território paraguaio. A família do guia Lopes caíra nas mãos do inimigo após invasão de território brasileiro (TAUNAY, 2013).

Apesar de todas essas particularidades, é fundamental pensar na Província de Goiás como elo entre o sertão da guerra e o litoral, espaço de localização da capital do país. As grandes distâncias, o isolamento e a pobreza deixaram de figurar como elementos excludentes da Província de Goiás, e conforme documentação consultada e referenciada, o governo imperial, através de seu Ministério da Guerra, solicita à Província sua cota de homens para o *front* e o fornecimento de mantimentos para as tropas. Percebe-se, nesse raciocínio, o sentimento de pertencimento identitário como uma via de mão dupla na qual as partes interagem como uma, como nação (HALL, 2001).

Estabelece-se uma conexão entre os brasis do sertão ao litoral, transformando-se o plural em singular, em que alguns problemas de outrora são relevados; momento de ameaça da soberania do Império. Os novos problemas, gerados a partir do conflito, contribuíram para reforçar o enquadramento e a unidade dos brasis em um só. Importa esclarecer que o sentimento de pertencimento, para muitos goianos, ainda estava em construção.

Taunay (2013) assinala que a fome se apresentava sempre iminente. Em suas palavras, “nenhuma remessa nova se anunciava e a Intendência em ofício, datado de Nioac, declarava achar-se incapaz de prover, daí em diante, ao abastecimento de gado” (TAUNAY, 2013, p. 60). No entanto, o vigésimo batalhão de Goiás lá estava com as forças expedicionárias em território paraguaio. Soldados, que combateram o invasor, receberam menção em três momentos da obra de Taunay (2013). Na marcha sobre Laguna⁵⁵, acentua que o 20º de infantaria de Goiás formava a vanguarda sob o comando do capitão Ferreira de Paiva (TAUNAY, 2013). Em outro trecho de sua obra, tece elogios à bravura do batalhão de Goiás:

[...] podíamos, pois, considerar como vantagem as provas que de sua firmeza, a proteger a bateria, nos dera o 20º batalhão. Pareceu-nos o fogo paraguaio melhor dirigido do que até então, mas nossa gente não arredou pé. Eram, entretanto, simples recrutas valetudinários, saídos de Goiás, comandados por valente oficial, o capitão Ferreira de Paiva (TAUNAY, 2013, p. 94).

Nesse fragmento, tem-se o batalhão na retaguarda das tropas; mais à frente, o comandante Camisão e parte do estado maior “no quadrado do 20º” sob o comando do capitão Paiva (TAUNAY, 2013). Apesar de os combates com as forças inimigas, os incêndios, as doenças que muito reduziam o número das tropas, outro mal visitava os

⁵⁵ De acordo com Taunay, a fazenda servia como acampamento aos paraguaios, que fora conquistada pelas forças brasileiras.

expedicionários: a cólera⁵⁶. Esse, mais forte que o próprio inimigo naquele momento, levou à morte centenas de homens e algumas mulheres que acompanhavam a investida em território paraguaio. Com o número crescente de enfermos e a pouca mobilidade para a fuga, o comandante das forças expedicionárias Camisão ordena aos seus oficiais, não antes de assumir a responsabilidade, a abandonar os enfermos (TAUNAY, 2013). Possivelmente, Vicente Miguel Neto estava entre esse grupo de enfermos, mas Taunay (2013) não lista os nomes daqueles que ficaram abandonados.

Em consonância com o memorialista Borges (1981) e a socióloga Sanches (2011), o jovem bonfinense sucumbiu em 27 de maio de 1867, diante da epidemia de cólera, mas os autores não citam as fontes utilizadas para tal afirmação. Sanches (2011, p. 79) revela ainda a existência de duas cartas endereçadas à família pelo capitão do batalhão despedindo-se dos familiares, pedindo ao pai que “providenciasse o recebimento de seus vencimentos dos meses de fevereiro a maio”. Na segunda carta, endereçada à tia, pediu que mandasse rezar uma missa para ele e amigos⁵⁷. Assim se despede na última carta: “Já perdi a esperança de ver a santa terra que me viu nascer” (SANCHES, 2011, p. 79). Ainda de acordo com a autora, Vicente Miguel foi enterrado em um campo da fazenda de nome Jardim, que pertencia ao guia do batalhão Lopes. Complementa Taunay (2013) que na mesma fazenda foram enterrados o guia e o comandante Camisão, ambos vítimas da cólera.

Sanches (2011, p. 79) enuncia que dois meses após a morte de Vicente Miguel Neto, a notícia chegou a Bonfim, “causando tristeza e dor, não apenas aos familiares, mas em toda sociedade”. Com os soldos atrasados devido ao filho morto na fuga de Laguna, Francisco José da Silva adquiriu um lampadário de prata que foi doado à Igreja do Bonfim. Esse gesto remete às reflexões de Pierre Nora (1993) em “Entre memória e história: a problemática dos lugares”, texto introdutório presente no volume inicial da obra *Les lieux de mémoire*,

A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação.

⁵⁶ Doença infecciosa intestinal aguda causada pela enterotoxina do *Vibrio cholerae*. Pode-se apresentar de forma grave, com diarreia aquosa e profusa, com ou sem vômitos, dor abdominal e câibras. Esse quadro, quando não tratado prontamente, pode evoluir para desidratação, acidose e colapso circulatório, com choque hipovolêmico e insuficiência renal. A acloridria (incapacidade do organismo em produzir ácido gástrico) gástrica agrava o quadro clínico da doença. Disponível em Portal da Saúde/Sus <<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/secretarias/svs/colera>> Acesso em 02/09/2016.

⁵⁷ As cartas foram publicadas em a *Informação Goyana*, 12/1927 e 01/1928.

O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória (NORA, 1993, p. 07).

Importante ressaltar que Gonçalves (2012) organizou os sete volumes abordando os lugares de memória em um contexto, conforme afirma, de crise no sentimento de identidade nacional. Por esse motivo, a necessidade de buscar os locais onde pulsaram ou ainda persistiam, ao menos como memória, “os lugares onde a memória se cristaliza e se refugia” (GONÇALVES 2012, p. 31). Embora os espaços e tempos divergentes, entende-se que o sentimento de memória perpassa todos os sujeitos envolvidos nesta pesquisa. Os lugares de memória são definidos resguardando os fatos do esquecimento porque não existem mais aqueles (indivíduos, grupos) que davam vida aos acontecimentos passados ou memórias (HALBAWCHS, 2006; NORA, 1993). Nora (1993) enuncia que se o homem habitasse sua memória, não haveria necessidade de se lhe consagrar lugares. Não haveria lugares, porque a memória não seria transportada pela história. O autor retoma os pressupostos de crise francesa e destaca o conhecido fenômeno da mundialização, da massificação, da midiaticização estabelecendo relações de causa e efeito com os *lugares de memória*.

Reconhece-se a ação voluntária pela construção dos lugares de memória dos sujeitos que, direta ou indiretamente, estiveram presentes na defesa da Província de Cuiabá quando sob o domínio das forças paraguaias. Criações de lugares que favorecem o lembrar e que tal memória significasse um ponto de costura e conexão entre os brasis, especificamente Goiás e Cuiabá. Nessa interpretação, tem-se a compra do lampadário para a igreja Nosso Senhor do Bonfim, em vila de mesmo nome, adquirida por Francisco José da Silva com os soldos do filho oficial exército Vicente Miguel da Silva Neto, morto em combate, como um lugar de memória.⁵⁸ Registra-se o espaço onde se travaram as batalhas das forças expedicionárias em Mato Grosso, com a *Retirada de Laguna*, como voltado para a memória. Em Mato Grosso do Sul, encontram-se os municípios *Guia Lopes da Laguna* e *Jardim*.⁵⁹ Ao ampliar a imagem desses municípios⁶⁰, têm-se mais lugares de memória com nomes de ruas do comandante *Camisão*⁶¹, oficiais, *Taunay*,⁶² *Juvêncio*⁶³.

⁵⁸ Anexo 01.

⁵⁹ Anexo 02.

⁶⁰ Disponível Google Maps<<https://www.google.com.br/maps/place/Mato+Grosso/@-21.4578363,-56.1140481,15.75z/data=!4m5!3m4!1s0x939db1e748370319:0xc66268e27d2181fb!8m2!3d-12.6818712!4d-56.921099>> Acesso em 20/06/2016.

⁶¹ Anexo 03.

⁶² Anexo 04.

Martins (1983) expõe que terminada a retirada de Laguna, em junho de 1867, tropas de Goiás chegaram ao porto de Canuto, em Mato Grosso, permanecendo até o fim da guerra. Conforme a autora, não foi estabelecido o número de soldados que regressaram vivos à Província de Goiás; foi um retorno disperso, com alguns casos isolados mencionados pelas fontes. Muitos desses soldados de Goiás que combateram as forças paraguaias estão no anonimato, sob o manto do esquecimento.

Consideram-se aqui as multitemporalidades que perpassam esta pesquisa para trazer outros lugares de memória. Para tanto, utilizam-se das ponderações de Janice Gonçalves (2012), quando a autora reflete sobre o conceito criado por Nora (1993) em diferentes momentos da obra *Les lieux de mémoire*. Conforme Gonçalves (2012), na última parte do texto de apresentação *Entre memória e história: a problemática dos lugares*, a caracterização dos “lugares de memória” possui dimensões concomitantes, materiais, simbólicas e funcionais. Essa caracterização apresenta o conceito com amplo leque, que pode contemplar diversos elementos em dada sociedade, construídos como lugares de memória. É nessa ampliação do conceito, com outros pressupostos servindo de parâmetros, que os goianos, em particular os silvanenses, mobilizaram-se para trazer os restos mortais de Henrique Silva da antiga capital federal para a cidade de Silvânia em junho de 1972, depositando-os, provavelmente, na mesma sepultura do pai Francisco José da Silva e esposa; túmulo à esquerda de Antônio Americano do Brasil, sobrinho de Henrique Silva.⁶⁴

Imbuídos pelo sentimento de lembrança, é inevitável não destacar a perda de nuances de uma memória recente entre os silvanenses. Da Praça Rui Barbosa, que recebeu um busto de Henrique Silva no dia de seu sepultamento em Silvânia, poucos se lembram ou sabem onde o busto se encontra⁶⁵. Assim também é o dia estabelecido pela prefeitura da cidade como feriado para homenagear o último goiano que se sobressaiu na família Silva⁶⁶ e o nome de uma rua, atribuído por lei municipal, batizada de Henrique Silva.⁶⁷ Por fim, pode-se mencionar também material textual produzido, anualmente, a cada aniversário da cidade, contemplando os sujeitos ilustres da cidade, dentre eles Henrique Silva.⁶⁸ Sobre o traslado dos despojos de Silva, outro ponto deve

⁶³ Anexo 05.

⁶⁴ Anexo 06.

⁶⁵ Anexo 07.

⁶⁶ Anexo 08.

⁶⁷ Anexo 09.

⁶⁸ Anexo 10.

ser discutido nesta pesquisa: as comemorações do sesquicentenário da Independência realizadas no Brasil.

A comemoração dos cento e cinquenta anos da Independência foi uma ação desenvolvida em 1972 pelo governo militar em parceria com diversas instituições civis. O objetivo era desenvolver diferentes eventos festivos por cerca de cinco meses⁶⁹, e o ápice foi o traslado dos restos mortais de D. Pedro I de Portugal para o Brasil. Um longo cortejo fúnebre percorreu os grandes centros do país até sua inumação no Monumento do Ipiranga, em São Paulo, momento de grande relevância nas comemorações (CORDEIRO, 2012; ALMEIDA, 2009).

D. Pedro I foi o herói escolhido pela ditadura civil militar⁷⁰ para dar popularidade ao regime, com intenção de aproximação com a sociedade civil. Almeida (2009) enuncia ser discutível a popularidade que o imperador usufruiu na história do Brasil. A exceção pode ter ficado na conjuntura após a Independência, findando com a dissolução da Assembleia Nacional Constituinte, em novembro de 1823. Em 1970, continua o autor, a personagem imperial não tinha representação efetiva na sociedade brasileira. Destarte, isso não impediria o resgate de seu valor simbólico ou de revesti-lo de “uma inédita valoração” (ALMEIDA, 2009). Mas então, por que a figura de D. Pedro I? Nos termos do autor, “[...] a valorização da figura de d. Pedro I pela ditadura militar significava de fato, a legitimação do próprio regime, uma vez que o valor simbólico das ações de d. Pedro I carrega em si elementos de permanência [...] certa atemporalidade” (ALMEIDA, 2009, s/n). Salienta-se que o país vivia o período mais repressivo do regime militar, tendo à frente o presidente Emilio Garrastazu Médici (1969 a 1974), e a repressão aos adversários políticos alcançou seu mais alto nível. “É por excelência, o tempo da tortura, dos alegados desaparecimentos e das supostas mortes acidentais em tentativa de fuga” (ALMEIDA apud ALMEIDA; WEISS; 1998, p. 332).

Conforme assinalado, diversas organizações colaboraram para que a comemoração do sesquicentenário obtivesse êxito, dentre as quais o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), o Conselho Federal de Cultura (CFC), e a Confederação Brasileira de Desporto⁷¹, compartilhando da cultura cívica daquele período. Acrescentam-se as associações esportivas, os setores do empresariado nacional que lucraram com a festa, as associações de bairro e algumas associações femininas que marcharam pelo golpe em 1964 “e que renovavam sua adesão ao regime em 1972”

⁶⁹ 21/04 a 07/09/1972.

⁷⁰ CORDEIRO, 2012: p. 20; REIS, 2010: p. 174 e 183.

⁷¹ Antecessora da CBF.

(CORDEIRO, 2012, p. 28). As festas relativas às comemorações dos cento e cinquenta anos da Independência se multiplicaram por todo o país e também em Goiás. Nesse sentido, destaca-se o traslado dos despojos de Henrique Silva da cidade do Rio de Janeiro para Silvânia.

O traslado dos despojos de Henrique Silva tornou-se possível após contato do IHGB com o IHGG. Ambas as instituições, juntamente com o governo do Estado, a AGI, Associação Goiana de Imprensa, a prefeitura de Silvânia e o representante do Exército, providenciaram o retorno dos restos mortais do goiano à sua terra natal, o qual foi inumado no cemitério municipal da antiga vila de Bonfim no dia 19 de junho de 1972.⁷² Esse evento inaugura a participação de Goiás nos festejos referentes às comemorações do sesquicentenário da Independência. Guardadas as devidas proporções, arrisca-se a afirmar as aproximações entre as festividades de âmbito nacional, o traslado de D. Pedro I e o de Henrique Silva no plano regional. Para tanto, recorre-se ao discurso do representante do governo de Goiás quando da inauguração do busto do goiano na Praça Rui Barbosa, em Silvânia.

Segundo representante do governo Acácio Félix de Sousa, foram os esforços do IHGG que possibilitaram a inumação dos restos mortais do major, “reverenciando com entusiasmo e carinho os grandes vultos da Pátria”.⁷³ É preciso estar atento ao fato de que o IHGB foi uma das três instituições a compor a Comissão Executiva Central (CEC) responsável pelas festividades que visavam a sua dimensão de *integração* “tão cara ao regime”.⁷⁴ Ainda nas aproximações, pode-se considerar a possibilidade de constituição do herói, tanto em nível nacional quanto regional: D. Pedro I, um quase desconhecido pela grande parcela da sociedade brasileira⁷⁵, e Silva, esquecido pelos goianos. Essa transformação, conforme se percebe na Revista IHGG⁷⁶, salientou os feitos que serviam à constituição do herói e silenciou os que poderiam macular sua imagem.

Ressalta-se que o perfil do herói foi amplamente trabalhado por Henrique Silva na capital federal, na instauração de seu projeto de memória, sempre buscando maior valorização às suas ações em defesa de Goiás ou da manutenção da República brasileira

⁷² Revista IHGG, dezembro, 1972, p. 97.

⁷³ Discurso do representante do governo estadual publicado na Revista IHGG dez/1972, p. 100.

⁷⁴ CORDEIRO, 2012, p. 195.

⁷⁵ ALMEIDA, 2009.

⁷⁶ *Ibidem*.

no jornal *O Paiz*. Porém, como se pode conferir adiante, no periódico houve situações em que a imagem idealizada por Silva se distanciou de sua vida cotidiana.

CAPÍTULO 2

HENRIQUE SILVA, A IMAGEM DO HOMEM PÚBLICO NO CONTEXTO DO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX

Neste capítulo, empreende-se um panorama geral sobre a vida do major do Exército Henrique Silva, não ignorando suas particularidades, singularidades e suas contradições. O percurso a ser trilhado tem como objetivo a apreensão das ações do major com a finalidade de projetar sua imagem para além da temporalidade vivida nos espaços do Brasil, especialmente de Goiás.

Nessa direção, é possível identificar a busca do militar Henrique Silva visando projetar seu nome nos acontecimentos nacionais, o que pode ser percebido como um projeto de memória que almejava notabilizar o cidadão goiano no futuro. Ao final destas reflexões, espera-se evidenciar a tese aqui apresentada: Henrique Silva tinha um projeto de memória que poderia lhe garantir visibilidade em sua terra natal, quiçá no Brasil.

Para defender essa tese, utilizam-se neste trabalho contribuições de autores como Sabina Loriga (1998), Ângela de Castro Gomes (2004), Benito Bisso Schmidt (2012), Pierre Bourdieu (1986), Mannheim (1928), dentre outros, com o propósito de alinhar a trajetória do militar com base em notícias publicadas no jornal *O Paiz, Correio da Manhã*⁷⁷ como estratégia de um projeto (auto)biográfico. Nessa vertente, as publicações de pequenas notas nos referidos periódicos informando, registrando as ações do major podem revelar um projeto de *escrita de si* convergindo para a construção de uma identidade e sua memória.

Igualmente, outras ações relevantes vêm se juntar e resultar nesse projeto de memória. Perseguindo a construção desse projeto, torna-se evidente o esforço de Henrique Silva em apresentar perfis de sua personalidade, além das patentes conquistadas na vida militar⁷⁸. Esse goiano viveu grande parte de seus setenta anos na cidade do Rio de Janeiro. Nessa cidade, foi atuante no jornalismo, abordando temas diversos no universo da fauna e flora do planalto central, especialmente de Goiás. Nesse combate entre defesa e ataque de Goiás escreveu livros, centenas de artigos, participou da Comissão de Exploração do Planalto Central do Brasil ou simplesmente Comissão Cruis. Buscou se inserir na política partidária ao se candidatar e vencer as eleições para deputado estadual em Goiás, em 1911⁷⁹, pelo Partido Democrata. Espera-se que ao final desta discussão possa se enxergar no projeto de ascensão de Goiás ao nível dos estados mais ricos da Federação como São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais outro projeto, o de memória escrito por Silva.

⁷⁷ Em pequeno número nesse mensário.

⁷⁸ Algumas possivelmente por bravura.

⁷⁹ Jornal *O Paiz* 29/07/1911.

No registro de batismo da Igreja Matriz da cidade de Silvânia,⁸⁰ consta que o militar do Exército Henrique Silva, segundo filho⁸¹ de Francisco José da Silva e Ana Rodrigues de Moraes e Silva, nasceu em 18 de março de 1865⁸², no sítio São João, nas imediações da Cidade de Bonfim⁸³, atual Silvânia, comparecendo à igreja o pai que lhe dera o nome incomum para a época⁸⁴, Henrique Silva. Neto de Vicente Miguel da Silva, personalidade de grande prestígio que se firmou como defensor da ordem, da lei na segunda metade do século XIX na cidade de mesmo nome, na Capitania de Goiás . Na Província de Goiás, a família Silva continuou com grande prestígio junto ao governo imperial. Entre os diversos cargos ocupados pelo coronel Francisco José da Silva, o de vice-presidente da província foi o de maior poder, nele permanecendo até sua morte, em 1886⁸⁵ (BRANDÃO, 1978; BORGES, 1981; SANCHES, 2012; SILVA, 1907). Adulto⁸⁶, Henrique Silva se interessou pela vida militar.

Assim, em 1882, iniciou carreira militar na condição de cadete no Esquadrão de Cavalaria de Goiás. Um ano depois, se matriculava na Escola Militar da Praia Vermelha, na cidade do Rio de Janeiro. Esse fato merece maior atenção a reforma no estatuto que a Escola recebeu no início da fase republicana proposta por Benjamin Constant,⁸⁷ em 1890, como novo ministro da Pasta da Guerra. Para Trevisan (2011, p. 43), o regulamento partia de algumas ideias anteriores do novo ministro:

[...] é de urgente e indeclinável necessidade aperfeiçoar e completar o ensino nas escolas militares, de modo a atender aos grandes melhoramentos da arte da guerra, conciliando as suas exigências com a missão altamente civilizadora, eminentemente humanitária e moral que, no futuro, está destinado aos exércitos no continente sul-americano.

[...] o soldado, elemento de força, deve ser de hoje em diante o cidadão armado, corporificação da honra nacional e importante cooperador do progresso [...] jamais instrumento servil e maleável por uma obediência passiva e inconsciente que rebaixa o caráter, aniquila o estímulo e abate o moral.

⁸⁰ Livro 5, p. 35, Igreja Matriz de Silvânia.

⁸¹ Seu irmão Vicente Miguel da Silva Neto foi vítima da doença de cólera na guerra entre Brasil e Paraguai, precisamente no confronto da Retirada de Laguna.

⁸² Henrique Silva foi batizado um mês após seu nascimento, em 16 de abril de 1865.

⁸³ Segundo registro da Câmara, a Vila de Bonfim foi elevada à cidade de mesmo nome no ano de 1857 (BORGES, 1981).

⁸⁴ Um nome pequeno para os padrões do período, final do século XIX. Observação respaldada no livro de registro da Igreja de Bonfim e outros documentos em diferentes arquivos de Goiás e cidade do Rio de Janeiro.

⁸⁵ Foi nomeado pelo governo Imperial como oficial da Ordem da Rosa, tendo em vista seus relevantes serviços prestados à Província de Goiás quando o Brasil enfrentava o Paraguai na Província de Mato Grosso; nomeado Comendador da Rosa (SILVA, 1907).

⁸⁶ À época, Henrique Silva contava com 17 anos (NEPOMUCENO, 2003).

⁸⁷ Professor da Escola Militar da Praia Vermelha desde o ano de 1873. Ver TREVISAN, Leonardo N.; Obsessões Patrióticas, 2011.

No regulamento, Trevisan (2011) expõe que para a formação desse *cidadão armado*, Constant defendia para a Escola da Praia Vermelha a necessidade de o militar receber *uma suculenta educação científica*, que lhe possibilitaria reconhecer seus deveres não só militares, mas especialmente os sociais. Para alcançar esse objetivo, impunha-se um ensino integral começando pela disciplina de matemática e terminando com as disciplinas de sociologia e moral⁸⁸, sinais indeléveis da influência positivista⁸⁹. Ainda de acordo com Trevisan (2011), tão logo o governo republicano retornou para os civis, nova reforma foi proposta, em 1898. Essa reforma previa redução dos estudos teóricos e ampliação dos estudos tipicamente profissionais, práticos, dentre outros aspectos. Trevisan⁹⁰ (2011) argumenta que em relação à nova Escola Militar do Brasil, que sofreu as mudanças em 1898, situada na Praia Vermelha, a reforma em nada inovou o ensino profissional. Em sua visão, a preponderância dos “estudos matemáticos” continuou inabalável, e conclui que essa resistência dos “estudos matemáticos” na Escola, seguramente,

[...] não era uma “doença positivista”; pelo contrário, havia nascido muito antes do aparecimento do Apostolado entre nós. Aquilo que já acontecera na velha Escola do Largo de São Francisco se havia consolidado como um estigma inabalável no ensino militar brasileiro. O Exército precisava de uma “escola de engenheiros”; historicamente, o ensino militar construiu-se a partir dessa “necessidade”, que se transformou pela tradição em dogma.

O problema é que sempre a “Escola de Engenharia” acabou por dominar a “Escola de Aplicação”. A teoria sempre predominou sobre a prática, o desvio, que já vitimara o futuro institucional da Escola do Largo de São Francisco, transformava-se com o correr do tempo em regra: juntar estudos militares e de engenharia em um só estabelecimento “leva, necessariamente, ao domínio destes [dos engenheiros] sobre aqueles, com reflexos danosos para o regime militar (TREVISAN, 2011, p. 47).

O autor conjectura que possivelmente houve uma simbiose⁹¹ entre o ensino de matemática, a pregação positivista e o desejo de se avançar na carreira. Assinala que a

⁸⁸ TREVISAN, 2011, p. 43.

⁸⁹ Em consonância com Santos, o surgimento do Positivismo se efetivou na França, em 1830, a partir da obra de Auguste Comte publicada em seis volumes, intitulada *Curso de Filosofia Positiva*. A autora salienta o contexto mundial em que o positivismo se inseriu: um mundo que ansiava por reconstrução e organização (2004, p. 37-38). PETT (2007, p. 34) reforça essa temporalidade de surgimento do positivismo ao assinalar que o século XIX herda um mundo em eferescência. Após processos revolucionários, desejam-se reconstruções e reorganizações; anseia-se por sair do negativo; espera-se uma sociedade em paz e um regime político estabilizado que contribuam para o desenvolvimento científico e industrial, alcançando o progresso e a felicidade (SANTOS, 2007, p. 34).

⁹⁰ TREVISAN, 2011, p. 47.

⁹¹ Trevisan chama de “simbiose parasitária”: o *que era possível como formação e o que necessário* demonstrar para a escalada hierárquica. A necessidade dos estudos práticos era evidente, contudo, na hora

doutrina de Comte, desde os seus primeiros momentos, “[...] fizera-se sentir entre nós, de modo difuso, através dos professores de Matemática” (TREVISAN, 2011, p. 55). Após a defesa da primeira tese acadêmica de enfoque comtiano – *os princípios de Estática* –, em 02 de março de 1850, consolidou-se uma corrente na Escola sem dúvida com o forte carisma de Benjamin Constant ministrando o curso de geometria analítica, *rigorosamente comtiano, oferecido desde 1857* pelo chefe do Ministério da Guerra do regime republicano. Ser positivista, então, requeria dominar com eficiência as estruturas matemáticas e suas complexidades, professar a fé positivista e não perder de vista o avanço na carreira militar como oficial do Estado-Maior.

Salienta-se que esse aprofundamento sobre a doutrina positivista é relevante, pois seu desenvolvimento no final do século XIX e nas primeiras décadas do XX exerceu influência sobre o goiano Henrique Silva. Evidentemente que não se deve pensar essa influência determinante, definitiva, mas esse contexto não deve ser ignorado para se entender algumas (ou muitas?) atitudes dos indivíduos. Cabe destacar as reflexões de Sérgio Buarque de Holanda *apud* Trevisan (2011) quanto à doutrina positivista. Para o primeiro, deve-se considerar como ponto alto da doutrina comtiana:

[...] não tanto o de Filosofia, ou de seita, ou religião, mas o estado de espírito e o clima de opinião que, a partir dele, passou a contaminar vastas camadas, acabando por marcar até mesmo “os que prezavam de combatê-lo” (HOLANDA *apud* TREVISAN, 2011, p. 55).

Não resta dúvida sobre a importância do positivismo para o período tratado, mas outros elementos devem ser considerados a fim de apresentar alguns traços da imagem pública de Henrique Silva. Como pontuado, este foi aluno da Escola Militar; a seguir, um pouco mais de sua trajetória pública.

Após três anos de estudos, Henrique Silva abandonou o curso sem se desligar do Exército (LÔBO, 1974; NEPOMUCENO, 2003).⁹² Entre seu nascimento e morte, isto é, final do século XIX e primeira metade do XX, tem-se um intervalo de setenta anos, em grande parte dedicado à juventude da época, especialmente a goiana. Destaca-

de ascensão na carreira, o que contava era *o estado de espírito* positivista. Tudo isso, teria ocorrida nas duas primeiras décadas do século XX.

⁹² Ressalta-se que não se encontrou nenhuma pista vinculando Henrique Silva à Escola Militar da Praia Vermelha e mesmo ao Exército no AHEX (nessa instituição, somente foram encontrados registros da existência da Escola Militar da Corte, Livro de Matrícula 1874-1886), Biblioteca Nacional e Arquivo Nacional. Sua passagem pela carreira militar foi muito documentada pelos periódicos que circularam entre o final século XIX e a primeira metade do XX. Nestes, também não se encontrou nenhuma linha vinculando o militar goiano à Escola Militar da Praia Vermelha. No entanto, Borges (1977) afirma que Henrique Silva se transfere para o Rio em 1883, sendo reconhecido como cadete de 1ª classe e lhe sendo concedida licença para matricular-se na Escola Militar da Corte.

se aqui seu sobrinho, o médico, historiógrafo, folclorista, deputado federal e escritor Americano do Brasil, a ser melhor descrito na sequência.

Dinair Andrade da Silva (1982)⁹³, em trabalho desenvolvido sobre Antônio Americano do Brasil, afirma que este recebera influência de duas grandes personalidades: a primeira de seu pai, e a outra de seu tio-avô Henrique Silva. Para o autor, foi visível a força deste último na vida não apenas de Americano do Brasil, como também dos jovens goianos, estudantes que se renovavam anualmente nas escolas superiores da capital federal. A revista *Informação Goyana*, que se aborda com mais profundidade na sequência desta pesquisa, foi polo de atração para essa juventude que entrava em contato com as temáticas editadas e divulgadas na revista por seu editor chefe, Henrique Silva. Entretanto, se a revista e seu redator chefe funcionavam como centro propagador da defesa de Goiás diante dos estudantes goianos, resta detectar outras influências que a revista e o próprio Silva recebiam na capital federal. Nesse fragmento, Silva (1982, p. 17) sugere que:

O interesse pela tradição e pelo folclore era uma característica da época, uma busca de bases para o nacionalismo que se reforçava com a experiência republicana. A Europa vivia a experiência que desembocaria no fascismo e no nazismo.

Tem-se, à época, a influência positivista amplamente difundida entre o Exército brasileiro e igualmente o desenvolvimento do nacionalismo com o interesse pelo folclore e pela recente experiência republicana.

Na primeira fase republicana, Boris Fausto (2006) enriquece essa conjuntura ao descrever algumas características de bases econômicas do Brasil. O autor enfatiza as fortes bases agroexportadoras do país, permanecendo nessa situação até as últimas décadas do XIX e primeiras do XX.⁹⁴ Grande parte dessa atividade agrícola se desenvolveu no litoral, e o questionamento que se faz é: como se encontrava o *Planalto Central do Brasil*⁹⁵? Com os mesmos dados, se percebe com mais clareza a quantidade de problemas que os intelectuais goianos, formados na capital federal, notadamente o major Henrique Silva, enfrentavam para alcançar o desenvolvimento das possibilidades econômicas de Goiás.

⁹³ SILVA, Dinair Andrade da. **Um intelectual e a história:** Antônio Americano do Brasil. Brasília, 1982.

⁹⁴ Segundo o autor, o censo realizado em 1920 apresentava os seguintes números: dos 9,1 milhões de pessoas em atividade, 6,3 milhões, ou 69,7%, se dedicavam à agricultura; 1,2 milhão, ou 13,8%, à indústria; e 1,5 milhão ou 16,5% aos serviços que englobariam atividades urbanas de baixa produtividade, como os domésticos remunerados e “bicos” de vários tipos (FASTO, 2006, p. 281-282).

⁹⁵ Expressão muito utilizada nas primeiras décadas do século XX para se referir a Goiás.

O professor Chaul (2013) antevê a difícil situação de Goiás nas primeiras décadas do século XX para se integrar ao mercado nacional em um período de grande instabilidade advinda da 1ª Grande Guerra. Segundo o autor, um longo caminho deveria ainda ser percorrido para se remover os obstáculos que dificultavam o crescimento da agricultura goiana, como pontes quebradas, estradas abandonadas e as precárias finanças. A ausência dos trilhos que alcançassem as terras goianas tornava a economia de Goiás quase insustentável. Barsanulfo Gomides Borges (1990, p. 52) descreve com maior riqueza de detalhes as dificuldades que os goianos precisavam transpor para vender sua produção em outros mercados consumidores:

[...] O transporte por carro de bois e a praticamente inviável para a exportação dos produtos agrícolas. Além de transitar nas estradas apenas na estação seca, os custos dos fretes eliminavam a possibilidade de continuação do processo produtivo, bem como a competitividade dos produtos regionais em qualquer mercado de outros Estados. Muitas vezes a produção excedente não pagava nem mesmo seu próprio transporte e era preferível deixá-la “apodrecer na roça”.

Com esta discussão, objetiva-se apresentar de maneira sucinta o contexto no qual o militar do Exército, editor da revista *Informação Goyana*, viveu. Evidentemente, não se deseja explicar suas ações apenas pelo contexto em que atuou, mas se considera sua importância tal qual o *ethos* (SANTOS, 2004) que se formara a partir da Proclamação da República.

Santos (2004) acena que somente uma pequena parte da oficialidade esteve diretamente envolvida na instituição de um novo regime político. Afirma ainda:

Na realidade uma pequena parcela da oficialidade participou da proclamação. A maioria das adesões foram feitas a posteriori. Contudo, depois da Guerra do Paraguai, o episódio que mais contribuiu para a formação da identidade militar é a Proclamação da República... (SANTOS, 2004, p. 51).

É por esse caminho que, conforme a autora, realmente se constitui um *ethos* militar. Santos (2004) sugere, entre outros elementos, que o romantismo também foi relevante para a constituição do *ethos*. Após dividir o romantismo em dois aspectos, sendo um, *grosso modo*, ligado à emoção, apoiado na fé, liberdade e natureza, idealizando a realidade, e o outro, como “estilo de época é um movimento estético que configura um estilo de vida e arte predominante na civilização ocidental”, localizado na segunda metade do século XVIII e na primeira do XX, momento em que encontra sua plenitude (SANTOS, 2004, p. 59). No Brasil, a apreensão das ideias românticas se deu, principalmente, pela influência dos franceses. Com o respaldo das contribuições de Peter Gay, Santos (2004) escreve

[...] os franceses eram dentre os românticos os mais interessados na política. Escreviam sua autobiografia nas barricadas, nas casas legislativas, nos jornais ligados aos partidos. A atividade política, ou pelo menos uma linguagem política enérgica, constituía uma parte integrante da sua auto-definição. [...] Como a maioria dos [seus] contemporâneos, acreditavam que o mundo é regido por ideias, e por elas pode ser transformado. Portanto, [para os românticos franceses] quando expressas de modo adequado, as ideias não estão a serviço do poder, mas atuam como seus juízes (GAY apud SANTOS, 2004, p. 60).

Santos (2004) conclui ser viável pensar que, além do positivismo, importou-se da França também uma visão romântica, que exerceu forte influência sobre os jovens militares brasileiros com *pactos de sangue*, dispostos a sacrifícios como *morrer pela pátria* e a visão que os positivistas tinham da pátria como mulher.⁹⁶ Com essa ponderação, deseja-se alcançar uma fração de uma temporalidade na qual a personagem Henrique Silva, soldado do Exército, desenvolveu suas atividades, às vezes se opondo a esse grande pano de fundo em que as personagens se atacam, assumindo atitudes desencontradas, contrariando em menor ou maior grau o que se esperavam delas.

Não se deve esquecer das palavras de Veyne⁹⁷ (2011) de que não se vive fora desse grande aquário, que pode ser descrito como histórico, sociocultural e político. Não se deve pensar nesse *a priori histórico* como uma camisa de força, sem saída. Veyne (2011) pondera que livrar-se do aquário é deixar-se apreender por outro. Nesse caso, pode-se admitir uma determinação. Nos termos do autor:

É claro que esse *a priori histórico*, longe de ser uma instância imóvel que tiranizaria o pensamento humano, é passível de mudança, e nós mesmos terminamos por mudá-lo. Mas ele é inconsciente: os contemporâneos sempre ignoraram onde estavam seus próprios limites e nós mesmos não podemos avistar os nossos (VEYNE, 2011, p. 50).

Tem-se aqui o oficial se constituindo a partir da Proclamação da República. Em uma temporalidade expressiva em que se delinearão os projetos de Henrique Silva em diversas outras atividades profissionais: geógrafo e conhecedor do território goiano, notadamente de hidrografia, fauna e político. De posse dessas credenciais, foi convidado várias vezes para compor missões com a finalidade de resolver questões ligadas aos limites territoriais.

⁹⁶ Idem, p. 60.

⁹⁷ “[...] Somos prisioneiros de um aquário do qual nem sequer percebemos as paredes; como os discursos são incontornáveis, não se pode, por uma graça especial, avistar a verdade verdadeira, nem mesmo uma futura verdade ou algo que se pretenda como tal” (VEYNE, 2011, p. 49).

De acordo com Borges (1977), em 1889, servindo em Mato Grosso, tendo Deodoro da Fonseca como comandante das Armas⁹⁸, Silva teria participado da comissão observadora das fronteiras entre Brasil e Bolívia⁹⁹. Ademais, foi atuante na comissão encarregada, em 1919, de estudar os limites entre Goiás e Minas Gerais (LÔBO, 1974, p. 40). Acrescenta a participação de Silva na comissão que tratou do levantamento da Estrada de Ferro que deveria partir de Catalão a Cuiabá. A chefia encarregou Luiz Cruls, em 1896, pelos estudos do local destinado à nova capital da União¹⁰⁰. Essa Comissão prosseguiu os estudos até o final de 1895, quando foram suspensos os trabalhos de pesquisa por falta de verba.¹⁰¹ Das duas comissões de exploração comandadas pelo engenheiro belga naturalizado brasileiro, Henrique Silva participou da primeira, em 1892. Na segunda, a de Estudos da Nova Capital¹⁰², fora impedido de participar pelo Ministério da Guerra, que tornou sem efeito a portaria que o havia colocado à disposição “por constar achar-se esse alferes pronunciado na Formosa, Estado de Goyaz, por crime inafiançável”, tentativa de homicídio (BORGES, 1977, p. 162)¹⁰³. Cabe sublinhar que as atividades desenvolvidas por Henrique Silva¹⁰⁴ na Comissão Cruls de 1892¹⁰⁵ consolidaram sua formação como conhecedor das riquezas do planalto central.¹⁰⁶ Isso porque a equipe de pesquisadores realizou profundos estudos

⁹⁸ Manoel Deodoro da Fonseca, já marechal, foi comandante das Armas da Província de Mato Grosso entre os anos de 1888-1889. Superior Tribunal Militar/STM. Disponível em <<https://www.stm.jus.br/o-stm-stm/memoria/presidentes-de-honra/item/1667-mal-manoel-deodoro-da-fonseca>> Acesso em 17/08/2017. CPDOC. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/FONSECA,%20Deodoro%20da.pdf>> Acesso em 17/08/2017.

⁹⁹ Não foram encontrados outros registros que confirmassem os apontamentos de Borges (1977). Entretanto, Deodoro foi responsável em Mato Grosso por chefiar expedição de observação das fronteiras; nesse período, Henrique Silva esteve servindo em Mato Grosso, provavelmente sob o comando do marechal.

¹⁰⁰ [Brazilia.jor.br](http://doc.brazilia.jor.br/HistDocs/Relatorios/1896-agricultura-Cruls-instrucoes-Ferrovia-Catalao-Cuiaba.shtml). Disponível em <<http://doc.brazilia.jor.br/HistDocs/Relatorios/1896-agricultura-Cruls-instrucoes-Ferrovia-Catalao-Cuiaba.shtml>> Acesso em 16/08/2017.

¹⁰¹ Jornal *O Paiz*, 12 de dezembro de 1896. Disponível na Biblioteca Nacional/Hemeroteca

¹⁰² Comissões Cruls, MAST. Disponível em: <http://site.mast.br/territorio_ciencia_e_nacao/index.php?n=planalto_central> Acesso em 18/08/2017.

¹⁰³ *O Paiz*, 27/07/1894.

¹⁰⁴ Segundo Ronaldo Rogério de Freitas Mourão, em Luiz Cruls – Notas Bibliográficas, 2003; Henrique Silva e demais militares eram responsáveis pela segurança da Missão. Borges afirma que Henrique Silva era alferes do contingente, que servia a missão (BORGES, 1977, p. 161) Entretanto, José Lobo (1974) discorda ao afirmar que o alferes Henrique Silva fora secretário da Missão. Há de se salientar que o alferes Henrique Silva não consta na folha de pagamento da comissão Cruls; muito provavelmente receberia seus soldos pelo Ministério da Guerra (Documento disponível no Arquivo Frei Simão Dorvi, Cidade de Goiás).

¹⁰⁵ Portaria de número 119-A, 17 de maio de 1892, do Ministério dos Negócios. Citado por (MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas 2003, p. 28).

¹⁰⁶ Ver Relatório Final da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brazil, publicado em 1894, endereçado ao Ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas. Ná página 8, aparecem os membros da

sobre a região goiana para atender determinação da Constituição de 1891,¹⁰⁷ a qual estabelecia demarcação de área para a construção da nova capital (MAGALHÃES, 2011).

A mudança da capital do litoral para a região central era ideia antiga, antecedendo o regime monárquico¹⁰⁸. No segundo Império, o debate de defesa da mudança esteve nas mãos de Adolfo de Varnhagen, que por meio de pesquisa de campo elencou argumentos favoráveis à mudança. Assinala que Goiás, especificamente Formosa, era o local que reuniria os elementos naturais indispensáveis para a construção do futuro centro político devido ao clima, hidrografia e relevo. Essa movimentação de construção de uma cidade, capital do país em Goiás criou uma expectativa otimista na população goiana, principalmente naquela que possivelmente cederia parte de seu território para o Distrito Federal (MAGALHÃES, 2011). Dentre essa população, destaca-se um grupo de intelectuais, especialmente Henrique Silva, que percebeu no engajamento das ideias mudancistas um meio para o “[...] real desenvolvimento das potencialidades da região” goiana (MAGALHÃES, 2011, p. 52). Tornou-se necessária a ampliação das ideias mudancistas e sua repercussão nos municípios próximos à área demarcada. Assinala-se que a criação das comissões de estudos pode ser considerada como a materialização das ideias de mudança que antes se limitavam apenas ao campo teórico.

A revista *Informação Goyana*¹⁰⁹ publicou imagem da Comissão Cruls, que também ficou conhecida pelo prenome do chefe belga no alto dos Pireneus. No registro fotográfico da Figura 1, é possível visualizar Henrique Silva junto à sua equipe¹¹⁰. A fotografia de Henrique Morize em preto e branco, que posteriormente substituiu Luiz

Comissão, e o nome do goiano Henrique Silva consta como o último da lista na patente de alferes do contingente.

¹⁰⁷ Art. 3º Fica pertencendo á União, no planalto central da Republica, uma zona de 14.400 kilometros quadrados, que será opportunamente demarcada, para nella estabelecer-se a futura Capital Federal. Disponível em Câmara dos Deputados: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1824-1899/constituicao-35081-24-fevereiro-1891-532699-publicacaooriginal-15017-pl.html>> Acesso em 18/08/2017.

¹⁰⁸ Memorial Orgânico. Disponível em Câmara dos Deputados-Biblioteca digital <<http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/3102>> Acesso em 18/08/2017.

¹⁰⁹ Revista fundada por Henrique Silva e Antônio Americano do Brasil em 1917. Em 1918, com o afastamento de Americano do Brasil para ocupar cargo no governo de Goiás, a revista continuou editada pelo major até o ano de 1935, ano de sua morte (LÓBO, José Sêneca. *Goianos Ilustres*, 1974; NEPOMUCENO, Maria de Araújo. *A Informação Goyana*, 2003).

¹¹⁰ *A Informação Goyana*, 15 de dezembro de 1919 (p. 59 e 60). Destaca-se que essa fotografia foi publicada pela primeira vez no Relatório da Comissão, disponível no MAST – Museu de Astronomia e Ciências. Não há legenda identificando as personagens da fotografia. Presume-se que a identificação na revista dos participantes da referida Comissão fora feita por Henrique Silva, que à época participou na condição de alferes do Exército e não como major (Anexo 11).

Cruls no Observatório no Rio de Janeiro, contempla quase toda a Comissão. E esta vem organizada da seguinte forma sobre os Pireneus: a primeira parte em ordem decrescente, obedecendo a uma hierarquia de importância na equipe. Na parte superior, a figura do responsável pela missão científica. Na última parte, acompanhando a descida da pirâmide, surgem outros membros, possivelmente com responsabilidades menores na equipe, dentre estes, constituindo a base, encontra-se o alferes Henrique Silva, membro do contingente militar da Comissão.

De acordo com o Relatório da Comissão, ao alcançar o pico dos Pireneus, uma série de cálculos foi realizada para medir sua altura da base até o pico, e chegou-se a um resultado de latitude com *concordância quase absoluta* com os dados do padre des Genettes,¹¹¹ mas com longitude diferenciada. Esses estudos levaram a equipe para o valor de 1385 metros para a altitude dos Pireneus.¹¹²



Figura 1

Fotografia da Comissão de Eploração do Planalto Central do Brasil. No alto, ao centro, o Sr. Luiz Cruls (chefe da Comissão). A seu lado esquerdo, o médico militar Pedro Gouvea; à direita, o General Hasfimphilo de Moura. Depois, veem-se os generais Tasso Fragaso, Alfredo Abrantes, Drs. Henrique Morize e Azevedo Pimentel; Coronel Alipio Gama e Major Henrique Silva. Ao fundo, se destaca um dos três picos que formam Os Pireneus, município de Pirenópolis (*Informação Goyana*, RJ, agosto de 1923, p. 6).

¹¹¹ Francisco Henrique Raimundo Trigant Dês Genettes (François Henry) de Panillac, próximo a Bordeaux, França, 1801, escreveu, entre outros, *Estudos geológicos da Província de Goyaz*. Formou-se em “humanidades” na Escola de Montpellier. Tornou-se médico pela Academia de Medicina de Brest. Esteve em vários lugares antes de vir para o Brasil, em 1839. Esteve no Rio de Janeiro, depois em Ouro Preto e Araxá, Uberaba, em 1854, onde foi de tudo um pouco, inclusive médico, professor e político. Com 67 anos de idade, em 1868, estabeleceu-se em Pirenópolis (Meia Ponte). Disponível Usina de Letras <<http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=35459&cat=Artigos>> Acesso em 10/02/2017.

¹¹² Ver Relatório Final da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brazil. Rio de Janeiro, H. Lombaerts & C., Impressores do Observatorio, 1894, p. 25-26. Disponível digitalizado na Biblioteca do Senado Federal.

Foi também no alto dos Pireneus que Henrique Silva assina, com os demais componentes da Comissão, documento registrando a passagem por aqueles montes. No Relatório produzido por Luiz Cruls e sua equipe, lê-se:

Querendo deixar no cume dos Pyreneus um padrão da nossa ascensão, ahí collocámos um documento, que depois de assignado por todos os que se achavam presentes foi encerrado n'uma caixa de metal convenientemente sellada. Segue: “*Ascensão ao Pico dos Pyreneus*” – Alto do Pico mais elevado, em 8 de agosto de 1892. – A’s 12 horas da manhã do dia 8 de agosto de 1892, 4º Republica dos Estados-Unidos do Brazil, chegou ao alto d’este pico, o mais elevado d’entre os dos Pyreneus, a Commissão Exploradora do Planalto Central do Brazil e aqui fez observação para determinar com maior precisão as coordenadas d’esta posição.

E para atestar em qualquer época a sua presença lavrou este documento que é por todos assignado e que depois convenientemente lacrado, fica depositado no alto do próprio pico. Assignaram: – L. Cruls. – Antonio Pimentel. – H. Morize. – Tasso Fragoso. – Pedro Gouvêa. – A. Abrantes. – Alipio Gama. – Hastimphilo de Moura. – P. Cuyabá. – Henrique Silva. – Paulo de Mello” (Comissão Exploradora do Planalto Central do Brazil 1894, p. 26-27)¹¹³.

Registro também interessante, marcando a passagem do bonfinense na Expedição, encontra-se no acervo pessoal do chefe da equipe Luiz Cruls. Uma carta que resistiu ao tempo por mais de cem anos, de um senhor de nome Joaquim Luiz Teixeira Brandão¹¹⁴, endereçada ao amigo, chefe da expedição, solicita, a pedido da mãe de Henrique Silva, proteção para o alferes.¹¹⁵ Por certo, dona Anna tinha razões muito maiores e desconhecidas para pedir que Luiz Cruls protegesse seu filho, não deixando *que se metesse em embrulhadas*.¹¹⁶ Entretanto, se não há possibilidade de identificar toda a preocupação materna, pode-se, por meio dos jornais, identificar alguns indícios, segundo Ginzburg (2007), que remetem para a dimensão da preocupação de dona Anna para com o filho Henrique Silva.¹¹⁷

¹¹³ Ao se comparar os membros citados na página 8 do Relatório e os presentes no ato da assinatura do documento no monte Pireneus, registra-se a ausência de alguns.

¹¹⁴ Possivelmente, trata-se do coronel Joaquim Luiz Teixeira Brandão, nascido em 06 de outubro de 1837 em Pirinópolis. Filho do comendador João Luiz Teixeira Brandão e de Maria Mafalda de Pina. Foi abastado comerciante, deputado federal e fazendeiro. Faleceu no Rio de Janeiro em 1906. JAYME, Jarbas. Esboço Histórico de Pirenópolis, 1ª edição póstuma. 1971, p. 308.

¹¹⁵ L.C.T.1.022 Carta de Joaquim Luiz Teixeira Brandão a L.C. Solicitando sua proteção para Henrique Silva – Bonfim [Minas Gerais]?, 7 nov. 1892.1d., 1f. Dupla. Disponível Museu de Astronomia e Ciências Afins/MAST<http://www.mast.br/visite_o_mast.html>Acesso em 10/01/2017.

¹¹⁶ L.C.T.1.022 Carta de Joaquim Luiz Teixeira Brandão a L.C. Solicitando sua proteção para Henrique Silva – Bonfim [Minas Gerais]?, 7 nov. 1892.1d., 1f. Dupla. Disponível Museu de Astronomia e Ciências Afins/MAST<http://www.mast.br/visite_o_mast.html>Acesso em 10/01/2017.

¹¹⁷ *O Paiz* Henrique Silva chega ao Rio de Janeiro, de São João Del Rey detido sob escolta de um oficial. *O Paiz* 05 de maio de 189? (inlegível o último número); No mesmo jornal, 09/11/1899, Henrique Silva é absolvido de injúria por um tribunal militar; em outra publicação no mesmo periódico, o alferes goiano é absolvido pelo Conselho de Guerra, ficando concedida *menagem* na cidade do Rio de Janeiro.

Na trajetória de vida de Henrique Silva, encontram-se crimes cometidos, brigas, prisões, licenças médicas em excesso do serviço militar e uma vida noturna dinâmica. Alguns versos escritos por Higino Alves Rodrigues¹¹⁸ reforçam essa face do militar Henrique Silva:

Boêmio, folgazão, muito casquilho,
Visita sempre as redações da imprensa,
E eu conto aqui, se me dão licença,
Ama o vinho e as mulheres com seu brilho.¹¹⁹

Esse lado pouco divulgado pela imprensa da época apresenta o jornalista e militar brincalhão, preocupado em se vestir bem, festeiro, amante da noite, de vinho e mulheres. Ao contrário do que se pode imaginar, essas qualidades enriquecem a personagem, pois a mantêm no mundo dos homens. Certamente, uma contribuição a mais para o leitor não cair nas armadilhas da narrativa heroica construída por Silva. Mesmo que talvez este não pensasse assim, estar no mundo poderá conferir maior visibilidade ao seu projeto de memória.

Posto que nem tudo na vida de um indivíduo é linearidade e homogeneidade, conforme Bourdieu (1986) em a *Ilusão biográfica*, o militar goiano apresentou também, durante longa trajetória, sua face comprometida com os destinos da nação republicana em seus primeiros anos de instituição, principalmente com Goiás e suas possibilidades naturais e econômicas. Da Província à cidade do Rio, desta a Goiás. Em um desses momentos, o militar goiano ocupou cargo em Goiás no comando da 11ª Companhia de Caçadores de Goiás, conforme ofício endereçado ao intendente municipal.¹²⁰ Não se pode afirmar por quanto tempo morou em seu estado. O retorno à capital federal, contudo, pode ter ocorrido cinco anos após a emissão do referido documento, quando da publicação do primeiro número de *Informação Goyana* em 1917, na cidade do Rio de Janeiro.

De posse de inúmeras experiências não apenas da vida militar, o major procurou demonstrar intensa capacidade ao buscar a transformação de Goiás via mundo das letras. Em alguma medida alcançou esse fim, usando sua pena a serviço da terra natal. Soube como poucos divulgar as potencialidades econômicas do Estado de Goiás,

¹¹⁸ Higino Alves Rodrigues 1869-1906, poeta goiano. Disponível em Portal Vermelho <http://www.vermelho.org.br/coluna.php?id_coluna_texto=3277&id_coluna46> Acesso em 09/09/2017.

¹¹⁹ BORGES, 1977, p. 163.

¹²⁰ Ofício de 196, 11ª Companhia de Caçadores. Goyaz 29 de junho de 1912 ao intendente municipal Major João da Rocha Lima pedindo providências acerca de propriedades nacionais; argumenta que a Casa da Pólvora é de propriedade da União (Fundo: P.M.G.; Série: Histórico; Sub-serie: Ministério da Guerra. (Fundação Educacional da Cidade de Goiás – Casa Frei Simão Dorvi.

e ao mesmo tempo, iniciar a remoção de um véu posto sobre o Estado com informações equivocadas do governo central e do Brasil litorâneo. Estes, na concepção do escritor, dificultavam a visualização das belezas e das potencialidades do Estado *mais central do Brasil*.

Como jornalista, o major bonfinense colaborou em diferentes periódicos do Brasil entre o final do século XIX e o primeiro quartel do século XX. Publicou nos jornais *O Paiz*, *O Correio da Manhã*, *Jornal do Comércio*, *Diário de Notícias*, *Jornal do Brasil*, *Brasil Ferro-Carril*, *Tribuna do Povo (RS)*, *Revista Kosmos*, *Lutador Goiano*, *Correio Oficial de Goyaz*, *Goyaz – Orgão Democrata*, *O Publicador Goiano*, entre tantos outros.¹²¹ Há que se destacar também, na imprensa brasileira, os esforços desse jornalista/militar em editar uma das mais importantes revistas que circulou pelo Brasil e Estado de Goiás entre 1917 a 1935. Ali, Silva discutiu assuntos diversificados do relevo, hidrografia, clima fauna, flora, pecuária e agricultura. A essas abordagens realizadas na revista se acresce o seu tempo de circulação, dezoito anos, recebendo poucos recursos dos governos que administravam Goiás (NEPOMUCENO, 2003).

A revista *Informação Goyana* circulou por longo tempo com o apoio de um grupo de colaboradores goianos que viveram na cidade do Rio de Janeiro.¹²² Em consonância com Pina (1971, p. 99), o projeto de uma revista data de 1891, quando “Henrique Silva fez editar no Rio de Janeiro a *Revista Central* (grifo do autor) que circulou no mês de agosto”¹²³. Apesar dos desencontros de datas sobre a *Central*, a revista sucessora *Informação Goyana* foi editada pela primeira vez em 15 de agosto de 1917, sob o controle dos parentes Henrique Silva e Antônio Americano do Brasil.¹²⁴ Essa trouxe estampado no editorial, na edição do ano I, vol 1/n. 1, o seguinte fragmento como justificativa para sua criação:

O que mister é tornar melhor conhecidos de nós mesmos e dos estrangeiros o seu [Goiás] saluberrimo clima, as suas riquezas extraordinárias, as suas fontes de vida, as suas possibilidades economicas – como também refutar com factos e algarismos exactos as apreciações injustas que tantas vezes em livros e na imprensa se tem propalado ácerca da terra goyana. Em geral, o que aqui na Capital Federal se sabe do Estado de Goyaz – a imprensa particularmente – é confundil-o com o de Matto Grosso.

¹²¹ LÔBO, Sêneca. Goianos Ilustres, Oriente, Goiânia, 1974, p. 41.

¹²² De acordo com Nepomuceno, os principais colaboradores foram Eduardo Sócrates; Colemar Natal e Silva; José Carlos de Carvalho e Victor de Carvalho Ramos; Hugo de Carvalho Ramos; Mário Vaz; Jorge Maia; Francisco Ayres da Silva; ao todo foram 188 colaboradores durante o tempo de circulação da Revista.

¹²³ O Jornal *O Paiz*, na edição de 29 de dezembro de 1891, registra a circulação da revista *Brazil Central* nº 04, sob a responsabilidade de Henrique Silva.

¹²⁴ Segundo Mannheim (1928), as gerações não se estabelecem dentro de um tempo determinado entre os contemporâneos.

O periodismo carioca nas suas revistas dos Estados não inclui nunca o de Goyaz. Nem nos trabalhos organizados pela Diretoria de Estatística Commercial do Rio de Janeiro o simples vocabulo indigena Goyaz vem mencionado (INFORMAÇÃO GOYANA, 1917, nº1).

Nas primeiras linhas, publicadas na primeira página, a revista *Informação Goyana* demonstrava a que veio: demolir ideias preconcebidas, a indiferença e injustiças acerca de terras/clima propícios ao desenvolvimento. Nesse processo dialético, destruição/construção, Goiás se mostrou tal como era, espaço gerador de riquezas. É certo que a revista utilizou de cores vivas para apresentar essa pintura desconhecida por grande parte da nação brasileira. Essas eram características marcantes do fundador¹²⁵ de *Informação Goyana*, Henrique Silva. Esse modo de escrita em que o Brasil Central foi tema recorrente esteve presente em dezenas de produções textuais, dentre as quais *A caça no Brasil Central*; *Poetas Goianos*; *Esboço Biográfico do Comendador Francisco José da Silva*¹²⁶; *Fauna Fluviátil de Goiás* (Tocantins e Araguaia); *Fauna Fluviátil de Goiás* (Paranaíba); *Indústria Pastoril*; *Sumé e o destino da Nação Goiás*; *Contribuição para a Geografia Zoológica do Brasil*; *Caçadas no Brasil*; *A Extinta Nação Goiás*, nos Anais do XIX Congresso de Americanistas; *Dois Variedades Novas e Electroforídes do Brasil Central*; *Pérolas e Conchas Perlíferas do Araguaia*; *O Pescador Brasileiro*; *A Bandeira do Anhanguera 1722*; *O Folclore do Brasil Central*; *Chácaras e Quintais*; *O Pescador Brasileiro* (BORGES, 1977; 1981; LÔBO, 1974).¹²⁷

A produção textual de Henrique Silva foi caracterizada na literatura goiana no período sincrético, que compreende 1902 a 1928 e se define por uma literatura eclética entre o parnasiano-simbolista e o romantismo (GOYANO & CATELAN, 1968). Seja munido de espada ou da pena, Henrique Silva lutou na defesa de seus projetos. No entanto, na vida desse soldado-cidadão¹²⁸ ocorreram diversas situações, entre pausas ou tréguas que lhe possibilitaram a prestação de solidariedade, como registraram os jornais do período, particularmente *O Paiz*. O que se pretende ao acompanhar as ações do diretor de *Informação Goyana* nos jornais é a elaboração de uma *escrita de si* ou o fazer-se continuamente Henrique Silva, tendo em vista a construção do projeto memória

¹²⁵ Não é demais lembrar que a revista circulou entre 1917 a 1935, ano da morte de seu editor geral.

¹²⁶ Publicação que corrobora a ideia de construção de um projeto de memória.

¹²⁷ Dos livros citados, encontraram-se apenas dois: o esboço biográfico do Comendador Francisco José da Silva (IPEHBC) e *A caça no Brasil Central* (Prólogo de Couto Magalhães) (Biblioteca Nacional).

¹²⁸ Referência ao projeto positivista de soldado.

inserido no projeto de ascensão econômica de Goiás ao lado dos grandes entes da Federação.

Ademais, consideram-se essas ações do militar goiano, publicadas nos grandes jornais do Brasil *O Paiz*, *Correio da Manhã*, como uma *escrita de si*, como referido, porque acredita-se que a maioria dessas publicações são notas divulgadas muito provavelmente a pedido do próprio Henrique Silva em diferentes temporalidades que vão de 1890 a 1899 e de 1900 a 1910.¹²⁹ Desse modo, as páginas dos jornais assumem ou se aproximam de uma escrita (auto)biográfica, não obstante serem públicas. Essa escrita pode se caracterizar em um projeto, consciente ou inconsciente, não importando se contemplará coerências ou incoerências em relação aos projetos individuais traçados pelo militar em um contexto no qual se desenvolverão as ações do sujeito.

Frisa-se que essa aproximação, apesar de não contemplar outras ambiências da vida privada, não terá menos força para o que se reivindica nessas linhas, mesmo que realizada a pedido, encomendada, produzida indiretamente pelos profissionais do jornalismo. Lembra-se que isso só foi possível em função da boa interação entre as partes, ou seja, o militar jornalista e seus pares das redações, estes últimos constituindo-se em seus porta-vozes. Na Tabela 1, tem-se uma amostra¹³⁰ de suas ações.

Publicações de HENRIQUE SILVA				
no Jornal <i>O Paiz</i>¹³¹				
DATA	PATENTE	ASSUNTO	ESPAÇO	OBSERVAÇÃO
26/02/1890	Cadete	Escola de Tiro Realengo	07 linhas	HS ¹³² Complementa estudo/armas
09-06-1890	Alferes	Reunião fundação Clube Goiano	26 linhas	H.S. nomeado para ajudar org. estatuto
23/01/1891	Alferes	Doação de soldo a viúva Benjamin Constant	Coluna contendo centenas de outras assinaturas	O periódico traz outras doações
18/12/1891	Alferes	Ato defesa a República	Col. com centenas assinaturas	Apoio ao presidente Floriano Peixoto
28/01/1892	Alferes	Elogio por bravura	Ext. lista sold.	Revolta da Armada
13/09/1893	Alferes	Chega à capital no comando de 35 praças	13 Linhas	10º reg. sob comando de HS estava Santos/SP

¹²⁹ A partir de 1917, ano de início de circulação de a *Informação Goyana*, as publicações nos grandes jornais diminuem significativamente.

¹³⁰ Tabela completa, Apêndice 01.

¹³¹ Jornal *O Paiz*, 1890/1917.

¹³² Henrique Silva.

13/02/1894	Alferes	Ferido/face espada	11 linhas	Treinamento militar
29/09/1895	Alferes	Disposição ao Min. da Indústria	04 Linhas	Nomeação C.E.P.C.B. ¹³³
11/12/1896	Alferes	Confusão por lugar em Teatro	31 linhas	Recebeu ordem de prisão
19/03/1897	Alferes	Festeja aniv c/ personagens das letras	46 Linhas	Almoço das 12 às 17hs no <i>Roiiserie Castellões</i>
22/07/1898	Alferes	...e amigo espancados na madrugada da cidade do Rio	64 linhas	Queixa feita pelo amigo Antonio Villa Boas
09/11/1899	Alferes	Absolvido por injúrias a colega	09 Linhas	Tribunal Militar julgou outros casos
01-10-1908	Capitão	Velório de Machado de Assis	Matéria extensa sobre escritor falecido	Às 23hs do dia anterior HS entre outros velório MA ¹³⁴
14/01/1910	Capitão	Visita senador enfermo	19 linhas	-
29/07/1911	Capitão	Candidato a deputado estadual	24 linhas	Partido Democrata
15/05/1913	Capitão	Deputado ¹³⁵ HS preso por general	02 colunas	Deputado HS recebe ordem de prisão
09/07/1915	Capitão	Publica na revista <i>Apollo</i>	A nota divulga a revista	Título: A origem da noite
04/12/1916	Capitão	Faz conferência	05 linhas	Soc. Nac. Agric.
03/04/1917	Capitão	Publicação sobre bandeirantes	30 linhas	Bandeira do Anhanguera

Tabela 1 – Publicações de Henrique Silva no Jornal O Paiz
Fonte: Elaborada pelo autor.

Pode-se afirmar que uma ou outra publicação fugiu do controle do sujeito Henrique Silva.¹³⁶ Observa-se que essa produção no jornal pode ser entendida como um suporte que serviu para materializar as ideias do escritor, configurando um recurso de aproximação com (auto)biografia no sentido literal do termo ou por meio de uma *escrita de si*. Para corroborar estes argumentos, cita-se Gomes (2004, p. 11) quando assevera:

Essas práticas de produção de si podem ser entendidas como englobando um diversificado conjunto de ações, desde aquelas mais diretamente ligadas à escrita de si propriamente dita – como é o caso das autobiografias e dos diários –, até a da constituição de uma memória de si, realizada pelo recolhimento de objetos materiais, com ou sem a intenção de resultar em

¹³³ Comissão de Exploração do Planalto Central do Brasil.

¹³⁴ Machado de Assis.

¹³⁵ O perfil biográfico de Henrique Silva encontra-se disponível na Assembleia Legislativa de Goiás <<https://portal.al.go.leg.br/deputado/perfil/deputado/2048>> Acesso em 07/08/2017.

¹³⁶ Jornal *O Paiz* de 27/09/1895: *Alferes Henrique Silva pede demissão do Exército*. Em edição seguinte, o jornal desfaz o mal entendido.

coleções. É o caso das fotografias, dos cartões-postais e de uma série de objetos do cotidiano, que passam a povoar e a transformar o espaço privado da casa, do escritório etc. em um “teatro da memória”. Um espaço que dá crescente destaque à guarda de registros que materializem a história do indivíduo e dos grupos a que pertence. Em todos esses exemplos do que se pode considerar atos biográficos, os indivíduos e os grupos evidenciam a relevância de dotar o mundo que os rodeia de significados especiais, relacionados com suas próprias vidas, que de forma alguma precisam ter qualquer característica excepcional para serem dignas de ser lembradas.

Nesse sentido, se reivindica aqui, embora a publicização dos conteúdos das notas via meio de comunicação que visa a um amplo público¹³⁷, que as publicações realizadas nos jornais podem ser incluídas como diferentes suportes para uma *escrita de si*. Não se esquecendo de outras contribuições de Gomes (2004) quando trata de outro suporte que materializa a escrita privada, a correspondência. Adianta a autora: “Escrever cartas é assim ‘dar-se a ver’, é mostrar-se ao destinatário, que está ao mesmo tempo sendo ‘visto’ pelo remetente...” (GOMES, 2004, p. 19). O que se busca nesse fragmento é a realização de outra aproximação das notas publicadas em jornais com o suporte material, a carta. Ao se considerar que assim como as cartas têm um ou mais destinatários, principalmente se se levar em conta que a missiva se torna propriedade de quem as recebe, guardando-as ou compartilhando-as, embora sem intenção no arquivar, os jornais também cumprem esse objetivo. O mesmo se pode afirmar com a produção de uma biografia ou autobiografia, pois ao fazê-la o indivíduo tem em vista o registro, com demarcação espacial e temporal ou o quê, quando e onde na constituição de seu projeto de memória. Ao escrever, ele, o indivíduo, busca mostrar a si mesmo¹³⁸ e ao outro. E esse apresentar-se do indivíduo ao outro não precisa necessariamente contemplar todas as ambiências de sua vida social. Isso vem dirimir as dúvidas e reforçar a proposta defendida neste capítulo, qual seja, as ações de Henrique Silva cronologicamente registradas na imprensa carioca configuram uma produção de si visando a seu projeto de memória.

A lógica da escrita individualizada, transferida/concedida ao outro nas redações dos jornais não enfraquece o caminho aqui percorrido. Tendo isso em vista, recorrem-se a algumas das muitas e importantes reflexões realizadas por Sabina Loriga (1998) acerca da biografia em virtude das centenas de notas publicadas sobre/por Henrique Silva nos jornais da capital Rio de Janeiro nos primeiros anos da República.

¹³⁷ Ou restrito, uma vez que Henrique Silva “escreve” somente aos letrados que por sua vida têm interesse.

¹³⁸ Porque se constitui de forma identitária.

A fronteira que separa a biografia da história sempre foi bastante imprecisa. Em relação a esse ponto, assistimos recentemente a uma reviravolta radical. Após um longo período de desgraça, durante o qual os historiadores se interessaram pelos destinos coletivos, o indivíduo voltou hoje a ocupar um lugar central em suas preocupações (LORIGA, 1998, p. 225).

Nesse âmbito, a biografia é colocada como problema. A sua redescoberta liga-se a experiências no campo da história, tendo a atenção focada no “cotidiano”, nas “subjetividades outras”. Exemplifica a autora com a história oral, os estudos sobre a cultura popular e a história das mulheres. Há o desejo de estender o campo da história, “trazer para o primeiro plano os excluídos da memória, reabrir o debate sobre o valor do método biográfico” (LORIGA, 1998, p. 225). Sublinha-se que Henrique Silva não se enquadra exatamente no grupo dos excluídos da memória, como se refere a autora. Entretanto, não se pode assinalar que ele pertencia ao grupo de grandes estrelas do universo político goiano no início da República.¹³⁹

Com o respaldo de Loriga (1998), interessa-se aqui não tanto pelo homem homogêneo, individualizado, concreto, coerente, mas sobretudo por aquele indivíduo em sua multiplicidade de ações, às vezes incoerente com o contexto em que vivia. O cotidiano de Silva apresenta algumas pistas que se aproximam das preocupações de Loriga (1998) quando esta autora reflete sobre a volta da biografia. Entende-se que o militar goiano, ao realizar suas ações, corrobora para o encontro desse homem múltiplo.

A Tabela 1 possibilita *contemplar “sua” escrita de si*, isto é, de Henrique Silva no jornal *O Paiz*. Nela, Silva aparece *doando um dia* de soldo como alferes à viúva de Benjamin Constant¹⁴⁰. Em situação de lazer, recebe ordem de prisão por suposto coronel em uma discussão em um teatro.¹⁴¹ Em momento de tensão na recente República, comanda *trinta e cinco praças* na revolta da Armada. Esse militar, para alcançar seus projetos, pode comparecer à missa em homenagem a um conterrâneo¹⁴² ou ao tribunal de guerra sendo absolvido por injúria a um colega.¹⁴³ Mesmo distante do norte e envolvido em suas atribuições de militar, jornalista e editor, se comove e assume atitude solidária, abrindo mão de recursos obtidos com a venda de cem exemplares de sua autoria aos brasileiros que sofriam com a seca¹⁴⁴. Em outro momento, o meio de

¹³⁹ Não com o poder que a família desfrutou no Segundo Império, como se apresenta no capítulo um, com força para interferir na política, especialmente na cidade de Bonfim.

¹⁴⁰ Jornal *O Paiz* - Anexo 12.

¹⁴¹ Jornal *O Paiz* - Anexo 13.

¹⁴² Jornal *O Paiz* - Anexo 14.

¹⁴³ Jornal *O Paiz* - Anexo 15.

¹⁴⁴ Jornal *Correio da Manhã* - Anexo 16.

comunicação registra as agressões sofridas por Henrique Silva e um colega na madrugada; em outra ocasião, combatendo na Associação de Agricultura, um *pessimista*, segundo ele, que dizia que o Brasil não possuía condições de produzir papel para imprensa. Um de seus aniversários lembrados por “seus porta-vozes” é emblemático, ocorrido em 19 de março de 1897¹⁴⁵, no qual tomaram parte José do Patrocínio, Olavo Bilac e outros em almoço que se estendeu até às dezessete horas em homenagem a Figueiredo Coimbra e o amigo Henrique Silva. Outra data marcante de participação do militar goiano foi no velório de Machado de Assis: lá estava estampado na página do jornal diário, em 01 de outubro de 1908, *as onze horas da noite de ontem velavam o cadáver... o capitão Henrique Silva*.¹⁴⁶ O que fazia o militar ali, naquele momento? O escritor Machado de Assis já era muito respeitado no meio literário na sociedade carioca. Estar presente no momento último do grande romancista possibilitaria a Silva algumas linhas importantes em sua construção de si, em seu projeto e memória.¹⁴⁷

As participações desse militar sinalizam muitos aspectos. Um deles é a necessidade de ascensão social e política entre os brasileiros, especialmente os goianos. Igualmente, o de se destacar entre seus conterrâneos, recuperando o período áureo da família Silva. E nessa direção, apresentar-se como o sujeito goiano que participara do fazer histórico não como expectador, mas especialmente como ator, cujo desempenho foi relevante nas primeiras décadas da recente República brasileira. Estar no velório de Machado de Assis, após às vinte e duas horas; apoiar Floriano Peixoto no comando da República; Hermes da Fonseca como Ministro da Guerra e posteriormente como candidato à Presidência da República; candidatar-se a deputado estadual por Goiás, pelo Partido Democrata; e ser eleito, entre muitas outras ações, reforçam a singularidade desse jornalista, que atuava em múltiplas frentes imortalizadas pelas páginas do jornal *O Paiz*. Infelizmente, o jornal não noticiou que o deputado eleito não tomou posse. Segundo Itamir Campos (2011, p. 111): “Henrique Silva, candidato pelo 6º Círculo Eleitoral, não teve seus votos reconhecidos pela Comissão de Verificação de Poderes, sob alegação de ‘não ter espaço de tempo de residência no Estado’”, não obstante os apelos para o reconhecimento de seu mandato, não assume como deputado.

¹⁴⁵ Jornal *O Paiz*.

¹⁴⁶ Jornal *O Paiz* – Anexo 17.

¹⁴⁷ Acredita-se que não há nenhuma menção a Machado de Assis em toda a produção escrita de Henrique Silva, tanto no jornal *O Paiz* quanto em *Informação Goyana*.

O que se buscou com a Tabela 1 e alguns exemplos dos jornais¹⁴⁸ *O Paiz* e *Correio da Manhã* foi estabelecer uma cronologia, a exemplo de (auto)biografia, na qual se possa vislumbrar a ascensão do militar que chegou à patente de major no Exército. Procurou-se observar também outras faces desse indivíduo múltiplo, um *homem coral*, conforme refletiu Loriga (1998), aquela personagem que ora se identifica com o contexto, que deve ser levado em consideração, e ora segue seu rumo, com algumas ações contraditórias a esse contexto. Para a autora,

[...] a biografia coral concebe o singular como um elemento de tensão: o indivíduo não tem como missão revelar a essência da humanidade, ao contrário ele deve permanecer particular e fragmentado. Só assim, por meio de diferentes movimentos individuais, é que se pode romper as homogeneidades aparentes (por exemplo, a instituição, a comunidade ou grupo social) e revelar os conflitos que presidiram à formação e à edificação das práticas culturais: penso nas inércias e na ineficácia normativa, mas também nas incoerências que existem entre as diferentes normas, e na maneira pela qual os indivíduos, “façam” eles ou não a história, moldam e modificam as relações de poder (LORIGA 1998, p. 249).

As considerações de Loriga (1998) remetem a um contexto cultural no qual os indivíduos não apreendem as normas estabelecidas. E nessa interpretação cultural, o espaço para incoerências está sempre aberto, reafirmando a capacidade desse sujeito de reação e intervenção, segundo Mannheim (1928), produzindo outra configuração *geracional*.

Ângela de Castro Gomes (2004), em reflexões acerca do individualismo na literatura de ciências sociais, pondera que

[...] os tempos modernos são de consagração do lugar do indivíduo na sociedade, que como uma unidade coerente que postula identidade para si, quer como uma multiplicidade que se fragmenta socialmente, exprimindo identidades parciais e nem sempre harmônicas. Essa tensão constitutiva do individualismo moderno tem implicações fundamentais para o estabelecimento das modalidades de produção de si anteriormente já referidas. Isso porque, com essa nova categoria de indivíduo, transformam-se, entre outras, as noções de memória, documento, verdade, tempo e história (GOMES, 2004, p. 12).

Afirma Gomes (2004), em consonância com Loriga (1998), que pensar em memória, com desdobramentos para a história, torna legítimos os procedimentos de construção e guarda de uma memória individual ou comum no que se refere à memória de grupo social, nacional ou de “grande” homem.

Os argumentos que sustentam as novas práticas derivam tanto da assertiva sociológica de que todo indivíduo é social, quanto do reconhecimento da radical singularidade de cada um. Uma singularidade que se traduz pela multiplicidade e fragmentação do próprio indivíduo e de suas memórias

¹⁴⁸ Existe quase uma centena de registros apenas nesses dois jornais, entre 1890 a 1909.

através do tempo, sem que tal dinâmica torne falso (muito pelo contrário) o desejo de uma “unidade do eu”, de uma identidade. É exatamente porque o “eu” do indivíduo moderno não é contínuo e harmônico que as práticas culturais de produção de si se tornam possíveis e desejadas, pois são elas que atendem a demanda de uma certa estabilidade e permanência através do tempo (GOMES, 2004, p. 12).

Bourdieu (1986, p. 184), em *A ilusão biográfica*, assevera que pensar, falar e escrever uma história de vida como relato de sentido, que tem começo, meio e fim, ou uma trajetória a ser percorrida de forma coerente “é aceitar tacitamente a filosofia da história no sentido de sucessão de acontecimentos históricos”, estando implícita como teoria do relato. Daí pode-se extrair pelo menos um pressuposto, o de que a vida se constitui um todo ou um conjunto que pode ser apreendido como unidade. O autor atribui essa busca pela unidade totalizante à existência de mecanismos sociais que “favorecem ou autorizam a experiência comum da vida como unidade e como totalidade” (BOURDIEU, 1986, p. 184), e afirma que o nome próprio é a instituição mais evidente ou um ponto fixo em um mundo em movimento. Corroborando o sociólogo, Gomes (2004) defende que essa fragmentação, a incompletude do indivíduo pode ser pensada como uma estratégia realizada no interior de uma tensão do individualismo moderno. Em seus termos:

As práticas de escrita de si podem evidenciar, com muita clareza, como uma trajetória individual tem um percurso que se altera ao longo do tempo, que decorre por sucessão. Também podem mostrar como o mesmo período da vida de uma pessoa pode ser “decomposto” em tempos com ritmos diversos: um tempo da casa, um tempo do trabalho etc. (GOMES, 2004, p. 13).

Essa busca pela unidade empreendida por Henrique Silva por um meio que tornou pública sua vida não pode inviabilizar a proposta aqui defendida de uma *escrita de si*, uma vez que, como discutido nesta pesquisa, essa escrita, notadamente a (auto)biográfica, visa a um conjunto de pessoas; logo, sai da esfera do privado, alcançando a publicização de seus feitos. Buscar a completude desses vários “eus” que se estabelecem em diferentes domínios sociais pode, seguramente, caracterizar uma reivindicação do sujeito por uma identidade. Assim, têm-se os três pontos fundamentais desta pesquisa: o projeto de memória, a constituição identitária e a defesa contundente dos interesses de Goiás nos artigos publicados em *Informação Goyana*, a serem abordados no capítulo 3.

Apesar do empenho de Henrique Silva na construção de sua imagem de guerreiro, observam-se as dificuldades enfrentadas pelo militar para o êxito de seus

objetivos. Algumas vozes publicadas em *Informação Goiana* se levantaram denunciando a pouca ou nenhuma valorização atribuída ao editor chefe da revista.

Ao percorrer outras temporalidades, o ofício de escrita da história permite essa mobilidade, depara-se com o futuro/presente de Henrique Silva e algumas dificuldades que ainda enfrenta para se eternizar. Na cidade de Bonfim, hoje Silvânia, os cidadãos¹⁴⁹ têm estado distantes no trato com projetos de memória. Henrique Silva está hoje muito esquecido em sua terra natal, especialmente em Bonfim, que o viu nascer. No entanto, há matérias publicadas no *Jornal a Voz*¹⁵⁰, por ocasião do aniversário da cidade, e poucas e breves citações de livros¹⁵¹ que destacam as personalidades ilustres da antiga Bonfim.

Essas ações, como assinalado no capítulo um, podem resultar em um retorno aos lugares de memória. Lembra-se também das contribuições de Hartog (apud SCHMIDT, 2021), as quais supõem que essa “volta” à biografia esteja relacionada às falhas do regime de historicidade presentista. Assevera o autor:

Esse presente já inquieto, descobriu-se em busca de raízes e de identidade, preocupado com a memória e as genealogias. [...] Como se desejasse preservar, e de fato reconstituir, um passado já desaparecido ou a ponto de apagar-se (HARTOG apud SCHMIDT, 2012, p. 192).

Chamam a atenção não a escritura de um diário, mas as comemorações e os escritos produzidos durante esse *presente inquieto*. Identificam-se construções de pequenas e/ou esboços de memórias ou biografias na cidade goiana de Silvânia, apesar das preocupações em somente enfatizar as características edificantes das personagens. Nesse caso, pode-se considerar como um modelo de biografia o exemplar padrão, referência para os homens e mulheres do presente pensando-se em reforço de determinadas identidades de classe, gênero, raça, geração, região, religião, nação, entre outras (SCHMIDT, 2012). Essa modalidade de escrita está prestes à superação¹⁵², assim como foi a perspectiva de outrora com a *história magistra vitae*. Uma pergunta que se faz, sem, contudo, precisar a resposta, é: por quem é feito o esforço de produção de tais

¹⁴⁹ Seguramente, uma parte apenas.

¹⁵⁰ Jornal da cidade de Silvânia.

¹⁵¹ Borges Humberto Crispim. História de Silvânia. Goiânia, Cerne, 1981; Sanches, Cida. De Bonfim a Silvânia, Edit. Kelps, 2011, p. 37.

¹⁵² Sabina Loriga, 1998; Benito Bisso Schmidt, 2012.

memórias nas quais Henrique Silva¹⁵³ é apenas uma de suas muitas personagens contempladas?

Reafirma-se: a ambiência das letras é um *lugar de memória*, cujo esforço também pode ser entendido como um reviver identitário da cidade, outrora considerada espaço das letras, porque produziu grandes nomes da literatura goiana, dentre os quais Henrique Silva. Este último contribuiu para *refundar* com sua pena, em diversos jornais do Brasil, um Estado, o de Goiás, e continuou seu trabalho à frente da coordenação da revista *Informação Goyana*, utilizada para divulgar as potencialidades econômicas do estado goiano em níveis nacional e internacional, buscando seu desenvolvimento. E ainda para desfazer a confusão de políticos, jornalistas, intelectuais em geral, órgãos públicos acerca da localização de Goiás, que frequentemente trocavam esse por outras unidades da Federação pertencentes à região central do Brasil.

De volta ao problema posto anteriormente: o reforço de lugares de memória e, por que não, dos problemas colocados pelo presentismo, explicitado pelas letras, por publicações recorrentes na antiga Bonfim. Ao olhar mais atentamente para a dinâmica da cidade, depara-se com uma lacuna entre o dito sobre o filho ilustre e a prática cotidiana de seus habitantes. Ao caminhar por Silvânia, vê-se o esforço identitário percorrido pelas escrituras evaporar-se na materialidade do espaço urbano, exceto uma rua, que leva o nome Henrique Silva e um busto inaugurado na Praça Rui Barbosa. Igualmente seu túmulo, de acabamento rústico, jaz abandonado ao lado do mausoléu de Antônio Americano do Brasil, localizado à direita da entrada no Cemitério Municipal.¹⁵⁴ Do feriado, decretado em 1974 pelo prefeito, sob homenagem póstuma ao filho da cidade, quando do traslado de seus restos mortais do Rio de Janeiro para Goiás, sob negociação do IHGG com o IHGB e grande intercessão do primeiro junto governo de Goiás não há lembrança.

¹⁵³ Nas visitas realizadas pelo pesquisador à cidade de Silvânia, encontrou-se uma pessoa que se dizia parente distante de Henrique Silva, mas que nada sabia a seu respeito.

¹⁵⁴ Ver anexo 1.

CAPÍTULO 3

A PRODUÇÃO TEXTUAL DE HENRIQUE SILVA EM *INFORMAÇÃO GOYANA*: ESCRITOS, SUPORTE, LEITOR E PROJETO DE MEMÓRIA

Pretende-se, nessa fase da narrativa, realizar a análise dos artigos de Henrique Silva publicados na revista *Informação Goyana* entre os anos de 1917 a 1935.¹⁵⁵ Ressalta-se que a preocupação maior é com a produção textual do diretor geral da revista, o major Henrique Silva. Incorporam-se elementos textuais que podem indicar a recepção ou reação dos leitores aos artigos do editor geral da revista. Inclui-se também análise do suporte que possibilitou a materialização das ideias do articulista, levando-as para diferentes lugares do país e exterior. Entende-se que esse suporte constitui uma ponte ao oferecer ao autor possibilidade de expressar seus pensamentos, assim como a reação ou recepção do leitor acerca dessas ideias ou escritos. Nesse sentido, reserva-se um espaço para discutir a diagramação, a disposição espacial do material textual e imagens, mapas nas páginas da revista relacionadas aos textos do editor geral, pois são esses elementos de aproximação ou não do interesse do leitor para com a obra que lhe chega às mãos (CHARTIER, 1992).

Defende-se que Henrique Silva teve como preocupação dar visibilidade ao Estado de Goiás, com suas riquezas minerais, vegetais, hidrografia e possivelmente preparar seus leitores a aceitar ou a reduzir suas resistências ao projeto de mudança da capital federal. Lembra-se que Goiás se apresentava aos brasileiros como unidade da Federação de localização confusa, desconhecida. Assim, essas publicações das riquezas da fauna, flora e de seus recursos minerais poderiam minimizar a falta de informações sobre a região. Concomitante a esse projeto e não menos importante, depara-se com outro, o de memória, de perpetuação de seus feitos, em que Henrique Silva visava ao reconhecimento de suas realizações no futuro, já que o presente, de algum modo, mostrava-se ingrato à pessoa que se apresentava na capital federal do Brasil como defensora do desenvolvimento de seu Estado.

Para evidenciar as teses aqui expostas, percorre-se um caminho em que se discutem três pontos: as ideias do leitor/autor, o suporte pelo qual elas se expressam e a recepção do leitor diante do material textual. Para tanto, são utilizados autores como Iser Wolfgang¹⁵⁶; Roger Chartier¹⁵⁷; Paul Ricoeur¹⁵⁸, dentre outros. Sabe-se das dificuldades a serem enfrentadas, entretanto é pertinente a lembrança de Ginzburg quando afirma: “o conhecimento histórico é indireto, indiciário, conjectural” (2007, p.

¹⁵⁵ Ano de morte de Henrique Silva.

¹⁵⁶ WOLFGANG, Iser. O ato da leitura – Uma teoria do efeito estético, vol. São Paulo, Editora 34, 1996.

¹⁵⁷ CHARTIER, Roger. A aventura do livro – do leitor ao navegador. São Paulo, Unesp, 1999. A mão do autor e a mente do editor, 2014; A história ou a leitura do tempo, 2015. Leituras e leitores na França do Antigo Regime, 2004.

¹⁵⁸ RICOUER, Paul. O que é um texto.

157). Pensando assim, cita-se o fragmento de Henri-Irénée Marrou no capítulo sobre “Condições e Meios da Compreensão”,

Não é assim tão fácil compreender um documento, saber o que ele é, o que diz, o que significa. Quantas vezes, lá onde o crítico acreditava ter descoberto descuido ou erro, o desenvolvimento da pesquisa não lhe revela, para vergonha sua, que ele não soubera compreender (MARROU, 1978, p. 81-82).

Com o respaldo destes autores, busca-se realçar o caráter indireto e qualitativo da produção historiográfica, ofício que há muito vem se distanciando do paradigma galileano. Essas diferenças são realçadas por Ginzburg (2007) no capítulo *Sinais, raízes de um paradigma indiciário*. Antes de se aproximar da análise e recepção dos artigos de Henrique Silva divulgados na revista, julga-se de grande importância o respaldo das discussões referentes à mudança da capital federal para o planalto central na perspectiva de Varnhagen publicadas por Magalhães (2015). É um desvio, mas pode oferecer aproximações bem como distanciamentos entre Francisco Adolfo de Varnhagen, com suas ideias mudancistas, e Henrique Silva, com ideias de desenvolvimento do Planalto Central, especificamente Goiás; ambos com projeto de memória.

De acordo com Luiz Ricardo Magalhães (2015), o pensamento mudancista deita raiz no período moderno, datando de antes da vinda da família real para o Brasil. Na visão do autor, o *mudancismo* compreende ideias e/ou ações que visam à interiorização do Império. Assim, pode-se atribuir ao *mudancismo* o evento que culminou com a chegada da corte portuguesa ao Brasil, em 1808¹⁵⁹. Comumente, esse conceito relaciona-se com a interiorização da colônia brasileira seguindo um movimento de leste para oeste, do litoral para o sertão. Todavia para o autor, é no século XIX que se pode demarcar com precisão o início do *mudancismo*. Nesse momento, afirma, existia um consenso sobre uma demanda pela reinvenção da nação. Essa atividade consistia em uma possibilidade de se equiparar o país, culturalmente, ao modelo europeu de civilização. Nesse contexto, defendia-se também a existência de um Estado forte, capaz selar a unidade territorial. Esse pensamento tomou fôlego após a Independência, polarizando-se entre um idealismo orgânico e o utópico, neste último tendo Varnhagen como principal âncora (MAGALHÃES, 2015). É importante reafirmar a identificação das marcas do pensamento mudancista em diferentes temporalidades visando a um espaço geográfico mais plausível para a capital do Império, mas essa identificação não

¹⁵⁹ As ideias mudancistas antecedem 1660, quando D. João IV constituiu seu primogênito D. Teodósio em príncipe do Brasil, ligadas a um receio das potências mercantis, notadamente a Espanha.

desqualifica as ideias de Magalhães (2015) sinalizando Varnhagen como seu maior representante. Afirma o autor,

[...] o registro de que a cultura mudancista começava a ser enfeixada e conduzida por uma mente disciplinada e portadora de uma invejável erudição. O pesquisador metódico aliava ao romântico desejo de pertencimento um projeto de reinvenção nacional. Direcionando a reflexão para o futuro e para um engenho que se constituísse, ainda que de maneira simbólica, em marco regenerador em relação as cicatrizes coloniais, Varnhagen assumia o compromisso com a modernidade por meio desse engajamento (MAGALHÃES, 2015, p. 34).

Nesse fragmento, observa-se que enquanto a preocupação de Varnhagen consistia em reinventar ou refazer uma nação, Henrique Silva tinha pensamentos mais localizados e mais modestos, buscava a reinvenção de Goiás a partir da negação aos preconceitos, às discriminações que o Brasil litoral, de maneira geral, e a capital federal, em particular, nutriam por aquela parte do sertão. O método utilizado para alcançar o desenvolvimento, o de negação do “outro”, aproxima ambos os autores, pois há um virar as costas para o litoral. Entretanto, conforme a Tabela 1 sobre a produção textual do editor geral da *Informação Goyana*¹⁶⁰, observa-se uma vontade de Silva em equiparar Goiás, pelas suas grandes possibilidades econômicas, aos maiores Estados da Federação. A negação proferida por Henrique Silva ao “outro” é o discurso recorrente do litoral para com o planalto central, pois pressupõe que o litoral é a instância máxima a ser alcançada. No entanto, o virar as costas para a capital federal não se realiza totalmente. Isso porque se deseja que Goiás alcance aquela em desenvolvimento. Em Varnhagen, seu olhar está voltado para o modo de vida europeu. Assim, a negação do litoral brasileiro é total, pois não se acredita na reinvenção da nação naquelas bases.

Nos dois volumes da obra “Memorial Orgânico” publicada por Varnhagen, este continua arrolando elementos contrários à permanência da capital federal no Rio de Janeiro. Segundo Magalhães (2015), seu objetivo é apresentar argumentos ao debate sobre a transferência da sede do governo imperial para uma cidade a ser construída em situação mais central em relação ao território a ser governado. Dessa forma,

Seguindo a atitude romântica de contemplação à natureza e de retorno ao nicho original da vida, a localização dessa cidade deveria ser definida a partir das associações construídas como o elemento natural, de forma que, sendo a natureza obra da Providência, pudesse atuar também como fonte inspiradora das grandes decisões dos homens de Estado. Desse modo, o Planalto Central do Brasil era imaginado como o único portador das características essenciais para o grande empreendimento. A comunhão entre orientação geopolítica com sensibilidade romântica arremata a costura da Utopia do Centro: o ponto de partida idealizado para a invenção de uma nação modernizada (MAGALHÃES, 2015, p. 37).

¹⁶⁰ Ver anexo 19.

É interessante pensar que a diferença de idade entre Varnhagen e Silva foi de quarenta e nove anos. Quando o primeiro desapareceu¹⁶¹, o segundo contava com 13 anos. Não obstante essa diferença, Silva entrou em contato com as ideias defendidas por Varnhagen¹⁶², o desenvolvimento da nação a partir do centro, usado em diferentes situações como argumento geopolítico de proteção da capital com edificação da nação no coração do território nacional. Seu pensamento, contudo, não se vinculava apenas a essa questão: Silva também se embasou no ideal romântico que vigorava no período. Todavia, é necessário explicitar que se Henrique Silva entrou em contato com essas ideias, não significa a sua apreensão nos moldes defendidos por Visconde de Porto Seguro. Ainda que ambos fossem militares, a recepção, e aí Iser (1979; 1999) pode contribuir, não segue os caminhos trilhados pelo autor de *Memorial Orgânico*. Entretanto, o romantismo pode ser um aspecto a ser considerado como de aproximação entre Varnhagen e Silva. Valiosa é a discussão realizada por Santos (2004)¹⁶³ quando expõe:

Onde estava a origem desta aura romântica que pairava sobre o Exército, dos duelos, da idéia de morrer pela Pátria? Entre outras causas, vamos encontrar no movimento artístico e literário que surge na Europa e estava em pleno auge no início do século XIX (SANTOS, 2004, p. 60).

(...) os franceses eram dentre os românticos os mais interessados na política. Escreviam sua autobiografia nas barricadas, nas casas legislativas, nos jornais ligados aos partidos. A atividade política, ou pelo menos uma linguagem política enérgica, constituía uma parte integrante da sua auto-definição. (...) Como a maioria dos [seus] contemporâneos, acreditavam que o mundo é regido por ideias, e por elas pode ser transformado. Portanto, [para os românticos franceses] quando expressas de modo adequado, as ideias não estão a serviço do poder, mas atuam como seus juízes (GAY apud Santos, 2004, p. 60).

Interessou a Varnhagen escrever seu nome na história como busca de eternizar-se. Para tanto, polemizou com muitos de seu tempo; escreveu obras, visitou Goiás em 1877, quando contava com sessenta e um anos. Magalhães (2015) argumenta que o Visconde, ao penetrar o sertão, almejava projetar seu nome na eternidade ao encontrar o lugar idealizado para a redescoberta da nação. Porém, arrisca-se a enunciar que encontrando ou não o tão sonhado espaço geográfico, com as condições necessárias

¹⁶¹ A época, em 1878, Varnhagen contava com 62 anos.

¹⁶² Em suas publicações assinadas em *Informação Goyana*, Henrique Silva menciona Varnhagen quatorze vezes.

¹⁶³ SANTOS, Miriam de Oliveira. Berços de heróis: O papel das escolas militares na formação de “Salvadores da pátria”. São Paulo: Annablume, 2004.

como água em abundância, clima próximo ao do europeu, solo fértil, Varnhagen intuía que seu nome se tornaria perene na história brasileira.

Na perspectiva do romantismo, do cavaleiro solitário combatendo todos aqueles que se interpunham em seu caminho, encontra-se Henrique Silva. O goiano percorreu todo o Estado de Goiás, conhecendo cada quilômetro de sua terra, não escrevia como um intelectual acomodado a seu gabinete¹⁶⁴, sem conhecimento, apegado apenas aos cronistas que por aquelas bandas passaram, e rapidamente, pelas estradas reais. Além do uso da escrita, também apresentava comunicações¹⁶⁵ nos congressos com propriedade de quem não somente nasceu no planalto central, como também teve a oportunidade de percorrer de ponta a ponta aquelas terras em companhia de uma equipe científica¹⁶⁶.

Na passagem a seguir, Magalhães (2015, p. 48) descreve a visita de Francisco Adolfo de Varnhagen, sexagenário, à Vila de Formosa, Província de Goiás:

Ora, o ano é 1877, um aristocrata visita a Vila Formosa da Imperatriz, no interior da Província de Goiás. Ao colocar-se em aventura tão prodigiosa quanto arriscada, por causa da avançada idade para os padrões do século XIX (61 anos), esse diplomata de carreira buscava também gravar seu nome no coração da nação idealizada. Penetrando o sertão, buscou estabilizar uma projetada eternidade ao encontrar o lugar idealizado para o redescobrimto do Brasil, pensava fazer um xis no mapa e proceder a união entre teoria e prática, comprovando *in loco* as excelências existentes nos coração do Brasil. Acreditava estar definindo, com isso, a própria ascensão ao reconhecimento histórico nacional.

Na concepção do autor, a busca pelo reconhecimento, pelo projeto de memória apresenta-se explícita particularmente na abertura do testamento de Varnhagen. Lá constava, possivelmente, um de seus últimos desejos, “que fosse erguido, em sua terra natal”¹⁶⁷, “um monumento em sua memória” (VIANA apud MAGALHÃES, 2015, p. 60). Não se tem notícia se o bonfinense Henrique Silva tenha deixado algo semelhante¹⁶⁸; porém arrisca-se a afirmar que em seu projeto de memória estava mais implícito, mas perfeitamente acessível, sua *escrita de si* publicada no jornal *O Paiz*, conforme a Tabela 1, disponível no capítulo dois.

¹⁶⁴ Muito antes de Henrique Silva, essas críticas eram empreendidas por Varnhagen em sua obra *Memorial Orgânico* (MAGALHÃES, 2015).

¹⁶⁵ Henrique Silva era membro da Associação de Geografia da cidade do Rio de Janeiro.

¹⁶⁶ A Comissão de Exploração do Planalto Central do Brasil, ou simplesmente Comissão Cruls muito se utilizou dos conhecimentos do alferes Henrique Silva como membro da Comissão.

¹⁶⁷ Sorocaba, São Paulo. Disponível USP<<http://www.usp.br/labteo/varnhagen/>> Acesso em 11/03/2017.

¹⁶⁸ Porém, em Bonfim atual Silvânia, terra natal de Henrique Silva, foi erigido um busto em sua memória no ano de 1972, quando seus restos mortais foram transladados da cidade do Rio de Janeiro para sua cidade de nascimento.

As aproximações e os distanciamentos entre Varnhagen e Henrique Silva são fortes. Uma explicação para isso é o tempo histórico vivido por ambos: o final da monarquia e a implantação de uma república. Nos primeiros anos da república, no momento de instabilidade política e receio do retorno da monarquia, tornou-se tabu citar autores simpatizantes ou de aproximações ao antigo regime. Nesse sentido, talvez resida aí a pouca referência ao nome de Varnhagen pelo oficial Henrique Silva, republicano: o primeiro foi um defensor da monarquia e amigo de D. Pedro II.¹⁶⁹ Outras diferenças podem ser notadas entre as vidas de ambos, que a exemplo dos soldados atenienses, buscavam a eternização de seus nomes na história. Em Varnhagen é recorrente, de acordo com Magalhães (2015), a utilização do argumento geopolítico para convencimento daqueles mais resistentes à mudança da capital. No fragmento a seguir, verifica-se a preocupação geopolítica de Varnhagen em *Memorial Orgânico*, uma de suas grandes obras,

O elemento geopolítico da defesa militar da capital, se abrigada e protegida no interior do País, também teria melhor solução, pois o território funcionaria como aliado a embarçar a ação de possíveis invasores. O inimigo assim concebido, imerso em espaço desconhecido, sentiria a fragilidade da sua condição, pois seria refém da geografia estranha, determinando a solução favorável do conflito (MAGALHÃES, 2015, p. 38).

Nas publicações do oficial goiano Henrique Silva, esse ponto geopolítico defendido por Varnhagen não compõe o centro de suas preocupações. O oficial preocupa-se em divulgar em livros e outros suportes as possibilidades do Planalto Central, principalmente Goiás; posiciona-se contrário às revoltas ocorridas nos primeiros anos da República, participando efetivamente de combates; defende o território goiano contra interesses de estados vizinhos, que em seu entendimento eram ilegítimos; colabora na organização do Centro Goiano na cidade do Rio de Janeiro; profere conferência sobre o *Planalto Central do Brasil* na sociedade de Geografia. Contudo, não aparecem as ideias de Varnhagen sobre a mudança da capital enquanto elemento geopolítico de defesa da capital. Este manifesta-se favorável à mudança do centro político para o centro do país, em Goiás, porém focado nos benefícios que essa transferência poderia significar para o desenvolvimento de seu Estado.¹⁷⁰ Pode-se sinalizar aqui uma aproximação, de modo restrito, com as contribuições de Karl

¹⁶⁹ Magalhães, 2015.

¹⁷⁰ Os diários ou tabelas das publicações de Henrique Silva em *O Paiz* (anexo 12) deixam esse ponto muito evidente. O mesmo pode-se afirmar de suas publicações na *Informação Goyna*, reunidas em tabelas (Anexo 18).

Mannheim¹⁷¹ (1928), quando este discute o problema das gerações. Na concepção de Mannheim (1928), o simples fato de os indivíduos, velhos e novos, conviverem em uma determinada época não permite deduzir ou caracterizar que são contemporâneos, uma vez que vivenciam o tempo de maneira distinta.

Mannheim (1928) enuncia que mesmo as mudanças ocorridas de uma geração a outra não se realizam suprimindo totalmente a anterior. Nesse sentido, as ideias de Varnhagen ou sua geração, em muitos aspectos, foram apropriadas pela nova geração de Henrique Silva, que as vivenciou de maneira distinta. Entretanto, se se levar em conta esse caráter diferenciado de vivência, em particular sobre o *mudancismo*, pode-se supor uma proximidade entre o editor geral de *Informação Goyana* e o Visconde de Porto Seguro.¹⁷² E de acordo com fragmento da revista publicado em abril de 1923¹⁷³, identifica-se o chefe da Comissão Cruis reconhecendo a herança do *mudancismo* publicamente, inclusive mencionando o Congresso Nacional como herdeiro de Varnhagen. O excerto torna-se emblemático porque indica como as ideias de mudança, apesar das resistências, eram fortes em um grupo significativo da sociedade. No entanto, é preciso estar atento ao caráter renovador geracional, possibilitado pela dinâmica da sociedade brasileira em vias de transformações. O desaparecimento da velha geração não implica, necessariamente, conforme Mannheim (1928), mudança radical nas recentes unidades geracionais que se formaram. De maneira bem limitada, essa nova geração, representada por Henrique Silva, apreendeu as ideias de mudança de Francisco

¹⁷¹ Em ensaio, Karl Mannheim realiza um estudo sobre o problema das gerações. Toma como análise duas perspectivas para entender essa questão, a positivista e o pensamento histórico-romântico. A primeira reduz o problema das gerações a partir de dados quantitativos. Afirma que a meta é compreender imediatamente as mudanças formais das correntes espirituais e sociais e a partir da esfera biológica apreender a forma de progresso da espécie humana com base nos elementos vitalícios. Trata-se de estabelecer continuamente a velhice como o elemento conservador e a juventude vista unicamente em seu aspecto tempestuoso. O problema parece residir apenas nesse aspecto, encontrar o tempo médio no qual uma geração anterior é substituída por uma mais nova na vida pública, sobretudo encontrar o ponto de início natural que procede a um corte na história, pela qual se deve começar a contar. O pensamento histórico-romântico alemão, tendo a frente Dilthey, se esforça por buscar no problema geracional uma contraproposta diante da linearidade do fluxo temporal da história. O problema geracional é percebido como problema de existência interior não mensurável e que só pode ser apreendido subjetivamente e não objetivamente. Outro aspecto inovador do pensamento histórico-romântico, no qual Mannheim nutriu simpatia, foi o fato de que não é somente a sucessão de uma geração que cobra um sentido mais profundo do que o meramente cronológica, mas também o fenômeno da “contemporaneidade” ou “simultaneidade”. Mannheim apresenta disposição em aceitar, com ressalvas, as discussões estabelecidas pelo pensamento histórico-romântico, notadamente as contribuições de Pinder como conceito de *não-contemporaneidade no contemporâneo* e a questão das *Enteléquias*, espírito genuíno existente em diferentes dimensões da sociedade (WELLER apud KAL MANNHEIM; REIS, 1928).

¹⁷² Karl Mannheim, *Ática*, São Paulo, 1982, p. 74-76.

¹⁷³ Publicada inicialmente em 1911 em dos relatórios da Comissão de Exploração do Planalto Central do Brasil.

Adolfo de Varnhagen enxergando outras possibilidades na defesa da construção da nova capital em Goiás.

A seguir, aborda-se como o militar goiano contemplou, mediante a escrita, interesses a fim de efetivar objetivos pessoais e como seus leitores receberam esses escritos. Antes, contudo, se faz necessário tecer algumas reflexões que aproximem a produção textual do goiano de ambiência denotativa ao mundo literário. O intuito é flexibilizar os limites ao ponto de literário e denotação se imbricarem, criando uma fissura legítima às considerações para a análise da produção textual do goiano. Para corroborar o exposto, Terry Eagleton (2006) contribuiu com instigantes reflexões relativas à produção textual ficcional e factual.

Eagleton (2006), em a *Teoria da Literatura: uma introdução*, levanta a questão: *O que é Literatura?* O autor responde que muitas foram as tentativas de definição do que seja literatura. Afirma também que se pode, por exemplo, defini-la como uma escrita “imaginativa” no sentido de ficção – escrita que não remete ao que é verídico. Observa que com um pouco de reflexão a respeito de tal definição logo se percebe que isso não procede. Como justificativa, menciona diversos autores renomados de literatura inglesa no século XVII, desde Shakespeare, Webster, Marvell, e os ensaios de Francis Bacon e os sermões de John Donne. Ainda segundo Eagleton (2006), a literatura francesa do século XVII contempla, além de Corneille e Racine, com as máximas de La Rochefoucauld, os discursos fúnebres de Bossuet, o tratado de poesia de Boileau, as cartas de Mme de Sevigné à sua filha, a filosofia de Descartes e Pascal. Já a literatura inglesa do século XIX, para Eagleton (2006), geralmente inclui Lamb, mas não Bentham; Macaulay e não Marx; Mil, mas não Darwin ou Herbert Spencer. O autor conclui que

A distinção entre “fato” e “Ficção”, portanto, não parece nos ser muito útil, e uma das razões para isso é que a própria distinção é muitas vezes questionável [...] No inglês de fins do século XVI e princípios do século XVII, a palavra “novel” foi usada ao que parece, tanto para os acontecimentos reais quanto para os fictícios, sendo que até mesmo as notícias de jornal dificilmente poderiam ser consideradas fatuais. Os romances e as notícias não eram claramente fatuais, nem claramente fictícios, a distinção que fazemos entre estas categorias simplesmente não era aplicada (EAGLETON, 2006, p. 2).

Outra proposta apresentada por Eagleton (2006) como definição do que seria literatura decorre de uma teoria designada *formalista*. Essas ponderações surgiram na Rússia antes de 1917 e floresceram na década de 1920. Segundo essa teoria, “a literatura é a escrita que [...] representa uma “violência” organizada contra a fala comum” (EAGLETON, 2006, p. 2). A literatura teria o papel de transformar e de intensificar a

linguagem comum, afastando-se sistematicamente da fala cotidiana. Os formalistas percebiam a linguagem literária como um conjunto de desvios da norma, como uma espécie de violência linguística. Conforme Eagleton (2006, p. 6-7), a literatura é uma forma “especial de linguagem que se contrapõe à linguagem ‘comum’ que usamos diariamente”. Ainda de acordo com Eagleton (2006), para que seja identificado um desvio é necessário identificar a norma da qual se afasta em uma produção literária. Adverte que são muitas as linguagens, as quais se diferenciam conforme o grupo social que as utiliza. Assegura que “a idéia de que existe uma única linguagem “normal”, uma espécie de moeda corrente usada igualmente por todos os membros da sociedade, é uma ilusão” (EAGLETON, 2006, p. 7). Enuncia que dessa forma pode-se ter uma variedade muito complexa de discursos diferenciados segundo a classe, a região e o gênero, de modo que não podem ser simplesmente única comunidade linguística homogênea. Acrescenta que pode não haver consenso na avaliação sobre o que seria norma ou desvio. Corroborando Eagleton (2006), o simples fato de ter acesso a um fragmento de uma sociedade há muito desaparecida não habilitaria o pesquisador a afirmar que se trata, por exemplo, de uma poesia apenas pelo seu exame; seria necessário o acesso aos discursos “comuns” daquela sociedade. E mesmo que posteriormente a pesquisa pudesse revelar que esse, o tal fragmento, era um “desvio” da norma, ainda assim não seria provado que se tratasse de uma poesia, pois nem todos os desvios linguísticos são poéticos, e a gíria é um bom exemplo (EAGLETON, 2006). Em outro momento, o autor alega que poder-se-ia dizer tratar a literatura de um discurso “não-pragmático”. Ao contrário dos manuais de biologia ou dos bilhetes deixados para o leiteiro, a literatura não tem finalidade prática imediata, referindo-se apenas a um estado geral das coisas (EAGLETON, 2006). Pontua o autor que a literatura nesse prisma não pode ser definida objetivamente, mesmo considerando o discurso de não-pragmático como parte do que se entende por literatura.

Observa-se, com Eagleton (2006), que a definição de literatura depende da maneira pela qual alguém resolve ler e não da natureza do que é lido. Para este autor, nem tudo o que é produzido para ser literatura é lido como tal, e o contrário, isto é, as produções que não tinham pretensões literárias passaram a ser lidas com esse entendimento. Essas reflexões possibilitam a relativização, e porque não a ampliação da definição de literatura que se propõe a considerar a produção textual de Henrique Silva em uma análise de autor, texto e leitor.

A produção de artigos de Henrique Silva, articulista da revista, em um primeiro olhar, se apresenta imbuída de significados e objetivos precisos: construir uma

representação positiva do Estado de Goiás na expectativa de que essa representação alcance o leitor, que a apreenderia tal qual foi elaborada, sem muita diferença de sua proposta de representação. Mas que leitor é esse? Como se comporta diante dos textos ou artigos publicados na revista *Informação Goyana*? O leitor aceita a proposta do autor Henrique Silva, considerando o texto como uma camisa de força, fechado em si mesmo, ou escapa da escritura em busca de outros significados distantes daqueles idealizados pelo autor, como bem refletiram Paul Ricoeur e Iser Wolfgang?

Deve-se considerar o suporte utilizado pelo diretor geral da revista para objetivar suas ideias como facilitadoras ou não na leitura de seus escritos. Antes, contudo, é necessário realizar algumas considerações acerca dessas publicações (Tabela 2).

Revista <i>Informação Goyana</i> 1917 – 1935	
Publicação temática Henrique Silva	
<u>TEMAS</u>	<u>QUANT</u>
Fauna	25
Flora	35
Minerais	08
Bandeirismo/Memória	13
Limites Goiás e estados vizinhos	23
Crítica à dados estatísticos/governos	18
Pecuária	33
Hidrografia/navegação	20
Relevo/Solo	11
Eqüinos	05
Impostos	06
Construção da nova capital/Brasil	08
Ferrovia	09
Escritores do Brasil Central	04
Clima	09
Etimologia ¹⁷⁴	09
Rebate estudos sobre Goiás	36
Piscicultura	10
Agricultura ¹⁷⁵	29
Outros	16
Total	327¹⁷⁶

Tabela 2 – Publicações de Henrique Silva na Revista *Informação Goyana*
Fonte: Elaborada pelo autor.

Ressalta-se que o diretor geral da revista *Informação Goyana* escreveu duzentos e sessenta textos assinados, os quais ocuparam um espaço significativo no

¹⁷⁴ Nomes indígenas da flora/fauna e cidades.

¹⁷⁵ Algodão, café, trigo, milho, uva.

¹⁷⁶ Muitas produções textuais foram enquadradas em vários outros temas; razão pela qual o total ultrapassa os artigos assinados pelo editor geral de a *Informação Goyana*.

periódico durante sua circulação, o equivalente a duzentas e quatro páginas.¹⁷⁷ Seus textos abordam os mais diferentes assuntos, nos quais, de algum modo, o Estado de Goiás figura como centro.

Na Tabela 2, pode-se visualizar o número vezes que os temas ilustraram as páginas da revista. A fim de facilitar o manuseio e a análise desse material, optou-se por apresentar uma pequena amostra, no interior da pesquisa,¹⁷⁸ de outras tabelas mais específicas, relativas aos temas recorrentes retratados por Silva, o qual ancorou-se em robusta coleta de dados e respaldou-se em autores nacionais e estrangeiros. Na leitura desse material, verifica-se que Henrique Silva combateu o pessimismo dos conterrâneos, o descaso do governo federal com as estatísticas que mal incluíam Goiás como unidade da Federação produtora de riquezas, a ignorância da imprensa, notadamente do Distrito Federal para com a localização espacial do Estado *mais central do Brasil*.

Ao observar a Tabela 2,¹⁷⁹ torna-se evidente a coerência entre a narrativa construída por Henrique Silva com temáticas de seu interesse e os autores por ele utilizados. Estes últimos possivelmente não escreveram suas obras, manuais, artigos científicos pensando no desenvolvimento econômico de Goiás. Porém o bonfinense, como leitor, ignora as intenções dos autores e as dispõem a seu favor como escritor (ISER, 1979-1999; RICOEUR, 1990). Já se apontou a importância do suporte¹⁸⁰ como veículo a dar vazão aos pensamentos de Henrique Silva, e pergunta-se, então: *O que é um texto?*

Ricoeur (1990) assinala em seu ensaio que texto é todo discurso fixado pela escrita. Nessa definição, a fixação do discurso é constitutiva do próprio texto. Amparado pelas ponderações de Ferdinand de Saussure que a língua se realiza em um acontecimento discursivo na produção de um discurso e um falante singular, afirma Ricoeur (1990, p. 60) que “cada texto se encontra, respecto a la lengua, em la misma posición de efectución que el habla”. A escrita sendo posterior à fala foi criada a fim de fixar em um grafismo linear todas as expressões que surgiram previamente na oralidade. A atenção quase exclusiva que se atribui às escrituras fonéticas leva a

¹⁷⁷ A fim de facilitar o quanto de espaço utilizado por Henrique Silva na revista *Informação Goyana*, dividiu-se a página do periódico em 8 frações. Assim, pode-se computar 1/8 até 8/8 ou um inteiro.

¹⁷⁸ O mapeamento das publicações de Silva na revista *Informação Goyana* encontra-se ao final dissertação como anexo 19.

¹⁷⁹ Anexo 19.

¹⁸⁰ Trata-se desse assunto com profundidade na sequência.

confirmar que a escrita não acrescenta nada de novo à questão da fala, exceto por sua fixação, que vem possibilitar sua conservação (RICOEUR, 1990).

A anterioridade psicológica e sociológica da fala a respeito da escrita não é questionada por Ricoeur (1990), mas este sugere que a aparição tardia da escrita provocou uma mudança radical na forma de se relacionar com os enunciados do discurso. O autor volta à sua definição anterior, agora em forma de afirmação. Expõe que o texto é “un discurso que podríamos haber pronunciado, pero que se escribe, precisamente, porque no lo hemos hecho. La fijación mediante la escritura acontece em el mismo lugar que el habla” (RICOEUR, 1990, p. 60), no lugar que a escrita poderia ter surgido. Mais adiante, busca um aprofundamento sobre o querer dizer do enunciado e da escritura,

Em efecto, la escritura apela a la lectura conforme a una relación que, de inmediato, nos permitirá introducir el concepto de “interpretación”. Por el momento, digamos que el lector sustituye al interlocutor, al igual que, simétricamente, la escritura sustituye a la locución y al hablante. Em efecto, la relación “escribir-leer” no es un caso particular de la relación “hablar-responder”. No se trata de una relación de interlocución, ni de una forma de diálogo. No basta con decir que la lectura es un diálogo con el autor a través de su obra. Hay que señalar que la relación del lector con el libro es de una naturaleza completamente distinta. El diálogo es un intercambio de preguntas y de respuestas, y no existe un intercambio de este tipo entre el escritor y el lector. El lector se encuentra ausente em la escritura, y el escritor, em la lectura. El texto produce, por tanto, una doble ocultación del lector y del escritor. De esse modo, se sustituye la relación dialógica que vincula, de forma inmediata, la voz de uno al oído del outro (RICOEUR, 1990, p. 61).

O afastamento entre a escrita e o discurso pronunciado é iniciado por Ricoeur (1990) quando afirma que o ato de escrever e ler não é uma relação de falar e responder. Não há diálogo entre escritor e leitor; há, sim, ausência do escritor para o leitor e deste para o primeiro tanto no ato de efetivação de escrever quanto de ler, o que o autor designa dupla ocultação *del lector y del escritor*.

Quando se observam os autores utilizados por Henrique Silva, os *títulos* dados aos seus textos, o *assunto* tratado, bem como os *temas recorrentes*, percebe-se que as obras e os autores tomados em empréstimo para a escritura de seus textos seguem o caminho traçado por Ricoeur (1990), isto é, a dupla ocultação do leitor e do escritor. Nesse fenômeno, há a *suspensão da referência* das obras consultadas pelo diretor da revista e a atribuição de sua própria referência ao ato de ler¹⁸¹ (RICOEUR, 1999). Essa

¹⁸¹ Ricoeur chamará de mimese III, isto é, o processo de refiguração dada a obra pelo leitor (Tempo e narrativa, vol 1, cap 1).

referência, própria do leitor que o conduzirá a uma interpretação do texto, pode apresentar distâncias em relação aos objetivos do autor.

Como se pode verificar, ainda que Henrique Silva empreenda a refiguração do texto suspendendo a referência atribuída pelo autor no ato de sua escritura, em muitos casos há proximidade entre ambos, e em outros nem tanto. Esse fato não deve colocar em xeque as afirmações de Ricouer (1990), porque o diálogo entre um e outro no processo de escritura e leitura continua não acontecendo. A relação entre ambos, autor-leitor, é distante; este último não tem diante si o autor para interagir, dialogar.

É o que se pode constatar sobre o tema pecuário. Na Tabela 3, Henrique Silva defende a origem de três raças bovinas no Estado de Goiás, além de criticar as estatísticas federais e enunciar que a região é excelente para o desenvolvimento bovino. Quem fala, geralmente sabe para quem fala. Aquele que ouve pode interferir com novas indagações; o mesmo não sucede entre autor e leitor. Na Tabela 3, citam-se os autores utilizados por Silva para compor sua narrativa acerca do tema pecuário; certamente o fizeram movidos por outras razões e não nos termos utilizados pelo editor de *Informação Goyana*, que buscava dar maior destaque a Goiás revelando suas potencialidades na criação de gado.

PECUÁRIA			
Henrique Silva		<i>Informação Goyana</i>	
Data	Assunto	Título	Pág/Esp
Ano II RJ 01/1918 Vol. II N.6	Gado, suínos, pastagens	A pecuaria no Estado de Goyaz	62 – 1pg
Ano III RJ 01/1919 Vol. II, N. 06	A quantidade, qualidade e diversidade de gramíneas existente em Goiás. Afirma que em Goiás se formaram as três raças bovinas do Brasil: Curraleira, Mocha e Caracu.	Riquezas nativas de Goyaz parte II (I publicada 15/12/18 – ano II)	93 – 1pg
Ano IV RJ 01/1920 Vol. III, N. 06	Goiás – climas para a pecuária zona equatorial; sub-tropical e Temperada); - Clima; hidrografia; relevo, forragens	O habit maravilhoso de Goyaz para as espécies pecuarias	73/74 – 1pg
Ano XI RJ 10/1927 Vol. XI, N. 03	O censo bovino comprova as afirmações de HS, que a produção de gado em Goiás era superior a MT e Bahia	Os meus exageros...	18 – 1/2 pg
Ano XI RJ 01/1928 Vol. XI, N. 06	Reivindica para Goiás Amaro Leite a origem do gado caracu	Gado caracú	48 – 1pg

Ano XII RJ 11/1928 Vol. XII, N. 04	População de gado em Goiás o 2º maior produtor e exportador	A população bovina de Goyaz – com vistas aos nossos estatísticos	Capa – 2 pgs
Ano XIII RJ 04/1929 Vol. XII, N. 09	Exportação de gado para o Pará; para SP, MG; contesta as estatísticas de Minas sobre seu rebanho	A população bovina de Goyaz	Capa – 1 p. 1/8

Tabela 3 – Publicações de Henrique Silva na revista *Informação Goyana*
Fonte: Elaborada pelo autor.¹⁸²

Quando J. M. Pereira Alencastre escreveu os *Annaes da província de Goyaz* mencionando a quantidade de rezes existente em Goyaz, em 1800, atendia, entre outras coisas, a função de presidente da província. O leitor Henrique Silva toma de empréstimo os dados do autor e os dispõe para reforçar outros objetivos, significados, ou seja, contrapor os dados estatísticos apresentados pelo governo federal em 1918. E não somente isso, atribui às terras goianas como sendo as melhores para a criação de víveres. Em trecho de sua escrita, afirma

Quanto mais estudamos o passado e o presente, tanto mais nos convencemos de que a terra goyana traz no seu seio a virtualidade de um grande destino no tocante ao futuro da pecuária nacional. Que lhe cabe o primeiro lugar no paiz inteiro como *habitat* por excellencia, para as espécies pecuárias, facillimo seria demonstrar (INFORMAÇÃO GOYANA, 01/1918, p. 01).

Essa situação também ocorre quando Henrique Silva faz uso de outros autores no mesmo artigo. Elenca seus nomes, como Raimundo José da Cunha Matos, Oscar Lear, Couto de Magalhães, James Welles, Henri Coudreaux. Frases, fragmentos são pinçados de suas obras, como essa afirmação de Cunha Matos em Amaro Leite: “[...] os suínos chegam até um volume enorme sem nunca terem visto uma espiga de milho” (INFORMAÇÃO GOYANA, 01/1918). Os animais, afirmava Couto de Magalhães, engordam sem trabalho algum, nem mesmo com a despesa do sal, “[...] visto ser elle nativo nessas regiões abençoadas [...]” (INFORMAÇÃO GOYANA, 01/1918).

A dupla ocultação entre autor e leitor afirmada por Ricouer (1990) se mantém na leitura realizada por Henrique Silva sobre a escritura de Oscar Lear, André Rebouças, Cunha Matos, Henri Coudreaux, Couto Magalhães e outros¹⁸³. Há de assinalar que embora não haja a interlocução entre Silva e os autores, há aproximação na atribuição de significado tanto pelo autor quanto pelo leitor, que dispõe da produção textual de acordo com seus interesses.

¹⁸² As Tabelas 3 a 7 foram elaboradas com os dados do anexo 19.

¹⁸³ Anexo 20.

Ao tratar da pecuária goyana (Tabela 3), Henrique Silva realiza refiguração dos textos como leitor com objetivo muito preciso, de contrapor os dados oficiais que subvalorizavam o rebanho bovino goiano. Buscam-se aqui também os objetivos implícitos, como destacar as possibilidades econômicas de Goiás, contribuir para alavancar seu desenvolvimento, e por fim, se apresentar como o homem que redescobriu Goiás, circulando no mapa político do Brasil o território goiano para que todos o enxergassem.

AGRICULTURA <i>Informação Goyana</i>			
Henrique Silva			
Data	Assunto	Título¹⁸⁴	Pág/Esp
Ano II RJ 01/1918 Vol. II, N. 6	Superioridade do algodão produzido em Goiás; critica Saint Hilaire	A cultura do algodoeiro em Goyaz	67 – 1/2 p.
Ano IV RJ 06/1920 Vol. III, N. 11	Critica o atraso principalmente dos intelectuais goianos sobre a cultura do solo	O ensino agrícola em Goyaz	132 – 1/2 p.
Ano VI RJ 05/1922 Vol. V, N. 10	Outra qualidade de cana cultivada pelos indígenas antes da introdução do plantio pelo europeu	O indigenato das nossas plantas uteis – a cana de assucar no Brasil	75 – 1/2 p.
Ano VII RJ 10/1923 Vol. VII, N. 03	Plantio de café em Goiás; solo excelente para seu cultivo; as estatísticas não revelam a produção de Goiás.	A cultura do cafeeiro em Goyaz – Comunicação feita á Soc. Nac. de Agric.	20 – 1 p.
Ano VII RJ 01/1924 Vol. VII, N. 06	Goiás cresce na produção de café (1917 a 1922)	A cultura do cafeeiro em Goyaz	Capa – 1p.
Ano XI RJ 06/1928 Vol. XII, N. 11	Onde foi feito as primeiras culturas de trigo (SP, MG, GO, RS), pergunta Agrônomo A. Gomes Carmo <i>O problema nacional da cultura do trigo</i> .	A cultura do trigo em Goyaz – na era colonial e “post data”	Capa – 1p.
Ano XIII RJ 04/1929 Vol. XII, N. 09	Goiás, região propícia para o cultivo da vinha	A cultura da videira em Goyaz	74 – 1/2 p.

Tabela 4 – Publicações de Henrique Silva na Revista *Informação Goyana*
Fonte: Elaborada pelo autor.

Em outro tema bastante citado por Henrique Silva, a agricultura¹⁸⁵, identificou-se semelhança com o que ocorreu com a temática pecuária. Na Tabela 4, os

¹⁸⁴ Manteve-se a grafia utilizada por Silva nos títulos.

¹⁸⁵ A agricultura foi a segunda temática que Henrique Silva mais escreveu, 29 vezes. A primeira é a pecuária, com 33 artigos publicados.

objetivos do leitor Silva são os mesmos vistos anteriormente em relação à interpretação das obras pesquisadas. No entanto, aparecem autores nas referências, caso de Saint Hilaire¹⁸⁶, que às vezes é supervalorizado em seus conhecimentos sobre Goiás, outras é desqualificado por Siva devido à superficialidade de suas pesquisas acerca da terra goiana, caracterizado como o viajante que somente andou pelas terras reais, e rápido, sem tempo suficiente para conhecer de fato sobre tudo o que escreveu.

MUDANÇA DA CAPITAL FEDERAL			
<i>Informação Goyana</i>			
Henrique Silva			
Data	Assunto	Título	Pág/Esp
Ano VI RJ 02/1922 Vol. V, N. 07	Excelência do clima do planalto; abundância de água – nascente das três bacias hidrográficas; No relatório parcial da Comissão, HS rebate argumentos de que o clima é insalubre. Contesta também aqueles que afirmaram: os goianos não se dedicavam a lavoura (lembra dos impostos taxados pelo governo para aquele que atrevesse ao plantio)	O novo Distrito Federal – o clima para emigrante europeu: abundância de águas potáveis, possibilidades agrícolas	1ª; 50 51; 2pág e 1/4
Ano VI RJ 02/1922 Vol. V, N. 07	Conclui artigo iniciado a partir do relatório parcial da Comissão Cruls. Retifica a riqueza de água Goiás, bem como a área demarcada para a futura construção da capital federal	A lavoura do Estado de Goyaz – reputações rectificações II hidrographia (conclusão) ¹⁸⁷	54, 55 2 pág 3/8
Ano VI RJ 03 e 04/1922 Vol. V N. 08, 09	A escolha do local para lançamento da pedra fundamental na área demarcada para a nova capital federal. Lamenta a suspensão dos trabalhos da Comissão por falta de verba	Escolha da nova capital da União	58 1/2 pág
Ano IX RJ 10/1926 Vol. X, N. 03	Indefinição sobre qual lugar será lançada a pedra fundamental da nova capital	A escolha do local para a futura Capital da União	23 – 1 pág
Ano XVI RJ 04/1932 Vol. XVI, N. 09	Discorre sobre a nova capital, com ruas largas, modernas, boa localização; ressalta que o RJ não perderá com a transferência	A futura capital	65 – 5/8 pág

Tabela 5 – Publicações de Henrique Silva na Revista *Informação Goyana*
Fonte: Elaborada pelo autor.

¹⁸⁶ *Informação Goyana* 01/1918; 07/1919.

¹⁸⁷ A edição da Revista é de fevereiro/1922, porém o artigo foi assinado no mês de janeiro de 1922.

Na Tabela 5, o tema abordado por Henrique Silva em seus artigos é a transferência do Distrito Federal para Goiás. Neles, são enfatizadas as riquezas naturais como água, solo e clima. O jornalista ressalta a salubridade da região, rebatendo argumentos contrários. No título do artigo publicado na edição 02/1922, vol. 05, n. 07, nota-se sua preocupação quando afirma ser a região saudável para receber imigrantes europeus, pois ali se reuniam clima, água potável e solo excelente para a prática de atividades agrícolas. Na edição de 04/1932, continua na defesa de Goiás como área que dará lugar à nova capital, com ruas largas, modernas.

SALUBRIDADE DE GOIÁS			
<i>Informação Goyana</i> Henrique Silva			
Data	Assunto	Título	Pág/Esp
Ano II, RJ 03/1918	Críticas a Arthur Neiva, Belisário Pena e Roquette Pinto por publicarem informações superficiais sobre Goiás	Viajores – mas superficiais observadores	91 – 6/8 pág
Ano II RJ 02/1918	Cont. Critica as informações produzidas por Arthur Neiva e Belisário Pena em viagem por Goiás	Pela fauna do Brasil Central – Retificações e refutações	94 – 1 pág
Ano II RJ 04/1918	Esclarecimentos sobre a fauna do Brasil Central. Ausência de estrutura nos museus brasileiros para realizar a classificação de animais.	Pela Fauna do Brasil Central	106 – 1 pág
Anno II RJ 07/1918	H.S. contrapõe a definição dada por Arthur Neiva e Belisário Penna a um tipo de veado da fauna goiana	Mettendo foice em seára alheia	156
Ano XVI RJ 11/1932	Goiás: região imune as epidemias	Goyaz immune de epidemias e epyzootias	28 – 2/8 pág
Ano XVII RJ 11/1933	Rebate o Correio da Manhã, que de acordo com os drs. Arthur Neiva e Belizario Pena afirma a região demarcada para o distrito federal ser insalubre.	O interior do Brasil é um vasto hospital...	26 – 6/8 pág

Tabela 6 – Publicações de Henrique Silva na Revista *Informação Goyana*
Fonte: Elaborada pelo autor.

Nos dois artigos, observa-se a contraposição realizada pelo editor da revista entre o novo Distrito Federal demarcado em Goiás e o antigo, a cidade do Rio de Janeiro, centro urbano impróprio para sediar o governo federal. Inferem-se duas questões ao acompanhar Henrique Silva nessa discussão da mudança da capital. A primeira remete às publicações no jornal *O Paiz e Informação Goyana*: a construção de

Goiás como região rica em possibilidades de desenvolvimento, podendo se igualar a qualquer unidade da federação litorânea, especialmente Rio de Janeiro. O escritor Silva realiza uma pintura cuja finalidade é convencer seus leitores, de modo geral, e os goianos, em particular, das possibilidades econômicas de seu Estado. À medida que essa pintura se completa, seu nome se instaura como um grande e novo bandeirante de Goiás, com seu projeto de memória se confirmando. Um bandeirante que empreende movimento inverso dos paulistas do século XVII, que deixaram o litoral e “descobriram” terras no sertão. O goiano Henrique Silva deixa o sertão e caminha em direção ao litoral a fim redescobrir Goiás para o Brasil.

A segunda questão remete aos autores utilizados por Henrique Silva para escrever seus artigos. Foram mais de uma centena em todas as suas publicações em *Informação Goyana*¹⁸⁸. Percorrendo a lista de autores, Varnhagen desponta entre os cinco mais citados. Isso fortalece os argumentos de que não houve diálogo entre Silva leitor e Varnhagen (RICOEUR, 1999). Entretanto, é aceitável imaginar que, ao escrever, Silva pensa de maneira vaga em um leitor, como aconteceu com o Visconde de Porto Seguro.

Ainda assim, o diálogo entre as duas partes não se realizou, mas houve proximidade da interpretação do leitor Silva com o autor Varnhagen. Essa situação é esperada, embora não seja uma obrigação de quem pratica a leitura. Essa refiguração ou atribuição de significados pode ou não estar em concordância com o autor. Desse modo, a questão da mudança da capital não invalida a dupla ocultação do autor e leitor (RICOEUR, 1999).

Na Tabela 6, o assunto tratado é a insalubridade do clima goiano para seus moradores, avaliação realizada pelos cientistas do Instituto de Manguinhos¹⁸⁹ após percorrerem várias regiões do Brasil, inclusive Goiás¹⁹⁰; afirmaram ser a região insalubre para o homem. Ainda nessa Tabela, há a questão da refiguração e a permanência da inexistência do diálogo entre autor e leitor citada por Ricoeur (2010). Há uma discordância entre quem escreve e quem se apropria da obra através da leitura.

¹⁸⁸ Ver Anexo.

¹⁸⁹ Instituto de Patologia Experimental de Manguinhos, nome alterado em 1908 para Instituto Oswaldo Cruz. Disponível CPDOC <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/NEIVA,%20Artur.pdf>> Acesso em 26/08/2017.

¹⁹⁰ Dessas investigações resultaram, mais tarde, o Relatório Viagem Científica pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e norte e sul de Goiás, em 1916.

Ao contrário da anterior, na Tabela 6 não há concordância entre o leitor Silva e os autores Artur Neiva e Belisário Pena sobre a questão da insalubridade da região goiana. Salienta-se que os cientistas de Manguinhos figuram nessa Tabela apenas duas vezes¹⁹¹ entre os referidos por Silva como apoio para a redação de seus escritos. Esse fato não enfraquece a discussão aqui empreendida sobre o leitor Henrique Silva em defesa de seu projeto pessoal com as contribuições de Ricouer (1999); ao contrário, a torna mais instigante. Isso porque demonstra que o editor da revista, após a leitura do relatório publicado pelos cientistas, passa a fazer campanha sistemática para desqualificar os autores. Então, tem-se um leitor, conforme Ricouer (1999), que não tem acesso ao campo de *referência* de Neiva e Pena, mas que realiza a refiguração do texto a partir de seu próprio sistema de referência, como na questão da capital federal. Na análise da Tabela 6, têm-se autores utilizados por Silva para demolir os argumentos dos cientistas, o que não acontece na temática anterior¹⁹² sobre a construção da nova capital. As interpretações respaldadas nas observações de Varnhagen intencionam a construção de uma cidade em Goiás, não havendo objeção de Henrique Silva leitor.

Vale relembrar também a grande resistência dos habitantes do Distrito Federal, no Rio de Janeiro, em relação às incertezas após a mudança da capital. Um relatório depreciativo sobre a saúde pública de Goiás poderia servir politicamente aos contrários a tal projeto. Nesse sentido, era preciso desqualificar os cientistas com todos os recursos disponíveis. Na edição de *Informação Goyana* de 03/1918, intitulada *Viajores – mas superficiais observadores*, Henrique Silva assim se refere aos cientistas:

Á pag. 100 da “Viagem científica” escreveram os engraçados autores dos estudos feitos á requisição da Inspectoria de Obras contra as seccas, sob a direcção do dr. Arrojado Lisboa: “As regiões; são freqüentes as referencias a esqueletos de animaes de grande porte, encontrados geralmente pelos moradores quando por ocasião das seccas, effectuam escavações de cacimbas nas pequenas lagoas dessecadas e citam exemplos do aproveitamento de certos ossos provavelmente omoplatas, utilizados para bater roupa” (INFORMAÇÃO GOYANA, Ano II, RJ 03/1918 Vol. II n. 08).

No mesmo artigo, contrapondo as informações dos autores de *Viagem Científica*, o editor geral da revista recorre a Raimundo José da Cunha Matos, o autor mais citado por ele, cerca de vinte e quatro vezes, durante o período em que escreveu em *Informação Goyana*,

Comparem-se agora as observações acima com as do verídico e erudito Marechal Raymundo José da Cunha Mattos, que em principios do século

¹⁹¹ Apêndice 03, nomes de todos os autores citados por Henrique Silva em *Informação Goyana*.

¹⁹² Tabela 4.

passado percorrer a mesmissima região ultimamente pisadas pelos srs. A. Neiva e B. Penna.

Na sua “Chorographia Historica da Provincia de Goyaz”, escrevia o fundador do nosso Instituto Historico e Geographico: “Tem-se encontrado aqui em Goyaz varias ossadas de fosseis gigantescas, talvez (sic) de amphybios. Eu vi os restos de uma encontrada junto ao Pilar no dia 13 de abril de 1818, era de 35 palmos de comprido”.

[...]

Para confundir de vez os emissários de Manguinhos, bastava citar o livro do Padre dr. Henrique Raymundo des Genettes sobre a extraordinária existência de fosseis no Estado de Goyaz [...]

(INFORMAÇÃO GOYANA, Ano II, RJ 03/1918 Vol. II n. 08).

BANDEIRISMO			
Informação Goyana			
Henrique Silva			
Data	Assunto	Título	Pág/Esp
Ano I, RJ 08/1917 Vol. I, N.01	Tirar do esquecimento os bandeirantes desbravadores GO, MT	As mil e uma noites do Sertão – seus pró-homens ¹⁹³	03 – 1pág
Ano I, RJ 09/1917 Vol. I, N. 02	Defende valorização dos costumes do sertanejo – herdeiros dos bandeirantes	As mil e uma noites do sertão – seus pró-homens	22 – 1/2pág
Ano V RJ 12/1920 Vol. IV, N 5	Memória – Bartolomeu Bueno da Silva; João Leite da Silva Ortiz; Joaquim Alves de Oliveira; Couto de Magalhães...	Os victimados por amor de Goyaz	39/40 – 1/2 pág.
Ano IX RJ 02/1927 Vol. X, N. 07	Exalta a figura dos bandeirantes como descobridores de Goiás. Atribui a estes nacionalidade de Goiás	Goyaz! Estrela solitária do Brasil	Capa: 50- 51 2pág e 1/8
Ano XI RJ 05/1928 Vol. XI, N. 10	Lamenta o desaparecimento da cultura sertanista; a cultura africana, indígena mestiça, o vaqueiro	<i>Páginas esquecidas</i> Folk-lore do Brasil Central	Capa: 1pág e 1/2
Ano XIV RJ 01/1930 Vol. XIII , N. 06	Exalta nomes esquecidos pela história que lutaram pela independência em Goiás	Uma pagina da historia política de Goyaz	Capa: 1pág
Ano XVII RJ 03/1933 Vol. XVII, N. 08	Discorre sobre esquecido descobridor de Goiás, Urbano do Couto. Critica os geógrafos e cartógrafos que ainda confundiram seu nome por Albano.	Os descobridores de Goyaz	Capa: 1 pág e 1/8

Tabela 7 – Publicações de Henrique Silva na Revista *Informação Goyana*
Fonte: Elaborada pelo autor.

Por trás dessas disputas sobre a existência ou não de grandes fósseis em Goiás ou da discussão acerca da atribuição dada pelos cientistas a um veado da região goiana e dos assuntos dispostos na Tabela 6 está a questão da (in)salubridade de Goiás. Tudo isso intencionando destruir ou amenizar a repercussão negativa atribuída pelos cientistas à

¹⁹³ Publicado também na edição de 04 de 1934, p. 71.

região. Na perspectiva de Silva, colocar dúvidas sobre outros aspectos da obra era um meio legítimo para desautorizar a pesquisa referente à insalubridade do clima goiano.

Na Tabela 7, pode-se observar os projetos de instituição de uma memória nos escritos de Henrique Silva. Neles, evidencia-se o autor como novo desbravador de Goiás. Em movimento inverso, deixa sua terra natal em direção ao litoral, e de lá se esforça para construir sua imagem como a de um bandeirante, redescobridor das riquezas do sertão goiano. Conforme se verifica desde o primeiro ano de *Informação Goyana*, o tema bandeirismo foi de interesse de Silva. Ao todo, foram dez páginas escritas na revista tratando da relevância daqueles homens que descobriram Goiás e Mato Grosso antes das Minas Gerais. Nos textos publicados, há o desejo de reviver aqueles mortos também em esquecimento. Em *As mil e uma noites do sertão – seus pró-homens* Silva escreve:

Já é tempo de darmos a sua categoria hierarchica na série e seu papel na época em que vieram, aos gandes vultos de bandeirantes nossos que principalmente e mais fundo penetraram, picando, devastando, desbravando o coração do alto Brasil, qual outros, com exagero de gloria em nossos dias, então pouco se distanciavam da linha de contorno o littoral, arranhado as immediações das praias como carangueijos, na bem conhecida mas sempre surgestiva e pintoresca phrase de Frei Vicente Salvador [...] (INFORMAÇÃO GOYANA, Ano I, RJ, 08/1917 Vol. I, n. 01).

Goyaz e Mato-Grosso possuem terras que precisam ser novamente descobertas – e antes que isto succeda, não esqueçamos, por justiça e gratidão, os nomes dos seus primeiros desbravadores.

É justo, é preciso destacar hieraticamente as figuras legendarias dos primeiros descobridores, melhor dito, restaurar o culto a um gênero de herões que floresceram nos primeiros dias de expansão da nacionalidade brasileira, dando-nos o espectáculo dessa epopéa que nos enche de assombro: a descoberta dos sertões do interior – Goyaz e Mato-Grosso (INFORMAÇÃO GOYANA, Ano I, RJ, 08/1917 Vol. I, n. 01).

Nesse fragmento, é possível vislumbrar os objetivos do escritor Silva ao refletir sobre os esquecidos desbravadores que penetraram o sertão e que merecem a glória, e não outros, como assinala, que usufruem uma glória imerecida, pois mal se afastaram do litoral brasileiro. No segundo fragmento, lembra Silva da necessidade de se redescobrir terras em Goiás e Mato Grosso, já descobertas por aqueles heróis que merecem ser cultuados pela “expansão da nacionalidade brasileira”.

RIO EM FLAGRANTE



Figura 2

“A título de curiosidade inserimos acima a gravura e a respectiva legenda humorística de um número antigo de FON – FON” (INFORMAÇÃO GOYANA, p. 87 junho /1930).

OS NOSSOS INSTANTANEOS

O tenente Henrique Silva, o ultimo bandeirante brasileiro, em companhia do poeta Guimarães Passos.

Em outra publicação, Henrique Silva enfatiza a participação do povo goiano nos acontecimentos da Independência “[...] foi um dos que primeiro ousaram levantar em praça publica, sob o regimem oppressor dos capitães-generaes, a idéa republicana no Brasil” (*Informação Goyana*, 01/1930). Nesse artigo, Silva enaltece a participação dos goianos na luta pela Independência, porém o assunto que lhe mais interessa é o esquecimento pelos goianos de seus mártires da Independência, como o padre Luiz Bartholomeu Marques e José de Nazareth.

A’ primeira vista esta asserção poderá surpreender ignorantes e bisonhos indivíduos do nosso jornalismo, que desconhecendo até o nome do padre Luiz Bartholomeu Marques – “o apostolo da liberdade goyana” – alimentam a *lenda* (grifo do autor) em virtude da qual condecoram com aquelle titulo o nome de outrem que assim, por essa falsidade, váe de contrabando usurpando, sem o mínimo protesto, glorias que lhe não pertencem absolutamente (INFORMAÇÃO GOYANA, Ano I, RJ, 08/1917 Vol. I, n. 01).

No excerto, Silva lamenta a glória equivocadamente atribuída a outra pessoa e não ao padre Luiz Bartholomeu Marques na luta pela Independência. Utiliza de palavras duras, chamando parte do jornalismo goiano de ignorantes sobre a história de Goiás. Protesta contra a usurpação de glórias admitidas com passividade pelos goianos. Nessa escrita ora dura, destemida, ora poética, Silva foi criando a imagem que intencionava deixar para a posteridade.

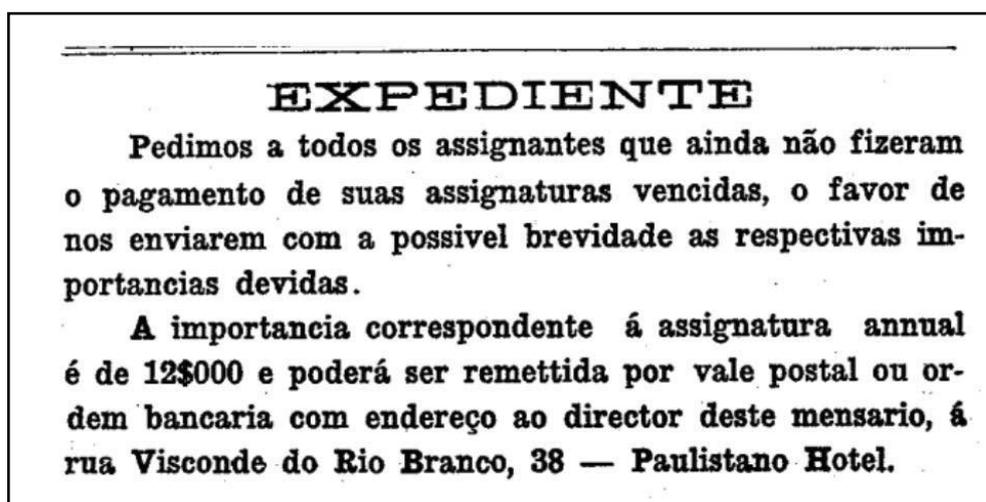
No flagrante da Figura 2, publicada pela revista *Fon-Fon*, dois cavalheiros conversam animados no centro movimentado da cidade do Rio de Janeiro. À esquerda, de terno, gravata, chapéu e sapatos pretos, com cigarro entre os dedos da mão direita, contando sessenta e cinco anos de idade, está Henrique Silva. O cavalheiro da direita é o poeta Guimarães Passos. A legenda emblemática afirma em tom jocoso, se referindo ao editor de *Informação Goyana*: “O tenente Henrique Silva, o ultimo bandeirante brasileiro [...]”, que pode significar o êxito de Silva na construção sua imagem como bandeirante.

Até o momento, discorreu-se neste texto sobre a relação entre o leitor editor geral do mensário e os autores por ele utilizados. Propõe-se, doravante, a analisar como os leitores da revista *Informação Goyana* recebiam os textos do autor Silva. Afirma-se que a mesma atitude de refiguração assumiu seus leitores diante das centenas de textos publicados na revista referida. Contudo, importa destacar que, nessa posição assumida por Silva e seus leitores, um intercâmbio ocorre entre ambos, escritor e leitor. Mesmo que seja para o primeiro em um intervalo de trinta dias, com nova publicação ou edição discordar da leitura ou interpretação feita pelo segundo. Pode-se, então, supor de algum modo uma interlocução entre aquele que escreve e o leitor. Destarte, o diálogo entre falantes nos moldes observados por Ricoeur (1999) não se efetiva.

De acordo com Paul Ricoeur (1999), algo importante acontece quando o texto ocupa o lugar da fala. No intercâmbio de palavras próprio da fala, estão presentes aqueles que falam entre si e não apenas estes. Ali também estão a situação, o ambiente e o meio circunstancial do discurso, que resulta plenamente significativo. Dessa forma, a referência remete àquela realidade que pode ser mostrada em volta dos falantes, “*alrededor*’, *si así puede decirse, de la própria instancia discursiva. El lenguaje, por outra parte, reúne las condiciones suficientes para asegurar este arraigo em lo real*” (1999, p. 62). Quando os falantes não estão frente a frente, mas no texto, essa função referencial, nos dizeres do autor, fica suspensa. Anuncia que

Hablo intencionadamente de interrupción y no de supresión porque es precisamente em este punto donde me distanciaré de inmediato de lo que voy a llamar de ahora em adelante la ideología del texto absoluto, que lleva a cabo subrepticamente, mediante uma hipóstasis indebida, uma radicalización extrema, apoyándose em las precisas observações que acabamos de hacer. El texto, como veremos, no carece de referencia. La tarea de lectura, em cuanto interpretación, consiste precisamente em realizar su referencia. Al menos, em esta suspensión em la que se difiere la referencia, el texto, em cierto modo, se encuentra “em el aire”, fuera del mundo o sin mundo. Gracias a esta anulación de la relación com el mundo, cada texto es libre de relacionarse com todos aquellos textos que sustituyen a la realidade circunstancial mostrada por el habla viva (RICOEUR, 1999, p. 63).

Figura 3



Ao seguir a pista fornecida por Ricoeur (1999), conclui-se que o distanciamento espacial e temporal entre o autor Henrique Silva e seu leitor impede o diálogo porque a função referencial fica suspensa. Assim, caberá àquele em contato ou leitura dos textos do autor Henrique Silva empreender a refiguração a partir de seu referencial, do ponto de vista de quem faz a leitura. Isso porque os textos estão livres para se relacionar com os demais textos que substituem as circunstâncias possibilitadas pela fala. Insiste-se que as produções textuais do diretor da revista *Informação Goyana* permitem serem analisadas sob a perspectiva ricoeuriana ao menos em dois aspectos. Primeiro, conforme mencionado por Terry Eagleton (2006), o qual relativiza o enquadramento em categoria de gêneros literários em virtude da multiplicidade de discursos presentes em sociedade. Por fim, se se considerar que todos os textos podem estar com sua função referencial em suspensão, porque os falantes não estão lado a lado, e ainda faltar o meio circunstancial que dá sentido à fala, então pode-se incluir a produção de Henrique Silva nessa análise. Enfatiza-se que sua atividade é de via dupla, isto é, conforme as Tabelas 3 a 7, o editor geral do periódico é escritor, mas também

leitor. A outra via é saber como os leitores de *Informação Goyana*, notadamente de Henrique Silva, interpretaram seus textos.

Segundo a historiadora Maria de Araújo Nepomuceno (2003), a linguagem sofisticada utilizada pelos colaboradores da revista *Informação Goyana* possibilita inferir uma erudição muito elevada de seus leitores. A autora, no livro *O papel político-educativo de A Informação Goyana – na construção da nacionalidade*, informa que a revista possuía poucos assinantes. Entretanto, ao percorrer as edições da revista¹⁹⁴, identificou-se a fidelidade de seus leitores, ainda que muitos tenham esquecido de saldar seus débitos, conforme nota de cobrança dos pagamentos em atraso. Publicações como a da Figura 2 foram recorrentes durante todo o período de circulação do periódico.

O illustre escriptor Joaquim Ribeiro que herdou do pae não só o talento como a mais solida cultura, distinguin-nos com a seguinte generosa carta:

Exmo. Sr. Henrique Silva.

Saudações.

Acabo de receber a “Informação Goyana”, sempre curiosa e rica de informes sobre o Brasil Central.

O seu artigo “As mil e uma noites do sertão” está semeiado de referencias ao lendario goyano, que pretende aproveitar num estudo, que estou preparando. Breve lhes enviarei a “Introdução ao estudo do folclore brasileiro” livro em que traço a minha orientação doutrinarria acerea do folclorismo, já se acha no prelo, em vespera de vir á luz.

Pego ao nobre amigo de meu pai, que continue comigo a amizade cordial, que tanto me honra.

Queira aceitar os meus agradecimentos.

Joaquim Ribeiro

Figura 4

Informação Goyana
06/1934, p. 88.

Nepomuceno (2003) pondera que o leitor almejado pela revista *Informação Goyana* eram políticos, homens das letras, de negócios e a imprensa. A circulação dessa revista se dava por meio de permuta com os órgãos públicos, e da imprensa nacional e internacional. De acordo com a revista goiana,¹⁹⁵ havia uma rede de correspondentes localizados em uma parte considerável do planalto central identificando os correspondentes. Em mapa publicado por Magalhães (2011), tem-se em um extremo, ao sul, Uberaba; ao norte, como ponto mais distante, Porto Nacional. Entre esses pontos, encontra-se a área demarcada para a construção da nova capital. Se o mensário contasse com alguma estrutura econômica, possivelmente chegaria a terras mais distantes de Goiás e teria mais leitores amparados por Silva redescobindo seu Estado. Apesar desse impedimento, o território goiano em que a revista circulou atendia

¹⁹⁴ Disponível em cd ROM.

¹⁹⁵ *Informação Goyana*, 15/12/1917.

em grande medida os interesses do editor de *Informação Goyana* de se tornar conhecido e como o defensor das terras goianas.

Assinala-se que detentora de um pequeno ou grande número de leitores, a interpretação de um texto por aquele que lê se apresentando com capacidade de interagir com a produção textual não ocorre no âmbito restrito da interpretação atribuída pelo autor. A essa escapada do leitor diante de um único significado Ricoeur (1999) denominou a *ideologia do texto absoluto*. O leitor, conforme se depreende, é a chave no processo de interpretação da escritura. E *Informação Goyana*, meio disponibilizado a dar visibilidade aos textos de Henrique Silva, ofereceu aos seus leitores a oportunidade de permanecer ou ampliar seu horizonte de experiência.

A Figura 4 mostra como o leitor interpretou um texto publicado na edição nº 01; este apreende o sentido proposto por Henrique Silva, porém menciona sua utilização na criação de novo texto. Evidentemente, o contrário também poderia ter acontecido, isto é, o leitor produzir um novo texto, mas com significativas alterações na produção textual do diretor geral da revista¹⁹⁶. Poderia, inclusive, discordar, como exemplificado com o Silva leitor. A interrupção do referencial que deixa o texto “*em el aire*”, *fuera del mundo o sin mundo* concorda com a produção de Wolfgang Iser (2002) na perspectiva da Estética da Recepção.

Em *Os atos de apreensão do texto*, Iser (1999), assim como Ricoeur (1999), fortalecem a problemática posta no início desta pesquisa: a prática de uma *escrita de si*¹⁹⁷ de Henrique Silva. Essa questão foi discutida no segundo e terceiro capítulos desta dissertação em um esforço de Silva em desvendar aos habitantes de Goiás, e aos leitores da capital federal¹⁹⁸, as potencialidades econômicas do Estado de Goiás. Esse fato pode levar à afirmação de que as ações de Silva tiveram como diretriz um projeto de memória devidamente colocado em prática pelo militar, escritor e editor geral do periódico *Informação Goyana*. Esse projeto teve como propósito alcançar o leitor para sua produção textual e assim fundar ou instituir uma memória de si.

¹⁹⁶ Discussão empreendida na Tabela 3, temática insalubridade.

¹⁹⁷ Publicado no jornal *O Paiz*, entre 1890 a 1917.

¹⁹⁸ Revista a *Informação Goyana* 1917 a 1935.



Figura 5

Wolfgang Iser (1999), ao refletir acerca da interação entre texto e leitor, assevera que os diferentes modelos de texto descrevem somente uma dimensão da situação de comunicação. Tanto o repertório como as estratégias textuais tendem a apresentar uma pré-estrutura do potencial do texto. Cabe ao leitor atualizar o texto a fim de construir o objeto estético, significando que a aquisição de experiências pelo leitor se dá em um estado de consciência sob as quais ela, a experiência, se constituiu (ISER, 1999).

Sublinha-se que a intenção nesta pesquisa é captar a atualização ou refiguração, conforme Ricoeur (1999), dos textos de Henrique Silva pelo leitor sem que passe necessariamente pela dimensão do objeto estético. Como se pode constatar em grande parte dos exemplos extraídos do periódico, o leitor é pragmático, está sempre a buscar uma dimensão utilitária para aquilo lhe vem às mãos através dos textos do autor/diretor da revista, como a Figura 5, *A cultura do trigo em Goyaz*, na qual o leitor com entusiasmo comunica à direção da revista dados disponíveis sobre a safra de trigo na Chapada dos Veadeiros. Verifica-se nos leitores o que Iser (1999) chama de *ponto de vista em movimento*. Há um horizonte de memória que se modifica e uma expectativa que se amplia no movimento dialético entre as partes em interação. Afirma Iser (1999, p. 28):

O ponto de vista em movimento designa a maneira como o leitor está presente no texto. A presença se define como estruturação do texto capaz de desenvolver-se nos horizontes interiores de memória e expectativa. O movimento dialético daí resultante promove uma modificação constante da memória, assim como uma crescente complexidade da expectativa. Essa é uma das funções das perspectivas do texto diferenciadas entre si que se

estabilizam enquanto horizontes numa inter-relação contínua. A dialética de horizontes impulsiona as atividades sintéticas a serem produzidas pelo leitor.

É necessário pontuar que os leitores de a *Informação Goyana* chegam com seu horizonte de memória ou saberes acumulados aos textos apresentando um relativo grau de dificuldade. E em um processo contínuo, de releituras temáticas¹⁹⁹ em edições posteriores, podem alterar não apenas seu horizonte de memória, como de expectativa. Reforça-se que diante desse gênero literário produzido por Henrique Silva a dialética entre horizontes interiores de memória e expectativa de alguma maneira acrescenta ou impulsiona algo que resulte em processo de atividades sintéticas equivalendo a uma configuração de sentido.



Figura 6

Nas Figuras 6 e 7, o leitor demonstra, em artigo publicado no *Jornal do Brasil*,²⁰⁰ que transitou pelos textos do major do Exército. Em sua escrita, revela conhecimento da obra publicada, mas não se conforma inteiramente com o texto. Apreende o significado trazido pelo autor, mas não se restringe apenas a ele: discorda, interfere e atualiza o texto (RICOEUR, 1999). Nessa discordância entre leitor e autor, enxerga-se um possível diálogo entre ambos nos limites de uma revista mensal. Entretanto, pode-se perceber e admitir que a síntese no ponto de vista em movimento, quando “[...] o leitor apreende o texto em fases consecutivas da leitura na medida em que se movimenta

¹⁹⁹ Ao se observar ao longo de toda a produção de Henrique Silva as tabelas mencionadas, verifica-se que os temas escolhidos por ele para a escrita textual são recorrentes.

²⁰⁰ Publicado em a *Informação Goyana*.

dentro dele” (ISER, 1999, p. 11-12; CALDIN, 2012, p. 02), não se realizou de forma a expandir significativamente seus horizontes interiores de memória e expectativa. Não houve uma alteração na memória com possibilidades de gerar expectativa e tampouco a síntese entre as duas situações vivenciadas pelo leitor.



Figura 7

O que se apresentou até o momento é melhor esclarecido pelo *O Jogo do Texto* (ISER, 2002). Essa produção lúdica, isto é, o conceito do jogo é a proposta do autor, capaz de cobrir ou efetivar todas as operações realizadas no processo textual da recepção. Dito de outro modo, o texto é o campo do jogo no qual autor e leitor jogam a partida. Ainda que o texto seja um ato intencional do autor, que intervém no mundo existente, é o leitor o jogador fundamental, pois cabe a ele a função de buscar todas as potencialidades textuais.

Assim o texto é composto por um mundo que ainda há de ser identificado e que é esboçado de modo a incitar o leitor a imaginá-lo e, por fim, a interpretá-lo. Essa dupla operação de imaginar e interpretar faz com que o leitor se empenhe na tarefa de visualizar as muitas formas possíveis do mundo identificável, de modo que, inevitavelmente, o mundo repetido no texto começa a sofrer modificações. Pois não importa que novas formas o leitor traz à vida: todas elas transgridem – e, daí, modificam – o mundo referencial contido no texto (ISER, 2002, p. 107).

O jogo textual visa a um resultado: a criação de significados. Tão logo isso ocorre, o jogo termina. No entanto, o ensaio possibilita afirmar que a partida, mesmo encerrada, possa ser retomada em outro momento, pelo mesmo leitor, na busca de novos

resultados ou significados (ISER, 2002). Evidentemente, o ensaio em que o autor demonstra a relevância do leitor no processo de construção de significados é muito mais complexo do que se expôs até então nesta pesquisa. A fim de melhor entender a proposta de Iser (2002) priorizando o leitor como chave na recepção dos escritos de Henrique Silva, abordam-se dois conceitos por ele utilizados: *significante fraturado*²⁰¹ e *esquema*.

Por meio desses conceitos, discorre-se sobre como os leitores se acomodaram aos textos publicados em *Informação Goyana*. Antes, contudo, faz-se um esclarecimento. Trata-se de perceber um leitor específico diante de textos específicos. Além dos possíveis leitores mencionados em outra seção da pesquisa, pode-se imaginar ainda fazendeiros, funcionários públicos, estudantes, professores. Esses virtuais leitores, em algum momento nos dezoito anos de circulação da revista, podem ter acessado os textos de Silva.²⁰² Como aproximar esse jogo proposto por Iser (2002) com as produções textuais de Henrique Silva e seus leitores?

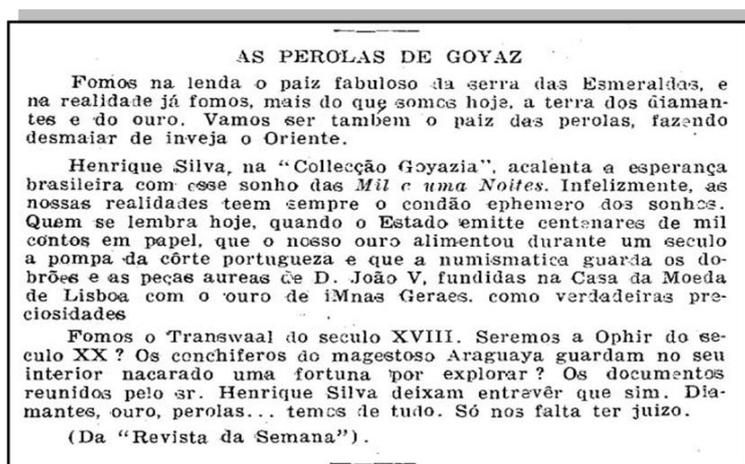


Figura 8

Informação Goyana,
02/1919.

De acordo com Iser (2002), no espaço de jogo é produzido o *significante fraturado*, que perde sua função de designar algo para ser usado de forma figurativa dentro da indicação ficcional do texto. Nesse sentido, quando se toma o artigo citado nas Figuras 6 e 7 ou qualquer outro produzido por Henrique Silva, pode-se admitir a

²⁰¹ De acordo com Iser, o *significante fraturado* é a relação entre o uso denotativo e figurativo no texto. Ao mesmo tempo em que algo é denotado, nega-se seu uso sem o abandono de sua designação primeira. Na relação ou jogo, é o espaço que permite ao leitor construir sentido. O *significante fraturado* funciona como um "análogo para a figuração de algo mais; "invoca alguma coisa que não é pré-dada." Algo ausente é presentificado.

²⁰² Segundo o censo de 1920, o Brasil possuía uma população de 24.139,299; desse total, excluindo menores de 0 a 6 anos, 7.454,698 sabiam ler e 16.684,601 não. As escolas de ensino primário em Goiás totalizam 245 estabelecimentos, com 9.679 alunos matriculados.

ocorrência do significante fraturado percorrendo um caminho entre a sua função designante ou denotativa até seu uso figurativo. Em outras palavras, o texto de Silva no sentido denotado pode ser concebido pelo leitor com outros significados, porque o texto é o espaço de liberdade no qual o leitor transita e pode transgredir.

Iser (2002) afirma que o significante denota algo; mas no ato da leitura esse algo denotado pode ser negado ou abandonado à medida que o leitor encontra novas significações. Continua o autor que o significante fraturado passa a funcionar como um análogo para a figuração de algo para além do primeiro significado. Isso demonstra que o denotado é transformado em análogo, que tanto pode provocar como formar uma atividade-que-mostra. Dessa maneira, algo ausente no texto é dotado de presença, embora aquilo que está ausente não possa ser idêntico ao análogo que favoreceu ser concebido. Portanto, o *significante fraturado* – simultaneamente denotativo e figurativo – invoca alguma coisa que não é pré-dado pelo texto, mas engendrado por ele, e habilita o leitor a dotá-lo de uma forma tangível (ISER, 2002).

Além do significante fraturado proposto por Iser (2002), outro conceito no espaço de jogo é aberto pelo *esquema*²⁰³. Os esquemas podem ser usados para facilitar a adaptação do homem ao mundo físico, mas podem ser utilizados para moldar coisas de outro modo inapreensível, ou que se deseja dispor das coisas de acordo com sua condição.

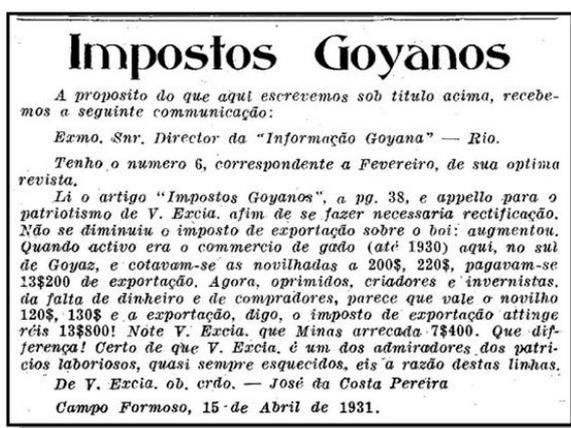


Figura 9

Informação Goyana,
03/1931

Assim como os esquemas nos capacitam a nos acomodarmos a objetos, assim também nos concedem assimilar objetos de acordo com nossas próprias inclinações. Quando ocorre essa inversão, abre-se o espaço do jogo. O esquema é dissociado de sua função de acomodação e, ao se tornar

²⁰³ O esquema, de acordo com Piaget, é o produto ou resultado do constante empenho do indivíduo em se adaptar ao mundo em que vive. Após sua formação, é vital para o esquema sua internalização, passando a funcionar de modo subconscientemente. Em seguida, o esquema torna-se ritualizado, separando-se dos próprios objetos que deram origem à sua formação.

subserviente à função assimilativa, permite que tudo que é retido de nós venha a ser encenado como presente manejável (ISER, 2002, p.111).

Percebe-se uma dualidade na função do conceito apresentado, que pode tanto ser usado pelo leitor a se acomodar ao texto que lhe chega às mãos, ou, ao contrário, assumir a função assimilativa. Esta, por seu turno, possibilita o movimento do jogo, pois inverte o esquema e abre outras possibilidades de interpretações.

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, ilustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Fundador e Director: **HENRIQUE SILVA** Gerente: **FRANCISCO V. PALAZZO**

*... l'avenir tout entier du Brésil réside dans ses plateaux et dans ses fleuves". — Alfred Marc — Le Brésil, excursion à travers ses 20 provinces.

ANNO XI RIO DE JANEIRO, MARÇO DE 1928 VOL. XI — N. 8

Correspondencia para a rua Figueiredo, 63 — Eng. Novo

EXPEDIENTE

Pedimos a todos os assignantes que ainda não satisfizeram o pagamento da sua assignatura o favor de enviarem com a possivel brevidade, as respectivas importancias em dinheiro ou vale postal dirigido ao Director desta Revista, á rua Figueiredo 63, Engenho Novo.

Pedimos a todos quantos se acharem em debito com esta revista, quitarem-se em tempo, afim de não haver interrupção na remessa d' "**A Informação Goyana**".

E' representante geral desta revista no Estado de Goyaz o nosso distincto companheiro Dr. Collemar Natal e Silva.

ASSIGNATURAS

Um anno (Brasil)	10\$000
Um anno (Paizes da União Postal)	20\$000
Numero avulso	1\$000

Assumptos Pecuarios

O meu prezado amigo Sr. Conde Amadeu Barbielini teve a gentileza de me obsequiar com algumas paginas destacadas do interessante livro *Espana Pecuaría* de Juan Raf y Codina.

Da carta que me endereçou destaco dois topicos que motivaram estas linhas:

"O Amigo sempre se interessou pelas nossas questões zootecnicas, e ainda recentemente escreveu sobre a origem do nome "Caracú"; portanto, deve com toda a certeza lhe interessar a leitura e a vista das gravuras do artigo. Pois não parecem photographias de gado Caracú, embora a opinião do amigo seja outra?"

Cumpr-me dizer de começo que as alludidas photographias de algumas das raças bovinas de Hespanha se parecem muito com as do nosso Caracú, typo primitivo, Curraleiros, etc.

Vamos por partes, mas resumindo quanto possivel.

Na capitulo *Industria Pastoral*, in "O Brasil, suas riquezas, suas industrias" (1906), escrevi: "Os caracteristicos já firmados dessas raças indigenas (Mocha, Caracú e Curraleira de Amaro Leite, a Franqueira, etc.) podem todavia

ser referidos ás raças primitivas de outros paizes, como o *bos brachycerns* (gado da peninsula Iberica. o *bos frontosus* (talvez o ancestral do *Franqueiro*), o *bos primigenius* (gado hollandez) e finalmente o *bos indicus* de que procedem o *Zebú* e o *China*, cujo sangue está desde muitos annos misturado com os de todos as nossas raças bovinas, não só as indigenas como tambem as acclimadas no Brasil.

Façam embora por ahí as objecções que se fizerem quanto a essas raças bovinas, innegavel é que ellas se formaram nos privilegiados campos do Brasil Central, encontrando nelles as condições mais propicias ao seu desenvolvimento, e apresentando, dentro em breve tempo, os mais bellos specimens de bovidos nacionaes".

Mais tarde, muito depois, encontrei nos bons auctores que hei compulsado, a confirmação do que escrevi. Assim, não posso furtar-me ao desejo de trasladar para aqui as linhas que se seguem tomadas á obra de Francisco Javier Muñiz — *Escritos Científicos*, "Ciencias Naturales Argentinas", com introdução e comentarios de Domingo F. Sarmiento e juizos criticos de Bartolomé Mitre e Florentino Ameghino.

Tratando da Pampa Argentina, ou melhor do gado que nella se espalhara em tempos idos, escreve Sarmiento: "En la dilatada llanura vagaban con el hombre manadas de caballos bugales, jaurias de perros cimarrones, y ganados alzados que iban volviendo a las formas primitivas del *urus* paterno".

Não é bem o caso assaz conhecido da reversão atavica? Na mesma obra que tenho sobre a mesa de trabalho eu vejo bem fixado o prognatismo que apresenta um touro da raça bovina gallega. Não será essa raça da peninsula ancestral da raça *Nata oxen*, de Darwin, nas Pampas Argentinas?

Outra degeneração do gado europeu constituiu o gado mocho do Paraguay, contemporaneo do *ñato* e tambem do mocho de Amaro Leite, que ahí temos — para intrigar, como até aqui, os nossos zootecnistas de escada abaixo...

O assumpto é convidativo, mas esta palestra já vai longa.

HENRIQUE SILVA

Figura 10

Observa-se que o movimento do jogo ou a busca do significado sucede quando o esquema deixa de funcionar como acomodação, isto é, em vez de tomar sua forma de objeto a ser imitado, impõe uma forma sobre aquilo que está ausente. De outro modo, o esquema de acomodação copia o objeto ou capta o texto tal como ele está posto, ao passo que a função de assimilação modela o objeto de acordo com as necessidades individuais. Assim, o jogo ou a construção do significado inicia quando a assimilação

desloca a acomodação, ou seja, o leitor se recusa a aceitar o significado já dado e busca construir o próprio significado a partir do que é dado como referência no texto (ISER, 2002).

*As perólas de Goyaz, Impostos Goyanos, Assumptos Pecuarios e Rezes cruzadas nos campos de Goyaz*²⁰⁴ são outros exemplos em que se identifica o leitor recusando-se ao esquema de acomodação e se direcionando para o esquema de assimilação, evitando a cópia do que está dado ou esquema de acomodação e se apropriando do esquema de assimilação conforme suas necessidades. Dessa maneira, é perfeitamente viável admitir que houve ampliação de seus horizontes de memória e de expectativa.

Convém ressaltar que em nenhum dos exemplos citados há a negação do escrito. E isso não invalida a afirmação de que não houve ampliação dos horizontes, de acordo com o entendimento de Iser (2002). Outros exemplos estão disponíveis ao final deste trabalho para fortalecer a tese que aqui se defende: a recepção aos textos de Henrique Silva tornou possível o estabelecimento de seu projeto de memória. Projeto esse em que se apresenta para os leitores como o homem incansável no desbravamento de Goiás e como profundo conhecedor das possibilidades desse sertão.

É importante sublinhar também que *Informação Goyana* não possuía uma seção destinada a *cartas do leitor*. Entretanto, ao analisar os exemplares digitalizados, ficou comprovada uma contínua interação entre os leitores e o periódico. Esse fluxo perene com a revista corrobora a tese de leitura, mas não apenas isso; permite perceber o posicionamento ante os textos daqueles que leram Henrique Silva.²⁰⁵ Reconheceram nos textos, no autor uma obra singular, capaz de possibilitar maior visibilidade a Goiás, destacando sua beleza, as riquezas ainda não descobertas aos goianos e brasileiros de modo geral.

Até o momento, se refletiu sobre a recepção dos textos no processo da leitura, sem apresentar algumas linhas acerca do suporte que permitiu que os textos de Silva chegassem aos leitores. As reflexões de Roger Chartier (1992) sobre a importância do suporte no processo facilitador da leitura corroboram com o ato da recepção discutido até agora. Vale lembrar que facilitar não implica ou compromete a liberdade do leitor em sua interação no espaço do texto. Espera-se ao final desta discussão construir uma unidade entre contribuições de Ricouer (1999, 2010); Iser (1999, 2010) e Chartier

²⁰⁴ Figuras 7 a 10.

²⁰⁵ Anexo/Carta do leitor 18 a 26.

(1992) na questão da leitura. Não se ignora a especificidade de cada um dos autores em seu campo do conhecimento. Todavia, a preocupação aqui é com um ponto que os une: a liberdade no ato da leitura.

Antes de prosseguir com as contribuições de Chartier (1992), fazem-se necessários alguns esclarecimentos relativos à *Informação Goyana*. A revista, criada em 1917, circulou até maio de 1935. Durante esse período, foram editados duzentos e treze números, com uma tiragem que não ultrapassou quinhentos exemplares, em dimensões de 32 x 24²⁰⁶. Até fevereiro de 1918, a revista fora impressa em três cadernos ou doze páginas. A partir de março do mesmo ano, houve o aumento de mais um caderno, totalizando dezesseis páginas.²⁰⁷ Os textos publicados, em quase todas as edições, eram dispostos em duas colunas verticais, de 9,5 centímetros cada, com meio centímetro separando as duas²⁰⁸. Geralmente eram grandes textos, em corpo dez, às vezes, menores. As fotografias eram de boa qualidade, em 10 x 15 cm. Esse tamanho permaneceu até a década de trinta, quando imagens maiores, tomando quase toda a página, começaram a ser publicadas.²⁰⁹

O que Roger Chartier propõe em *Textos, impressões, leituras* (1992) é esboçar algumas hipóteses sobre uma história de práticas de leitura. Práticas que para o autor se definem de modo a incluir as relações com objetos impressos e com os textos que os leitores se deparam. Entende-se que suas contribuições podem favorecer uma análise da prática de leitura empreendida pelos leitores de Henrique Silva, que utilizou como suporte para objetivar seus escritos a revista *Informação Goyana*. Esta última garante ou busca definir para o leitor um caminho de acesso aos significados do texto. Acrescentam-se as modificações sofridas pelo próprio texto no ato de sua publicação, seja para se adequar ao espaço disponível na revista, seja lançando mão de ilustrações que podem reafirmar ou não o projeto proposto pelo autor. Buscando contemplar essas e outras questões, Chartier (1992) pontua que tanto o autor quanto o crítico literário tendem a vislumbrar o leitor como necessariamente sujeito a apreender um único significado, “a uma interpretação correta e uma leitura autorizada” (1992, p.213).²¹⁰

²⁰⁶ NEPOMUCENO, 2003, p. 31 e 41.

²⁰⁷ *Informação Goyana*, 1918: capa; vol 1, n.8. Diante de escassos recursos, pode ser que os quatro cadernos não tenham sido constantes.

²⁰⁸ Anotações realizadas em vários exemplares encadernados, disponíveis no Arquivo Frei Simão Dorvi.

²⁰⁹ Em anexo 30, fotografias da revista *Informação Goyana* encadernada. Arquivo Frei Simão Dorvi.

²¹⁰ Ricoeur (1999) designa como a ideologia do texto absoluto. Iser (1999) o papel central do referencial do leitor na interpretação do texto. Chartier (1992) concorda com ambos os autores.

Nessa perspectiva, compreender a leitura seria, principalmente, identificar as combinações discursivas que a constroem, buscando impor uma significação intrínseca e independente de qualquer decifração. Ou seja, o leitor não seria considerado como sujeito autônomo no processo de leitura. Chartier (1992) observa que defender a absoluta eficácia do texto em ditar ou definir tiranicamente o significado da obra ao leitor, sem considerá-lo no processo da leitura, é negar-lhe a autonomia, ou conforme Iser (2002), a liberdade do ato de ler. O ato de ler, explica Chartier (1992), não significa apenas submissão ao mecanismo textual. Salienta que a leitura é uma prática criativa, que inventa significados e conteúdos singulares nem sempre redutíveis às intenções dos autores dos textos ou dos produtores dos livros.

Em outro fragmento de sua obra, Roger Chartier (1992) observa ainda que, para a distinção fundamental entre o texto e a impressão, o trabalho de escrever e o de fazer o livro, conforme dito, requer um suporte que lhe confere legibilidade. Explica que qualquer compreensão de um texto depende das formas que este chega ao leitor. Logo, é preciso não esquecer e saber distinguir entre os dois tipos de aparato: o da escrita e intenções do autor e o outro, resultante da manufatura do livro ou, pode-se acrescentar, da revista. Segundo Roger Chartier (1992), é esse intervalo, espaço no qual o significado é criado, que tem sido negligenciado pelas abordagens clássicas e pelas teorias da recepção²¹¹.

Roger Chartier (1992) assinala que há uma simplificação incorreta no processo como a obra adquire significado e que é preciso restabelecer a verdadeira complexidade de uma obra. Para tanto, é necessário um estudo entre três polos: o próprio texto, o objeto que comunica o texto e o ato que o apreende. Em sua acepção, as variações nesses três polos produzem mudanças de significado que podem ser organizadas em alguns modelos. É interessante frisar que enquanto Ricoeur (1999) e Iser (2002) centram a atenção no leitor, no autor e no texto, dando maior destaque para o primeiro, Chartier (1992) não apenas destaca a importância do leitor, mas também do objeto que comunica o texto, nesse caso, o suporte.

Chartier (1992) expõe que as mudanças na forma impressa de um texto regem as transformações de seu significado. Exemplifica com os livrinhos franceses (*Bibliothèque Bleue*), estratégia editorial do século XVIII, com objetivos de atrair o público. Os editores publicavam textos que nem de longe eram populares e realizavam todo tipo de alterações a fim de torná-los mais acessível aos leitores, desde a eliminação

²¹¹ Apesar da aparente discordância, Chartier (1992) acrescenta outros elementos que enriquecem o ato da leitura. Não se desqualifica, aqui, as contribuições de Iser (1999) e nem de Ricoeur (1999).

de capítulos, simplificação de linguagem, criação de parágrafos, títulos, resumos até mesmo censurar alusões blasfemas e sacrílegas.

Ainda corroborando Chartier (1992), a maioria das pessoas, mesmo quando não ouvia diretamente a leitura, lia os livros com um entendimento previamente adquirido, evocado ao longo do ato de ler. Esse entendimento se dava graças à ocorrência periódica de formas codificadas, à repetição dos temas e às imagens dos livros. Afirma também que:

Esse pré-entendimento produzia uma compreensão daquilo que se lia, compreensão esta que não correspondia àquela pretendida pelo criador do texto ou pelo produtor do livro, ou ainda àquela que poderia resultar de uma leitura inteligente e bem humorada (CHARTIER, 1992, p. 225).

Nessa passagem, pode-se perceber nova aproximação de Roger Chartier (1992) com as contribuições dos autores referidos nesta pesquisa ao trabalharem com o processo da leitura. Apesar de as diferenças, as convergências são significativas entre os três autores (CHARTIER, 1992; ISER, 2002; RICOEUR, 1999). No entanto, salienta-se que Iser (2002) centra-se no leitor, mas sem apresentar características desse leitor no qual se possa identificá-lo na sociedade. Seu leitor, muito provavelmente, é o letrado, que traz para o ato da leitura as ferramentas necessárias para explorá-la. Chartier (1992), ainda que seu foco inicial seja o leitor de modo geral, com seus exemplos utilizando os livros franceses ou a *Bibliothèque blue*, sua maior ênfase recai sobre o leitor que ainda não reúne as condições necessárias para o ato da leitura, daí as interferências dos editores para amenizar tais dificuldades ou ausências.

Certamente é de se esperar que os leitores dos textos de Henrique Silva poderiam ter dificuldades semelhantes às apresentadas por Chartier (1992) aos leitores franceses na apreensão dos significados. Destaca-se a importância das alterações efetuadas pela revista para tornar o texto mais acessível a seu público leitor. A manipulação dos recursos da diagramação, como a disposição dos textos, fotografias, mapas, títulos, enfim toda a página poderia facilitar a prática da leitura. Entretanto, em alguns casos foi possível identificar alguns descuidos gráficos dos profissionais que realizaram a impressão, bem como do profissional que efetuava a revisão da página impressa²¹².

Em seguida, expõem-se alguns exemplos que podem constituir-se um obstáculo para aquele que não está habituado com a prática da leitura. Antes, porém,

²¹² O processo de impressão era tipográfico. A revisão era feita sobre uma primeira “prova” impressa. Após as anotações dos possíveis erros, o paginador realizava as alterações solicitadas pelo revisor.

frisa-se que no período em que a revista *Informação Goyana* foi editada, a diagramação obedecia aos padrões estéticos estabelecidos na época. Se se tomar o jornal *O Paiz* como referência, observa-se que era prática comum as matérias serem dispostas sempre na vertical ou em colunas. Essa disposição e o tamanho dos artigos podem explicar a sequência de matérias confusas na revista, como se exemplifica a seguir. O texto de Henrique Silva sobre pecuária, temática muito discutida por este autor, inicia na capa da Figura 11 e finaliza no rodapé de outra página, da Figura 12, posterior à matéria, de assunto distinto.



Figura 11

Leopoldo de Bulhões

Discurso pronunciado pelo Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, orador perpetuo, na sessão magna comemorativa do 91º aniversário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, realizada em 21 de Outubro de 1929:

— Mal havia o Instituto encerrado os seus trabalhos do anno de 1928, e chegava-nos a 25 de Dezembro a infausta noticia da morte do Dr. José Leopoldo de Bulhões Jardim.

Desapparecia um grande vulto do scenario brasileiro. Filho do Major Ignacio Soares de Bulhões Jardim e de D. Antonia Emilia de Bulhões Jardim, nasceu na cidade de Goyaz a 28 de Setembro de 1856.

Completo os seus estudos preparatorios, matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo em 1876, fazendo parte de uma turma brilhante que concluiu o curso em 1880 — data de seu diploma de bacharel em sciencias juridicas e sociais.

Um de seus collegas, o Sr. Horacio Guimarães, em bello artigo, que publicou na *Gazeta de Noticias* ha cerca de tres annos, relembrou episodios daquelle periodo academico, no qual, companheiros do mesmo anno, se distinguiram notavelmente tres formosos talentos: Santos Werneck, mais tarde eximio jurista e collaborador no projecto da Constituição Republicana; o então joven Affonso Celso, desde aquella época laureado orador e poeta; e Leopoldo de Bulhões, já então querido, de todos estimado, distincto pela clareza, pela logica e profundez de conceitos quando explanava qualquer ponto de Direito. A introdução que escreveu em 1880 para o livro de Santos Werneck — *O Positivismo republicano na Academia* é uma bella pagina de philosopho spenceriano, não obstante a forma synthetica e quasi aphoristica que den aos seus conceitos.

Era aos 24 annos um pensador.

Uma particularidade é digna de nota: desde o primeiro

anno do curso academico, Bulhões se devotou especialmente a estudo de Finanças: "martellava-nos, diz o precioso informante, a que já me referi, — martellava-nos sem cessar com a fixação do cambio, com o regime monetario e com a necessidade da conversão do papel-moeda".

"Como collega, continúa elle, como companheiro foi inextinguível; atravessou os cinco annos escolares sem fazer um desaffecto, sem ter a menor desavenza com collega algum. Era de uma condescendencia admiravel, e ninguém conseguia fazel-o perder a calma. Diziam-no sceptico. Em



Dr. Leopoldo de Bulhões

todo o seu scepticismo era de um espirito encantador, de um coração generoso e altruistico".

Ahi está senhores um testemunho altamente honroso sobre os dias da mocidade de Bulhões, — prenuncio da vida de um grande homem, que, no seio da familia como na função social, em todos os postos a que chegou, e que elle tambem honrou, deve-se dizer, foi deveras notabilissimo brasileiro.

Havia naquelle tempo em São Paulo, conforme publicou o referido Sr. Dr. Horacio Guimarães, e não sei se ainda subsiste, a chamada Burschenschaft, associação secreta, transplantada das Universidades allemãs e destinada a auxiliar os estudantes menos favorecidos da fortuna. Sempre a presidia um 5º annista, e no anno de 1880 coube o cargo a Santos Werneck.

Certamente Bulhões pertenceu a esse gremio philanthropico, taes eram os predilectos, do seu coração bonissimo.

Formado em direito nesse anno de 1880, entrou sem demora na carreira publica. Dois annos depois merecia de seus conterraneos a eleição para uma cadeira na Assembléa Geral, onde representou lucido papel, alistando-se na cohorte dos deputados liberaes, que pugnavam por grandes reformas.

Agitavam-se por essa época no Brasil grandes questões: a do Abolicionismo, a da Eleição directa e as primeiras idéas da Federação. Na Camara formosos talentos disputavam então com brilho a victoria dos principios liberaes; Bulhões foi um delles. Logo em 1883 apresentou um projecto de Abolição immediata, com a simples clausula de algum tempo de serviço gratuito prestado pelos libertos. Era o preludio da gloriosa campanha que tinha de encerrar com chave de ouro, cinco annos mais tarde, a 13 de Maio de 1888, graças á santa iniciativa da Princesa Regente D. Isabel, e á decisão

da realidade, o total dos habitantes existente no vasto territorio de Goyaz com a mais flagrante inexactidão—511.919 almas, apenas.

Quanto á população pecuaria. Neste capitulo a deficiencia dos dados estatísticos culmina, o que aliás já demonstramos com abundancia de informes os mais insuspeitos. Não podemos fixar o verdadeiro numero de bovidos existentes na destendida área geographica do Estado de Goyaz; mas ha processos indirectos para avaliar, com alguma approximação, o seu stock bovino. Um desses processos, o mais seguro e menos contestavel é a estimativa pelo consumo geral. Por consumo geral tomaremos apenas o numero de rezes exportadas annualmente, desprezando a matança e consumo interno. Se considerarmos o valor da exportação goyana para os Estados limítrophes, para as xarqueadas e frigoríficos de São Paulo, para os matadouros de Santa Cruz, para o da Anglo, em Mendes, para as xarqueadas mineiras, para o consumo da capital paulista, para o Paraguay, via sul de Matto Grosso, e mais a exportação de couros, xarque, carne secca, queijos e roqueijões, manteiga, meios de sola, etc., etc., ver-se-ha que a existencia e produção do gado vacuun em Goyaz excede todas as expectativas.

Das nossas demonstrações irrefutaveis, resulta a seguinte conclusão:

- que Goyaz é o Estado que mais exporta gado vacuun eria dos seus campos nativos;
- que o seu rebanho occupa o 2º lugar, logo depois do Rio Grande do Sul;
- que cerca de 2/3 do gado vacuun que Minas Geraes exporta como seu, procede de Goyaz.

HENRIQUE SILVA

Figura 12

Outro aspecto que dificultava a prática da leitura são textos extensos em corpo pequeno, com entrelinhas quase ausentes. Isso pode ser explicado ou pela dificuldade de síntese ou pela necessidade de se fazer compreender dentro de um espaço exíguo, provavelmente pela ausência de recursos suficientes para ampliar o tamanho da revista. Outra possibilidade de explicação para o formato do periódico é apresentada por Freire (2009). Em sua perspectiva, a impressão de jornais no Brasil passou por três fases: tipográfica²¹³, litográfica e a digital. Tomando o jornal O Estado de S. Paulo como

²¹³ Na fase tipográfica, a composição é manual, o tipógrafo com o uso do componedor, uma espécie de régua que possibilita o encaixe dos tipos, e vai compondo os títulos letra por letra. Para isso, recorre a uma caixa de tipos separados por ordem. Os textos que se juntarão aos títulos, fios, clichês para a fase de paginação são compostos (ou fabricados) na Linotipia, uma máquina que mistura chumbo e estanho (GRAIG, 1987).

parâmetro²¹⁴, afirma que no Brasil a fase tipográfica predominou até os anos 1970. Durante o período tipográfico,

Os recursos gráficos na fase tipográfica eram escassos e o texto verbal predominava. O texto jornalístico de então trafegava entre o informativo e o literário, fazendo com que o “o nariz de cera” (as aberturas prolixas) fosse um padrão. Daí, a existência de textos longos e às vezes impenetráveis. Valores como objetividade jornalística, imparcialidade, fontes múltiplas só serão adotadas bem mais tarde (FREIRE, 2009, p. 296).

Se esse é o padrão de escrita do período, dificilmente a ampliação do número de páginas impediria a construção de textos longos.²¹⁵ Apesar de tais empecilhos para a leitura, o periódico contava com leitores fiéis, que aguardavam sua publicação mensalmente. Sublinha-se que as estratégias para facilitar a leitura ou aproximar o leitor ao suporte, mesmo com poucos recursos disponíveis, eram constantes, como exemplifica a Figura 13, com dois textos em colunas separadas lado a lado com fontes diferenciadas.



Figura 13



Outra novidade (Figura 13²¹⁶) intencionando a melhor visualização foi o uso de um único título em caixa alta, fonte atrevesando toda a página no sentido horizontal. Ainda que o texto estivesse disposto em colunas verticais, o leitor estaria seguro de tratar-se de mesmo assunto.

²¹⁴ Iniciou sua produção em 1875 (FREIRE, 2009).

²¹⁵ Possivelmente, a busca de novos colaboradores seria uma das respostas para a ampliação do espaço na revista.

²¹⁶ *Informação Goyana*, 01/1932.

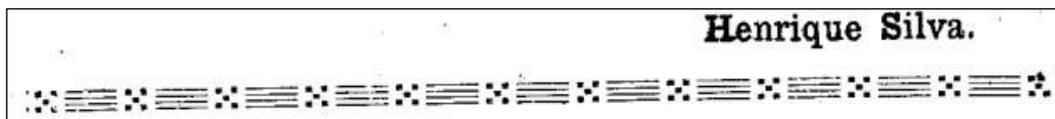
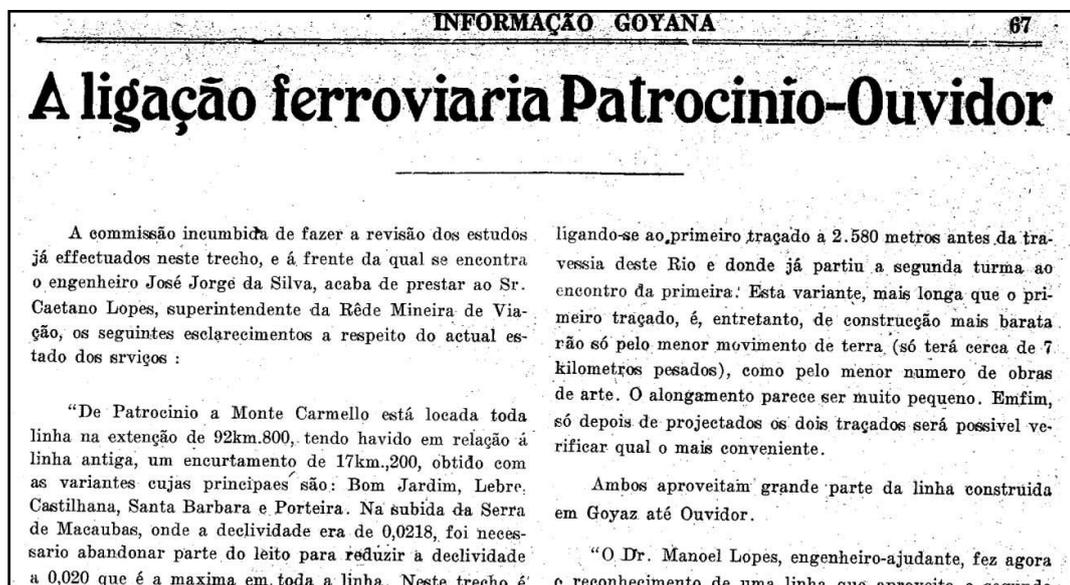


Figura 15



Figura 16



Na Figura 14, na edição de 1925, o uso de fio²¹⁷ é composto de cinco fios subdividido em onze partes, com cinco pontos cada. O conjunto forma um fio grosso que serve, entre outros aspectos, para destacar o nome do autor de uma matéria, artigo ou apenas para separar um texto de outro. Na Figura 15, de 4/1930, o destaque é uma fonte que faz lembrar a escrita a mão, convidativa à leitura. Finalizando essa sequência de adornos, na edição de 04/1932, Figura 16, tem-se um título tomando toda a página, com maior entrelinha para o texto e maior espaçamento entre os parágrafos.

²¹⁷ Elemento gráfico usado para organizar conteúdos na página. Disponível em BOCC<<http://www.bocc.ubi.pt/pag/damasceno-patricia-2013-design-jornais.pdf>> Acesso em 28/09/2017.

INFORMAÇÃO GOYADA

Revista mensal ilustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central
 Fundador e Director : HENRIQUE SILVA Gerente: ADOLPHO V. PALAZZO
 Correspondencia para a rua Carlos Sampaio, 55 (Aymoré Palacio Hotel)

ANNO XV RIO DE JANEIRO, JANEIRO E FEVEREIRO DE 1931 VOL. XV — NS. 6 E 7



Fotografias com maior destaque passaram a ser incorporadas à diagramação da revista desde 1923. A Figura 17, de 02/1931, demonstra a valorização da imagem como meio importante de comunicação, podendo superar o texto escrito ou facilitar seu entendimento. É também uma aposta da revista aos poucos escolarizados. A imagem de Pedro Ludovico estampada na capa da revista possibilita muitos significados aos

leitores²¹⁸: o apoio da revista ao novo poder instituído em Goiás, o governante que manterá a subscrição dada pelo estado ao periódico.

Figura 18



Figura 19



Figura 20



Figura 21



²¹⁸ De um total de nove grandes fotografias publicadas na revista, a imagem Pedro Ludovico aparece em mais outro momento, no ano de 1937. As outras são: Comissão Cruis, 1913, p. 6; Augusta Frida Kauffmann Silva, capa, (esposa de Henrique Silva); Cel Migue da Rocha Lima, capa, 1924; Sr Francisco Sá, capa, 1924; Dom Manoel Gomes de Oliveira, 1927, capa; reserva florestal, 1930, p. 68 e Henrique Silva, capa, 1935.

Salientam-se as inovações efetivadas na logomarca de *Informação Goyana* ao longo de seu período de circulação. Na Figura 18, o primeiro número, de 1917, apresenta o nome do mensário em destaque, e traz também o nome de seus colaboradores, que disputam a atenção dos leitores. As Figuras 19 e 20, respectivamente de 1929 e 1930, apresentam a logomarca mais arejada, pois suprimiram o texto com os nomes dos colaboradores que visualmente a deixavam carregada.

Outra mudança registrada na Figura 20 foi a alteração da fonte²¹⁹, que restabeleceu ao mensário o ar de seriedade da primeira edição. Na capa de 1927 (Figura 21), há o uso de fonte em caixa alta, trabalhada para homenagear pessoas importantes em Goiás. Essas mudanças no interior do suporte objetivavam atrair o leitor para a revista ou para a leitura dos textos publicados por Henrique Silva.

²¹⁹ É o conjunto de letras ou família tipográfica que possui as mesmas características de desenho, independente de suas variações, peso, inclinação, corpo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta pesquisa, faz-se necessário realizar algumas conclusões, ainda que em História estas sejam sempre parciais. Isso porque o conhecimento histórico, entre outras questões, demanda indagações a partir de um espaço político, social e econômico no qual o pesquisador está situado. Assim, ainda que seja provisório, o conhecimento organiza e dá sentido a um passado goiano que há tempo reclama a atenção da historiografia.

Na fração desse passado de dimensões incalculáveis, foi possível iluminar a produção textual do bonfinense Henrique Silva, goiano, escritor, jornalista, geógrafo, militar, caçador, deputado estadual eleito²²⁰ por Goiás e outras tantas atividades exercidas durante sua vida. Esse material que deu notícia de Silva está disponível em duas grandes e riquíssimas fontes que serviram de base para o desenvolvimento deste trabalho: o jornal *O Paiz* e a revista *Informação Goyana*. Neles, há centenas de notas e artigos escritos de 1890 a 1935. No jornal, os textos, em sua maioria, eram pequenas notas que registravam as ações do escritor em sua vida social, política e militar. Na revista sob sua direção, o tom foi a publicação de grandes artigos em defesa das potencialidades do Brasil Central, especialmente Goiás.

Para indagar a fonte e dela obter as respostas que direcionaram esta pesquisa, fizeram-se uso das contribuições de Ângela de Castro Gomes (2004), Sabina Loriga (1998; 2017), Paul Ricouer (1999/2010); Wolfgang Iser, (1992; 1999), Roger Chartier (1992), dentre outros. As duas primeiras autoras com referencial teórico que discutem uma *escrita de si* e os demais a autonomia do leitor diante dos textos que lhes chegam às mãos.

Ao observar a fonte do jornal *O Paiz* e as publicações recorrentes da vida pública do alferes Henrique Silva²²¹, percebeu-se que tal escrita tratava de uma (auto)biografia, uma *escrita de si*. Segundo Gomes (2004), escrever sobre si mesmo é uma forma em que o indivíduo, nesse caso o goiano, dota o mundo de significado por meio de ações, relevantes ou não.

Com o intuito de dotar o mundo à sua volta de significados, Silva foi construindo seu projeto identitário em que ele é um intelectual erudito, com livre trânsito nas redações dos principais jornais de Minas Gerais, São Paulo, Goiás, Rio

²²⁰ Não assumiu impedido pela Comissão de Verificação de Poderes, mecanismo largamente utilizado pela situação contra os deputados da situação (CAMPOS, 2011).

²²¹ O militar goiano chegou a patente de major do Exército.

Grande do Sul e principalmente a cidade do Rio de Janeiro. Além de si mesmo, seu projeto tem outro endereço, os goianos. Com seu povo, o objetivo foi a construção de uma personagem de notável conhecimento sobre as riquezas do Estado de Goiás, um homem capaz de assumir solitariamente, se necessário, a defesa de seu Estado lutando contra os equívocos publicados pela imprensa e as discriminações do governo federal que mal incluíam Goiás nas estatísticas nacionais.

Assim, em busca desse projeto pessoal, de notabilizar-se no jornal *O Paiz*, Silva foi registrando, em seu entendimento, seus grandes feitos. Às vezes, as publicações eram redigidas por ele próprio, e em outras não, pelos colegas das redações. Nessa (auto)biografia, nem tudo saiu conforme o esperado. Houve momento em que o jornal registrou a chegada de Henrique Silva vindo de São João Del Rei preso. Em outra edição, a notícia de seu pedido de demissão do Exército, erro corrigido na edição seguinte. Contudo essas notícias, longe de dificultar seu projeto pessoal, chamavam para si os holofotes que tanto lhe interessavam.

Outros registros de maior interesse do militar foram imortalizados em sua (auto)biografia em *O Paiz*. A doação de um dia de soldo à viúva de Benjamin Constant; a doação de recursos aos flagelados pela seca no Nordeste; a defesa da República e o apoio ao presidente Floriano Peixoto; a participação na fundação do Centro Goiano; o elogio por bravura ao combater a *Revolta da Armada*; a publicação de livros. Com a patente de capitão, apoia a candidatura de Hermes da Fonseca à Presidência da República; recebe elogio do ministro por realização de projeto de arborização na vila militar Deodoro da Fonseca, na cidade do Rio de Janeiro; candidata-se a deputado estadual por Goiás, pelo Partido Democrata, sendo eleito.²²²

O esforço de Silva para registrar seus feitos se inseriu em um contexto chamado por Santos (2004) de influência do romantismo importado da França. Respalda em Peter Gay, a autora enuncia que “os franceses eram dentre os românticos aqueles que escreviam as autobiografias [...] nos jornais ligados a partidos” (GAY apud SANTOS, 2004, p. 60). Lembram-se das sábias palavras de Veyne quando sinaliza a impossibilidade de se deixar o aquário. As ideias românticas de “morrer pela pátria”, “pacto de sangue”, “Mãe pátria” compõem esse grande aquário ou contexto em que os jovens militares viviam²²³ (SANTOS, 2004, p. 61).

²²² No anexo 12, estão disponibilizados todos os registros em *O Paiz*.

²²³ Quando surgiu a primeira nota publicada em *O Paiz* sobre Henrique Silva, esse contava com vinte cinco anos.

Se as ideias românticas ajudam a explicar o desejo de Henrique Silva de imortalizar suas ações escrevendo um livro pessoal de notas em *O Paiz*, o pensamento positivista, de outro modo com Augusto Comte, de ordem disciplinar, moral, de cientificismo e progresso favoreceram a compreensão do teor de sua produção textual. O militar goiano passou três anos em curso na Escola do Exército, tempo mais que suficiente para assimilar boa parte da filosofia política do francês ensinada e discutida nas escolas militares. E não apenas no meio militar as ideias positivistas se faziam presentes. Trevisan (2011) aponta que o auge do positivismo influenciou até aqueles que se dispunham a combatê-lo. Dessa forma, difícil seria perceber Silva resistindo àquilo denominado por Mahannheim (1993) *espírito do tempo*.

Nos primeiros anos do século XX, Henrique Silva se firmou no meio editorial e conquistou mais espaço para expor suas ideias. As notas, em muitos momentos, cederam lugar a grandes artigos que passaram a dar ênfase aos esclarecimentos pautados em dados corretos e às possibilidades de desenvolvimento de Goiás. No fragmento extraído do jornal, Henrique Silva questiona o desconhecimento, a escassez de estudos oficiais sobre a produção goiana,

Infelizmente para Goyaz, não é só sua borracha que muda o nome da procedência em Minas Gerais: tambem o gado vaccum, originário de Amaro Leite chega aos matadouros do Rio de Janeiro com o chrisma ministrado nas invernadas mineiras, é aqui conhecido como boi de Minas (*O PAIZ*, 24/06/1911, p. 2).

Em resposta ao escritor Curvelo de Mendonça²²⁴, que o chama de bairrista, fantasioso nos assuntos de Goiás acerca da população goiana, respondeu em seu melhor estilo,

E veso antigo esse dos nossos intellectuaes, homens de letras, que não leram ainda sequer os titulos das chronistas e memoriais existentes sobre outr'ora capitania dos goyazes [...]
São iniquos. Desse numero parece com tendencia a querer fazer parte, infelizmente, desde algum tempo, o talentoso escriptor [...] nobilita semanalmente as primeiras columnas da primeira pagina do Pais (*O PAIZ*, fev/1910, p. 3).

Em seguida, contrapondo o escritor de *O Paiz*, apresenta relatório do presidente da Província de Goiás, J. M. Pereira Alencastre, que descreve a entrada em Goiás de grande número de piauienses e baianos no território goiano fugindo da seca.

²²⁴ Manuel Curvelo de Mendonça 29/07/1870 a 17/09/1914. Disponível em LiteraturaSergipana <<http://literaturasergipana.blogspot.com.br/2013/08/curvelo-de-mendonca-um-autor-com.html>> Acesso em 22/09/2017.

“É um documento histórico (sic) que vale mais que uma ‘mera conjectura’, quer me parecer” (*O PAIZ*, 1910, p. 3).

Em outra passagem do mesmo artigo, continua a combater os equívocos de Curvelo de Mendonça, que afirmara estar Goiás “hoje entregue quase exclusivamente a uma empírica indústria pecuária” e o chama de mal informado,

Basta enumerar os artigos de exportação goyana, os principais: (sic) gado vaccum, cavallar, muar, suino, caprino e lanígero; borrachas de maniçoba, mangabeira e caucho, crystal de rocha, toucinho, fumo, carne seca, marmellada, aguardente, algodão em rama, feijão, arroz, milho, farinhas de milho e mandioca [...] que não constam dos quadros officiaes organizados annualmente pela 2ª secção da secretaria de finanças [...] (*O PAIZ*, fev/1910, p. 3).

Com posicionamentos baseados em *dados concretos*²²⁵, Henrique Silva escreveu em *O Paiz* por muitos anos, sendo reconhecido no meio editorial como profundo conhecedor das riquezas do planalto central. Essa legitimidade alcançou seu ponto máximo quando passou a editar na cidade do Rio de Janeiro em colaboração com o sobrinho Antônio Americano do Brasil e grupo de intelectuais, em sua maioria de Goiás, a revista *Informação Goyana*²²⁶.

Nessa revista, deparou-se o editor geral Henrique Silva com maior maturidade²²⁷ ao completar seu projeto de memória. Se no jornal *O Paiz* seu objetivo de mocidade era escrever sobre o que realizava quase que cotidianamente, na revista permanece a ambição de não ser esquecido. Porém, não mais se encontrarão notas tratando de sua vida privada. O foco passa a ser o projeto de desenvolvimento de Goiás. Ao combater pelo desenvolvimento de Goiás, trouxe ali, à sombra, seu interesse pessoal de elaboração de uma imagem de grande conhecedor do planalto central, iniciada em sua (auto)biografia na última década do século XIX.

Henrique Silva deixou um acervo escrito que ultrapassou duzentos e cinquenta artigos assinados. Neles, demonstra grande bagagem de conhecedor das riquezas de Goiás adquirida como caçador, ex-aluno da escola militar, membro da Comissão Cruls na condição de alferes e autodidata em um amplo campo temático²²⁸. Para ilustrar as potencialidades econômicas de Goiás, o escritor Silva utilizou de trezentos e dezessete²²⁹ autores durante a circulação do mensário. Estes eram engenheiros,

²²⁵ *Informação Goyana*, 1ª edição, nº 1, 1917.

²²⁶ 1917 a 1935.

²²⁷ Em 1917, contava com cinquenta e dois anos de idade.

²²⁸ Ver tabela 2, p. 78. No apêndice 19, tabela mais detalhada.

²²⁹ Apêndice 20.

biólogos, historiadores, filósofos, cronistas, presidente de província, escritores, poetas, naturalistas, políticos. Para muitos deles, o território goiano inexistia. Houve então a dupla ocultação do escritor e leitor, processo em que o leitor ignora os significados atribuídos pelo autor e põe em suspenso a *referência* deste e atribui a sua, como assinala Ricoeur (1990). Assim se sucedeu quando tratou de assuntos recorrentes como a pecuária, a agricultura, a salubridade do território goiano, a transferência da capital federal para o centro do planalto central, o bandeirismo, o conflito de limites com os estados vizinhos.

Em alguns casos, foi possível perceber a consonância entre os objetivos do autor utilizado com os objetivos do leitor Silva. Nesse caso, o destaque foi o historiador Adolfo de Varnhagen, com sua defesa da mudança do Distrito Federal para o planalto central. Em outros, a discordância entre quem escreveu e o leitor foi significativa; nessa situação, a maior ênfase recai nos textos produzidos pelos pesquisadores de Manguinhos, Belisário Pena e Arthur Neiva, que qualificaram a região goiana como local insalubre para a vida humana.

Nas ideias de Varnhagen relativas à mudança da capital apropriadas por Henrique Silva, observa-se um pequeno desvio, uma vez que o goiano tinha em foco o desenvolvimento de seu Estado, enquanto o historiador o desenvolvimento de um país. Ambos levantaram a bandeira da mudança a fim de realizar projetos pessoais, pois desejavam a imortalidade, um viver eterno na memória.

Ao compartilhar as ideias de Varnhagen ao seu modo, incorporando o mudancismo²³⁰, Henrique Silva redescobriu para muitos as terras goianas. Realizou o que Nepomuceno (2003) se refere como um trabalho pedagógico. Silva, no âmbito da geografia, zoologia e da botânica, descobriu Goiás para o litoral, resistente ao processo de transferência da capital para uma região *sem lugar*. Nesse processo educacional, ofereceu sua cota de contribuição ao buscar demolir um a um os preconceitos que rondavam aquele *lugar algum*. Assim, boa parte dos fluminenses passaram a identificar um minúsculo ponto no planalto central, Goiás

O redescobrimento de Goiás para uma significativa parcela de seu povo se deu quando, acreditando na autoridade de quem sabe o que escreve, os goianos enxergaram suas inúmeras possibilidades de desenvolvimento e as atividades produtivas em andamento. Em alguma medida, o editor geral de a *Informação Goyana* fortaleceu os vínculos entre os goianos ao ajudá-los a se perceber parte de uma região, de um país.

²³⁰ MAGALHÃES, 2015.

Essa questão ficou evidenciada nas constantes interações entre o leitor e o autor Henrique Silva (ISER, 1996). Seus leitores, pragmáticos, se apropriaram de sua produção textual e a utilizaram livremente, ora concordando, ora complementando lacunas percebidas em sua escrita. Assim expressou um leitor sobre descoberta de ouro em Porto Nacional, solicitando divulgação,

Porto Nacional, 4 de Fevereiro de 1934 – Exmo. Sr. Director da “Informação Goyana” – Attenciosas saudações.

Com grande satisfação, venho dar-lhe sciencia de que acabam de ser descobertas no Districto de Ponte Alta, Municipio de Porto Nacional, importantes lavras de ouro[...] Fineza diffundir noticia, com agradecimentos, subscrevo-me – Attº. Am.º Obr.º - (a) Oswaldo Ayres (INFORMAÇÃO GOYANA, 03/1934, p. 58).

Em outra edição, um leitor paulista agradece o artigo sobre a raça bovina franqueira e solicita mais informações sobre o assunto,

[...] São inestimaveis os vossos serviços indicando-nos os lugares e as pessoas de Goyaz, que podem melhor servir-nos pondo ao alcance do Governo e dos criadores paulistas os mais authenticos typos da Franqueira.

Ao mesmo tempo são tão interessantes as suas concepções sobre o mecanismo da formação das nossas raças nacionaes que não posso igualmente deixar de supplicar-vos para voltar ao assumpto, dando-nos mais amplos detalhes. Rejubilando-me deveras ao ver a questão collocada no pé em se acha, graças á *Informação Goyana*.

Amº. Aff.

L. P. Barreto (INFORMAÇÃO GOYANA, 02/1919, p. 102).

Em relação ao artigo *A cultura do café em Goyaz*, um leitor de Formosa comenta a produtividade de cafezais daquele município. Em sua acepção, “Formosa possui cafesaes ha mais de 100 anos tendo sempre colheitas regulares [...] Conheço alguns cafesaes que já 1854 estavam em pleno desenvolvimento e estão dando regularmente até hoje” (INFORMAÇÃO GOYANA, 02/1926). Esses fragmentos e tantos outros publicados em *Informação Goyana*, de autoria do escritor e jornalista Henrique Silva, sinalizaram o seu êxito para o desenvolvimento e a visibilidade de Goiás. Entretanto, o desenvolvimento de um estado, um país é um processo contínuo, sem ponto final. Assim, o momento vivenciado pelo autor Silva entre os anos 1890 a 1935 pode ser considerado de êxito com o avanço nos transportes, pecuária, agricultura e extração de minérios.

O projeto de memória tão perseguido por Silva apresentou sinais de sucesso ainda em vida do escritor, como o reconhecimento do município de Pedro Afonso ao inaugurar a biblioteca Henrique Silva,²³¹ ou o jornal *A Voz do Sul* anunciando sua imortalidade,

²³¹ Informação Goyana, 08/1932.

Henrique Silva não pode ser esquecido. Se hoje pesa sobre ele algum esquecimento, amanhã a história gritará na sua imparcialidade ser esse filho do Brasil Central, um dos maiores de seus filhos a quem Goyaz tanto deve e que da sua terra nada recebeu além da mais torpe das ingratidões. (INFORMAÇÃO GOYANA, 01/1933, p. 01 e 42).

É perfeitamente legítimo olhar para as publicações com alguma reserva, porque foram publicadas na revista editada por Silva. Isso, contudo, não desqualifica a tese apresentada, pois uma certeza pode-se demonstrar: alguém em algum lugar escreveu ou praticou as ações de reconhecimento ao serviço prestado a Goiás. Essa pessoa não foi Henrique Silva.

Outros elementos deram sinais de que o projeto pessoal do goiano foi alcançado: a eleição como patrono permanente da Academia Goiana de Letras, cadeira 17²³²; a eleição como patrono no Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, cadeira, nº 36²³³; a inauguração de um monumento na praça Rui Barbosa, em Silvânia; uma rua na cidade que leva o seu nome; o feriado municipal decretado pela Prefeitura do município de Silvânia homenageando o traslado da cidade do Rio de Janeiro e o sepultamento dos restos mortais em sua terra natal.

E por mencionar o traslado, relembra-se que Henrique Silva foi enterrado em 1935 na cidade do Rio de Janeiro. Quase cinquenta anos depois, seus restos mortais corriam o risco de desaparecer ao ser jogados em vala comum. Dessa forma, o IHGB e IHGG, AGI e o governo do Estado de Goiás providenciaram, em 1972, o traslado de seus restos mortais para sua cidade natal, Silvânia. Essa homenagem prestada ao editor geral de *Informação Goyana* se inseriu nas comemorações dos cento e cinquenta anos da Independência do Brasil. O ápice foi o traslado dos restos mortais de D. Pedro I, de Portugal para o Brasil em cortejo realizado pelas principais cidades do país.²³⁴

Goiás elegeu Henrique Silva seu herói para fazer frente ao momento festivo. Conforme a revista IHGG²³⁵, a cerimônia contou com um cortejo de dois carros que viajaram de Goiânia a Silvânia no dia 19 de julho de 1972. Nos veículos, encontravam-se autoridades, que na companhia da população da cidade, promoveram a cerimônia de missa na Igreja Nossa Senhora do Rosário e inumação do escritor no cemitério local.

²³² BORGES, 1977, p. 18.

²³³ Disponível IHGG < http://www.ihgg.org/home/secao.asp?id_secao=332 > Acesso em 25/09/2017.

²³⁴ Algo que nem Henrique Silva poderia imaginar em seu projeto pessoal.

²³⁵ Dezembro 1972, p. 98

Henrique Silva, “Boêmio, folgazão, muito casquilho [...] Ama o vinho e as mulheres com seu brilho²³⁶”. Soube amar também Goiás e em sua defesa, utilizou de alto senso de oportunidade na construção de seu projeto de memória.

Ao finalizar essa etapa sobre a história goiana, espera-se que outros pesquisadores possam dar continuidade às reflexões aqui realizadas, preenchendo lacunas sobre o passado dessa personalidade singular do território brasileiro.

²³⁶ BORGES, 1977, p. 163.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Adjovanes Thadeu Silva de. **O regime militar em festa: A comemoração do sesquicentenário da independência brasileira (1972).** Público<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp089512.pdf>> Acesso em 13/08/2017.

ALONSO, Ângela. **De positivismo e positivismos: Interpretações do positivismo brasileiro.** In: O positivismo: teoria e prática: sesquicentenário da morte de Augusto Comte. TRINDADE, Héliqio. (Org.) 3ª Ed. Porto Alegre: UFRGS, 2007, p.147- 164.

ALVES, Claudemir Francisco. **A literatura como cerimônio e artifício: uma teoria da leitura a partir da obra de Gígio Manganelli.** Caligrama, Belo Horizonte, 13: 25-47, dezembro 2008. Disponível Caligrama: Revista de estudos românicos<<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/169/121>.

AMAYO, Enrique. **A Guerra do Paraguai em perspectiva histórica.** Estudos Avançados. 9 (24), 1995. Disponível Scielo <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141995000200013> Acesso em 20/01/2016.

ARÓSTEGUI, Julio. **La historización de la experiencia.** In. La Historia Vivida – sobre a la historia del presente. Madrid: Alianza Editoria. p. 143-193. 2004.

ARTIÈRES, Philippe. **Arquivar a própria vida.** Revista Estudos Históricas, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, jul. 1998. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061>>. Acesso em: 07/03/2017.

ASSEMBLEIA Legislativa do Estado de Goiás. Disponível em <<https://portal.al.go.leg.br/deputado/perfil/deputado/2048>> Acesso em 07/08/2017.

BERTRAN, Paulo. **História da terra e do homem do planalto central – Eco-História do distrito federal – do Indígena ao Colonizador.** Brasília, 1994.

BIBLIOTECA IBGE. Censo 1920, disponível <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv31687.pdf>> Acesso em 30/08/2017.

BOAVENTURA, Deusa Maria Rodrigues. **Urbanização em Goiás no século XVIII.** Tese apresentada ao programa de pós-graduação em arquitetura e urbanismo da FAU-USP, São Paulo, 2007.

BORBA, Jean Marlos Pinheiro. **A fenomenologia em Husserl.** Disponível em P@PSIC<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912010000200007> Acesso em 26/04/2017.

BORGES, Humberto Crispim. **História de Silvânia.** Goiânia: Cerne, 1981.

_____. **Súmula histórica da Academia Goiana de Letras.** In: Retrato da Academia Goiana de Letras. Goiânia, Oriente, 1977, p. 15-164.

BORGES, Barsanufu Gomides. **A estrada de ferro de Goiás**. In: O despertar dos dormentes. Goiânia, Cegraf, 1990, p.52.

BOSI, Alfredo. **A arqueologia do Estado-Providência**: sobre um enxerto de ideias de longa duração. In: O positivismo: teoria e prática: sesquicentenário da morte de Augusto Comte. TRINDADE, Héglio (Org.) 3ª Ed. Porto Alegre: UFRGS, 2007, p.193-224.

BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. In: *Usos e Abusos da História Oral*. (Coords.) FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 1996. p. 183-191.

BRANDÃO, Antônio José da Costa. **Almanach da Província de Goyaz** (Para o anno de 1886). Editora da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 1978.

BRASIL, Antônio Americano. **Súmula de história de Goiás**. Goiânia: Departamento Estadual de Cultura. 1961.

CARVALHO, José Murilo de. **A ortodoxia positivista no Brasil: um bolchevismo de classe média**. In: O positivismo: teoria e prática: sesquicentenário da morte de Augusto Comte. TRINDADE, Héglio (Org.). 3ª Ed. Porto Alegre: UFRGS, 2007, p. 179-188.

CAMPOS, Itami; DUARTE, Arédio Teixeira. **O Legislativo em Goiás**. vol 2 – Perfil parlamentar 1 (1891-1937), 1998, p. 115. Disponível em Assembleia Legislativa <https://portal.al.go.leg.br/arquivos/Legislativo_Goias_vol_2.pdf> Acesso em 16/08/2017.

_____; _____. O legislativo em Goiás: **História e legislaturas**, vol 1, 2ª Ed revista e ampliada. Goiânia, Editora Assembleia, 2011, p. 110-111.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **A leitura segundo Wolfgang Iser**. Disponível em SCRIBD <<https://pt.scribd.com/doc/253986714/A-Leitura-Segundo-Wolfgang-Iser>> Acesso em 25/04/2017.

CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**; tradução, Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

_____. **Textos, impressões, leituras**. In: HUNT, Lynn. A nova história cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 211-238.

CHAUL, Nasy Fayad. **Caminhos de Goiás – da construção da decadência aos limites da modernidade**. 3. ed. Goiânia: UFG. 2010.

COELHO, Gustavo Neiva. **A formação do espaço do urbano nas vilas do ouro: o caso de Vila Boa**. Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em História das Sociedades Agrárias /UFG. Goiânia: 1997.

COMISSÃO, Exploradora do Planalto Central do Brazil. Rio de Janeiro, H. Lombaerts & C., Impressores do Observatorio. 1894, p. 25-26 1894, p. 26-27

CORÁ, Élsio José; SILVA, Luzia Batista de Oliveira. **A ação como um texto na obra de Paul Ricoeur**. Disponível em Revistas Unimep

<<https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/impulso/article/viewFile/1959/1270>> Acesso em 14/04/2017.

CORDEIRO, Janaína Martins. Lembrar o passado, esquecer o presente: as comemorações do sesquicentenário da independência entre consenso e consentimento (1972). Disponível em História UFF. <<http://www.historia.uff.br/stricto/td/1377.pdf>> Acesso em 12/08/2017.

EAGLETON, Terry. **O que é literatura**. In: Teoria da literatura – uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 01-24

ELMIR, Cláudio Pereira. **Uma aventura com o Última Hora: O jornal e a pesquisa histórica**. Porto Alegre: Anos 90, v. 19, n. 36, p. 67-90, dez. 2012.

FAUSTO, Boris. **A Primeira República – 1889-1930**. In: História do Brasil. São Paulo, Edusp, 2006, p. 243-328.

FREDRIGO, Fabiana de Souza. **Gerenciando a memória e estabelecendo o culto: A narrativa das biografias contemporâneas sobre Simón Bolívar**. In: Escritas da História. Goiânia: Editora da UCG, 2009, v. 01, p. 107-136

_____; OLIVEIRA, Fabiane Costa; SALOMON, Marlon (Orgs.). Goiânia, Editora da UCG, 2009, p. 107-136.

GIANOTTI, José Arthur. **Augusto Comte: vida e obra**. In: O positivismo: teoria e prática: sesquicentenário da morte de Augusto Comte. TRINDADE, Héliogio (Org.) 3ª Ed. Porto Alegre: UFRGS, 2007, p. 19-30.

GINZBURG, Carlo. **Sinais – Raízes de um paradigma indiciário**. In: Mitos, Emblemas, Sinais. São Paulo: Companhia das Letras. 2007, p. 143-180.

GOYANO, Augusto J. Mene e CATELAN, Álvaro. **Súmula da literatura goiana**. Livraria Brasil Central. Goiânia, 1968.

GONÇALVES, Janice. **Pierre Nora e o tempo presente: entre a memória e o patrimônio cultural**. História, Rio Grande, 3 (3):27-46,2012, p. 31.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. 5ª ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HOMO Literatus. Disponível em <<http://homoliteratus.com/o-jogo-do-texto-em-retabulo-de-santa-joana-carolina-debora-jael/>> Acesso em 29/08/2017.

ISER, Wolfgang. **O jogo do texto**. In: A literatura e o leitor – textos de Estética da Recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p. 105-118.

_____. **Os atos de apreensão do texto**. In: O ato da leitura. Vol. 2. São Paulo: Editora 34, 1999, p. 09 a 82.

JAYME, Jarbas. **Meiapontenses ilustres** (cap. XXIV). In: Esboço histórico de Pirenópolis. Pirenópolis: UFG, 1971, p. 306-211.

KARAWAJCZYK, Mônica. **O jornal como documento histórico – breves considerações**. *Historia*, Rio Grande, 1 (3): 131-147, 2010.

LAPLANTINE, François. TRINDADE, Liana. **O que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense. 1999.

LISBOA, Andrea Silva. **O Brazil – Central e suas potencialidades na “Revista a Informação Goyana” (1917-1935)**. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em História da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2009.

LÔBO, José Ferreira de Souza. **Goianos ilustres**; Editora Oriente; Goiânia, 1974.

LÔBO, José Sêneca. **Bonfim de Goiás – Minha Terra Minha Gente**. Editora do Cerne, Goiânia, 1987.

LORIGA, Sabina. **A biografia como problema**. In: *Jogo de Escalas – a Experiência da Microanálise* (Org.). REVEL, Jacques. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

_____. **O eu do historiador**. Disponível em História da historiografia <<https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/451/322>> Acesso em 23/04/2017.

LUZ, Bruna Araújo da. **A interpretação ricoeuriana do Livro XI das Confissões – o constraste entre *intentio* e *distantio***. Disponível em Método2 <http://metodo2.sociales.uba.ar/wp-content/uploads/sites/31/2016/12/56_araujo.pdf> Acesso em 17/04/2017.

MAGALHÃES, Luiz Ricardo. **Cultura letrada e leitores sertanejos**. In: Sertão Planaltino: Uma outra história de Brasília. Curitiba, Editora CRV, 2011, p. 27-61.

_____. Brasília: **A utopia do Centro – a cidade que prometia reinventar o Brasil**. Curitiba, Editora CRV, 2015.

MANNHEIM, Karl. (1928): «El problema de las generaciones». *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, 62 [1993].

_____. El problema de las geraciones. Disponível em <http://www.reis.cis.es/REIS/PDF/REIS_062_12.pdf> Acesso em: 13/08/2015.

_____. **O problema sociológico das gerações** In: *Sociologia*, tradução: Cláudio Marcondes, Marialice M. Foracchi (Org.), São Paulo, Ática, 1982, p. 67-95.

MARROU, Henri-Irénée. Condições e meios da compreensão. In: *Sobre o conhecimento histórico*. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1978, p. 81-82.

MARTINS, Zildete Inácio de Oliveira. **A Participação de Goiás na Guerra do Paraguai 1814-1870**. Goiânia: Editora UFG. 1983.

MEMÓRIAS Goianas 10. **Relatórios dos Governos da Província de Goiás 1864-1870**. Goiânia: Editora UCG, 1998, p. 66-179.

MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. Luiz Cruls – Notas Biográficas. Editora Verano. Brasília, 2003.

MORAES, Cristina Pereira de Cássia. **Em terra de cego, caolho tem vida de rei: as migrações no setecentos para o sertão dos guayazes**. Notas de pesquisa. Revista UFG julho 2011 – Ano XIII nº 10. p. 68-92.

_____. **As estratégias de purificação dos espaços na capital da Província de Goiás (1835-1843)**. Dissertação de mestrado. Goiânia, 1995.

_____. **Do corpo místico de Cristo: irmandades e confrarias na capital de Goiás 1736-1808**. Goiânia: Funape, 2012.

_____ e PEREIRA, Alan Ricardo Duarte. **A Nobreza na Capitania de Goiás na perspectiva dos domínios ultramarinos**. Maringá, v. 36, n. 1 p. 97-107, Jan/2014.

MOTA, Carlos Guilherme. **História de um silêncio: a guerra contra o Paraguai (1864-1870) 130 anos depois**. Estudos avançados 9 (24), 1995.

NEPOMUCENO, Maria de Araújo. **O Papel Político de a Informação Goyana na Construção da Nacionalidade**. Editora UFG, Goiânia, 2003.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História – A problemática dos lugares**. In. Trad. Yara Aun Houry. São Paulo: Proj. História. Dez/1993.

OLIVEIRA, Rodrigos Santos de. **A relação entre a história e a imprensa, breve história da imprensa e as origens da imprensa no Brasil (1808-1930)**. Disponível em < <https://www.seer.furg.br/hist/article/viewFile/2614/1425> > Acesso em 24/09/2016.

PAULA, Ney Teles. **A trajetória do homem público: A força de uma inteligência fulgurante**. In: Antônio Americano do Brasil – um esboço biográfico. Goiânia. Secretaria de Cultura e Desportos de Goiás, 1986, págs. 09-32.

PAUL, Junia Bernardes da Silva Schaefer. **A Recriação do Universo Goiano por Carmo Bernardes nos contos de A Ressurreição de um caçador de gatos**. Dissertação de mestrado em estudos românticos (Área de especialização em estudos brasileiros africanos). Lisboa, 2008.

PINA, Braz. **História da Imprensa**. Departamento Estadual de Cultura, Goiânia, 1971.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A pedra e o sonho: Os caminhos do imaginário urbano**. In: O imaginário da cidade – visões literárias do urbano. Porto Alegre: UFRGS 2002, p. 6-27.

RABELO, Danilo. **Os excessos do corpo: A normatização dos comportamentos na cidade de Goiás, 1822-1889**. Goiânia: UFG. 2010.

RIBEIRO, José Eustáquio. **Das cortes constituintes portuguesas à construção da independência na região**. In: Da impolítica à política: Estado imperial e a formação

das elites dirigentes em Goiás na primeira metade do século XIX (Das Cortes de Lisboa à Regência – 1821 – 1839), 2016, p. 14-82.

RICOEUR, Paul. **As aporias da experiência do tempo** (cap. 1); A composição da intriga (cap. 2). In: Tempo e Narrativa, vol 1. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010, p. 09 a 155.

_____. **Qué es um texto**. In: Historia y narratividad. Barcelona: Editora Paidós, 1999, pág. 59 a 80.

_____, Paul. **A função hermenêutica da distanciação**. In: Do texto a acção – ensaios de hermenêutica II. Porto: Editora, Rés, 1986, pág. 109 a 124.

SANCHES, Cida. **Silvânia em foco**: documentário histórico fotográfico. Goiânia: Kelps. 2012.

_____. Goiânia: **De Bonfim a Silvânia** – um olhar sobre a cidade. Goiânia: PUC-GO/Kelps. 2011.

SANDES, Noé Freire. **Memória e história de Goiás**. In: Sandes, Noé Freire (Org.). Memória e Região. Memória e Região. Brasília: Ministério da Integração Nacional. p. 17-32. 2002.

_____. 1930: **Entre a Memória e a História**. História Revista, Vol. 8 N. 1/2: 141-158, jan/dez. 2003.

_____. **“Doutor Barbado foi-se embora...”** In: O tempo revolucionário e outros tempos – o jornalista Costa Rego e a representação do passado (1930-1937). Goiânia: UFG. 2012. p. 21-48.

SANTOS, Mariângela Borba. **Memórias do cárcere em liberdade: o texto do leitor em Silvano Santiago**. Disponível em Periódicos.uesb <<http://periodicos.uesb.br/index.php/folio/article/viewFile/20/20>> Acesso em 26/04/2017.

SANTOS, Mirian de Oliveira. **A intervenção militar na política; A formação do “ethos” militar**. In: Berços de Heróis: O papel das escolas militares na formação de “salvadores da pátria”. AnnaBlume, São Paulo, 2004, p. 11-63.

SCHMIDT, Benito Bisso. **História e Biografia**. In: *Novos Domínios da História*. (Orgs.). CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. Rio de Janeiro, Elsevier, 2012.

SILVA, Dinair Andrade da. **Formação intelectual; História e tradição**. In: Um intelectual e a história: Antônio Americano do Brasil. Brasília, 1982, p. 09-40.

SILVA, Paulo César Gondim da. **Fenomenologia de Husserl: uma breve leitura**. Disponível Meu artigo Brasil escola <<http://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/filosofia/a-fenomenologia-husserl-uma-breve-leitura.htm>> Acesso em 26/04/2017.

SOUZA, Adriana Barreto de; LOPES, Fábio Henrique. **Entrevista com Sabina Loriga: a biografia como problema**. Disponível em História da historiografia<file:///C:/Users/edismar/Downloads/473-1875-1-PB.pdf> Acesso em 25/04/2017.

TAUNAY, Alvredo d'Escragnolle. **A Retirada de Laguna**. São Paulo: Martin Claret. 2013.

TREVISAN, Leonar N. **Um período crítico no ensino militar (1889-1904)**. In: Obsessões Patrióticas. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército. 2011, p. 37-75.

VARNHAGEN, Adolfo de. **Memorial Orgânico**. Disponível em Câmara dos Deputados-Biblioteca digital<<http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/3102>> Acesso em 18/08/2017.

VERSEN, Max Von. **História da guerra do Paraguai**; tradução de Manuel Tomás Alves Nogueira. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo. 1976.

VEYNE, Paul. **Tudo é histórico, logo, a história não existe**. In: Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história. Brasília: UnB. 2008, p. 25-37.

_____. **Foucault – Seu pensamento, sua pessoa**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2011.

VIEIRA, Jorge Luiz Gonzaga. **Desenvolvimento local na perspectiva Terena de Cachoeirinha, município de Miranda/MS**. Dissertação de mestrado. Universidade Católica Dom Bosco – Centro de Pesquisa, pós-graduação e extensão. Campo Grande/MS: 2004, p. 29.

VIRALINHO, Murilo. **O mundo do texto na hermenêutica de Paul Ricoeur – um breve estudo sobre as narrativas ficcional e histórica nos trabalhos do literato Machado de Assis e do historiador Sidney Chalhoub**. Disponível em Revista História<revistahistoria.ufba.br/2013_1/a09.pdf> Acesso em 16/04/2017.

WASSERMAN, Cláudia. **Problemas teóricos que envolvem a questão da identidade coletiva e a formação de novas identidades**. SEMINA: Revista de Ciências Sociais e Humanas. V 23, setembro, 2002. Londrina-PR: Universidade Estadual de Londrina. p. 93-100 (ISSN 1676 5443).

WELLER, Wivian. **A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim**. Revista Sociedade e Estado - Volume 25 Número 2 Maio / Agosto 2010.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: Identidade e diferença – A perspectiva dos Estudos Culturais (Org.). SILVA, Tomaz Tadeu da. Petrópolis, Rio Janeiro: Vozes, 2000.

ARQUIVOS

- Arquivo Estadual –Goiânia
- Arquivo São Simão Dorvi – Cidade de Goiás
- Arquivo Histórico do Exército – AHEX – RJ
- Arquivos da Igreja Matriz de Silvânia
- Arquivo Nacional – RJ
- Assembleia Legislativa do Estado de Goiás
- Biblioteca da Universidade Federal de Goiás – Goiânia
- Biblioteca Nacional – RJ
- Biblioteca do Senado – Acervo digitalizado
- IHGG – Cidade de Goiânia
- Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central – IPEHBC
- MASP – Museu de Astronomia e Ciências Afins/Arquivo Luiz Cruis/Inventário - RJ
- Museu das Bandeiras – Cidade de Goiás

PERIÓDICOS

- *O Paiz*
- *O Correio da Manhã*
- *Correio Oficial de Goyaz* – 1837/1921
- *Goyaz – Órgão Democrata* – 1890 e 1891
- *Jornal Kosmos* – 1907
- *O Publicador Goyano* – 1885/1889
- *A Informação Goyana* – 1917 a 1935

APÊNDICES

Apêndice 01

Publicações de HENRIQUE SILVA no Jornal <i>O Paiz</i>²³⁷				
DATA	PATENTE	ASSUNTO	ESPAÇO	OBSERVAÇÃO
26/02/1890	Cadete	Escola de Tiro Realengo	07 linhas	HS. Complemento Estudo/armas
09-06-1890	Alferes	Reunião fundação Clube Goiano	26 linhas	H.S. nomeado para ajudar org. o estatuto
22/07/1890	Alferes	Fundação Clube Goiano	26 linhas	H.S. cargo de Bibliotecário
1890	Alferes	Viaja à Goiás rep Centro Goiano	11 linhas	H.S. como representante
23/01/1891	Alferes	Doação de soldo a viúva B. Constant	Coluna contendo centenas de assinaturas	O periódico traz outras doações
18/12/1891	Alferes	Ato defesa a república e apoio a Floriano	Coluna contendo as assinaturas dos militares	
29/12/1891	Alferes	Revista Brazil Central N.4	0 7 linhas	
28/01/1892	Alferes	Elogio por bravura	Coluna com lista de soldados	Revolta da Armada
13/09/1893	Alferes	Chega à capital no comando de 35 praças	13 Linhas	10º reg. comando de HS estava Santos/SP
06/06/1894	Alferes	Evento militar homenagem à repúb. F. Peixoto	20 Linhas	Revolta da Armada
13/02/1894	Alferes	Ferido na face por espada	11 linhas	Treinamento militar
19/02/1894	Alferes	Subst comand. Barra SP	06 Linhas	SP/Barra combate a revolta
18/03/1895	Alferes	Felicitações/aniv	04 Linhas	
27/01/1895	Alferes	Transf 37º para o 22º	03 Linhas	
20/08/1895	Alferes	Apresentação 22º após licença	16 Linhas	
27/09/1895	Alferes	Demissão 22º do Exército	02 Linhas	
29/09/1895	Alferes	Não pede demissão do 22º	07 Linhas	Jornal assume erro na edição
17/06/1895	Alferes	Discussão mudança e o nome da nova capital federal	Pág. –	Articulista responde à H. S. sobre nome da nova capital
29/09/1895	Alferes	Disposição ao Min da Indústria	04 Linhas	Nomeação C.E.P.C.B. ²³⁸

²³⁷ Fonte Jornal *O Paiz*, 1890/1917.

²³⁸ Comissão de Exploração do Planalto Central do Brasil.

20/08/1896	Alferes	Ordem para recolher ao 22º	04 Linhas	Estava à dispos. C.E.P.C.B.
18/10/1896	Alferes	Reorganização do Centro Goiano	17 Linhas	Reunião no salão do clube dos reporters
11/12/1896	Alferes	Confusão por lugar em Teatro	31 linhas	Recebeu ordem de prisão
12/12/1896	Alferes	Lei Orçamentária foi dispensado da C.E.P.C.B.	18 Linhas	Toda a Comissão fora dispensada, segundo a nota.
05/01/1897	Alferes	Exame de saúde	5 Linhas	“Inspeccionado de saúde” ²³⁹
19/03/1897	Alferes	Festejando aniv c/ personagens importantes das letras	46 Linhas	Almoço das 12 às 17hs no <i>Roiisserie Castellões</i>
11/05/1897	Alferes	Transf para servir no RS ²⁴⁰	03 Linhas	Enviado para servir no RS
09/07/1898	Alferes	Chega ao RS	02 Linhas	A bordo do <i>Itaiuba</i>
17/07/1898	Alferes	Licença saúde 90 dias	06 Linhas	Tratamento de saúde
19/07/1898	Alferes	<i>Mandado</i> servir no 28º Batalhão	03 Linhas	Deixar 22º batalhão e servir no 28º
21/07/1898	Alferes	<i>Mandado</i> servir no 28º batalhão	11 Linhas	Há transferência de outros militares
22/07/1898	Alferes	...e amigo são espancados na madrugada da cidade do Rio	64 linhas	Queixa feita pelo amigo Antonio Villa Boas
19/05/1899	Alferes	Absolvido pelo Conselho de Guerra	03 Linhas	Foi lhe concedida <i>menagem</i>
09/11/1899	Alferes	Absolvido por injúrias verbais a um colega	09 Linhas	Tribunal Militar julgou outros casos
05-05-1899	Alferes	Chega de São João D’El Rei preso	16 Linhas	A nota traz também outros assuntos
27/06/1899	Alferes	Lançamento do Livro <i>A Caça no Brazil Central</i>	09 Linhas	A nota tece elogios ao livro a ser lançado
18-05-1900	Alferes	Transf.37º p/13º	25 linhas	Não especifica se Cia; batalhão
10-03-1902	Alferes	Prefácio em folheto: <i>Poetas Goianos</i>	25 linhas	Edmundo Barros
22-05-1902	Tenente	Transf. 8ª p/ 4ª infantaria	10 linhas	Coluna: M Guerra
14-04-1903	Tenente	Passará por exames	25 linhas	Coluna: M Guerra
07-05-1903	Tenente	Transf. 8º p/39º	03 Linhas	Coluna: M Guerra
08-12-1903	Tenente	Lic. 90 dias trat. saúde	09 Linhas	Coluna: M Guerra
10-10-1905	Tenente	Publicação <i>Composições Populares</i>	Pág. 3 – coluna	Coluna Periódicos – mencionam as publicações do mês

²³⁹ Expressão utilizada no Jornal *O Paiz*.

²⁴⁰ Rio Grande do Sul.

		Folclore do Br Central		
02-02-1906	Tenente	Telegr. a viúva José do Patrocínio	Pág. 2 – coluna	Col. c/ centenas de manifestações de pesar
17-05-1906	Tenente	Publicação v 2 de <i>Fauna Fluviátil de Goiás</i>	Pág. 2 – coluna	Ilustrado fotografuras – Gráfica Kosmos
10-01-1907	Tenente	Publicação de biografia do pai	Pág. 3 – coluna	<i>Esboço biográfico do com José Francisco da Silva</i>
03-02-1907	Tenente	Apresenta-se ao Est. Maior	Pág. 5 – coluna	Foi colocado à disposição M Viação
02-06-1907	Tenente	Retorno de viagem à Goiás	Pág. 03 – coluna	Pesq prod agríc e pastoril. Doação gramíneas/legum a Soc de Agric
05-06-1907	Tenente	Audiência co min. da Aviação	1ª pág. – coluna	Pesquisa em Goiás da Jequirana ²⁴¹
06-07-1907	Tenente	Realizará Conf. Inst. Histórico	Pág. 03 – coluna	Tema: <i>O Brasil Central</i>
17-07-1907	Tenente	Realizará Conf. Soc. Geografia	1ª pág. – coluna	Tema: <i>O Planalto Central do Brasil</i>
19-07-1907	Tenente	Realiza Conf. Soc. Geografia	Pág. 2 – coluna	Tema: <i>O Planalto C do Brasil - ovacionado</i>
20-07-1907	Tenente	“Echos de uma conferência” ²⁴²	1ª pág – coluna	Sra Robertson ²⁴³ escritora ganha livro <i>Fauna Fluviátil</i>
21-07-1907	Tenente	Assiste conferência Soc Geo	Pág. – coluna	Comemoração de anivers de indep da Colômbia
04-08-1907	Tenente	Realizará conferência Soc Nac. Agricultura	Pág. 02 - coluna	Tema: defenderá sup numérica de rebanho Brasileiro em rel Arg e Urug.
06-08-1907	Tenente	Realização de conferência Soc Nac. Agricultura	Pág. 02 – coluna	Tema: População bovina do Brasil
07-08-1907	Tenente	Ovacionado por conferência	Pág. 03 – coluna	Cálculo aritmético sup. rebanho bov. Brs em rel. Arg., Urug.
09-03-1908	Tenente	M.G. HF visita cultura Jequirana	1ª pág - coluna	Cultura de Jequirana sob a resp. de HS ²⁴⁴
07-04-1908	Tenente	Viagem a SP com Min Guerra H. Fonseca	1ª pág – coluna	Viajará na cond de resp. arborização da VI Militar
07-04-1908	Tenente	Solicita deslig. Soc de Geo RJ	Pág.02 - coluna	Secretário pede reconsidera saída

²⁴¹ De acordo com Henrique Silva, em nota, planta semelhante à alfafa.

²⁴² Título da nota em jornal acerca da conferência realizada na Sociedade de Geografia.

²⁴³ Viúva de Henri Coudreau – explorador e autodidata, destacou-se como geógrafo, historiador, zoólogo, botânico, etnógrafo e linguista, bem como especialista dos idiomas falados pelas sociedades indígenas. Em 1887, publicou *Les français en Amazonie (Os franceses na Amazônia)* dedicado ao público juvenil francês, a obra de vulgarização se inseria na Coleção Picard, de sua Biblioteca Colonial e de Viagens, com títulos semelhantes dedicados às outras regiões do globo terrestre.

²⁴⁴ Henrique Silva.

16-04-1908	Tenente	MG simbólico arborização VM ²⁴⁵	Pág.02 – coluna	Ministro plantará primeiras mudas
03-05-1908	Tenente	Esposa de MG ²⁴⁶ planta muda de arborização	Pág. – Coluna	Esposa realiza plantio de muda na Vila Militar
22-05-1908	Tenente	Publ artigo em Revista Terra e Mar	Pág. 02 – coluna	Vários artigos são listados entre eles: <i>Cães de guerra</i>
16-06-1908	Tenente	Assume função na Criação do Centro Goiano	Pág. 05 - coluna	Em reunião no Soc. Geográfico
21-06-1908	Tenente	Realizará conferência no Museu Comercial	Pág. 05 - coluna	Tema: <i>Forrageiras do Brazil</i>
05-07-1908	Tenente	Entrega ao MG representação gráfica em VMD arborização	Pág. 02 - coluna	Encontra-se pronta um trecho de arboriz. de avenida na VM
30-07-1908	Capitão	Publ. de livro vol 2 <i>O Brasil suas riquezas naturais, suas industrias</i>	Pág 06. - coluna	HS colabora com artigo
11-09-1908	Capitão	Promovido, apresenta às altas autoridades	Pág. 05 – coluna	Apresentam-se também outros oficiais
15-09-1908	Capitão ²⁴⁷	Reforça crítica a introdução do gado zebu no Brasil	Pág 02 – coluna	Utiliza de contrib. de Manoel Bernardez ²⁴⁸
01-10-1908	Capitão	Velório de Machado de Assis	Pág.	Às 23hs do dia anterior HS entre outros MA ²⁴⁹ .
03-10-1908	Capitão	Referência aos conhecimentos na ind. pecuária	1ª pág - coluna	Assina a matéria Jornalista Curvello de Mendonça
04-11-1908	Capitão	Recepção ao Marechal Hermes da Fonseca	Pág. 02 - coluna	Retorno de viagem à Alemanha
15-11-1908	Capitão	Publicação de artigo <i>Capim Jaraguá</i>	Pág. 06 – coluna	Cita Manoel Bernardez, para reforçar seus conh prático, <i>in loco</i>
22-11-1908	Capitão	Conferência: <i>Apreciação sintética problema de fortificação de costas</i>	Pág. 05 – coluna	Assiste como ouvinte no Clube Militar
29-11-1908	Capitão	Adiantado trab. de arborização VMD	Pág 02 - coluna	Min. Hermes da Fonseca visita VMD
05-12-1908	Capitão	Artigo	Pág. 04 – coluna	Revista <i>FonFon</i> mês

²⁴⁵ Vila Militar Deodoro.

²⁴⁶ Ministério da Guerra.

²⁴⁷ Por erro, o jornal ainda utilizou a patente de tenente.

²⁴⁸ Argentino Manuel Bernárdez publicou livro: *El Brasil - su vida - su trabajo - su futuro*.

²⁴⁹ Machado de Assis.

		<i>Curraleiros de Amaro Leite</i>		de setembro
23-12-1908	Capitão	Assume 1ª companhia	Pág. 03 - coluna	Título <i>Classificados no Exército</i>
01-01-1909	Capitão	<i>Pic-nics</i> oferecido pelo min da Guerra		Oferecido à oficiais alemães
01-01-1909	Capitão	HS e outros oficiais se ferem acid de trem	Pág. 08 – coluna	<i>Pic-nics</i> oferecido à oficiais alemães
19-01-1909	Capitão	Contesta Anné d'Essebé em carta a estética de alinhamento de árvores	Pág. 02 – coluna	Título: Arborização. HS não alinhamento de árvores
25-01-1909	Capitão	Publica artigo na Revista <i>Kosmos</i>	Pág. 02 - coluna	Título: arborização da VM Deodoro
13-02-1909	Capitão	HS recebe 200 mudas de prefeito de SP	1ª pág – coluna	Arborização da VM Deodoro
22-03-1909	Capitão	Doação p/ construção de mausoléu p/ gen Marinho	Pág. 03 – coluna	Título: <i>General Marinho</i> doação 5\$ ²⁵⁰ p/do mausoléu
27-03-1909	Capitão	C de Mendonça tece críticas a introd do zebu no Brs.	1ª pág - coluna	Em seu artigo, cita HS para reforçar seus argumentos
30-03-1909	Capitão	Recepção sen gen Pinheiro Machado	1ª pág - coluna	Sen gen Pinheiro Machado de retorno do RS
04-04-1909	Capitão	Inscreveu-se participar 1º Cong Bras de geografia	Pág. 03 - coluna	Comunicação: <i>Geografia zoológica do Brasil</i>
04-04-1909	Capitão	Autorização da B. Nacional para copiar doc.	Pág. 05 - coluna	Relativos a hist. E geogr. do Brasil
13-04-1909	Capitão	Confirma partic. no Congr. de Geo.	Pág. 02 – coluna	Congr. Bras. de Geo. na capital RJ
13-05-1909	Capitão	Apóia a perman. de Hermes da Fonseca MG	Pág. 02 – coluna	Envia telegrama à de apoio a Hermes da Fonseca
16-05-1909	Capitão	Acompanha embarque de 2º Ten Mário Hermes à Europa	Pág. 04 – coluna	Mário Hermes filho de Hermes da Fonseca
19-05-1909	Capitão	Manifestação na casa Hermes da Fonseca	Pág. 02 – coluna	Hermes da Fonseca continua no MG.
19-05-1909	Capitão	Possível transf. HS para MT	Pág.02 – coluna	A nota não apresenta maiores informações
22-05-1909	Capitão	Esclarece que não	Pág. 04 – coluna	Em nota o capitão

²⁵⁰ Adotada como unidade monetária brasileira, o mil-réis foi oficializado em 08.10.1833 através da Lei 59, assinada no 2º. Império, pela Regência Trina, durante a menoridade de D.Pedro II. Essa Lei reorganizou, sob vários aspectos, o sistema monetário brasileiro. Mil-réis passou a designar a unidade monetária e réis os valores divisionários. Na mesma época, ficou conhecido o conto de réis, tratando-se do montante equivalente a 1 milhão de réis, ou mil mil-réis. Rs 1:000\$000 = 1 conto de réis = 1000 mil-réis = 1 milhão de réis. A notação "RS" era utilizada mais como uma abreviação de réis do que propriamente um símbolo do padrão monetário.

		teve atitude irregular com alguns generais		contesta noticia publ em outros jornais
13-06-1909	Capitão	Assiste missa homenagem a Coronel	Pág. 07 - coluna	Missa ao coronel Frederico José de Moraes
14-06-1909	Capitão	Corrige erro de jornal Uberaba que situa faz. de GO em MG	Pág. 05 – coluna	Tít. nota Tamboril ²⁵¹ - Carta enviada à redação.
28-06-1909	Capitão	Acompanha embarque Urbano de Gouvea	Pág. 03 - coluna	Urbano de Gouvêa assumirá a presidência do Estado de Goiás
07-07-1909	Capitão	Part de Congr Bras de Geo	Pág. 04 – coluna	Inscrito: seção <i>geografia biológica, geografia botânica e zoológica</i>
25-07-1909	Capitão	Acomp. embarque gen Henrique Martins	Pág. 03 – coluna	O gen e família embarcavam para Europa
09-08-1909	Capitão	Contesta dec. de inspetor da alfândega	Pág. 02 – coluna	Em dec. o inspetor ignora que Goiás exp. gado vacum para outras regiões
07-09-1909	Capitão	Apresentação comunicação 1º Cong. Bras Geo	Pág. 03 – coluna	Tema: <i>geografia biológica, geografia botânica e zoológica</i>
09-09-1909	Capitão	Participação no 1º Cong. Bras. de Geografia	Pág. 03 – coluna	Eleições das Comissões. HS na 7ª Comissão
10-09-1909	Capitão	1ª Cong. Bras. Geografia	Pág. 03 – coluna	Compareceram 03 partic. da comissão entre eles HS
10-09-1909	Capitão	Reunião para homenagear republ. com monumento	Pág. 02 – coluna	Deodoro, Floriano e Quintino Bocayuva
11-09-1909	Capitão	Eleito 1º secretário da Comissão de Congresso Geo	Pág. 05 – coluna	7ª Comissão: eleito 1º secretário Cong. Bras. Geogr.
12-09-1909	Capitão	Apoio a cand de Hermes da Fonseca p/ presidente	Pág. 03 – coluna	A nota não há certeza se o local é a casa de HF
12-09-1909	Capitão	Apresentação de comunicação em Cong Bras Geo	Pág. 04 – coluna	A 7ª Comissão solicita ao Congresso impressão do trabalho de HS
14-09-1909	Capitão	Participação em Congr. Bras Geo	Pág. 02 – coluna	Participa ativamente na 7ª Comissão
15-09-1909	Capitão	Assina doc. solíc. Leis de proteção p/ as matas e outros	Pág. 03 – coluna	Congresso Brasileiro de Geografia

²⁵¹ Árvore encontrada principalmente nas regiões Centro-Oeste (no Mato Grosso do Sul) e Sul (Rio Grande do Sul), mas também em Estados como Maranhão, Piauí e Pará. A árvore alcança altura média de 20 a 30 metros e seu tronco 80 a 160 centímetros de diâmetro.

15-09-1909	Capitão	Recebe elogio min Guerra H.F. por arborização vl militar	1ª pág – coluna	Visita do min. Hermes da Fonseca em VI Militar
17-09-1909	Capitão	Partic de enc. de Congr Bras Geo	Pág. 02 – coluna	Encerramento de Congresso
23-09-1909	Capitão	Encerramento. de Congr. Bras Geo - propõe estender homenagem ao Marquês de Paranaguá ²⁵²	Pág. 05 – coluna	Homenagem ao Marquês de Paranaguá
24-09-1909	Capitão	Transf 43º batalhão, 15º regimento para a 3ª companhia	1ª pág – coluna	Transferência juntamente com outros oficiais
02-10-1909	Capitão	Apresenta-se ao chefe deptº militar por ter sido classificado	Pág. 05 – coluna	Classificado
10-10-1909	Capitão	Citado em matéria sobre ponte rio goiano	Pág. 02 – coluna	Jornalista se refere a HS, amigo, “intemerato sertanista”
12-10-1909	Capitão	Apoio a Hermes da Fonseca para presidente	Pág. 05 – coluna	Apoio a chapa Hermes/Wenceslau ²⁵³
27-10-1909	Capitão	Augusta Kauffman Silva passa por cirurgia	Pág. 05 – coluna	Esposa de HS
29-11-1909	Capitão	HS citado em artigo sobre defesa de pássaros	Pág. –	Jornalista cita HS e outras para embasar seus argumentos de defesa de pássaros
15-12-1909	Capitão	Manifestação de apoio a cand. de Hermes da Fonseca	Pág. 03 – coluna	Apoio a candidatura de Hermes da Fonseca
18-12-1909	Capitão	Mandado recolher ao seu corpo 41º do 14º regimento	Pág. 06 – coluna	Mandado recolher ao seu corpo
23-12-1909	Capitão	Por aviso nº 51 ministro foi mandado recolher a seu corpo	Pág. 08 – coluna	HS servia à disposição comissão encarregada de construção Vila Militar
28-12-1909	Capitão	Apresenta-se ao seu corpo por ter sido deslig. da Vila Militar	Pág. 09 – coluna	Apresenta-se ao Deptº de Guerra
11/01/1910	Capitão	Telegrama	Pág. 03 – coluna	Envia telegrama parabenizando coronel por promoção

²⁵² João Lustosa da Cunha nasceu no Piauí, em 21 de setembro de 1821, e faleceu em 1912. Foi visconde e marquês de Paranaguá e atuou durante quarenta anos na política, de 1850 à implantação da República, em 1889.

²⁵³ Wenceslau Brás, vice de Hermes da Fonseca nas eleições de 1910.

14/01/1910	Capitão	Visita a enfermo	Pág. 03 – coluna	Visita senador doente juntamente com outros colegas
15/01/1910	Capitão	Assiste missa em homenagem a senador	Pág. 03 – coluna	Assiste missa em companhia de esposa
20/01/1910	Capitão	Adeus ao pintor Antônio Barreira	Pág. 03- coluna	Despedida ao pintor em retorno a Europa
28/01/1910	Capitão	Assiste missa na Candelária	Pág. 03 – coluna	Missa pela alma de tenente Raul Lamenha R. Barros
30/01/1910	Capitão	Assiste missa	Pág. – 03 coluna	Assiste missa pela alma do artista Angelo Agostini
17/02/1910	Capitão	Goiás nas estatísticas	Pág. 05 - coluna	Critica as estatísticas realizadas pelo gov. federal
28-02-1910	Capitão	Esclarece Curvelo de Mendonça com informações sobre Goiás	Pág. 03 - coluna	Apresenta dados sobre Goiás com indicação de fontes
05-03-1910	Capitão	Goiás nas estatísticas	Pág. 03 - coluna	IV coluna criticando as estatísticas gov. federal sobre Goiás
08-03-1910	Capitão	Liga Nacional Contra a Seca	09 linhas	Curvelo de Mendonça Indica como membro da Liga Nacional Contra a Seca
18-03-1910	Capitão	Aniversário	14 linhas	<i>O Paiz</i> felicita HS por aniversário
30-03-1910	Capitão	Assiste missa	Pág. – Coluna	Missa pela saúde do senador Antônio Azeredo
01-04-1910	Capitão	Algodão em Goiás	Pág. 03 – coluna	Título: A cultura do algodoeiro em Goiás
04-04-1910	Capitão	Gramínea Jaraguá	Pág. 03 – coluna	Contesta matéria publicada em revista
06-04-1910	Capitão	Repassa dados sobre Goiás ao governo federal	07 linhas	Diretor de recenseamento recebe informações sobre a divisão de Goiás em zonas e distritos
29-04-1910	Capitão	Reunião Soc. de Geografia		Ata da assembléia geral
14-06-1910	Capitão	Diálogo com oficiais japoneses em livraria	23 – linhas	Bíblia em língua indígena
21-06-1910	Capitão	O levante - caçadas	Pág. 07 – coluna	Preparativos para a caça
24-06-1910	Capitão	Promoção	Pág. 02 – coluna	Quadro complementar do

				exército
20-07-1910	Capitão	Classificado no quadro suplementar	Pág. 09 – coluna	Classificado
31-07-1910	Capitão	Navegação e ferrovia em Goiás	Pág. 04 - coluna	Título: De Alcobça a praça da Rainha
13-08-1910	Capitão	Exalta a vida no sertão goiano	Pág. 07 - coluna	Título: Aspectos da vida campesina
24-08-1910	Capitão	Missa a Deodoro da Fonseca	Pág. 04 – coluna	Missa com participação de centenas de oficiais
02-09-1910	Capitão	Felicitações a João Sousa Lage	Pág. 03 – coluna	Telegrama a diretor de <i>O Paiz</i> .
14-09-1910	Capitão	Sociedade de Geo do Rio de Janeiro	Pág. 07 – coluna	Inscrito para conferência
02-10-1910	Capitão	Visita à redação	Pág. 02 - coluna	Com demais pessoas visita <i>O Paiz</i>
19-10-1910	Capitão	Lança folheto	Pág. 10 - coluna	Sumé o destino da nação Goyá
22-10-1910	Capitão	Livro Caça e caçadas	Pág. 02 – coluna	Envio para ser impresso em Paris
11-11-1910	Capitão	Reunião na Sociedade de Geo	Pág. 11 – coluna	Comunica que fará conferência sobre os frutos comestíveis do país
22-12-1910	Capitão	Telegrama ao ministro da guerra Dantas Barreto	Pág. 03 – coluna	Telegrama com votos de saúde a ministro
24-12-1910	Capitão	Sumé o destino da nação Goyá	Pág. 07 – coluna	Doação a biblioteca da Sociedade de Imprensa
27-12-1910	Capitão	Esposa faz aniversário	12 – linhas	Felicitações por aniversário
27-12-1910	Capitão	Livro Pesca Fluvial e lacustre do Brasil	06 – linhas	Livro enviado para impressão
22-01-1911	Capitão	Pêsames	Pág. 03 – coluna	Pêsames a colega por falecimento de mãe
25-01-1911	Capitão	Missa de 7ª dia	Pág. 04 - coluna	Mãe de colega
08-02-1911	Capitão	Conde envia telegrama	09 – linhas	Conde se comove com discurso pronunciado em Petrópolis
14-02-1911	Capitão	Colunista agradece livro	1ª Pág. – coluna	Sumé: o destino da nação Goyá
19-02-1911	Capitão	Missa 7ª dia	Pág.04 – coluna	Sogra do presidente Hermes da Fonseca
25-02-1911	Capitão	Conferência Soc de Geografia	Pág. 06 – coluna	2º Congresso de Geografia
06-03-1911	Capitão	Livro: Brasil e suas riquezas	Pág. 02 - coluna	01 capítulo escrito por HS
14-03-1911	Capitão	Missa falecimento	Pág. 03 - coluna	Missa para o

				comendador Adriano José de Mello
06-04-1911	Capitão	Missa 7ª dia de irmã de capitão Oliveira Junqueira	Pág. 05 – coluna	Capitão – ajudante de ordens da Pres. da República
19-05-1911	Capitão	Jornal acusa recebimento da revista a Fazenda	19 – linhas	Artigo HS “A propósito do caracu”
26-05-1911	Capitão	Participa de festa	Pág. 05 – coluna	Comemoração patente de major Thomé Barbosa Peixoto
24-06-1911	Capitão	Conferência sobre a borracha	Pág. 02 - coluna	Afirma ser Goiás 4ª produtor de borracha
25-06-1911	Capitão	Divulgação de livro	Pág. 07 – coluna	“O Brasil e suas riquezas naturais e industriais”
26-06-1911	Capitão	Missa de 7ª dia	Pág. 03 – coluna	Mãe da viúva José do Patrocínio
29-06-1911	Capitão	Visita à enfermo	Pág. 03 – coluna	Ajudante de ordens da presidência da república Oliveira Junqueira
30-06-1911	Capitão	Critica artigo publicado no jornal <i>O Comércio</i>	Pág. 02 - coluna	Desqualifica artigo sobre o trigo de funcionário da agricultura
22-07-1911	Capitão	Cavalo de guerra	14 – linhas	Realizará estudo sobre cavalo de guerra
29/07/1911	Capitão	Candidato a deputado estadual	24 linhas	Partido Democrata
12-08-1911	Major	Cartas no jornal	Pág. 05 – coluna	Cartas a HS
18-06-1911	Major	Missa 7ª dia general	Pág. 03 – coluna	General João Teixeira Maia
19-08-1911	Capitão	Membro do Clube Militar	Pág. 02 – coluna	Torna-se sócio do Clube Militar
26-08-1911	Capitão	Cavalo de guerra publicado Revista	Pág. 02 - coluna	Jornal divulga revista Fazenda
03-09-1911	Capitão	Morte irmão Hermes da Fonseca	Pág. 03 - coluna	Enterro de irmão do presidente da República
15-10-1911	Capitão	Soc de Geo	Pág. 02 coluna	Participante de reunião
26-10-1911	Major	Publica livro em alemão	12 linhas	Livro Riquezas naturais de Goiás
28-10-1911	Capitão	Publica estudo	18 linhas	XI dos Anaes 1º Cong de Geografia
06-12-1911	Capitão	Auxilia eng na construção da vl proletária Mal	Pág. 07 coluna	Jornal visita vl proletária Mal. Hermes

		Hermes		
28-12-1911	Capitão	Visita jornalista João de Souza Lage	Pág. 01 – coluna	Diretor do Jornal retorna à cidade do Rio de Janeiro
17-03-1912	Capitão	Perde eleição na Soc de Geo	Pág. 09 – coluna	Concorreu ao cargo redator da revista da instituição
23-03-1912	Capitão	Publica artigo na Revista A Fazenda	Pág. 03 – coluna	“A canna de assucar em Goyaz”
27-03-1912	Capitão	Inscrito Congresso Americanista	Pág. 06 – coluna	“A tribu Goiás ou Goiazes”
13-04-1912	Capitão	Comissão para examinar artigos	Pág. 08 – coluna	Asilo de Inválidos da Patria
14-04-1912	Capitão	Participação em conferência	Pág. 05 – coluna	Soc de Geo do Rio de Janeiro
28-05-1912	Capitão	Missão em Goiás	05 linhas	Sob o comando do Ministério da Guerra
02-06-1912	Capitão	Classificado na 11ª companhia	04 linhas	11ª Companhia Isolada
05-06-1912	Capitão	Apresenta ao deptº de Guerra	Pág. 09 – coluna	Deptº de Guerra após transferência
06-06-1912	Capitão	Vai para 11ª Cia Isolada	Pág. 03 – coluna	Comandante da 11ª Cia Isolada Goiás
26-06-2012	Capitão	Consta em lista por não fazer curso de Infantaria	Pág. 02 – coluna	Lista de oficiais com mais 25 anos de serviço
13-07-2012	Capitão	Esposa assiste missa de Belisário A. Soares de Souza	Pág. 05 – coluna	Augusta Kauffman representa em missão HS
29-07-2012	Capitão	Candidata a deputado estadual	Pág. 04 - coluna	Partido Democrata
16-09-2012	Capitão	Conferência Soc de Geografia	Pág. 04 – coluna	Sociedade de Geo do Rio de Janeiro
14-01-1913	Capitão	Festa esportiva	Pág. 03 - coluna	Festa em homenagem aos cronistas esportivos
10-04-1913	Capitão	Transf do quadro ordinário de infantaria para o suplementar	Pág. 01 – coluna	Transf quadro ordinário para o suplementar
20-04-1913	Capitão	Cap Raimundo de Siqueira segue para Goiás	05 linhas	Proceder inquérito sobre fatos passados com HS
22-04-1913	Capitão	De Goiás solicita apoio do jornal <i>O Paiz</i>	Pág. 02 coluna	Apoio para recente criada sociedade de agricultura goiana
03-05-1913	Capitão	Apoio a presidente do Brasil	Pág. 04 – coluna	Apoio a presidente Pinheiro Machado

25/05/1913	Capitão	Deputado ²⁵⁴ HS preso por general	Pág. 02 – coluna	Deputado HS recebe ordem de prisão
29-05-1913	Capitão	Vai pedir reforma	02 linhas	Capitão da Infantaria
14-06-1913	Capitão	Retorno de Goiás fará conferência	11 linhas	Conferência “O banditismo no Brazil Central”
10-07-1913	Capitão	Expõe em joalheria Pérola de Goiás	12 linhas	Joalheria Oscar Machado
18-07-1913	Capitão	Jornal anuncia livro <i>Caça e Caçadas no Brasil</i>	21 linhas	Lançamento de livro
27-07-1913	Major	Adiada conferência na Soc de Geo	Pág. 07 – coluna	“O banditismo no Brazil central”
05-08-1913	Major	Participa de reunião	Pág. 03 – coluna	Instituto Centro Histórico
12-08-1913	Major	Os vitimados por amor a Goiás	Pág. 05 – coluna	Bartolomeu Bueno da Silva
15-10-1913	Capitão	Hotel Familiar Globo	Pág. 03 – coluna	Hospedado em hotel
23-10-1913	Major	Presenteou com livro o presidente do EUA	Pág. 05 – coluna	“Caça e Caçadas no Brazil”
26-10-1913	Major	Assiste missa na companhia de esposa	Pág. 05 coluna	Missa – coronel Ernesto Sena
06-11-1913	Major	Telegrama de pêsames	Pág. 05 – coluna	Coronel recebe pêsames morte de filha
21-12-1913	Major	Esposa Augusta Kauffman Silva	03 linhas	Aniversário
26-12-1913	Major	Augusta Kauffman Silva	08 linhas	Felicitações por aniversário
02-01-1914	Major	No prelo	02 linhas	Opúsculo “No califado da parconia”
01-02-1914	Major	XIX Congr. Inter Americanistas Washington	Pág. 07 – coluna	Convidado para enviar trabalho
03-02-2014	Major	Convidado para assistir manobras de aviadores	Pág. 03 – coluna	oficiais do exército, jornalistas e outros no aerodromo
11-02-1914	Major	Homenagem a Palmiro Serra Pulcherio	Pág. 07 - coluna	Homenagem a eng. responsável pela construção das vilas militares
04-04-1914	Major	Visita a min da agricultura	Pág. 04 - coluna	Visita em companhia de outros oficiais

254O perfil biográfico de Henrique Silva encontra-se disponível na Assembleia Legislativa de Goiás<<https://portal.al.go.leg.br/deputado/perfil/deputado/2048>>Acesso em 07/08/2017.

24-04-1914	Major	XIX Cong Inter Americanistas Washington	Pág. 04 – coluna	Outras autoridades enviam trabalhos para Congresso
30-04-1914	Major	Passagem concedida a esposa do major	06 linhas	Por erro do Min a passagem deverá ser descontada
14-10-1914	Major	Envia telegrama de pêsames a tenente	Pág. 05 – coluna	Telegrama pelo falecimento de filha de tenente
01-12-1914	Major	Recepçiona Leontides de Paiva	04 linhas	Sobrinho de HS, que esteve estudando em Paris
08-12-1914	Major	Participa de velório	Pág. 04 – coluna	Negociante da Vila Militar Mal Hermes
26-12-1916	Major	Revista Veterinária e Zootecnia	Pág. 06 – coluna	Publica artigo
25-01-1917	Major	Conferência Nac Pecuária	Pág. 03 – coluna	Participa de comissão de estudo sobre cactus
12-02-1917	Major	Soc Nac de Agricultura	Pág. 04 - coluna	Comissão de juta
13-02-1917	Major	Soc Nac de Agricultura	Pág. 04 – coluna	Comissão de estudo da juta (fibras)
15-03-1917	Major	Soc Nac de Agricultura	Pág. 04 - coluna	Comunicação “A pecuaria e o sal no Brasil”
15-03-1917	Major	Soc Nac de Agricultura	Pág. 04 - coluna	Comunicação “A pecuaria e o sal no Brasil”
03-04-1917	Major	Divulga pesquisa sobre A bandeira do Anhanguera	Pág. 02 – coluna	“A bandeira do Anhanguera a Goyaz em 1722”
19-04-1917	Major	Sociedade Nac de Agricultura	Pág. 06 – coluna	Comissão de estudo sobre o pão
06-05-1917	Major	Soc Nac de Agricultura	Pág. 02 – coluna	Comissão de forragens
15-05-1917	Major	Exposição pecuária	Pág. 04 – coluna	Forragens e pastos
10-07-1917	Major	Revista <i>A Lavoura</i>	Pág. 08 – coluna	Artigo publicado: “Forragens para o inverno”
05-08-1917	Major	Jornal noticia lançamento de a <i>Informação Goyana</i>	Pág. 06 – coluna	Responsáveis Henrique Silva e Americano do Brasil

Apêndice 02

A INFORMAÇÃO GOYANA 1917/1935					
HENRIQUE SILVA					
Data	Assunto	Título	Pág	Ref. Utilizadas	Esp
Ano I, RJ 15/08/1917 Vol. I N.01	Qualidade da areia monazíticas de Goiás	Areias Monaziticas de Goyaz	1 ^a	Apresenta dados de química do Comendador Domingos Gonçalves sobre a qualidade da areia no Brasil e Goiás(comparação); Congr. Expansão econômica	1/4
Ano I, RJ 08/1917 Vol. I N.01	Tirar do esquecimento os bandeirantes que desbravaram GO, MT mesmo antes da capitania das Minas Gerais.	As mil e uma noites do Sertão – seus pró-homens	03	Menciona texto historiográfico de Diogo de Vasconcellos – História antiga de Minas Geraes confirmando a anterioridade do desbravamento das terras GO, MT em relação a Minas. - Sílvio Romero (proto-homens)	1 pág.
Ano I, RJ 09/1917 Vol. I N.0 2	O cresc. Pop. de Goiás põe por terra os dados do deficiente recenseamento do governo federal em Goiás	A população de Goiás	18	Relatório da Província de Goyaz – J.M.Pereira de Alencastre; Cronistas Cunha Matos; Gardner e James Welles. Cronista Henri Coudreau; Dr Alípio Gama membro da Comissão de Est da Nova capital; República. Visconde de Taunay	1 pág.
Ano I, RJ 09/1917 Vol. I N. 02	Defende valorização dos costumes do sertanejo – herdeiros dos bandeirantes	As mil e uma noites do sertão – seus pro-homens	22		1/2 pág.
Ano I, RJ 10/1917 Vol. 1 N.0 3	O terror que causa as piranhas aos habitantes de Goiás. Crítica ao desconhecimento da ciência sobre este peixe	Piranhas do Brasil Central	34	Naturalista Emílio Goeldi; Augusto de Saint Hilaire; Historiador Vieira Fazenda; F. de Castelnau; Baptista Caetano; Cuvier e Lineau; Valenciens; Orbignay	
Ano I, RJ 10/1917 Vol. 1 N.0 3		Abelhas do Brasil Central	45	-	1 pág. 1/2
Ano I, RJ 12/1917 Vol. 1 N.05	Discute o grande valor das pérolas encontradas em grande parte do mundo. Lembra que no Brasil, especialmente, em Goiás há pérolas, esperando por ser exploradas. Há também diversas outras riquezas.	Riquezas ignoradas – A produção de pérolas no Brasil	56	-	1 pág. 1/2
Ano II RJ 01/1918 Vol. II N.6	Gado, suínos, pastagens	A pecuaria no Estado de Goyaz	62	Para corroborar suas afirmações menciona os viajantes que por Goiás estiveram e suas respectivas obras. James Welles; Henri Coudreaux; Oscar	1 pág

Data	Assunto	Título	Pág	Ref. utilizada	Esp
Ano II RJ 01/1918 Vol. II N. 6	Superioridade do algodão produzido em Goiás; crítica Saint Hilaire	A cultura do algodoeiro em Goyaz	67	Leal Couto de Magalhães; Dom Francisco de Assis Mascarenhas; Saint Hilaire; governador Manoel Lino de Moraes; Taunay	1/2 pág.
Ano II RJ 02/1918 Vol. II N.07	-	A Pecuária no Estado de Goyaz	77	Arthur Neiva e Belisário Pena	1 pág.
Ano II RJ 02/1918 Vol. II N.07	Localização das minas do araés	Onde ficam as minas dos Araés?	82	-	2 pág
Ano II, RJ 03/1918 Vol. I N.08	Crítica Arthur Neiva; Belisário Pena e Roquette Pinto por publicarem livros sobre o Brasil Central com informações superficiais (fósseis; guariroba)	Viajores – mas superficiais observadores	91	Raimundo José da Cunha Matos – Chorographia Historica da Provincia de Goyaz; padre dr. Henrique Raymundo des Guenettes	6/8
Ano II RJ 02/1918 Vol. II N.08	Cont. Crítica as informações produzidas por Arthur Neiva e Belisário Pen em viagem por Goiás	Pela fauna do Brasil Central – Retificações e refutações	94	Th Huxeley; Linneu; F. Cuvier; Henrique Sausser; Emílio Goeldi; Henrique Silva; Von Martius; Padre Ayres de Casal;	1 pág HS?
Ano II RJ 02/1918 Vol. II N.07	Reflexões sobre a destruição das florestas;	A dendroclastia no Brasil	97	Assis Brasil (A cultura dos campos); Marechal Raymundo J. da Cunha Matos; T. Pradés	1 pág.
Ano II RJ 04/1918 Vol. II N.09	Esclarecimentos sobre a fauna do Brasil Central. Ausência de estrutura nos museus brasileiros para realizar a classificação de animais.	Pela Fauna do Brasil Central	106	Emmanuel Liais; E. Ule; Hermann vonn Ihering	1 pág.
Ano II RJ 05/1918 Vol. II N.10	Comparações entre o Jequitibá, Bálsamo e o Jatobá	Jequitibá rei das plantas do Brasil?	123	Navarro de Andrade e Octavio Vecchi <i>Les bois indigenas de São Paulo</i> ; livro: <i>Índice Geral das madeiras do Brasil</i>	1/4 pág.
Ano II RJ 06/1918 Vol. II N.11	Defesa de uma área para Goiás, que MG defende ser sua. Crítica ao geógrafo que produziu trabalho favorável a Minas Gerais.	Geographos de Gabinete	135	Decisão do STF 04/05/1896. Mapas organizados pelos padres dominicanos residentes em Porto Nacional.	6/8 pág.
Ano II RJ 07/1918 Vol. II N.12	H.S. contrapõe a definição dada por Arthur Neiva e Belisário Penna a um tipo de veado da fauna goiana	Mettendo foice em seára alheia	156	Taunay	
Ano II RJ 07/1918 Vol. II N.12	Flora de Goiás	A Palmeira Macahuba	166	Theodoro Peckolt, História das Plantas Alimentares e de Goso do Brasil; Visconde Beaurepaire Rohan, Diccionario de Vocabulos Brasileiros; Humboldt; Saint Hilaire	1/2 pág.

Ano II RJ 08/1918 Vol. II N.01	Hidrografia de Goiás - Cachoeira Dourada/ Paranaíba;	Cachoeira Dourada	07	Elisêe Reclus; Dr. Ed. De Oliveira Martins (clínico); inglês James Mellor; Dr. J. Paes Leme	1 pág.
Ano II RJ 09/1918 Vol. II N. 02	-	-	-	-	-
Ano II RJ 10/1918 Vol. II N.03	O relevo, hidrografia de Goiás	Esboço da geographia physica de Goyaz	43 44 45	Geólogo Francisco de Paula Oliveira (comissão exploradora do Planalto Central); Orville Derbe; E. Reclus; Dr Félix de Azara	2 pág.
Ano II RJ 11/1918 Vol. II N.04	Limites entre Goiás e Mato Grosso	Limites de Goyaz com Matto Grosso	1 ^a 50	Doc Comissão de justiça estatística da Câmara dos Deputados 20/07/1864	1/2 pág.
Ano II RJ 11/1918 Vol. II N. 04	Hidrografia	O rio S. Marcos	51 52 53	Mapas elaborados pela Comissão Cruls 1902, área demarcada para o futuro Distrito Federal; Carta da República – Dr. João Crocktt de Sá Pereira de Castro	1 pág. 1/2
Ano II RJ 11/1918 Vol. II N. 04	Hidrografia de Goiás	Esboço da geographia physica de Goyaz II	55 56 57	Cunha Matos; dr. Azevedo Pimentel (livro)	2 pág s
Ano II RJ 12/1918 Vol. II N. 05	Esclarecimentos acerca da flora goiana	Catingueiro ou capim gordura		Sr. J. Barbosa Rodrigues (línguas americanas e flora)	1 pág. 1/2
Ano II RJ 12/1918 Vol. II N. 05	Hidrografia, geologia	Esboço da geographia physica de Goyaz	74	Gerber; Elias de Beaumont, Eugenio Hussak, Derby, Carlos Hass (engenheiro techeko-slovaco	1 pág.
Ano II RJ 12/1918 Vol. II N. 05	Riqueza minerológica	Riquezas nativas de Goyaz	76	Sanit Hilaire, Castelnau, Pohl, J. Martius P. de Alencastre, Marechal Raymundo da Cunha Mattos, Eschwege, Taunay, Padre Luiz Antonio da Silva e Souza, Weddel, Glaziou, Ule, Eugenio Hussak, Dr Azevedo Pimentel.	2 pág s.
Data	Assunto	Título	Pág	Ref. Utilizada	Esp
Ano III RJ 01/1919 Vol. II N.06	Biografia – Tece grandes elogios ao biografado (Alberto Lofgren) no campo das ciências naturais	À Memória do dr. Alberto Lofgren	87	Peter Wilhelm Lund, Reinhardt, Regnel, Warming, Lindman, Lüken Wing, Ursted; Alberto Lofgren (tece elogios)	1 pág.
Ano III RJ 1/1919 Vol. II N.06	A riqueza de plantas taníferas no Planalto Central	Plantas taníferas do Brasil Central	91		1/2 pág.
Ano III RJ 01/1919 Vol. II N. 06	A existência da quantidade e diversidade e de qualidade superior de gramíneas existente em Goiás. Lembra Também que em que foi em Goiás que se formaram as três raças bovinas do Brasil: Curraleira, Mocha e Caracu.	Riquezas nativas de Goiás parte II (I publicada 15/12/18 – ano II)	93	André Rebouças (ensaio do índice Geral das Madeiras do Brasil) - engenheiro Ernesto Ule (botânico) – Relatório da Comissão do Planalto	1 pág.

Ano III RJ 01/1919 Vol. II N. 06	As possibilidades de se produzir seda no Brasil.	Sericigenos indígenas do Brasil Central	94	Cuvier; Linneu	1 pág.
Data	Assunto	Título	Pág	Ref. utilizada	Esp
Ano II RJ 02/1919 Vol. II N.07	Critica o dr. Luiz Pires do Rio por posicionar contrário a construção da estrada de ferro do Tocantins.	Fazendo engenharia...	101 102	André Rebouças; Comissão Cruls – relatório sobre o interior de Goiás; Taunay; Castelnau; engenheiros Antônio Florencio Pereira Lago; Benjamin Flanklin e Rodrigues de Moraes Jardim	1 pág. e 2/4
Ano II RJ 02/1919 Vol. II N. 07	A origem do gado Vacum em Goiás, sua procedência. Bandeirismo paulista responsável. na expansão para o sertão. Bandeirantes Domingos Affonso Mafreuse e Domingos Jorge (Velho?) como um dos resp pela interiorização descobrindo Piauí e a Paraíba, respectivamente. O último bandeirante criou fazendas de gado na Paraíba.	Distribuição geographica do gado vaccum no Brasil Central	102 103	Gandavo, Gabriel Soares e Varnhagen; Simão de Vasconcellos (<i>Chronica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil</i>); cronista Frei Gaspar da Madre de Deus (<i>Memorias</i>); Rocha Pitta – elogia gado de S. Vicente; Luiz dos Santos Vilhena (<i>Recapitulação de Notícias Seterepolitans e Brasileiras</i>) _fonte Biblioteca Nacional; Cornevin; Antonil – HS o chama de mentiroso; Heródoto e Hipócrates; Daniel Monfallet (<i>Races Bovines</i>)	1 colu na e 1/2
Ano II RJ 02/1919 Vol. II N. 07	Disputas territoriais entre Goiás e Mato Grosso – crítica à publicação de um professor ens. Fund. Philogenio Corrêa em jornal do MT, com o aval do governo daquele Estado	Limites entre Goyaz e Matto-Grosso – a tosquia de um camelo	104	João Godoy Pinto da Silva – <i>Revista (1845) Instituto Histórico tomo VII</i> Barão de Melgaço – <i>Dicionario chonographico da provincia do Matto-Grosso</i> ; D. Luiz de Mascarenhas governador de Goyaz; expedição comandada pelo bandeirante Amaro Leite 1739; padre Luiz Antônio da Silva e Souza – <i>Memória sobre o descobrimento , governo, população e cousas mais atrveis da Capitania de Goyaz</i> ; Barão Homem de Melo e Tenente-coronel Francisco Antonio Pimenta Bueno – <i>O Atlas do Imperio do Brasil</i>	1 pág 1/2
Ano II RJ 03/1919 Vol. II N. 08	Diversidade de peixes existentes no Brasil, em Goiás	Contribuição para o conhecimento dos peixes encontrados no Estado de Goyaz	118 119	Viagem ao Araguaya – general Couto de Magalhães; Goeldi	1 pág. 1/2
Ano II RJ 04/1919 Vol. II N. 09	Carta de leitor: Pires do Rio Contestando artigo publicado na Informação goiana de autoria de Henrique Silva, criticando-o por se posicionar contra a estrada de Ferro, que ligaria o centro de Goiás a MG	Inspectoria Federal das Estradas	129	Arthur de Azevedo	

Ano II RJ 05/1919 Vol. II N.10	Relatório apresentado a soc de agricultura, acerca de exposição de animais ocorrida em SP/artigo em colaboração com Chrystantho de Brito	São Paulo na Pecuária Nacional	135	Francisco Javier Muñiz D. Felix de Azara	1 pág.
Ano II RJ 05/1919 Vol. II N. 10	Pecuária – o gado brasileiro apresenta ligação direta com o gado de Portugal, pelo menos 3 espécimes. Contudo, houve muita diversificação devido a riqueza das folhagens existentes em território nacional. (“características morfológicas com os antepassados diretos”)	Affinidades de parentescos raças bovinas do Brasil e Portugal	137	- Darwin e A. R. Wallace(sucessor) – leis de hereditariedade; don Feliz de Azara; (veterinário) - <i>Descripción e Historia del Paraguay y del Rio de la Plata</i> ; J. E. Pohl “Reise in Innern Von Brasilien”; A revista Kosmos (artigo curraleiro goiano) - Cita obra Macedo Pinto (para confirmar o que diz sobre as características da vaca barrosa) -Veterinário S. B. Lima (autoridade em Portugal no assunto de gado)	1 pág.
Data	Assunto	Título	Pág	Ref. utilizada	Esp
Ano II RJ 06/1919 Vol II N. 11	O equívoco de uma publicação de Carlos H. Eigenmann – afirma em boletim do <i>Carnegie Museum de Pittsburg</i> não existir peixes elétricos no Brasil	Contribuição para o conhecimento dos peixes encontrados em Goyaz	152	Castelnau – viajante; Dr. Vigílio de Mello Franco – Viagem a Comarca de Palma; Fauna Fluviatil de Goyaz vol 1 – H. Silva; Manoel do Couto Brandão – Catalogo dos peixes do Brasil Central	1 pág. 6/8
Ano II RJ 06/1919 Vol. II N. 11	Critica a lacuna existente no conhecimento dos zoólogos acerca da fauna e flora em geral	Questões zoológicas	154	Naturlista Elliot; (cita como crítica) Emilio Goeldi – <i>Os mamíferos do Brazil</i> (cita como crítica)	1/2 pág.
Ano II RJ 06/1919 Vol. II N. 11	Fauna de Goiás	Flora medicinal de Goyaz	155	Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel – médico higienista da comissão Exploradora do Planalto Central	1 pág.
Ano II RJ 07/1919 Vol. II N. 12	Brasil rico em folhagem para o gado	Questões pecuarias	165 166	Cita Saint Hilaire e J. Gardner para se opor ao conhecimento apresentado pelos mesmos acerca da origem do capim gordura ou catingueiro.	
Ano II RJ 07/1919 Vol. II N. 12	Os diferentes tipos de cavalos existentes no Brasil. Goiás não fica atrás tem também o seu animal resistente, forte...	As raças eqüinas do Brasil	8 9		1 pág
Ano II RJ 08/1919 Vol. III N. 01	As altas taxas de impostos sobre o sal, elemento de suma importância para o desenvolvimento da	Não tem título. ²⁵⁵	8 9	Preços baixos do sal na Argentina e Rio Grande do Sul, para reivindicar a redução da saca do sal para região central	1/4 pág.

²⁵⁵ No final da página 09 e início da 10, duas ou mais linhas não foram escaneadas. Além disso, há o início de matérias que não têm seguimento com as anteriores.

	indústria do charque em Goiás. Apresenta sugestões para reduzir as taxas e assim proporcionar desenvolvimento da pecuária				
Ano III RJ 09/1919 Vol. III N. 02	Breve relato da comissão que demarcou a região onde se edificaria a nova capital. Outra parte da discussão Foi utilizada para combater projeto no congresso de geografia, que defendia der ser a mudança para Belo Horizonte.	A escolha do local para a futura capital da República	1 ^a	Relatório da comissão Cruls; Visconde de Porto Seguro; Constituição de 1891	1 pág. 1/2
Data	Assunto	Título	Pg	Ref. utilizada	Esp
Ano III RJ 09/1919 Vol. III N. 02	O cavalo <i>curraleiro</i> oriundo de Goiás poderia ser adotado pelo exército	O nosso cavallo de guerra	20	Revista, <i>Vie Agricole</i> – Difloth zootecnista de renome universal defendendo a vitória do cavalo pequeno para a guerra. - General Kitchener; - Jornal Animal Word	1 pág.
Ano III RJ 09/1919 Vol. III N. 02	Compara os campos as matas.	Secenarios campesinos do Brasil central	21 22	Cita Sr. Glaziou que descreve os campos como espaço rico em espécimes. – Matas da Hyléa exageradas por Humbolt	1/2 pág.
Ano III RJ 10/1919 Vol. III N. 03	Henrique Silva recorre ao amigo Jorge Maia (filólogo) Em discussão com certo senhor J.R. acerca da etimologia da palavra Ipameri	Sem título – carta do leitor?	33	Jorge Maia	1 pág.
Ano III RJ 10/1919 Vol. III N. 03	Ferrovia ligando o Porto de Angra dos Reis a MG e a Goiás	O porto de Goyaz no Atlantico Sul	36 37	Raimundo José da Cunha Matos; Taunay; Pohl; Saint Hilaire	1 pág.
Ano III RJ 11/1919 Vol. III N.04	Disputa de limites entre Goiás MG, BA, MT, PA	A balburdia no Sexto Congresso de Geographia de Bello Horizonte	42	-	1/4 pág.
Data	Assunto	Título	Pg	Ref. utilizada	Esp
Ano III RJ 12/1919 Vol. III N. 05	A importância das quedas d'água para geração de eletricidade	A hulha branca em Goyaz	1 ^a	Elysio de Carvalho – livro <i>Brasil, potência mundial</i> – inquérito sobre a industria siderúrgica no Brasil; Engenheiro Paulo de Frontin; Engenheiro inglês James Banls	1/2 pág.
Ano III RJ 12/1919 Vol. III N.05	Biografia do pai de HS - memória	Commendador Francisco José da Silva	56	Taunay	2 pág
Ano IV RJ 01/1920 Vol. III N.	Biografia do pai de HS – memória	Commendador Francisco José da Silva –	68	Carlyle	1 pág. 1/2

06		Parte II			
Ano IV RJ 01/1920 Vol. III N. 06	A possibilidade de se domesticar a anta como força para o trabalho no campo	O tapir como animal de tracção	71		1/2 pág.
Ano IV RJ 01/1920 Vol. III N. 06	Goiás reúne todos os tipos climáticos para a pecuária (zona equatorial; subtropical e Temperada); - Clima; hidrografia; relevo... Flora - forragens	O habit maravilhoso de Goyaz para as espécies pecuarias	73 74	Geografia. Livro: Impressões do Brasil no século XX – Reginald Lloyal, Londres 1913; Comissão Exploradora do Planalto Central Chapada dos Veadeiros	1 pág.
Ano IV RJ 02/1920 Vol. III N. 07	Biografia do pai de HS – memória	Commendador Francisco José da Silva – Parte III	83	Carlyle	1 pág. 1/2
Ano IV RJ 02/1920 Vol. III N. 07	Henrique Silva sugere que ao lado dos nomes científicos da fauna seja escrito a denominação atribuída pelos silvícolas. E que zoólogos, botânicos, geógrafos, historiadores passem a utilizar	XX Congresso de americanistas		Couto de Magalhães; Lineu	1/2 pág.
Ano IV RJ 03/1920 Vol. III N. 08	Primeiro mapa de Goiás 1751(Francisco Tosi Columbina	Cartographia goyana	89	Doutrina do colendo Lafayette (leis)	1 pág.
Ano IV RJ 03/1920 Vol. III N. 08	Estudo sobre a indústria pastoril e as raças bovinas em Goiás	O habit maravilhoso de Goyaz para as espécies pecuárias – II (relato feito em 1903 ao presidente da sociedade nacional de agricultura	93	Padre Silva e Souza (1º cronista goiano) Padre Simão de Vasconcelos (Chorica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil) J.M. Pereira de Alencastre (Annaes da Provincia de Goyaz) Evolucionismo – Seleção natural Auguste François Marie Glaziou nasceu em Lannion, na Bretanha, França em 1833, Diretor dos Parques e Jardins da Casa Imperial e Inspetor dos Jardins Municipais, além de integrar	2 pág. e 1/4
Data	Assunto	Título	Pg	Ref. utilizada	Esp
Ano IV RJ 03/1920 Vol. III N. 08	Os diferentes espécimes de onça no Brasil, notadamente, em Goiás	Caçadores de onças	97 98	De Abbadie – celebre africanista – Escreveu: <i>Typos americanos</i> ; Bíblia – Nemrod (caçador)	1 pág. 1/2
Ano IV RJ 03/1920 Vol. III N. 08	Cobras existentes no Brasil; Brasil Central – os buritizais (moradia predileta dos sucuris)	Cobras Sucurys	99 100	Henrique Pedro Carlos de Beaupaire-Rohan; Emmanuel Liais; <i>Caça e caçadas no Brasil</i> de H.S; Affonso Arinos; Charles J. Canish (<i>The living germinals in the world</i>); Botânico Gardner	1 pág. 1/2
Ano IV RJ 04/1920 Vol. III N. 09	Questão de Limites com Estados vizinhos (MT	Cartografia goiana - II	102	Engenheiro italiano Francisco Tossi Colombina	1/2 pág.
	Estudo das aves no	Pombas e rolas	165	Maregrav; Emilio Goeldi (Aves do	1/2

	Brasil Central	indígenas no Brasil Central		Brasil)	pág.
Ano IV RJ 05/1920 Vol. III N. 10	As exportações goianas couros e peles não aparecem nas estatísticas do Pará	Intercambio Goyaz Pará	114	Ignacio B. de Moura – De Belém a S. João do Araguaia (livro). Coronel de engenheiro Antonio Florencio Pereira do Lago – Relatório dos Estados da Comissão Exploradora dos Rios Tocantins e Araguaia	1 pág.
Ano IV RJ 05/1920 Vol. III N. 10	Habitat de Goiás excelente para exploração de espécies, que vivem à natureza. Crítica aos dirigentes (Federal?) HS atribui a Natureza a formação das raças pecuárias. A ciência ou teoria e prática como meio para desvendar a natureza. Crítica ao país de doutores e bacharéis; A raça Caracu origem de Amaro Leite	O “Habitat” maravilhoso de Goyaz para as espécies pecuárias	116	Darwin “a natureza é o mistério dos mistérios”; Seleção natural – seleção das espécies (Cristobal Sarrias); Teoria e prática – elementos para conhecer os segredos da natureza; Raimundo da Cunha Mattos (Chorographia histórica; Domingos Sarmiento (zoocenista); Francisco Xavier Muñiz (Ciencias naturales argentinas)	1 pág. 1/4
Data	Assunto	Título	Pg	Ref. utilizada	Esp
Ano IV RJ 06/1920 Vol. III N. 11	Crítica o atraso principalmente dos intelectuais goianos sobre a cultura do solo	O ensino agrícola em Goyaz	132	Jules Méline – Livro: Le rotourn á la Terre	1/2 pág.
Ano IV RJ 07/1920 Vol. III N. 12	--	-	-	-	-
Ano V RJ 08/1920 Vol. IV N. 01	-	-	-	-	-
Ano V RJ 09/1920 Vol. IV N. 02	Divulgar as plantas aos brasileiros como também aos estrangeiros; (borrachas de mangabeiras, maniçoba)	As plantas leitosas uteis de Goyaz – suas espécies, sua distribuição geographica e exportação de seus productos	1 ^a 10 11	Alfred Marc – Le Brésil, excursion através sés 20 provinces Saint Hilaeire; Henri Coudreau; Dr Oliveira Bela; Dr J. Uber(botânico); Herbet Schmit; Dr Wenceslàu Belo (livro: O Brasil suas riquezas naturaes suas industrias); Dr A. Glaziou (botânico) – Relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil; Dr Antonio Borges Santos; General João Severiano da Fonseca – Viagem ao redor do Brasil	
Ano V RJ 10/1920 Vol. IV N. 03	-	-	-	-	-
Ano V RJ 11/1920 Vol. IV N. 04	-	-	-	-	-

Ano V RJ 12/1920 Vol. IV N. 05	Crítica parecer do ministro Pires de Albuquerque que foi contra os interesses de Goiás. Argumenta o vínculo do ministro com Mato Grosso	Limites entre Goyaz e Matto Grosso	1 ^a 34	Menciona a jurisprudência que deveria ter sido levado em conta na decisão do juiz.	1 pág. e 1/2
Ano V RJ 12/1920 Vol. IV N. 05	Os esquecidos de Goiás	Os victimados por amor de Goyaz	39/ 40	Saint-Hilaire; Cunha Matos	1/2 pág.
Ano V RJ 01/1921 Vol. IV N. 06	Contestando decisão judicial favorável ao Estado de Mato Grosso nas disputas territoriais	Limites entre Goyaz e Matto Grosso – Laudo arbitral de um juiz arbitrário - II	1 ^a 42 43 44 45	Epitacio Pessoa (livro: A fronteira oriental do Amazonas); General Raphael de Mello Rego – Limites de Goyaz com Matto Grosso; Luiz d'Alincourt (doc. Biblioteca Nacional, vol III); Revista do IHMT; Constituição do Império; Arquivo do Governo de Goyaz (26/03/1743); Correspondência do governador José de Almeida de Vasconcelos de Soveral e Carvalho – <i>in</i> Subsídios para Historia da Capitania de Goyaz 1756-1806; Chorographo: Joaquim Manoel de Macedo	4 pág. 1/4
Data	Assunto	Título	Pág	Ref. utilizada	Esp
Ano V RJ 02/1921 Vol. IV N. 07	Contestando decisão judicial favorável ao Estado de Mato Grosso nas disputas territoriais;	Limites entre Goyaz e Matto Grosso – Laudo arbitral de juiz arbitrário III	1 ^a ; 50 51	Joaquim Norberto de Souza e Silva – biografia de D. Damiana da Cunha (descendente de caipó)	2 pág e 1/4
Ano V RJ 02/1921 Vol. IV N. 07	Esclarecimentos sobre a participação de H. S. no Congresso Geográfico para tratar sobre as questões territoriais entre Goiás e Mato Grosso	Presunção e agua benta... – Ora, até o Sebas!	51	Jurisprudencia – Ruy Barbosa; Lafayette; Epitacio Pessoa; Clovis Bevilacqua; Jose Hygino	1 pág.
Ano V RJ 03/1921 Vol. IV N. 08	Contundente artigo contra os interesses de MT em terras goianas	Limites entre Goyaz e Mato Grosso IV – Laudo arbitral de um juiz arbitrário	1 ^a 58	Cita mapas de 1771, 1848, existentes no arquivo do Exército e na Bibl. Nacional; menciona diversos outros documentos. Luiz de Alincourt; Ricardo Franco de Almeida; Luiz A. da Silva e Souza; Cunha Mattos e outros	2 pág.
Ano V RJ 04/1921 Vol. IV N.09	Contundente artigo contra os interesses de MT em terras goianas	Limites entre Goyaz e Mato Grosso V – Laudo arbitral de um juiz arbitrário	1 ^a 66	Mapa de W. Faden; Luis Stanislas Darcy de la Rochette; cita os atos dos governadores goianos que justificam a legitimidade de Goiás ao terreno em litígio	1 pág. 1/2
Ano V RJ 04/1921 Vol. IV N.09	Reflete sobre o preconceito que os europeus tinham pela América, mas o foco é contrapor a mistura do gado europeu ao indiano, o que resulta em espécie pouco produtivo	Este nosso paiz e as ideias preconcebidas	71	Georges Louis Leclerc, o conde de Buffon Cita como aquele que teve suas ideias ultrapassadas. Contrapõe com Humboldt	1/2 pág.
Ano V RJ	Contundente artigo	Limites entre	74	Faz referência a ato do governo colonial	3

05/1921 Vol. IV N.10	contra os interesses de MT em terras goianas	Goyaz e Matto Grosso - Laudo arbitral de um juiz arbitrário - VI		que criou a capitania de Goiás, desmembrando-a de São Paulo. Utiliza-se de dados populacional de Goiás superiores em comparação com MT. Cita <i>Itinerario de Viagem de Exploração entre Itapura e Corumbá</i> , dr. Miguel Arrojado Ribeiro Lisboa	pág.
Ano V RJ 05/1921 Vol. IV N.10	Explica sobre os diversos tipos de árvore de grande porte existente Goiás. A existência de centenas de madeiras de lei	O Tamboril das mattas de Goyaz	77 78	Taunay: <i>A Província de Goyaz na exposição nacional de 1875</i> ; Varnhagen é citado indiretamente na questão das latitudes altitudes de Goiás; Wappaeus, 1884, <i>Geographia Phytica do Brasil</i> - obra resp. por os equívocos sobre as madeiras de grande porte em Goiás; critica a obra de <i>Hilae</i> – Humboldt; aplaude <i>Lagoa Santa</i> de Warming e <i>Vegetação do RS</i> , de Lindman; os Curvier e Linneus; <i>Chacaras e Quintais</i> de Luiz Pereira Barreto	1 pág. 1/8
Data	Assunto	Título	Pág	Ref. utilizada	Esp
Ano V RJ 06/1921 Vol. IV N.11	Contundente artigo contra os interesses de MT em terras goianas	Limites entre Goyaz e Matto Grosso – laudo arbitral de um juiz arbitrário - VII	1 ^a 82	-	2 pág. s. 2/8
Ano V RJ 06/1921 Vol. IV N.11	Os diversos solos, fauna, flora existentes em Goiás; a natureza aparece como capaz de adivinhar as vontades dos animais.	Os campos nativos de Goyaz – aspectos	86 87	Botânico Carlos Frederico Von Martius - <i>Flora brasiliensis</i> ; Raimundo da Cunha Mattos; Cônego Luiz Antônio da Silva e Souza – <i>Memórias goianas</i> ; Varnhagen/indiretamente; Saint Hilaire; botânico Ule	2 pág.
Ano V RJ 07/1921 Vol. IV N.12²⁵⁶	Contundente artigo contra os interesses de MT em terras goianas	Limites entre Goyaz e Matto Grosso - Laudo arbitral de um juiz arbitrário - VIII	91 92 93	Lacerda e Almeida; Bomplan; Ferser; M. Chisto; B. Rohan; barão de Melgaç (Augusto João Manoel Leverger)	2 pág.
Ano V RJ 08/1921 Vol. V N. 01	Diálogo entre HS e José Leite da Costa Sobrinho acerca da grafia de veado existente no Planalto Central, ainda não catalogado	Guatá pará	02 03	Dr. Emilio Goeldi; Von Martius; padre Avres de Casal	2 pág
Ano VI RJ 09/1921 Vol. V N. 02	-	-	-	-	-
Ano VI RJ 10/1921 Vol. V N. 03	Os três tipos de antas do Planalto Central: Sapateira, Xuré e a comum	Tapirides e cervides do Brasil Central	20	Dr. Emilio Goeldi	1/2 pág.
Ano VI RJ 10/1921 Vol. V N. 03	Leguminosa de excelente valor nutritivo – bovino - cavalari	A rainha das leguminosas brasileiras (Jaquirana)	21 22	Ihaer; Hebriegel e Willfort	6/8

²⁵⁶ Páginas 93 e 94 estão fora de ordem.

Ano VI RJ 11/1921 Vol. V N. 04	-	-	-	-	-
Ano VI RJ 01/1922 Vol. V N. 06	-	-	-	-	-
Ano VI RJ 02/1922 Vol. V N. 07	Excelência do clima do planalto; abundância de água – nascente das três bacias hidrográficas; No relatório parcial da Comissão, HS rebate argumentos de que o clima é insalubre. Contesta também aqueles que afirmaram: os goianos não se dedicavam a lavoura (lembra dos impostos taxados pelo governo para aquele que atrevesse ao plantio)	O novo Distrito Federal ----- o clima para emigrante europeu – abundância de águas potáveis – possibilidades agrícolas;	1 ^a 50 51	Luiz Cruls(relat. parcial da comissão); Varnhagen (as principais estradas de ferro, ligando-se a capital como artérias...); Dr Antonio Pimentel, medido higienista; Taunay; Cunha Mattos; Elisée Reclus	2 pág. e 1/4
Ano VI RJ 02/1922 Vol. V N. 07	Defende a riqueza da natureza do Planalto Central, notadamente, Goiás.	Questões relativas á fauna do Brasil Central	51 52	Zoólogo suíço Emilio Goeldi; Darwin; Zoólogo suíço Louis Agassiz; Saint Hilaire; Naturalista sueco Johan Albert Constantin Löfgren; Naturalista austríaco Johannes Natterer; Naturalista austríaco A. Von Pelzem; Castelnau; Hermann Von Ihering; Naturalis Frances Edmond Perrier; Charles J. Carnish; Albert Goudry;	1 pág. e 1/4
Ano VI RJ 02/1922 Vol. V N. 07	Conclui artigo iniciado a partir do relatório parcial da Comissão Cruls. Retifica a riqueza em água Goiás, bem como a área demarcada para a futura construção da capital federal	A lavoura do Estado de Goyaz – reputações rectificações II hidrographia (conclusão) ²⁵⁷	54 55	Luiz Cruls	3/8 de pág.
Ano VI RJ 03 e 04/1922 Vol. V Ns. 08-09	A escolha do local para lançamento da pedra fundamental na área demarcada para a nova capital federal. Lamenta a suspensão dos trabalhos da Comissão por falta de verba	Escolha da nova capital da União	58	Luiz Cruls; médico higienista da Comissão Azevedo Pimentel; geólogo Eugenio Hussak	1/2 pág.
Ano VI RJ 03 e 4/1922 Vol. V Ns. 08-09	Faz uma comparação entre as regiões amazônica e sertão nordestino com	Zonas agrícolas do Brasil	60 61	Herman Von Ihering; Humboldt; Elisée Reclus; Euclides da Cunha; Luiz Cruls; Henrique Morize (part da Comissão); André Rebouças.	1 pag. e 1/2

²⁵⁷ A edição da Revista é de fevereiro/1922, porém o artigo foi assinado no mês de janeiro/1922.

	Planalto Central. Para ele esta última tem as melhores condições para o plantio agrícola.				
Ano VI RJ, 03 e 4/1922 Vol. V Ns. 08-09	Pouco interesse dos cientistas em conhecer de fato a fauna e flora do Brasil Central	Questões relativas a fauna do Brasil Central – II	62	Emilio Goedi; Rodolpho Von Ihering – <i>Atlas da fauna do Brasil</i> ; Castelnau;	1/2 pág.
Ano VI RJ, 03 e 4/1922 Vol. V Ns. 08-09	O pouco conhecimento acerca das forrageiras no Brasil	Plantas forrageiras do Brasil	65	Professor J. Arechavaleta – <i>plantas forrageiras espontâneas em no los campos uruguayos</i> ; Linneu, Aristoteles, Plinio	1/2 pág.
Data	Assunto	Título	Pág	Ref. utilizada	Esp
Ano VI RJ 05/1922 Vol. V N. 10	Outra qualidade de cana cultivada pelos indígenas antes da introdução do plantio pelo europeu	O indigenato das nossas plantas uteis – a cana de assucar no Brasil	75	Saint-Hilaire; J. F. Drutone; Frei Jaboatão <i>orbe Seraphico</i> ; Padre Labat <i>Historia da America</i> ; Pison; Emile Picard <i>A ciencia moderna</i>	1/2 pág.
Ano VI RJ 06/1922 Vol. V N. 11	Discussão acerca da origem do gado China, espécimes de qualidade ainda existentes em Goiás	Qual é a origem do gado da China?	85	Henrique Silva <i>O Brasil, suas riquezas, suas industrias</i> (1907); Coronel José Francisco Pereira; Dr. A. Gomes Carmos artigo publicado revista <i>Brasil Agricola</i>	1 pág. 1/2
Ano VI RJ 07/1922 Vol. V N. 12	O milho, mandioca, banana, algodão como origem indígena	O indigenato de nossas plantas uteis – MILHO (<i>Zea Mais</i>)	95 96	Botânico Alphonse de Candolle; Linneu; Humboldt; Garcilaso; Acosta; Gabriel Soares; Baptista Caetano de Almeida Nogueira; Marechal Beaurepaire Rohan; Samuel Fritz; Martius; Padre Antonio Caetano da Fonseca; Moreau; Joannes de Saint Hilaire; Pohl; Lenda carajá (milho); Lenda da mandioca; Couto de Magalhães	1 pag. 1/2
Ano VI RJ 08 e 09/1922 Vol. VI Ns. 01-02	-	-	-	-	-
Ano VI RJ 10/1922 Vol. VI N. 03	-	-	-	-	-
Ano VI RJ 11/1922 Vol. VI N. 04	Defende o estudo sério das forrageiras no Brasil	Estudemos e cultivemos as nossas forraginosas indigenas	25	Pandiá Calogeras; naturalista alemão Endicher e dr. Arrojado Lisboa; Saint Hilaire; Gardner	7/8 de pág
Ano VI RJ 11/1922 Vol. VI N. 04	Defende a beleza, a singularidade dos costumes goianos, os poetas goianos	Poetas Goyanos	28 29 30	Gregorio de Mattos; francês Remy de Gourmon; Augusto de Saint Hilaire; Vico; geógrafo Elisée Reclus; Walter Scott; Fenimore Cooper; Gonçalves Dias; Bartholomeu Cordovil: <i>Dithyrambos as nynphas goyannas</i> ; Bernardo Guimarães; José Manoel; Hygino Rodrigues; Edmundo Barros; Henrich Heine; Anthero de Quental; Raimundo Correia; Benjamin Constant	1 pág e 1/4
Ano VI RJ 12/1922 Vol. VI N.	Desconstrói argumentos de Francisco Bhering	Limites entre Goyaz e Minas --- um “truc”	1ª 32 33	Beaurepaire Rohan; Chrockatt de Sá; Cruis; Henrique Morize; eng. militar Hastimphilo de Moura; coronel eng	3 pág e

05	enviado em carta <i>Carta Geographifca commemorativa do Centenario da Independencia</i> ao diretor da <i>Informação Goyana</i> reivindicando parte do território goiano	que não pega -- - pontos nos II	34	Alipio Gama; dr Virgilio de Mello Franco <i>Viagens pelo Interior de Minase Goyaz</i> ; Candido Mendes – <i>Atlas</i> ; Comissão Hydraulica chefiada por W. Milnor Roberts; Theodoro Sampaio; Pres. padre Luiz Gonzaga de Camargo Fleury; Dr Serzedello Corrêa	1/2
Data	Assunto	Título	Pág	Ref. utilizada	Esp
Ano VII RJ 01/1923 Vol. VII N. 06	Homenagem a personalidade, que muito contribuiu para o desenv.do Brasil	Dr. Pereira Barrett	40	Pasteur; Victor Pulliat (dir. esc. Viticultura Lyon); Charles Naudin;	1 pág. 1/2
Ano VII RJ 02/1923 Vol. VII N. 07	-	-	-	-	-
Ano VII RJ 03/1923 Vol. VII N. 08	Oportunidade de Goiás mostrar suas riquezas na fauna e flora	Goyaz na Exposição	1ª	Margkrav; naturalista Emilio Goeldi; Emmanuel Liais	3/8 pág.
Ano VII RJ 04/1923 Vol. VII N. 09	Defesa dos campos como lugar do plantio e não com a destruição das matas	Código Florestal	68	Paul Gaffarel – <i>Histoire du Brésil Français au, seizième siècle</i> ; Botânico Monteiro da Silva; Candido Rondon; Assim Brasil – <i>A cultura dos campos</i> ; Marechal Raymundo J. da Cunha Mattos – <i>Chorographia Historica da Provincia de Goyaz</i> ; T. Pradés	01 Pág. 2/8
Ano VII RJ 05/1923 Vol. VII N. 10	Discussão sobre definição de fronteira entre GO e MG. Dr. Francisco Bhering (pres do clube de engenharia) defende as pretensões de MG	A questão de Minas com Goyaz ²⁵⁸	77 78	Jurisconsulto historiador e geographo Candido Mendes de Almeida e Theodoro Sampaio; Candido Mendes; Ruy Barbosa; Joaquim Manoel de Macedo <i>Chorographia do Brasil</i> ; Dr. Joaquim Maria Lacerda <i>Chorographia do Brasil</i> ; Rel. do C.E.P.C.B. ²⁵⁹ ; Dr. Henrique Morize	01 pág. 2/4
Ano VII RJ 05/1923 Vol. VII N. 10	O Brasil possui condições de produzir papel	Fabricação de papeis para jornaes – Conferencia realizada na Soc. Nac. de Agricultura pelo nosso diretor ²⁶⁰	81 82	Martin – <i>Flora Brasiliense</i> ; Frei Vicente de Salvador; Pohl; Taunay; Botânico A. Duck; Maximiliano de zu Wied	2/8 pág.
Ano VII RJ 06/1923 Vol. VII N. 11	O Brasil possui condições de produzir papel	Fabricação de papeis para jornaes – Conferencia realizada na Soc. Nac. de Agricultura	90	Martin – <i>Flora Brasiliense</i> ; Frei Vicente de Salvador; Pohl; Taunay; Botânico A. Duck; Maximiliano de zu Wied	2/8 pág.

²⁵⁸ Na matéria, Henrique Silva expõe parte de matéria publicada no *Jornal do Comércio*, confrontando publicação do dr. Francisco Bhering no jornal *O Imparcial*.

²⁵⁹ Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil.

²⁶⁰ Apesar de não assinada, identifica-se matéria publicada no jornal *O Paiz*, conforme tabela apresentada no capítulo 2.

		pelo nosso diretor - conclusão			
Ano VII RJ 07/1923 Vol. VII N. 12	-	-	-	-	-
Ano VII RJ 08/1923 Vol. VII N. 01	Algodão nativo do Brasil, principalmente de Goiás com prod. de manufatura de excelente qualidade ²⁶¹	Cultura de Algodoeiro em Goyaz	1 ^a	Couto Magalhães; Índios Carajás; Herodoto; Saint Hilaire; Taunay	6/8 pág.
Ano VII RJ 08/1923 Vol. VII N. 01	C.dos Veadeiros possui clima similar aos do Sul do país	Os Campos nativos de Goyaz – aspectos (continua)	08	C.E.P.C.; Varnhagen; P. Taubert; E. Hussack; Glaziou	1/2 pág.
Data	Assunto	Título	Pág	Ref. utilizada	Esp
Ano VII RJ 09/1923 Vol. VII N. 02	-	-	-	-	-
Ano VII RJ 10/1923 Vol. VII N. 03	Plantio de café em Goiás; solo excelente para seu cultivo; as estatísticas não revelam a produção de Goiás.	A cultura do cafeeiro em Goyaz – Comunicaçã o feita á Soc. Nac. de Agric. por H.S.	20	Taunay; dr. Augusto Ramos <i>O Café no Brasil e no Estrangeiro</i> ; Henrique Morize <i>O Clima do Brasil</i> ; Alberto Löfgren (prefácio) <i>A vegetação no Rio Grande do Sul</i> do prof. Lindman; Alves de Souza	1 pág.
Ano VII RJ 11/1923 Vol. VII N. 04	-	-	-	-	-
Ano VII RJ 12/1923 Vol. VII N. 05	Crítica advogado Prudente de Moraes por usar dois pesos e duas medidas para definir limite litigioso entre MT e GO	Fructos do tempo	39	Lafayette	2/8 de pág.
Ano VII RJ 01/1924 Vol. VII N. 06	Goiás cresce na produção de café (1917 a 1922)	A cultura do cafeeiro em Goyaz	1 ^a	Botânico alemão U. Ule; Rebouças; Dr. Augusto Ramos; relatório apresentado à Luiz Cruls por dr. João José de Campos Curado	1 pág.
Ano VII RJ 02/1924 Vol. VII N. 07	-	-	-	-	-
Ano VII RJ 03/1924 Vol. VII N. 08	Dados estatísticos do governo sobre o gado goiano publicados em 1920 são mais reais	Goyaz nas estatísticas	61	Ratzel	1 pág.
Ano VII RJ 04/1924 Vol. VII N. 09	Defende maior estudo dos motins políticos das coisas do interior do Brasil,	Folk-Lore do Brasil Central	67 68 69	Garret; André Rebouças; Roosevelt; Euclides da Cunha; Bernardo Guimarães; Silvio Roméro; Affonso Arinos <i>Pelo Sertão</i>	1 pág. 1/2

²⁶¹ Faz referência ao pai, ganhador de prêmio na exposição universal de Philadelphia, 1875.

	GO, MT; lamenta a constante perda de memória				
Ano VII RJ 04/1924 Vol. VII N. 09	Exalta o trabalho Francisco Tosi Columbina – resp das primeiras vias de comunicação entre o litoral e o centro do país - 1750	Obra inedita de celebre cartographo	69 70	Cartógrafo Francisco Tosi Columbina (piloto e eng italiano); Luiz dos Santos Vilhena <i>Noticias brasílicas ou Cartas Soteropolitanas</i>	1 pág.
Ano VII RJ 05/1924 Vol. VII N.10	Preservação do período da desova dos peixes na divisa de Goiás com Minas Gerais. Defende a construção de um caminho para os peixes	Medida util – Goyaz e Minas	77 78	Livro <i>A Pesca</i> Henrique Silva	1 pág.
Ano VII RJ 06/1924 Vol. VII N.11	Trabalho publicado por Mr James W. Wells sobre os rios, encomendado pelo governo imperial	Vias de comunicação entre Goyaz e Bahia	85 86	Eng. inglês Mr. James W. Wells <i>Three thousand miles through Brasil</i> ; Henrique Silva <i>Fauna Fluviatil de Goyaz</i> ; Agassiz	1/2 pág.
Ano VII RJ 06/1924 Vol. VII N.11	Relato da Exposição na qual participou em SP representando a Soc. de Geog.	Exposição de animaes no prado da Moóca em S. Paulo	88	Pereira Barreto; Cel Jesuino da Silva Mello	1 pág.
Ano VII RJ 07/1924 Vol. VII N.12	Faltam interesses para pesquisar as forrageiras nativas	Cultivemos nossas forrageiras indigenas	91 92	Dr. Endlick; Sanit Hilaire; Botânico L. Glasion; Dr Assis Brazil; Dr. Alberto Löfgren	1 pág. 1/2
Ano VII RJ 07/1924 Vol. VII N.12	As mudanças das localidades na Província de Goiás para nomes tupi	Tupy-Mania?	93	-	2/8 de pág.
Ano VIII RJ 08/1924 Vol. VIII N.01	-	-	-	-	-
Data	Assunto	Título	Pág	Ref. utilizada	Esp
Ano VIII RJ 09/1924 Vol. VIII N. 02	-	-	-	-	-
Ano VIII RJ 10/1924 Vol. VIII N. 03	-	-	-	-	-
Ano VIII RJ 11/1924 Vol. VIII N. 04	-	-	-	-	-
Ano VIII RJ 12/1924 Vol. VIII N. 05	-	-	-	-	-
Ano VIII RJ 01/1925 Vol. VIII N. 06	-	-	-	-	-

Ano VIII RJ 02/1925 Vol. VIII N. 07	Defende conhecimento sobre as abelhas do Brasil Central para melhor saber aproveitá-los	Abelhas do Brasil Central	1 ^a 50	Herman von Ihering; Saint Hilaire; Couto de Magalhães; Naturalista G. Gardner; J. W. Wells	2 pág. 1/8
Ano VIII RJ 02/1925 Vol. VIII N. 07	Defende a continuação da estrada de ferro até Anápolis	Estrada de Ferro Goyaz ²⁶²	54	Balancetes da empresa estatal	1 pág.
Ano VIII RJ 03/1925 Vol. VIII N. 08	Rebate trabalho que pouco divulga dados sobre Goiás na exportação goiana para o porto de Salvador	Goyaz nas notas econômicas do sr Mario Guedes - VII	58	Elisée Reclus; eng. James Banlis <i>Estudos de linhas férreas e de navegação nas bacias dos rio S. Francisco e Tocantin</i> ; eng. James Wells; naturalista dr. Fritz Krause	1 pág.
Ano VIII RJ 04/1925 Vol. VIII N. 09	-	-	-	-	-
Ano VIII RJ 05/1925 Vol. VIII N. 10	-	-	-	-	-
Ano VIII RJ 06/1925 Vol. VIII N. 11	A existência de cão selvagem no Brasil Central	Cão selvagem do Brasil ²⁶³	87	Paula Souza; Brehm; Varnhagen; Brehm's Tierleben, vol XII, 4 ^a edição 1915, pág. 292 - <i>Der Wald oder Buschhnd</i> (cachorro do mato ou de moitas); Mivart; Kappler	1/2 pág.
Ano VIII RJ 06/1925 Vol. VIII N. 11	A necessidade de se fazer um estudo aprofundado sobre a determinação dos animais em seu habitat	Contribuição para geographia Zoologica do Brazil	88	Alfred Russel Wallace; Darwin; Spix; Martius; Burmeister; Pelzen; Goeldi	1/2 pág.
Ano VIII RJ 07/1925 Vol. VIII N. 12	Alega que os cientistas baseiam seus estudos em coleções levadas à Europa pelos antigos naturalistas que pisaram solo brasileiro	Contribuição para geographia Zoologica do Brazil (conclusão)	1 ^a 90	Alfred Russel Wallace; Burmeister; Lund; Raymundo José da Cunha Mattos; Azevedo Pimentel; James Wells; Agassiz	1 pág. 1/4
Ano IX RJ 08/1925 Vol. IX N. 01	Importância de outros estudos para se definir a determinação exata dos animais	Contribuição para geographia Zoologica do Brazil (conclusão)	04	Alfred Russel Wallace	1/2 pág.
Ano IX RJ 08/1925 Vol. IX N. 01	Apresentação de fatos, dados e testemunhos sobre as exportações goianas	Goyaz nas notas econômicas do sr Mario Guedes -	07	Dr. Philippe von Luetzelburg;	1 pág. 1/8

²⁶² Publicado no Brazil Ferro-Carril.

²⁶³ Abaixo do título vem uma imagem de um cão, sem legenda e crédito.

		VIII ²⁶⁴			
Ano IX RJ 08/1925 Vol. IX N. 01	Texto poético sobre as caçadas no Planalto Central, Goiás – <i>levanto</i> momento de descoberta da caça pelos cães	O levanto ²⁶⁵	08	-	6/8 pág.
Data	Assunto	Título	Pág	Ref. utilizada	Esp
Ano IX RJ 09/1925 Vol. IX N. 02	A cultura do café em Goiás; variedades, técnicas para o plantio	A cultura do cafeeiro em Goyaz ²⁶⁶	1 ^a 11	-	1 pág. 1/2
Ano IX RJ 11/1925 Vol. IX N. 04²⁶⁷	-	-	-	-	-
Ano IX RJ 12/1925 Vol. IX N. 05	Refuta dados apresentados pelo inspetor agrícola de Goiás Euler Coelho de que as primeiras sementes de café vieram de SP e RJ.	A cultura do cafeeiro em Goyaz	1 ^a 26	Taunay <i>Goyaz na exposição nacional de 1875</i>	1 pág. 7/8
Ano IX RJ 12/1925 Vol. IX N. 05	Sobre o que realmente separa os espécimes da fauna são as linhas divisórias dos campos e matas	Contribuição para geographia zoológica do Brasil	28	Couto de Magalhães	6/8 pág.
Ano IX RJ 01/1926 Vol. IX N. 06	Ressalta a importância de se investir na melhoria do gado, apresentando como exemplo país vizinho a Argentina	Sigamos a Argentina ²⁶⁸	1 ^a 34	M. Lecler <i>Las razas lanares y vacunas mejoradas</i>	
Ano IX RJ 01/1926 Vol. IX N. 06	Goiás é uma região rica em diversidade recebendo influências do norte, nordeste, sul e regiões andinas; houve superestimação das espécimes de peixes no Amazonas	Observações necessárias sobre a característica da pisce-fauna do Brasil Central	38 39 40	Darvin; Castelnau; Luiz Cruls; James Welles; Eugenio Warming; Louis Agassiz; naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira; Spiix; Martinez e Sans; Dr. Geo Boulanger; Emilio A. Goeldi; Charles Eignamann; A. B. Ulrey; Linneu; Cuvier; Honorio Ferreira; Pereira do Lago; Wedell; Paul Ehrenreich; H. Coudreaux; Euclides da Cunha	2 pág. s.
Ano IX RJ 02/1926 Vol. IX N. 07	Beleza do Brasil Central	Ao rumo do alto Brasil	46	-	3/8 pág.
Ano IX RJ	-	-	-	-	-

²⁶⁴ Henrique Silva menciona possível resposta do autor o qual ele critica publicado no Jornal *Correio da Manhã*.

²⁶⁵ Do livro *Caça e caçadas no Brasil* de Henrique Silva.

²⁶⁶ Duas fotografias de cafezais em tamanho aproximado de 10X15.

²⁶⁷ A edição de outubro n. 03 não aparece na revista digitalizada.

²⁶⁸ Do Brasil Ferro-Carril.

03/1926 Vol. IX N. 08					
Ano IX RJ 04/1926 Vol. IX N. 09	-	-	-	-	-
Data	Assunto	Título	Pág	Ref. utilizada	Esp
Ano IX RJ 05/1926 Vol. IX N. 10	Discute sobre a importância de se concretizar vias de comunicação da capital com o norte do país passando por Goiás	Do Rio de Janeiro a Belem do Pará ²⁶⁹	69 70	Elisée Reclus; Euclides da Cunha	1/2 pág.
Ano IX RJ 06/1926 Vol. IX N. 11	-	-	-	-	-
Ano IX RJ 07/1926 Vol. IX N. 12	-	-	-	-	-
Ano IX RJ 08/1926 Vol. X N. 01	Apresenta dados corretos sobre as distâncias entre o Rio e o Planalto Central a futura capital federal	Do Rio a Belém do Pará pelo interior do paiz	04	Comissão Cruls	1 pág.
Ano IX RJ 09/1926 Vol. X N. 02	Forageira do Mato Grosso de Goiás com alto teor nutritivo	Jequirana de Goyaz	1 ^a	-	1 pág.
Ano IX RJ 09/1926 Vol. X N. 02	História de caçador	Caçadas de onças	13	Abbadie <i>Typos americanos</i> ; Julio Gérard; Cameron	1/2 pág.
Ano IX RJ 09/1926 Vol. X N. 02	Discute sobre as origens do gado existente no Brasil no período	Raças Vaccuns acclimadas no Brasil	1 ^a	Paulo Moares <i>Inquerito agrícola</i> (1889); Buffon; Humboldt;	1 pág.
Ano IX RJ 10/1926 Vol. X N. 03	Aprova os estudos feitos entre Catalão e Leopoldina. Documento elaborado Esc da comp. Mogyana	Do Rio a Belém do ²⁷⁰ Pará pelo interior do paiz	20	Relatório Luiz Cruls; Taunay;	1/2 pág.
Ano IX RJ 10/1926 Vol. X N. 03	Indefinição sobre qual lugar será lançada a pedra fundamental da nova capital	A escolha do local para a futura Capital da União	23	Relatório Comissão Cruls; Felix de Azara; Orville Derby; Elisée Reclus; Azevedo Pimentel médico higienista da comissão; geólogo Eugenio Hussak	1 pág.
Ano IX RJ 11/1926 Vol. X N. 04	-	-	-	-	-

²⁶⁹ Publicada na revista O Brasil-Ferro-Carril.

²⁷⁰ Publicada na revista o Brasil-Ferro-Carril.

Ano IX RJ 12/1926 Vol. X N. 05	Resposta lida de HS na Soc Nac Agric sobre proposta da secretaria geral de agric de eliminar a raça bovina nacional franqueira	Seleção das raças bovinas nacionais ²⁷¹	1 ^a 42	Dr. Luiz Pereira Barreto; Diffloth; Cornevin; K. Eudliek, Von Ihering; Luiz Couty	1 pág. 1/2
Ano IX RJ 12/1926 Vol. X N. 05	A excelência das madeiras do Brasil Central. É mencionado as principais madeiras existentes no Planalto Central, especialmente, em Goiás	Madeiras do Brasil Central – Oéste de S. Paulo, Triangulo Mineiro, Goyaz e Matto Grosso	42 43 44	George Gardner, <i>Indice geral das madeiras do Brasil</i> ; Taunay <i>A Província de Goyaz na Exposição Nacional de 1875</i> ; Ayres de Casal; Saint Hilaire; Pohl; André Rebouças	1 pág. 6/8
Ano IX RJ 12/1926 Vol. X N. 05	Os equívocos apresentados pelo clube de engenharia em trabalho apresentado sob o nome <i>Carta geographica do Brasil</i> , comemorando o primeiro centenário da independência	Carta Geographica do Brasil	45	Barão Homem de Melo; eng. Da Comissão Cruls Henrique Morize; Luiz Cruls	7/8 pág.
Ano IX RJ 01/1927 Vol. X N. 06	-	-	-	-	-
Ano IX RJ 02/1927 Vol. X N. 07	Exalta a figura dos bandeirantes como descobridores de Goiás. Atribui a nacionalidade de Goiás aos bandeirantes. No final de seu texto valoriza a mestiçagem do sertão como o genuíno brasileiro	Goyaz! Estrela solitária do Brasil	1 ^a 50 51	Montoya; historiador Diogo de Vasconcelos; Sylvio Romero; Padre Manoel José de Siqueira <i>Memoria a respeito do descobrimento dos Martyrios</i>	2 pág s. 1/8
Ano IX RJ 03/1927 Vol. X N. 08	-	-	-	-	-
Ano IX RJ 04/1927 Vol. X N. 09	Exalta as serras de Goiás como talvez as mais bonitas do Brasil	Curiosidades da natureza	67	Pohl; Raimundo da Cunha Mattos; Saint Hilaire; eng. Inglês James Wells	1/2 pág.
Ano IX RJ 05/1927 Vol. X N. 10	Rebate data de entrada do café no Brasil defendida pelo Congresso Brasileiro do Café	Introdução do cafeeiro no Brasil	1 ^a 74	Roberto Southey <i>Historia do Brasil</i> vol 1; Rodolpho Garcia; Diario de Padre Samuel Fritz; Manoel Barata; frei João de S. Queiroz <i>Viagem e visita...(1726-1763)</i> ; Eduardo Prado; Rio Branco; Capistrano de Abreu	1 pág 1/8
Ano IX RJ 05/1927	Coloca Goiás como uma ilha, parte mais	Goyaz no Continente Sul	77	Geologo Eugenio Hussak; Derby	1/2 pág.

²⁷¹ Lido por HS na Sociedade Nacional de Agricultura em 1922.

Vol. X N. 10	antiga do continente sul americano posteriormente através de sedimentos formou-se os outros relevos	Americano sob o ponto de vista Geologico			
Ano X RJ 06/1927 Vol. X N. 11	Critica o jornal do Comercio por persistir em equivoco sobre a data de entrada do café no Brasil	Introdução do cafeeiro no Brasil II	1 ^a	-	1 pág.
Data	Assunto	Título	Pág	Ref. utilizada	Esp
Ano X RJ 07/1927 Vol. X N. 12	Entrada do café no Brasil	A introdução do cafeeiro no Brasil - III	90	Garcia; Orta (1563); Varnhagen; Southey;	1/2 pág.
Ano X RJ 08/1927 Vol. XI N. 01	-	-	-	-	-
Ano X RJ 09/1927 Vol. XI N. 02	-	-	-	-	-
Ano XI RJ 10/1927 Vol. XI N. 03	O censo bovino comprova afirmações de HS, que a produção de gado em Goiás era superior Matto Grosso e a Bahia	Os meus exageros...	18	-	1/2 pág.
Ano XI RJ 10/1927 Vol. XI N. 03	Goiás possui areas monazíticas superiores a de outros Estados do Brasil	Areias monazíticas de Goyaz	20 21	Quimico comendador Domingos Gonçalves	1/2 pág.
Ano XI RJ 11/1927 Vol. XI N. 04	Discussão acerca data de entrada do café no Brasil	A "Informação Goyana" e o Palheta...	1 ^a	Monografia de Manoel Barata <i>Antiga produção e exportação do Pará</i> ; Samuel Fritz; Camillo Castello Branco	1 pág.
Ano XI RJ 12/1927 Vol. XI N. 05	-	-	-	-	-
Ano XI RJ 01/1928 Vol. XI N. 06	Dados estatísticos colocam Goiás em 15º lugar em área plantada de café	Goyaz, Estado cafeeiro	1 ^a	-	1 pág.
Ano XI RJ 01/1928 Vol. XI N. 06	Rebate artigo de norte-americano Paul Nordz, que lança ideias preconceituosas aos goianos	O futuro do café em Goyaz e outras impressões de Paul Nordz - II	43	Wappaeus; Henrique Silva <i>Sumé e o destino da nação Goiás</i> ; Taunay;	7/8 pág.
Ano XI RJ 01/1928 Vol. XI N. 06	Reivindica para Goiás, Amaro Leite a origem do gago caracú	Gado caracú	48	Darwin; dr Pereira Barreto; Raymundo José da Cunha Mattos; dr Carlos Botelho	1 pág.
Ano XI RJ 02/1928	-	-	-	-	-

Vol. XI N. 07					
Ano XI RJ, 03/1928 Vol. XI N.08	Colaboração de leitor sobre a origem do nome “Caracu”	Assumptos pecuarios	1 ^a	Henrique Silva <i>Industria Pastoral</i> , in <i>O Brasil, suas riquezas, suas industrias (1906)</i> ; Francisco Xavier Muñiz <i>Escritos científicos, Ciencias naturales Argentinas</i>	7/8 pág
Ano XI RJ 03/1928 Vol. XI N. 08	Discute a importância do capim Jaraguá para os rebanhos; ressalta os preconceito que essa forrageira goiano enfrentou e ainda enfrenta	<i>Páginas esquecidas</i> A proposito do Jaraguá	59	Dr. Ph. A. Caire citado por Travassos; dr. Assis Brasil	1/2 pág.
Ano XI RJ 04/1928 Vol. XI N. 09	Qualidades do Buriti, árvore do norte de Goiás	<i>Páginas esquecidas</i> Buritysaes ²⁷²	67	Saint Hilaire; Taunay;	7/8 pág.
Ano XI RJ 05/1928 Vol. XI N. 10	Lamenta o desaparecimento da cultura sertanista; a cultura africana, indígena mestiça, o vaqueiro	<i>Páginas esquecidas</i> Folk-lore do Brasil Central	1 ^a	Garret; Afonso Arinos	1 pág. 1/2
Ano XI RJ 05/1928 Vol. XI N. 10	A nascente do rio Paraná fica em Goiás; discute sobre a determinação se um rio é principal ou afluente	Exame critico geographia patria – onde nasce o rio Paraná?	78	Orville Derby; dr. F. de Paula Oliveira; Varnhagen; Elisée Reclus;	6/8 pág.
Ano XI RJ 05/1928 Vol. XI N. 10	Questiona porque o presidente do Estado de Minas, Antonio Carlos não cumpre acordo GO e MG em 1919?	Os limites Inter-Estaduaes Minas-Espirito Santo	79	-	1/2 Pág.
Ano XI RJ 06/1928 Vol. XII N. 11	Onde foi feito as primeiras culturas de trigo (SP, MG, GO, RS), pergunta Agrônomo A. Gomes Carmo <i>O problema nacional da cultura do trigo.</i>	A cultura do trigo em Goyaz – na era colonial e “post data”	1 ^a	Vilhena. <i>Noticia Geral da Capitania de Goyaz</i> (Biblioteca Nacional); A. Azevedo de Pimentel;	1 pág.
Ano XI RJ 06/1928 Vol. XII N. 11	Defesa da domesticação da anta para o trabalho no campo	<i>Páginas esquecidas</i> Sera possivel a domesticação da anta ^{273?}	87	Geoffroy de Saint Hilaire;	1/2 pág.
Ano XII RJ 07/1928 Vol. XII N. 12	Utiliza de recente trabalho de agrônomo goiano Euler Coelho inspetor agrícola, que reafirma além de Cavalcante vários outros lugares que se	A cultura do trigo em Goyaz – na era colonial e “post data” – II	91	Inpetor agrícola Euler Coelho	6/8 pág.

²⁷² Publicado na Revista *Kosmos*.

²⁷³ *Chacaras e Quintaes*.

	prestam a cultura de trigo em Goiás				
Ano XII RJ 08/1928 Vol. XII N. 01	Enquanto muitos Estados são servidos com recursos para viabilizar a navegação de seus rios, Goiás tem projeto impedido pelo ministro da Viação e Obras Públicas	Tudo negam a Goyaz	1 ^a	Discursos feitos por deputados na Câmara Federal	1 pág. 1/2
Ano XII RJ 09/1928 Vol. XII N. 02	A produção de trigo em Goiás	A cultura do trigo em Goyaz – na era colonial e “post data”	12 13	-	
Ano XII RJ 09/1928 Vol. XII N. 02	A produção de trigo em Goiás	A cultura do trigo em Goyaz – na era colonial e “post	13	-	1/2 pág.
Ano XII RJ 10/1928 Vol. XII N. 03	Discussão acerca da produtividade nos campos	Cultura mecanica dos campos nativos de Goyaz ²⁷⁴	1 ^a 22	Assis Brasil <i>A cultura dos campos</i> ; A. Löfgren; agrônomo Euler Coelho; d. Francisco Assis Mascarenhas; Cunha Mattos	1 pág. 1/2
Ano XII RJ 11/1928 Vol. XII N. 04	População de gado em Goiás o 2º maior produtor e exportador	A população bovina de Goyaz – com vistas aos nossos estatistas	1 ^a	Veterinário Tineciro Icabaci; historiógrafo maranhense Alcebiedes Furtado	2 pág
Ano XII RJ 11/1928 Vol. XII N. 04	Informações sobre os cães selvagens e a possibilidade de domesticá-los	*** ²⁷⁵	35	H.S. <i>Caça e caçadas no Brasil Central</i> ; Buffon	3/8
Ano XII RJ 12/1928 Vol. XII N. 05	Exportação de gado vaccum e outros produtos para a Bahia	A população bovina de Goyaz - II		Conde de Sarzedas; D. Marcos de Noronha; eng. ingleses James Blands; James Wells; botânico Georges Gardner; naturalistas alemães Fritz Krause e Philipp von Leutzelburg; Victor de Carvalho Ramos; inglês James Banis; dr Nogueira do Paranaguá <i>Do Rio de Janeiro ao Piahy, pelo interior do paiz</i> (1905)	1 pág. 6/8
Ano XII RJ 12/1928 Vol. XII N. 05	Em defesa de muitas plantas de origem brasileira, contrapondo a opinião de alguns estudiosos	O indigenato das plantas uteis cultivadas no Brasil ²⁷⁶	41 42	A. De Cantolle; Martius; Dutrone; Emile Picard <i>A Sciencia moderna e seu estado atual</i> ; Saint Hilaire	1 pág.
Ano XIII RJ 01/1929	O enfraquecimento na criação de gado	A população bovina de	1 ^a ²⁷⁷	James W. Wells <i>The thousand Miles thourgh Brasil</i> , Londres, 1890;	1 pág.

²⁷⁴ Ilustrado com duas fotografias.

²⁷⁵ Nota sem título, assinada por HS, publicada em *O Paiz*.

²⁷⁶ Repete lenda indígena carajá sobre o surgimento do milho.

²⁷⁷ Apresenta fotografia em preto e branco de difícil visualização.

Vol. XII N. 06	do Estado do Piauí. O norte de Goiás como produtor e exportador de gado para o Piauí	Goyaz -III	43		1/8
Ano XIII RJ 02/1929 Vol. XII N. 07	Falta de recolhimento de impostos de gado exportado da região norte de Goiás para outros Estados.	A população bovina de Goyaz - IV	1 ^a 54 278	Thomaz de Souza Villa Real (1791); Cel de eng. dr Antonio Florencio Pereira do Lago <i>Relatório dos Estudos da Comissão Exploradora dos Rios Tocantins e Araguaya</i> ; Escrito Ignacio B. Moura <i>De Belém a S. João do Araguaya</i>	2 pág.
Data	Assunto	Título	Pág	Ref. utilizada	Esp
Ano XIII RJ 02/1929 Vol. XII N. 07	-	<i>Paginas esquecidas</i> Seleção das raças bovinas nacionais ²⁷⁹	57	Acrescenta de novo ao texto, em seu final, nota dr Pereira Barreto	1 pág 1/8
Ano XIII RJ 03/1929 Vol. XII N. 08	Realiza um levantamento físico de Goiás (relevô, hidrografia)	Esboço da geographia physica de Goyaz – aspectos orographicos	67	Eschwege; Orville Derby; dr Cruls; E. Hussack; Varnhagen; Francisco de Paula Oliveira (memb. Comissão Cruls); E. Reclus;	1 pág. 1/2
Ano XIII RJ 04/1929 Vol. XII N. 09	Exportação de gado para o Pará; para SP, MG; contesta as estatísticas de Minas sobre seu rebanho	A população bovina de Goyaz	1 ^a 70	Couto de Magalhães; Oscar Leal <i>Viagem as terras goyanas</i> ;	1 pág. 1/8
Ano XIII RJ 04/1929 Vol. XII N. 09	Goiás, região propícia para o cultivo da vinha	A cultura da videira em Goyaz	74	Varnhagen <i>Florilegio brasileiro</i> ; Bartholomeu Cordovil; Taunay <i>A Provincia de Goyaz na Exposição Nacional de 1875</i> ; Saint Hilaire; André Rebouças;	1/2 pág.
Ano XIII RJ 04/1929 Vol. XII N. 09	A cobrança de impostos interestaduais por Minas ao gado goiano; ação esta inconstitucional	Impostos interestaduais	75 76	-	1/2 pág.
Ano XIII RJ 05/1929 Vol. XII N. 10	Das estradas de ferro a de Goiás não tem déficit; o texto também esclarece ao senador Hermenegildo de Moraes que a estrada de ferro Goiás atende a 5 municípios num total de 51.	As ferrovias em Goyaz	1 ^a 78	Dados federais, estaduais	2 pág.
Ano XIII RJ 05/1929 Vol. XII N. 10	Aborda o clima de Goiás como um dos melhores para a vinha	A cultura da videira em Goyaz II	84	Comissão Cruls; Moriz; Azevedo Pimentel; Afrânio Peixoto; Montesquieu; Buckle; Sugeniérs <i>La evolucion Sociologica Argentina</i> ; Hermenegildo Lopes de Campos; Tito Livio; Wallace; Saint Hilaire; André Rebouças	1 pág.
Ano XIII RJ 06/1929	-	-	-	-	-

²⁷⁸ Fotografia em preto e branco de gado ilustrando o texto.

²⁷⁹ Texto publicado na Informação Goyana em Ano IX, RJ, 12/1926 Vol. X n.05.

Vol. XII N. 11					
Ano XIII RJ 07/1929 Vol. XII N. 12	Demonstrar através de dados os equívocos do boletim de informação do ministério da Agricultura	A cultura da videira em Goyaz III	1 ^a 94	André Rebouças <i>Le Brésil</i>	1/2 pág.
Ano XIII RJ 07/1929 Vol. XII N. 12	As dificuldades do recenseamento em Goiás	A população bovina de Goyaz VI	94	Leopoldo de Bulhões <i>O Goyaz</i>	1/2 pág.
Ano XIII RJ 07/1929 Vol. XII N. 12	As caçadas no Planalto Central, Goiás	Caças e caçadas ²⁸⁰	98 99	Platão; Licurgo; Xenofante; Paulo Emilio; Sylla; Sertorio; Julio Cesar; Marco Antonio; Cicero; Plinio; Couto de Magalhães; Varnhagen; Emilio Goeldi; Beaurepaire Rohan; José Verissimo	2 pág. 2/8
Ano XIII RJ 07/1929 Vol. XII N. 12	Trata da importância das frutas nativas	Paginas esquecidas Fructas indígenas dos campos e mattas do Brasil Central ²⁸¹	103 104	A. Glaziou; Saint Hilaire; Taunay;	6/8 pág.
Data	Assunto	Título	Pág	Ref. utilizada	Esp
Ano XIII RJ 08/1929 Vol. XIII N. 01	Os equívocos dos dados divulgados sobre a produção de Goiás. Muitos produtos atribuídos a SP são oriundos de Goiás	A exportação de Goyaz pelo porto de Santos	06	Dados fornecidos pela Ferrovia Morgiana	1/2 pág.
Ano XIII RJ 09/1929 Vol. XIII N. 02	A qualidade das madeiras em Goiás	As madeiras de Goyaz ²⁸²	12	Taunay; André Rebouças; Joaquim Nabuco;	1/2 pág.
Ano XIII RJ 10/1929 Vol. XIII N. 03	-	-	-	-	-
Ano XIII RJ 11/1929 Vol. XIII N. 04	Critica aos dados estatísticos falhos de 1920	A população bovina de Goyaz VII	1 ^a	Jornal <i>O Goyaz</i> ;	1 pág. 2/8
Ano XIV RJ 01/1930 Vol. XIII N. 06	Exalta nomes esquecidos pela história que lutaram pela independência em Goiás	Uma pagina da historia política de Goyaz	1 ^a	Padre Luiz Bartholomeu Marques; José Nazareth;	1 pág.
Ano XIV RJ 01/1930 Vol. XIII N. 06	Discute sobre os dois tipos de traíras e explica como fisgá-las	Trahiras ²⁸³	48	-	2/8 pág.

²⁸⁰ Livro publicado por Henrique Silva.

²⁸¹ Revista *Informação Goyana*, 1918.

²⁸² Extraído da Revista *A Lavoura*.

²⁸³ Extraído de *A Voz do Mar*.

Ano XIV RJ 02/1930 Vol. XIII N. 07	As matas no Planalto Central, Goiás. Apresenta dados de matas e campos em Goiás	A reserva florestal de Goyaz	1 ^a 50	Gonzaga de Campos; Diretoria de estatísticas do min da agric. 1920; Humboldt; Mr. Patrick (excursionista); agrônomo Euler Coelho; Martins; Hendel	1 pág. 1/2
Ano XIV RJ 02/1930 Vol. XIII N. 07	Localização do rio Araguaia	O rio Araguaia	56	Heródoto; André Rebouças	1/8 pág.
Data	Assunto	Título	Pág	Ref. utilizada	Esp
Ano XIV RJ 03/1930 Vol. XIII N. 08	Os limites fixados em lei entre Goiás e Mato Grosso	Limites entre Goyaz e Matto Grosso	1 ^a * ²⁸⁴	Doc. do parlamento de Goiás; Columbia Prima	1 pág. 6/8
Ano XIV RJ 04/1930 Vol. XIII N. 09	As matas de Goiás - Mata Azul ou do Marzagão; zona florestal do Mato Grosso	A reserva florestal de Goyaz - III	1 ^a 68	Cônego Luiz Antônio da Silva e Souza <i>Memorias sobre a Capitania de Goyaz</i> ; Saint Hilaire; Pohl; Natterer; Castennau; Bruchel; Antonio Pimentel (comissão Cruls); Gerber; Homem de Mello	2 pág.
Ano XIV RJ 05/1930 Vol. XIII N. 10	As riquezas de Goiás: minerais; vegetais	Riquezas nativas de Goyaz	1 ^a 74 75	Cunha Matto; Pohl; Lund; Alfredo de Escanolle de Taunay; Engenio Hussak; Antonio M. de Azevedo Pimentel (comissão Cruls); Wedell; Saint Hilaire	2 pág. 2/8
Ano XIV RJ 06/1930 Vol. XIII N. 11	As belezas do sertão goiano nos escritos de Bernardo Guimarães	Notas e informações ²⁸⁵	88	-	1/8 pág.
Ano XIV RJ 07/1930 Vol. XIII N. 12	-	-	-	-	-
Ano XIV RJ 08/1930 Vol. XIV N. 01	-	-	-	-	-
Ano XIV RJ 09/1930 Vol. XIV N. 02	Seleção do gado nacional através de cruzamento entre os melhores espécimes	Pelo gado nacional – Seleção e cruzamento ²⁸⁶	10	-	5/8 pág.
Ano XIV RJ 10/1930 Vol. XIV N. 03	Propõe aos governos de Goiás e Minas projeto para melhorar a atividade econômica da pesca	Um problema econômico – sua fácil resolução pelos Estados de Goyaz e Minas	19	Eng. J. Mellor	6/8 pág.
Ano XIV RJ 10/1930 Vol. XIV N. 03	Falta de seriedade do Brasil com o campo do conhecimento da estatística	Estatística interestadual	24	Artigo de Nero Macedo de Carvalho revista <i>A Balança: Exportação de crystal do Estado de Goyaz comparada com outros estados nos Anos 1920-1920</i>	1/2 pág.
Ano XIV RJ 11 e 12/1930 Vol. XIV N. 04 e 05	Produção do trigo no Brasil. Goiás diferentes municípios já realizaram o plantio do trigo. Porém falta ainda informação ao	O problema do trigo no Basil	1 ^a 26	Humboldt; Manuscrito disponível na Biblioteca Nacional <i>Noticia Geral da Capitania de Goyaz</i> ; Antonio Martins de Azevedo Pimentel (Comissão Cruls); Inspector agrícola Euler Coelho; A. Glaziou	6/8 pág.

²⁸⁴ Número da página não foi digitalizado.

²⁸⁵ Sem título.

²⁸⁶ Publicado em Brasi-Ferro-Carril.

	homem agricultor				
Ano XIV RJ, 11 e 12/1930 Vol. XIV N. 04 e 05	Denuncia a sonegação de impostos na exportação de produtos de Goiás para outros Estados	O contrabando nas fronteiras de Goyaz	34	J. M. Pereira de Alencastre	6/8 pág.
Ano XV RJ 01 e 02/1931 Vol. XV N. 06 e 07	Aborda o contrabando ou sonegação de impostos devido a excessivas taxas cobradas dos produtores; defende impostos mais baixos para os produtos goianos	Impostos goyanos ²⁸⁷	38	-	1 pág.
Ano XV RJ 01 e 02/1931 Vol. XV N. 06 e 07	A falta de conhecimento dos peixes no Brasil	Peixes dos rios do Brasil ²⁸⁸	41 42	Alexandre Rodrigues Ferreira; Verissimo; Goeldi; Rodolfo von Ihering; Castelnau; Aristides Junqueira (<i>No coração do Brasil</i> -filme); Couto Magalhães <i>Viagem ao Araguaya</i> ; general Rondon (relatório publicado)	1 pág. 2/8
Ano XV RJ 01 e 02/1931 Vol. XV N. 06 e 07	Goiás e partes de outros estados (MG, MT, BA, PI e MA) foi uma grande ilha quando o mar cobria todo continente da América do Sul	Goyaz no Continente Sul Americano – notas geologicas	43	Eugenio Hussak; Comissão Exploradora do Planalto; Derby	1/2 pág.
Ano XV RJ 01 e 02/1931 Vol. XV N. 06 e 07	A origem das raças equinas no Brasil	A raça Equina Nacional - historico	45	Gabriel Soares <i>Noticia descritiva do Brasil</i> (1585); Revista do Instituto Historico, pag. 522, vo. XIX	3/8 pág.
Ano XV RJ 01 e 02/1931 Vol. XV N. 06 e 07	Correções em informações divulgadas serviço geológico mineralógico do Ministério da Agricultura	Goyaz nas publicações oficiais	48	Euzebio Paulo de Oliveira director do serviço geologico mineralogico do Ministerio Agricultura – <i>Geologia e Mineralogia</i> ; Dr. Eugenio Hussak (trad) Jorge d’Araujo Ferraz <i>Os satelitesdo Diamante</i> ; Pohl; Henrique Silva	1 pág.
Ano XV RJ 03/1931 Vol. XV N. 08	Fauna ainda não conhecida do Planalto Central, notadamente os peixes	A ichtyofauna do Brasil Central – I	1 ^a	Agassiz; Ihering; Castelnau; I. Bohls	1 pág.
Ano XV RJ 04/1931 Vol. XV N. 09	Origem do gado vaccum; sua qualidade	Pela pecuaria nacional – Distribuição do gado vaccum no Brasil colonial	1 ^a 58	Gandavo; Gabriel Soares; Varnhagen; <i>Codice Mass</i> do Instituto Historico e Geographico; Simão de Vasconcellos <i>Chronica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil</i> ; Frei Gaspar da Madre de Deus <i>Memorias da antiga capitania</i> ; Rocha Pitta; Luiz Antonio Vilhena <i>Recapitulação de Noticias Soteropolitanas Brasileiras</i> (Bibl Nac); Cornevin; Antonil; Herodoto;	1 pág. 2/8

²⁸⁷ Publicado em *Lavoura e Commercio* de Uberaba.

²⁸⁸ Publicado em *Jornal do Commercio*.

Data	Assunto	Título	Pág	Ref. utilizada	Esp
				Hippocrates; Daniel Monfallet <i>Races Bovines</i>	
Ano XV RJ 04/1931 Vol. XV N. 09	Ressalta o pouco caso dado as forrageiras no Brasil, em estudo e cultivo.	Estudemos e Cultivemos Nossas Forraginosas Indigenas ²⁸⁹	62	Botânico Alberto Lofgren; Naturalista alemão R. Endlicher; naturalista Arrojado Lisboa; Paulo Livinir; J. Arechavaleta; Herodoto; Saint Hilaire; J. Gardner	1 pág.
Ano XV RJ 05/1931 Vol. XV N. 10	Contrapõe ao diretor de agricultura de S. Paulo sobre moléstias do gado <i>mal de cadeiras, peste de cadeiras, paralysis das ancas</i>	Paginas Esquecidas	66	Domingos Vandelli <i>Diccionario dos termos tchnicos</i>	1/2 pág.
Ano XV RJ 06/1931 Vol. XV N. 11	Goiás possui uma grande riqueza em ouro	Ouro em Goyaz	1 ^a	Saint Hilaire; Castelnau; Pohl; J. M. Pereira de Alencar; Marechal Raimundo da Cunha Mattos; Eschuwege; Taunay; padre Luiz Antonio de Souza e Silva	1 pág.
Ano XV RJ 06/1931 Vol. XV N. 11	Peixes de couro e escamas. Critica trabalho de prestigiado psi-fauna, por cometer equívocos sobre a não existência de peixe elétrico e a periculosidade do peixe cascudo	Peixes dos rios do Brasil - continuação	77 78	Elisé Reclus; Wallace; James Webs; naturalista argentino Eduardo L. Holmberg; H. von Ihering; Saint Hilaire; Cuvier; Taunay	1 pág. 1/8
Ano XV RJ 07/1931 Vol. XV N. 12	Questiona censo populacional de 1920; ressalta as riquezas de Goiás, bem como a corrente migratória que esse Estado vem recebendo no período citado	A população atual do Estado de Goyaz	1 ^a 82	Christiano de Castro <i>Estado de São Paulo</i> , 1928; Thiers Fleming <i>Limites interestaduaes</i> ;	1 pág. 1/2
Ano XV RJ 08/1931 Vol. XVI N. 01	O cultivo de trigo no Brasil, em Goiás	O Problema do Trigo no Brasil ²⁹⁰²⁹¹	7	Humbold <i>A amazonia será o celeiro do Brasil</i> ; dr Antonio Martins Azevedo Pimentel (Comissão Cruls); Eugenio Hussak (Comissão Cruls); Dom Francisco de Assis Mascarenhas	7/8 pág.
Ano XV RJ 09/1931 Vol. XVI N. 02	Questiona autor que publicou trabalho sobre cristais e pouco ou nenhuma menção fez a Goiás como grande produtor	Diamantes e Crystaes	10	Pedro Timotheo publicação no <i>Jornal do Brasil</i> ; Orville Derby	6/8 pág.
Ano XV RJ 09/1931 Vol. XVI N. 02	Apesar dos equívocos das estatísticas, Goiás é um Estado que tem uma grande população, indicada	A população actual do Estado de Goyaz – II	12 13	Dados do Ministério da Agricultura, dr. Arthur Torres Filho; Manoel Bomfim <i>Caracterização da formação brasileira</i> ; Dom Francisco de Assis Mascarenhas; Saint Hilaire; Pedro Taques <i>Nobilarchia Paulista</i>	7/8 pág.

²⁸⁹ Brasil-ferro-Carril; entretanto, atualiza o tema 'alguma medida'.

²⁹⁰ Comunicação à Sociedade Nacional de Agricultura.

²⁹¹ Essa comunicação lembra muito outros fragmentos usados em textos anteriores.

	principalmente por sua produção				
Ano XV RJ 09/1931 Vol. XVI N. 02	A questão dos limites entre Goiás, Minas, Mato Grosso e Pará	Limites inter-estaduaes	15	Retoma laudo de 1922, tendo por arbitro Epitacio Pessoa (Goiás e Minas); Acordo de 5 de julho 1920 arbitros drs. Alfredo Pinto; Rodrigo Octavio e Viveiros de Castro (Pará-Goiás); Moreira Pinto <i>Chorographia de 1900</i> ; Laudo arbitral dr. Pires de Albuquerque, de 5 de julho de 1920 (Matto Grosso e Goiás); William Faden Mapa Columbia Prima or South America (Bibl. Naional	5/8 pág.
Ano XV RJ 10/1931 Vol. XVI N. 03	A excelência do clima e solo goiano para o desenvolvimento das forrageiras	Questões Pecuarias ²⁹²	22	Alberto Löfgren; naturalista alemão R. Endlicher; Herodoto; Saint Hilaire; J. Gardner	7/8 pág.
Ano XV RJ 11 e 12/1931 Vol. XVI N. 04 e 05	-	-	-	-	-
Ano XVI RJ 01/1932 Vol. XVI N. 06	As riquezas da fauna do Planalto Central. A ignorância dos estudiosos brasileiros	Campos nativos de Goyaz	40	André Rebouças; A. Saint Hilaire <i>Flora Meridionalis</i>	3/8
Ano XVI RJ 02/1932 Vol. XVI N. 07	Origem do café no Brasil; estado atual do café em Goiás; estatísticas de produção de café; orientação para o plantio de café	A cultura do cafeeiro em Goyaz	51 52	Dom Francisco de Assis Mascarenhas <i>estatística 1804</i> ; Euler Coelho inspector Agricola de Goyaz (agrônomo);	2 pág.
Ano XVI RJ 03/1932 Vol. XVI N. 08	Vinte anos após sua visita à Goiás, Saint Hilaire escreve sua viagem	Bibliographia Goyana	55	Saint Hilaire <i>Voyages aux sources du Rio S. Francisco et dans la province de Goyaz</i> (Paris, 1847,- 48. 2 volumes in-8°; Aires do Casal; Silva e Souza e Pizarro <i>Memorias</i> ;	2/8
Ano XVI RJ 03/1932 Vol. XVI N. 08	A entrada do café em grande parte de Goiás	A cultura do cafeeiro em Goyaz – conclusão	56	Sylvio Romero; Elisée Reclus	5/8
Ano XVI RJ 04/1932 Vol. XVI N. 09	Depois de muito tempo estacionado desenvolvem-se no Brasil as raças equinas	As raças equinas do Brasil	62	-	1 pág.
Ano XVI RJ 04/1932 Vol. XVI N. 09	Discorre sobre a nova capital, com suas ruas largas, moderna, com boa localização, favorecendo o Ressalta que o Rio de Janeiro não perderá com a transferência.	A futura capital	65	Varnhagen	5/8
Ano XVI RJ, 05 e	População goiana que não aparece nos	A população actual do	71	Eng. dr Alipio Gama (Commissão de Estudos da Nova Capital da Republica);	3/8 pág.

²⁹² Texto ou fragmento de texto remete a outros escritos publicados de Henrique Silva na revista.

06/1932 Vol. XVI N. 10 e 11	censo	Estado de Goyaz - continuação		Conego Luiz Antonio da Silva e Souza <i>Memorias Goyanas</i>	
Ano XVI RJ 07/1932 Vol. XVI N. 12	-	-	-	-	-
Ano XVII RJ 08/1932 Vol. XVII N. 01	-	-	-	-	-
Ano XVI RJ 09/1932 Vol. XVII N. 02	-	-	-	-	-
Ano XVI RJ 10/1932 Vol. XVII N. 03	-	-	-	-	-
Ano XVI RJ 11/1932 Vol. XVII N. 04	Defesa do cavalo curraleiro goiano para o Exército. Ressalta o mérito do cavalo pequeno (curraleiro)	O nosso cavallo de guerra	1 ^a 26	Diffloth <i>Vie Agricole</i> ; Kitchener	1 pág. 1/2
Ano XVI RJ 11/1932 Vol. XVII N. 04	Goiás: região imune as epidemias	Goyaz immune de epidemias e epyzootias	28	-	2/8 pág.
Ano XVI RJ 12/1932 Vol. XVII N. 05	-	-	-	-	-
Ano XVII RJ 01/1933 Vol. XVII N. 06	Goiás como grande produtor de vinho	A cultura da videira em Goyaz	47	Bartholomeu Cordovil <i>Nynphas Goyana</i> (Varnhagen <i>Florilegio brasileiro</i>); Taunay; André Rebouças; Saint Hilaire;;	1/2 pág.
Ano XVII RJ 02/1933 Vol. XVII N. 07	Os vários tipos de perola e seu valor. A valorização no mercado internacional	Riquezas abandonadas	1 ^a 50	Revista Hojas Selectas (Hespanha); F. de Castelnau; Raymundo J. da Cunha Mattos	1 pág. 1/8
Ano XVII RJ 02/1933 Vol. XVII N. 07	O crescimento populacional de Goiás	A população actual do Estado de Goyaz ²⁹³	54 55	Victor Viana;	6/8 pág.
Data	Assunto	Título	Pág	Ref. utilizada	Esp
Ano XVII RJ 02/1933 Vol. XVII N. 07	A prosperidade trazida com a chegada dos trilhos a Goiás, contribuirá para estimular a navegação a vapor	Via de communicações com o sul de Goyaz	55 56	-	1 pág. 1/8
Ano XVII RJ 03/1933 Vol. XVII N. 08	Discorre sobre um esquecido descobridor de Goiás, Urbano do Couto. Critica os	Os descobridores de Goyaz	1 ^a	José Peixoto da Silva Braga <i>A Bandeira do Aanhaguéra a Goyaz em 1722</i> . Padre Silva e Souza;	1 pág. 1/8

²⁹³ Texto ou fragmento já publicado em outro momento na revista.

	geógrafos e cartógrafos que ainda confundiram seu nome por Albano. A tradição oral pela lembrança de Urbano Couto				
Ano XVII RJ 03/1933 Vol. XVII N. 08	As forrageiras a riqueza do Brasil Central Goyaz, Mato Grosso e Minas Gerais) essencial para a pecuária. Critica os altos impostos cobrados sobre sal	Questões pecuárias	59 60	Botanico E. Warning <i>Flora da Lagôa Santa</i> ; A. Lofgren	1 pág.
Ano XVII RJ 04/1933 Vol. XVII N. 09	-	-	-	-	-
Ano XVII RJ 05/1933 Vol. XVII N. 10	A navegação do Araguaia, suas belezas	Do Rio de Janeiro ao Pará via Goyaz	70 71	Couto de Magalhães; Conde F. Castelnau; Frei Jacintho Lacomme; Eliséé Reclus	1/2 Pág.
Ano XVII RJ 06/1933 Vol. XVII N. 11	Delimitação da região de Amaro Leite. Dessa região procede o excelente gado caracu e suas variantes curradeira e mocha	Sertões de Amaro Leite	1 ^a	Castelnau; Pereira Barreto. J. Travassos. Marechal Raymundo da Cunha Mattos <i>Chorographia Goiana</i>	1 pág.
Ano XVII RJ 07 e 08/1933 Vol. XVIII N. 12 e 01	Discorre sobre a chegada da ferrovia oeste Minas ao Porto de Angra. Meio de comunicação de grande importância para Goiás, Minas e Rio de Janeiro	<u>PÁGINA ESQUECIDAS</u> O Porto de Goyaz no Atlantico Sul ²⁹⁴	90 91	Raymundo da Cunha Mattos; Taunay; Pohl; Saint Hilaire	1 pág. 2/8
Ano XVII RJ 07 e 08/1933 Vol. XVIII N. 12 e 01	Facilidade do algodoeiro se desenvolver em solo goiano, principalmente no norte do Estado. Critica os impostos exorbitantes cobrados pela ferrovia	A Cultura do algodoeiro em Goyaz ²⁹⁵	92	Couto Magalhães; Dom Francisco de Assis Mascarenhas <i>Reflexões sobre o melhoramentos da Capitania de Goyaz</i> ; Saint Hilaire; governador Manoel Lino de Moares (doc. B. Nacional); Taunay; Presidente J. P. Alencastre org. de estatísticas em Goiás;	1 pág.
Data	Assunto	Título	Pág	Ref. utilizada	Esp
Ano XVII RJ 09/1933 Vol. XVIII N. 02	A origem do algodão goiano e sua utilização pelos Carajás; diversos espécimes de algodão	O algodoeiro em Goyaz	1 ^a	A. Saint Hilaire; Lord Lovat; tecnico inglez Sr. Arno Pearse	1 pág.

²⁹⁴ O autor lembra que na data em que seu artigo está sendo publicado, a Oeste de Minas, em breve chega a Angra dos Reis.

²⁹⁵ Texto ou fragmento desse texto já foi publicado.

Ano XVII RJ 10/1933 Vol. XVIII N. 03	Lançamento da pedra fundamental de Goiânia	A mudança da capital de Goyaz	1 ^a	Couto Magalhães; Eng. urbanista Armando de Godoy	7/8 pág.
Ano XVII RJ 11/1933 Vol. XVIII N. 04	Rebate informação do Correio da Manhã, que de acordo com os drs. Arthur Neiva e Belisário Pena a região demarcada para o distrito federal era repleta de doenças.	O interior do Brasil é um vasto hospital...	26	Livros: <i>Memorias do Instituto Oswaldo Cruz</i> ; <i>Viagem scientifica pelo no Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, Sul do Piauhy e de norte a sul de Goyaz</i> (aut. Arthur Neiva e Belizario Penna); Comissão Cruls	6/8 pág.
Ano XVII RJ 12/1933 Vol. XVIII N. 05	Esclarece os limites de Goiás com seus Estados vizinhos. Cita em grande parte das páginas trechos dos documentos mencionados	Limites Geographicos de Goyaz – suas fronteiras demarcadas ou leguas	1 ^a 34 35 36	Dados governamentais diversos; cartographo Stanislaus Darcy de la Rochette <i>Columbia Prima or South America</i> do editor W. Fades; Candido Mendes <i>Atlas do Imperio do Brasil</i> ; Comissão de engenheiros chefiada por Millnor Roberts <i>Carta Hidraulica da Bacia do S. Francisco</i> ; missão scientifica drs Arthur Neiva e Belizario Penna; sr Bhering (mappas)	3 pág 7/8
Ano XVII RJ 12/1933 Vol. XVIII N. 05	A história da entrada das raças bovinas e outros; polêmica sobre a entrada de gado no Brasil uma parte defende que os mesmos entraram pela Bahia. Henrique Silva baseado em Padre Simão de Vasconcellos, afirma que não, o gado entrou pela Vila de S Vicente	Industria Pastoral no Brasil	38 39	Chronista Pero de Magalhães Gandavo; Gabriel Soarez <i>Noticia descritiva do Brasil</i> (1585); Frei Vicente do Salvador <i>Historia do Brasil</i> (1627); Varnhagen; Padre Simão de Vasconcellos <i>Chronica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil</i> (Vila S. Vicente); Conervin; Frei Gaspar Madre de Deus	6/8 pág.
Ano XVIII, RJ 01/1934 Vol. XVIII N. 06	A qualidade do algodão goiano	Goianos, Plantemos Algodão!	1 ^a	Dom Francisco de Assis Mascarenhas	1 pág.
Ano XVIII, RJ 01/1934 Vol. XVIII N. 06	Goiás exporta diversos produtos para São Paulo e os mesmos não aparecerem nas estatísticas (1928)	<u>PAGINAS ESQUECIDAS</u> A exportação de Goyaz pelo porto de Santos	42	Dados disponibilizados pelo governo goiano tendo a frente Brasil Caiado	7/8 pág.
Ano XVIII, RJ 02/1934 Vol. XVIII N. 07	Descoberta de uma nova espécie de borracha em Goiás	<u>PAGINAS ESQUECIDAS</u> Novas Especies de Borracha em Goiás ²⁹⁶	50	H. Coudreau; <i>Almanack Laemmert</i> , 1905;	1/2 pág.
Data	Assunto	Título	Pág	Ref. utilizada	Esp
Ano XVIII, RJ 02/1934 Vol. XVIII	Aplauda a publicação <i>Planta Geral</i> pela ferrovia	Cartografia Goiana	50	Comissão Cruls; Presidente Joaquim Rodrigues de Moares Jardim.	1/2 pág.

²⁹⁶ O título apresenta pela primeira vez a mudança na grafia da palavra do Estado de Goyaz para Goiás. Entretanto, no interior do texto o acento agudo é suprimido, ficando apenas Goiaz.

N. 07	Morgiana.				
Ano XVIII, RJ 03/1934 Vol. XVIII N. 08	Resenha dos principais nomes que contribuíram para o conhecimento da fauna medicinal Brasil e goiana	Pela Botanica Medica do Brasil	1 ^a 58	Camões; Garcia de Orta <i>Colloquios dos simples e drogas e cousas medicinaes da India</i> (1563); Georg Markgraf; Guilherme Pisa; Botânicos A. Saint Hilaire; Gaudichaud; Chernoviz; Claude Bernard; dr Baptista de Lacerda; dr L. Conty; Theodoro Peckolt <i>Historia das plantas medicinaes e uteis do Brasil</i> ; Glaziou; Silva Araujo; Laboratorio Chimico Pharmaceutico Militar; Henrique Silva; J. de Saldanha da Gama; A. Lefgren	1 pág. 7/8
Ano XVIII, RJ 04²⁹⁷/1934 Vol. XVIII N. 09	Goiás é grande exportador de produtos para o Pará, entretanto, isso não aparece nas estatísticas daquele Estado.	Intercambio Goyaz-Pará	1 ^a 66	Dados publicados pelos Estados; livros viajantes fidedignos; sr. Ignacio B. de Moura, escriptor paraense <i>De Belém a S. João do Araguaya</i> ; dr Antonio Florencio Pereira do Lago <i>Relatorio dos Estudos da Comissão Exploradora dos Rios Tocantins e Araguaya</i>	1 pág. 3/8
Ano XVIII, RJ 04/1934 Vol. XVIII N. 09	A maior ilha fluvial do Brasil, <i>Bananal</i> . Localização, características. Exalta a coragem do sertanejo Luiz Pedro Chapadense, primeiro a cruzar a ilha.	<u>PAGINAS ESQUECIDAS</u> Uma das Maravilhas do Brasil Central ²⁹⁸	66 67	J. M. Pereira de Alencastre; André Rebouças <i>Le Brésil em 1889</i> ;	1 pág. 2/8
Ano XVIII, RJ 04/1934 Vol. XVIII N. 09	Ainda por fazer estudo sobre os costumes, tradições, superstições Brasil Central: do povo que ali, fixou raízes bandeirantes, negros da costa da África, degradados, fugitivos	As mil e Uma Noites do Sertão – Seus Pro-Homens ²⁹⁹	71	Bernardo Guimarães; Taunay; Affonso Arinos	7/8 pág.
Ano XVIII, RJ 05/1934 Vol. XVIII N. 10	A produção de borracha a partir da mangabeira em Goiás	Industria Nacional da Borracha	1 ^a	Saint Hilaire; Herlet Schimit; apresenta dados estatísticos de 1902-1904 de exportação da borracha; dr Wencesláo Bello	1 pág. 1/8
Ano XVIII, RJ 05/1934 Vol. XVIII N. 10	A qualidade da madeira em Goiás, matéria prima para diversos produtos	Os Campos Nativos de Goyaz	75	Andre Rebouças; Saint Hilaire	1/2 pág.
Ano XVIII, RJ 05/1934 Vol. XVIII N. 10	A importância das cachoeiras para a geração de energia. Rico em flora, solo propício para o plantio	Formidavel energias hydro-electrica em Goyaz		Varnhagen; Eliseé Reclus; Henri Coudreaux <i>Voyage au Tocantins-Araguaya</i> ; James Welles; Oscar Leal <i>Viagens ás terras goyanas</i>	6/8 pág.
Data	Assunto	Título	Pág	Ref. utilizada	Esp
Ano XVIII, RJ 06/1934 Vol. XVIII	-	-	-	-	-

²⁹⁷ O mês foi corrigido de forma manuscrit de *março* para *abril*.

²⁹⁸ Nota do autor: publicada em a *Informação Goyana* em novembro de 1923.

²⁹⁹ Texto já publicado na Revista a *Informação Goyana* em seus primeiros anos de circulação.

N. 11					
Ano XVIII, RJ 07/1934 Vol. XVIII N. 12	-	-	-	-	-
Ano XVIII, RJ 08 e 09/1934 Vol. XIX N. 01 e 02	-	-	-	-	-
Ano XVIII, RJ 10 e 11/1934 Vol. XIX N. 03 e 04	A grande exportação de algodão para os Estados de Minas e São Paulo, que infelizmente não são citados por aqueles Estados em suas estatísticas	O Algodão na Economia Nacional ³⁰⁰	16	A. Saint Hilaire; Lord Lovat; Technico inglês Arno Pearse	7/8 pág.
Ano XVIII, RJ 10 e 11/1934 Vol. XIX N.03 e 04	Especifica todos os rios navegáveis em Goiás não apenas Araguaia e Tocantins	Rios navegáveis de Goyaz – Á Associação Goyana	18	Dr. Antonio Affonso de Aguiar Witaker (1873); dr. Francisco de Paula Oliveira <i>Vista Geral e Aspecto physico da Região do Novo Districto Federal e dos valles dos rios Bartholomeu e Corumbá de Goyaz</i> ; André Rebouças	1/2 pág.
Ano XVIII, RJ 12/1934 Vol. XIX N. 05	-	-	-	-	-
Ano XIX RJ, 01 e 02/1935 Vol. XIX N. 06 e 07	Compara Bernardo Guimarães como um dos melhores escritores que escreveu sobre o Planalto Central	O auctor do Ermitão do Muquem ³⁰¹	34	Bernardo Guimarães; José de Alencar; Franklin Tavora; Affonso Arinos; Sylvio Romero; Araripe Junior; José Verissimo	3/8 pág.
Ano XIX RJ 03/1935 Vol. XIX N. 08	-	-	-	-	-
Ano XIX RJ 04/1935 Vol. XIX N. 09	-	-	-	-	-
Ano XIX RJ 05/1935 Vol. XIX N. 10	-	-	-	-	-

³⁰⁰ Texto ou fragmento de texto remete a outros textos já publicados.

³⁰¹ Há sentimento de saudosismo em sua escrita.

Apêndice 03

REVISTA INFORMAÇÃO GOYANA 1917-1935	
Autores citados por Henrique Silva	
<i>NOMES</i>	<i>QUANT.</i>
Eng. James W. Wells	09
Henri Coudreaux	03
Oscar Leal	03
Couto de Magalhães	12
Dom Francisco de Assis Mascarenhas	07
Gov Manoel Lino de Moraes	02
Alfredo de Escanolle de Taunay	27
Raimundo José da Cunha Mattos	19
Henrique Raymundo dês Guenettes	01
Th Huxeley	01
Linneu	07
F. Cuvier	03
Henrique Saussere	01
Emilio A. Goeldi	14
Henrique Silva	11
Carlos Frederico Von Martius	03
Pe Ayres de Casal	04
Assis Brasil	04
T. Pradés	01
Emmanuel Liais	04
Ernesto Ule	05
Hermann von Ihering	06
Navarro de Andrade	01
Octavio Vecchi	01
Theodoro Peckolt	02
Humboldt	10
Saint Hilaire	37
Elisée Reclus	13
Dr. Ed. de Oliveira Martins	01
James Mellor	02
Visconde Beaurepaire Roham	03
Dr. J. Paes Leme	01
Dr Francisco de Paula Oliveira	04
Orville Derby	08
Dr. Félix de Azara	07
Dr. João Chrocktt Sá de Pereira de Castro	02
Dr. Antônio Martins de Azevedo Pimentel	13
Sr. J. Barbosa Rodrigues	01
Gerber	02
Elias de Beaumont	01
Geologo Eugenio Hussak	10
Carlos Hass	01
Castelnau	13
John Emmanuel Pohl	13
J. Martius Pereira de Alencastre ³⁰²	05
Eschwege	02
Pe Luiz Antonio da Silva e Souza	10
Wedell	03

³⁰² Presidente de Goiás, responsável por organizar estatísticas sobre o Estado que administrou.

Auguste François Marie Glaziou	08
Peter Wilhelm Lund	03
Reihardt	01
Regnel	01
Warming Lindman	03
Lüken Wing	01
Ursted	01
Alberto Lofgren	04
André Rebouças	16
Eng. Antônio Florencio P. Lago	01
Eng. Benjamin Flanklin	01
Eng. Rodrigues de Morais Jardim	01
Pero de Magalhães Gandavo	03
Gabriel Soares	05
Varnhagen	14
Pe Simão de Vasconcellos	04
Frei Gaspar de Madre de Deus	03
Rocha Pitta	02
Luiz dos Santos Vilhena	03
Cornevin	03
Antonil	02
Heródoto	06
Hipocrates	02
Daniel Monfallet	02
João de Godoy Pinto da Silva	01
Barão de Melgaço ³⁰³	02
Dom Luiz de Mascarenhas	01
Barão Homem de Mello	03
Ten Cel Francisco Antonio Pimenta Bueno	01
Arthur de Azevedo	01
Francisco Xavier Muñiz	03
Darwin	06
Alfred Russel Wallace	06
Macedo Pinto	01
S. B. Lima	01
Dr. Virgílio de Mello Franco	01
Manoel do Couto Brandão	01
Elliot	01
Georges Gardner	09
Difloth	01
Gen Kitchener	01
Jorge Maia	01
Elysio de Carvalho	01
Eng. Paulo de Frontin	01
Carlyle	02
Reginald Lloyal	01
De Abbadie	02
Nemrod	01
Affonso Arinos	05
Charles J. Canish	01
Eng. Francisco Tossi Colombina	02
Maregrav	01
Ignacio B. de Moura	03
Eng. Antonio Florencio Pereira do Lago	04
Domingos Sarmiento	01

³⁰³ Augusto João Manoel Leverger.

Jules Méline	01
Alfred Marc	01
Dr. Oliveira Bela	01
Herbert Schmit	01
Dr. Uber	01
Dr. Wenceslau Belo	01
Dr. Antonio Borges Santos	01
Cor. João Severiano da Fonseca	01
Epitacio Pessoa ³⁰⁴	05
Gen. Raphael de Mello Rego	01
Luiz d'Alincourt	02
Gov José de Almeida de V. de S. e Carvalho	01
Joaquim Manoel de Macedo	02
Joaquim Noberto de Souza e Silva	01
Ruy Barbosa	02
Lafayette	01
Clovis Bevilacqua	01
Jose Higyno	01
Ricardo Franco de Almeida	01
W. Faden	01
Luis Stanislas Darcy de la Rochette	02
Conde Georges Louis Leclerc	01
Dr. Miguel Arrojado Ribeiro Lisboa	03
Wappaeus	02
Linddman	01
Curvier	02
Luiz Pereira Barreto	05
Lacerda e Almeida	01
Bomplan	01
Ferser	01
M. Chisto	01
Marechal Beaurepaire Rohan	03
Ihaer Hebríeel	01
Willfort	01
Luiz Cruls	13
Louis Agassiz	05
Johan Albert Constantin Löfgren	04
Johannes Natterer	02
A. Von Pelzem	01
Edmond Perrier	01
Charles J. Carnish	01
Albert Goudry	01
Euclides da Cunha	03
Eng. Henrique Morize	05
Rodolpho Von Ihering	03
Prof. J. Arechavaleta	02
Aristóteles	01
Plinio	02
J. F. Drutone	01
Frei Jaboatão	01
Pe Labat	01
Pison	01
Emile Picard	02
Coronel José Francisco Pereira	01
Dr. A. Gomes Carmos	01

³⁰⁴ Laudo (1922) sobre conflito de limites entre Goiás e Minas Gerais.

Alphonse de Candolle	01
Garcilaso	01
Acosta	01
Baptista Caetano de Almeida Nogueira	01
Pe Samuel Fritz	03
Pe Antonio Caetano da Fonseca	01
Moreau	01
Joannes de Saint Hilaire	01
Pandiá Calogeras	01
Endicher	01
Gregorio de Mattos	01
Remy de Gourmon	01
Vico	01
Walter Scott	01
Fenimore Cooper	01
Gonçalves Dias	01
Bartholomeu Cordovil	03
Bernardo Guimarães	04
Pasteur	02
Victor Pulliat	02
Charles Naudin	02
Margkrav	02
Paul Gaffarel	02
Monteiro da Silva	02
Candido Rondon	03
Henrich Heine	02
Anthero de Qental	02
Dr. Serzedello Corrêa	02
Pe Luiz Gonzaga de Camargo Fleury	02
Theodoro Sampaio	03
W. Milnor Roberts	02
Candido Mendes de Almeida	03
Dr. Virgilio de Mello Franco	02
Cel eng Alipio Gama	03
Eng. Hastimphilo de Moura	02
Benjamin Constant	02
Raimundo Correia	02
Edmundo Barros	01
Hygino Rodrigues	01
José Manoel	01
Joaquim Maria Lacerda	01
Martin	02
Frei Vicente de Salvador	03
A. Duck	02
Maxmiliano de zu Wied	02
P. Taubert	01
Emile Hussack	01
Dr. Augusto Ramos	02
Alves de Souza	01
Lafayette	01
João José de Campos Curado	01
Ratzel	01
Garret	02
Roosevelt	01
Silvio Romero	04
Cel Jesuino da Silva Mello	01
Dr. Endlick	01

L. Glasion	01
Eng. J. Banlis	01
Dr. Fritz Krause	02
Paula Souza	01
Brehm's Tierleben	01
Mivart	01
Kappler	01
Spix	02
Martius	02
Burmeister	02
Pelzen	01
Dr. Phellipe von Luetzelburg	01
M. Lecler	01
Eugenio Warming	01
Alexandre Rodrigues Ferreira	02
Martinez e Sans	01
Dr. Geo Boulanger	01
Charles Eignamann	01
A. B. Ulrey	01
Honorio Ferreira	01
Paul Ehrenreich	01
H. Coudreau	02
Julio Gérard	01
Cameron	01
Paulo Moraes	01
Buffon	02
Diffloth	02
K. Eudliek	01
Luiz Couty	01
Hist. Diogo de Vasconcelos	01
Pe Manoel José de Siqueira	01
Roberto Southey	03
Rodolpho Garcia	02
Manoel Barata	02
Frei João de Souza Queiroz	01
Eduardo Prado	01
Rio Branco	01
Capistrano de Abreu	01
Garcia de Orta	02
Quimico Domingos Gonçalves	01
Camillo Castello Branco	01
Dr. Carlos Botelho	01
J. Travassos	02
Geoffroy de Saint Hilaire	01
Agronomo Euler Coelho	05
Veterinário Tineciro Icabaci	01
Historiografo Alcebiades Furtado	01
Conde de Sarzedas	01
Dom Marcos de Noronha	01
Eng. James Blands	02
Phillipp von Leutzelburg	01
Victor de Carvalho Ramos	01
James Banis	01
Dr. Nogueira de Paranaguá	01
A. de Cantolle	01
Dutrone	01
Thomaz de Souza Vila Real	01

Moriz	01
Afranio Peixoto	01
Montesquieu	01
Buckle	01
Sugegniers	01
Hermenegildo Lopes de Campos	01
Tito Livio	01
Leopoldo de Bulhões	01
Platão	01
Licurco	01
Xenofante	01
Paulo Emilio	01
Sylla	01
Sertorio	01
Julio Cesar	01
Marco Antonio	01
Cicero	01
José Verissimo	03
Joaquim Nabuco	01
Pe Luiz Bartholomeu Marques	01
José Nazareth	01
Gonzaga de Campos	01
Martins	01
Hendel	01
Columbia Prima	01
Bruchel	01
Nero Macedo de Carvalho	01
Aristides Junqueira	01
Euzebio de Paula Oliveira	01
Jorge d'Araujo Ferraz	01
I. Bohls	01
Luiz Antonio Vilhena	01
R. Endlicher	02
Paulo Livinir	01
Domingos Vandelli	02
Eschuwege	01
James Webs	01
Eduardo L. Holmberg	01
Christiano de Castro	01
Pedro Timotheo	01
Manoel Bonfim	01
Pedro Taques	01
Pizarro	01
Victor Viana	01
José Peixoto da Silva Braga	01
E. Warning	01
Frei Jacinto Lacomme	01
Lord Lovat	02
Eng. Armando de Godoy	01
Arthur Neiva	02
Belizario Penna	02
Bhering	01
Conervin	01
Joaquim Rodrigues Moraes Jardim ³⁰⁵	01
Camões	01

³⁰⁵ Presidente de Goiás.

George Markgraf	01
Guilherme de Pisa	01
Gaudichaud	01
Chernoviz	01
Claude Bernard	01
Dr. Batista de Lacerda	01
Dr. Luiz Contry	01
Silva Araujo	01
J. de Saldanha da Gama	01
A. Lefgren	01
Herlet Schimit	01
Dr. Wancesláu Bello	01
Arno Pearse	01
Antonio Affonso de Aguiar Witaker	01
José de Alencar	01
Franklin Tavora	01
Araripe Junior	01

ANEXOS

Anexo 1



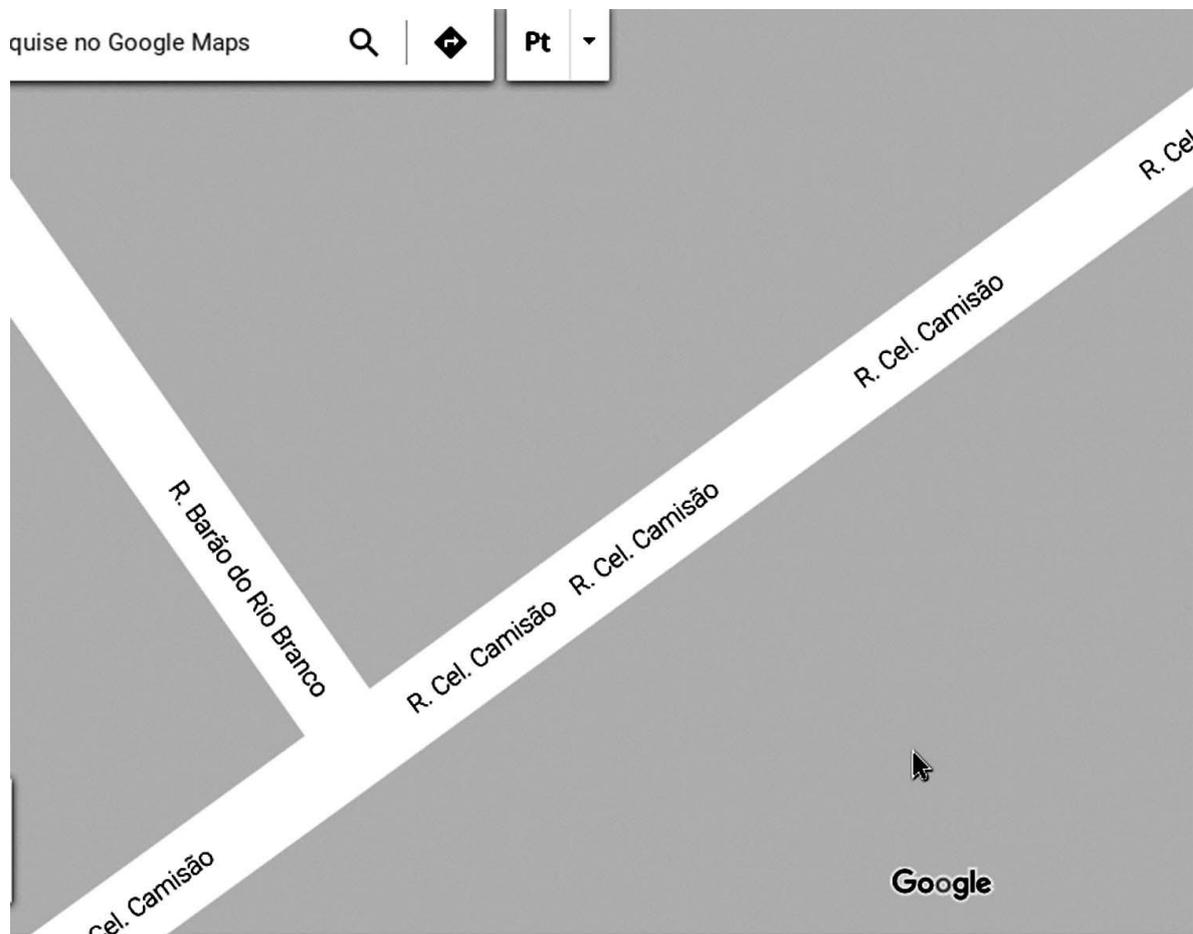
Candelabro da Igreja Nossa Senhora do Rosário adquirido com soldo de Vicente Miguel da Silva Neto, morto na Guerra do Paraguai.

Anexo 2



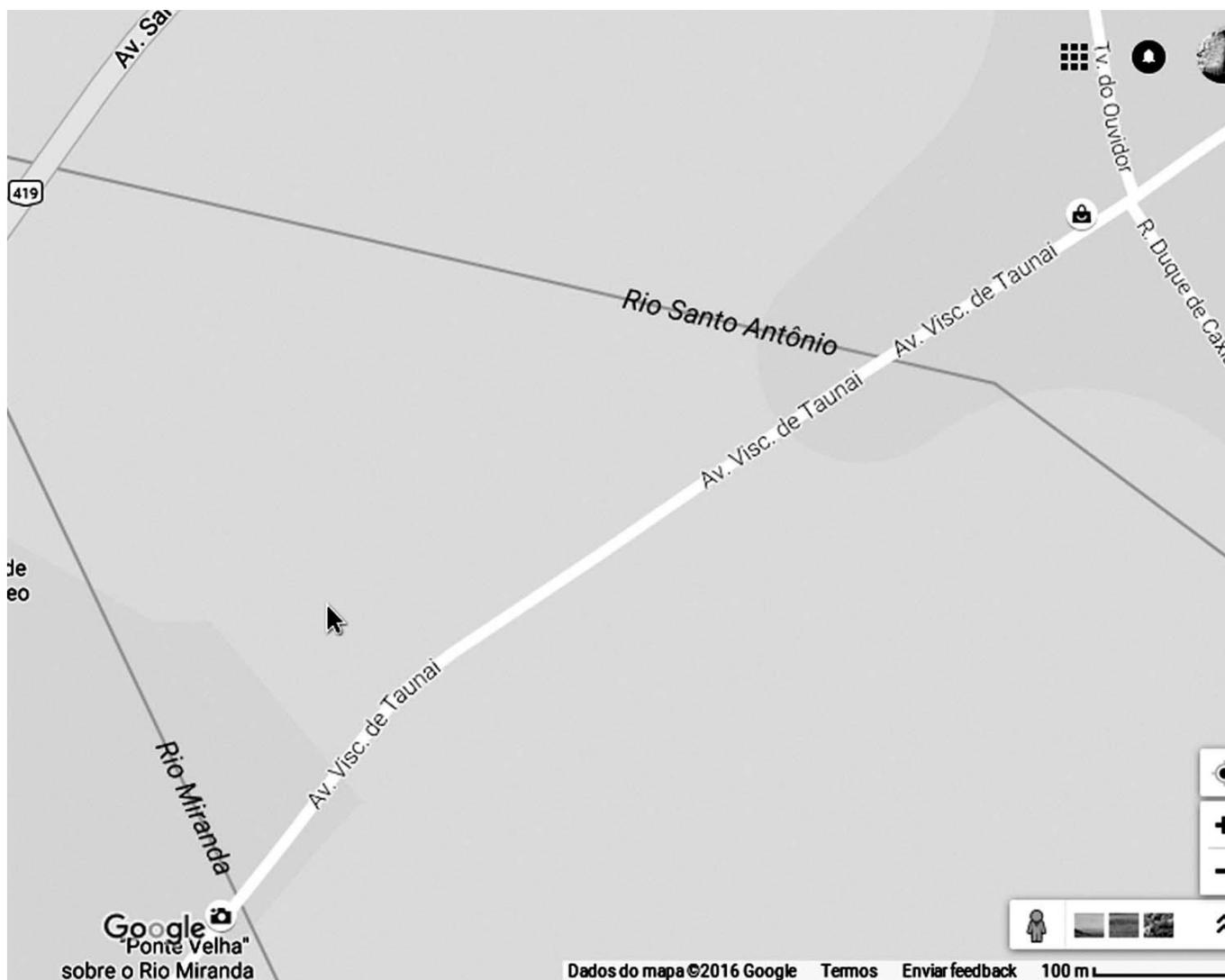
Municípios: Guia Lopes da Laguna e Jardim.

Anexo 3



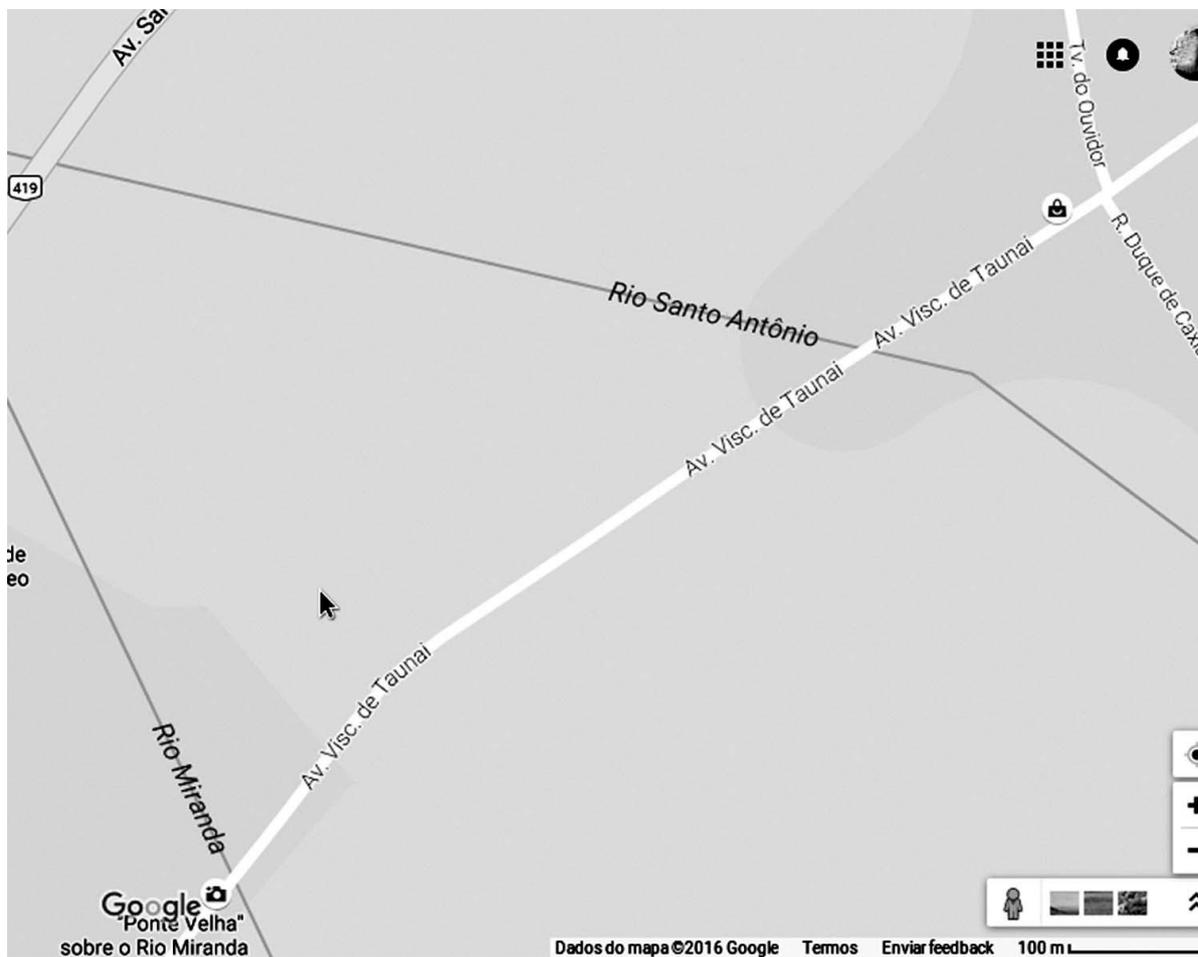
Rua Cel. Camisão (Jardim/Mato Grosso do Sul).

Anexo 4



Av. Taunay (Município Guia Lopes da Laguna/MS).

Anexo 5



Cel Juvêncio (Guia Lopes da Laguna/MS).

Anexo 6

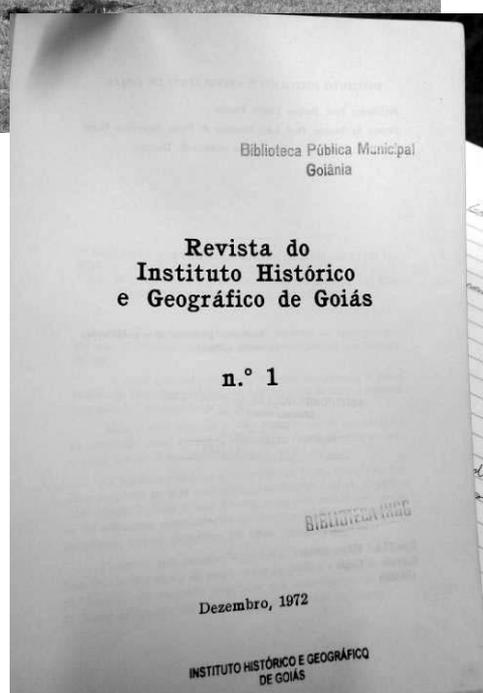


Túmulo: Francisco José da Silva e provavelmente Henrique Silva.

Anexo 7



Praça Rui Barbosa, local em que foi inaugurado um busto em homenagem a Henrique Silva, no dia 19 de junho de 1972. O monumento foi retirado para manutenção e até a realização desta pesquisa não se obtiveram informações sobre quem coube a responsabilidade de realizar o serviço.



José Denisson, vice-prefeito de Silvânia e representante do Secretário Hélio Mauro Umbelino Lôbo, da Educação e Cultura; Valter Guedes, representando a Associação Goiana de Imprensa e Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de Goiás; Modesto Departamento Estadual de Cultura; Eli Brasiliense e Augusto da Paixão Curado, membros do Instituto Histórico; tenente Luiz Advircola, representando o 10º. B.C.

SOLENIDADES

Após a cerimônia realizada na igreja Nossa Senhora do Rosário, presentes a comissão especial que se deslocou de Goiânia e ainda o prefeito municipal de Silvânia, José Caixeta Tavares, dr. José Sêneca Lôbo, dr. Antônio Bertoldo de Souza, dr. Acácio Félix de Sousa e inúmeras pessoas da cidade, bem como estudantes, a urna que conduzia os restos mortais de Henrique Silva foi levada ao cemitério local. Leu-se, na oportunidade, decreto em que a prefeitura marcava feriado para a data. E o professor Basileu Toledo França discursou, salientando a importância daquele ato.

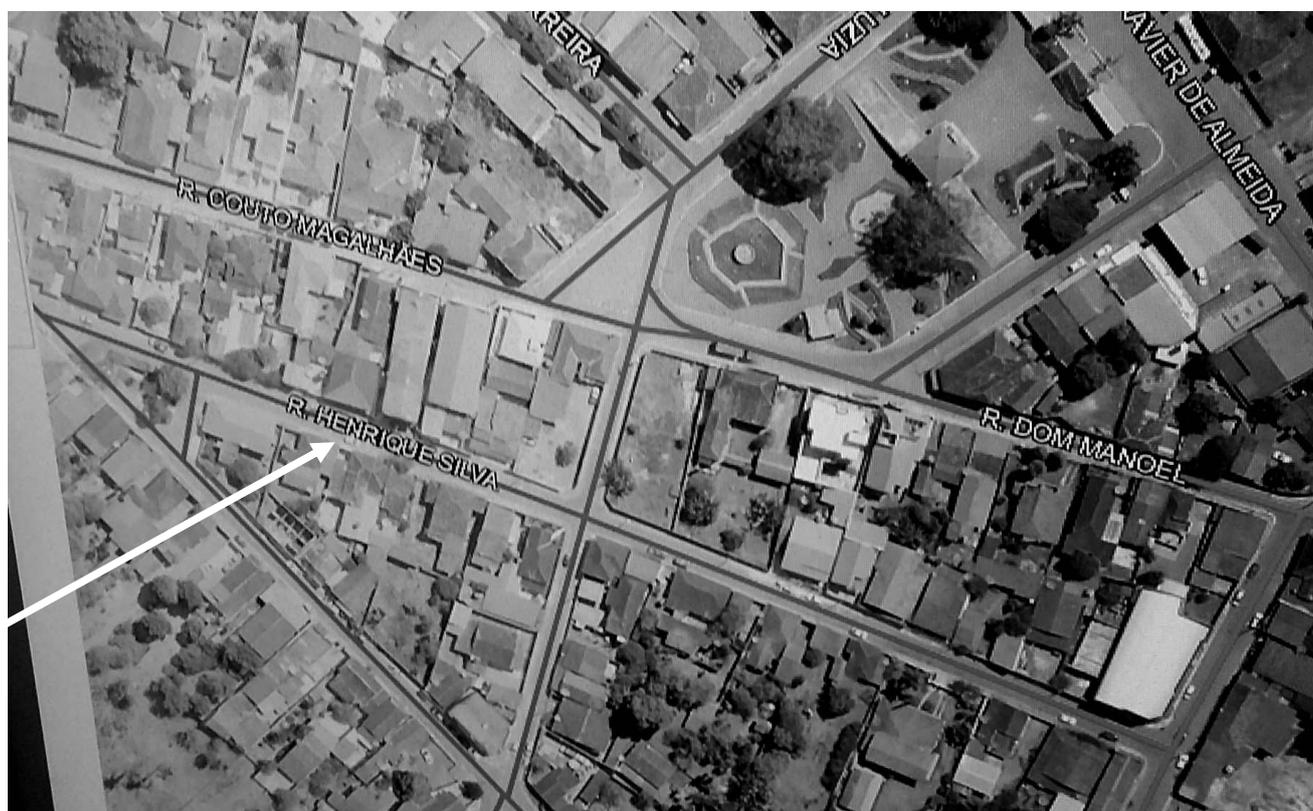
À noite, por volta de 19 horas, logo depois que foi servido um coquetel no Hotel Municipal, deu-se a inauguração da Praça Rui Barbosa, onde a prefeitura colocou lindo busto de Henrique Silva. (A praça, curiosamente, fica em frente ao grupo escolar que ostenta o nome de outro grande goiano: Moisés Santana). Discursaram, então, o professor Luiz Gonzaga de Faria, em nome do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, e o dr. Acácio Félix de Sousa, em nome da Prefeitura municipal de Silvânia. Além das autoridades já mencionadas, foi presente ao ato o sr. José do Nascimento Caixeta, suplente de senador, ex-prefeito e filho de Silvânia.

HENRIQUE SILVA

Sobre Henrique Silva, goiano dos mais ilustres, este mesmo jornal, em sua edição de 22 último, publicou o seguinte. Henrique Silva nasceu no dia 18 de março de 1865 e faleceu no Rio de Janeiro no dia 21 de maio de 1935. Em 1882, ingressou no exército, como soldado, no Rio, onde viveu a maior parte de sua existência, tendo chegado ao posto de Major. Era um apaixonado pela natureza, qualidade que o levou a ser um dos principais defensores e propagadores das riquezas naturais de Goiás, tanto dos minérios, quanto da fauna e da flora.

Página da revista do IHGG, de 1972, que descreve a cerimônia de sepultamento de Henrique Silva no cemitério da cidade. Inauguração de seu busto na praça Rui Barbosa, em que é lido decreto pelo prefeito de Silvânia, José Caixeta Tavares tornando o dia 19 de junho feriado municipal.

Anexo 9

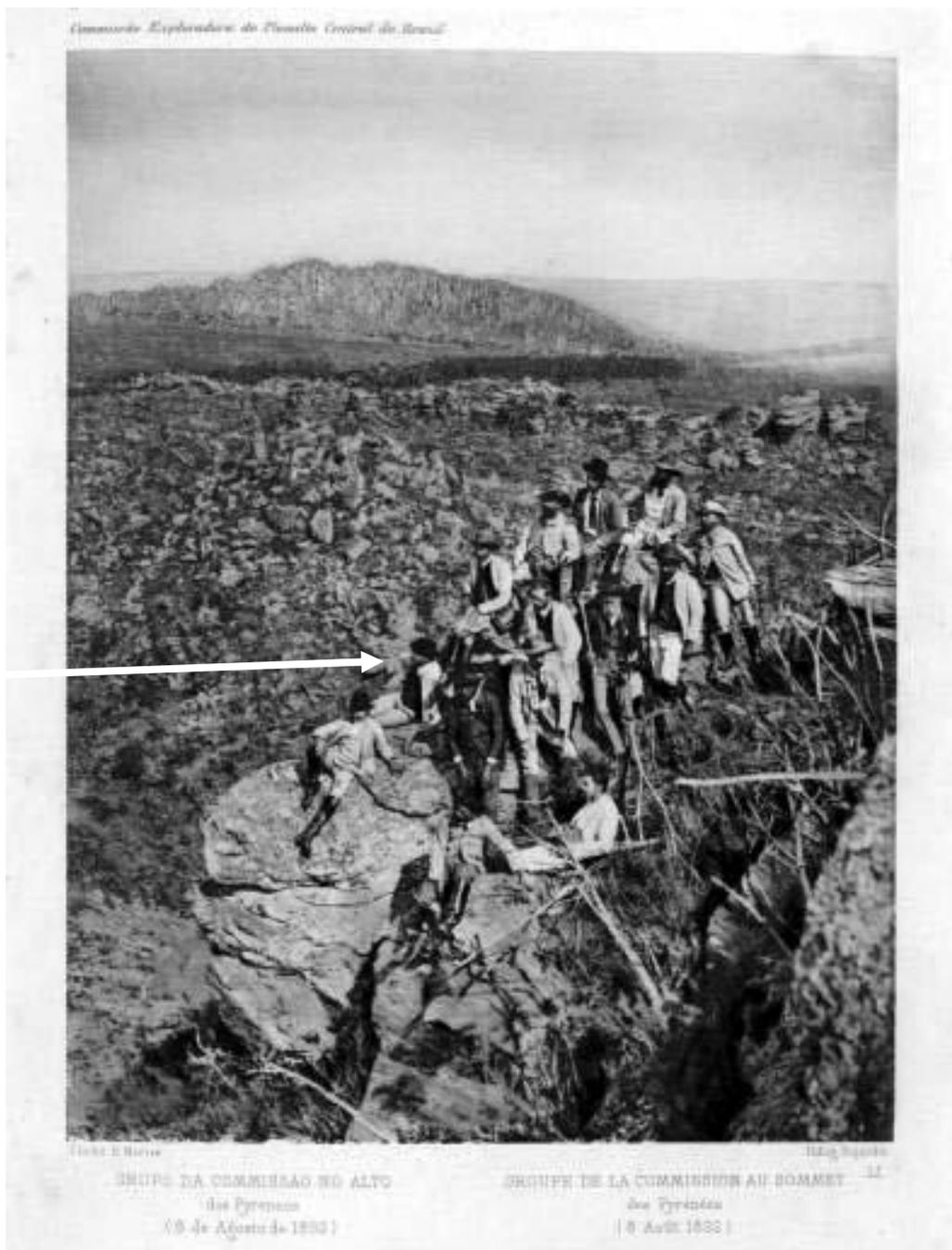


Rua da cidade de Silvânia que leva o nome de Henrique Silva.



Dados históricos de personalidades ilustres, notadamente Henrique Silva, publicados todos os anos no jornal tabloide da cidade *A Voz*, em comemoração ao aniversário de Silvânia.

Anexo 11



Henrique Silva ao centro da Comissão Exploradora do Planalto Central Brasil. Fotografia (ou clichê) de autoria de H. Morize, publicada pela primeira vez no Relatório Final da referida Comissão em 1894, Rio de Janeiro – Biblioteca do Senado.

Anexo 12

4/06/2016 19:06

178691_02 - DocReader LIGHT - Mozilla Firefox

memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=178691_02&pasta=ano 189&pesq=Henrique Silva

O Paiz - 1890 a 1899 - PR_SPR_00006_178691

Henrique Silva Pesquisar Ocorrências: 410 1/1 Edição 03195 (1) 2/8

AS CLASSES MILITARES

Comprehendem-se, independentemente de esforço, o fundo pezar e o grande golpe que as classes militares de toda a nação soffreram hontem com a morte do eminente cidadão Benjamin Constant, honra e gloria da farda brasileira, honra e gloria do proprio paiz.

Foi portanto sob o influxo dessa impressão de luto e de dor, que muitos officiaes do exercito e armada nacionais, honrando mais uma vez *O Paiz*, com uma confiança tantas vezes manifestada, procuraram-nos, e em nosso escriptorio iniciaram immediatamente uma subscrição, compromettendo-se a dar um dia de seus soldos mensaes para o pagamento da divida que o estimado patriota, com rara abnegação e honestidade, contrahiu particularmente, durante o tempo em que foi

... e ao espirito geriu ainda até hontem a pasta da instrução publica, correios e telegraphos da Republica Brasileira.

• Sendo a nossa repartição dependente dessa pasta, e havendo razão para que o pessoal della acompanhe a nação neste sentimento, nesse luto, pelos assignalados serviços prestados, tomou a resolução de fazer cerrar as portas do correio, izar a bandeira nacional a meio-pão, como signal de profundo preito a tão estimado quanto generoso e eminente brasileiro.

• Outrosim resolveu convidar-vos e aos dignos empregados sob as vossas ordens, não só para tomar luto por oito dias, como tambem para que acompanheis o feretro até a sua ultima morada, encerrando-se o expediente das divisões e o registro das cartas com e sem valor ao meio-dia, ficando apenas para o despacho das malas dos vapores chegados hoje os empregados necessarios, sem prejuizo no envio do feretro das malas que têm de ser conduzidas pelo trem de manhã.

• Em nome da patria, que tanto deve ao Dr. Benjamin Constant, desde já agradeço toda a vossa fidedelidade no sentido de

rior, uma carta de participação do castimento do Sr. Beaudin com a filha de um consul inglez, muito moça e immensamente rica.

O golpe devia ter-lhe sido tanto mais duro, porque a noticia chegara por essa carta batida, sem preparo algum previo sem mesmo um adeus. Era o completo desmoronamento na existencia da infeliz mulher, a perda de uma esperanca longinqua que a confortava nas horas de infortuno.

E justamente na vespera, o acaso tambem elle que tem crueldades alongas, tinha-a feito chegar ao conhecimento da morte de seu marido, na noite vespera, alimentando assim, durante quarenta e oito horas, a esperanca da proxima realização do seu sonho.

A vida de Mme. Carolina transformava-se, a infeliz sentia-se aniquilada.

Na mesma tarde, outro acontecimento extraordinario lhe estava reservado: com de costume, antes de deitar-se, ella entrou na habitação de Saccard, a dar seus ordens para o serviço do dia seguinte. Saccard falou-lhe da infelicidade que

6/06/2016 23:52

178691_02 - DocReader LIGHT - Mozilla Firefox

memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_02&PagFis=12954&Pesq=Henrique Silva

O Paiz - 1890 a 1899 - PR_SPR_00006_178691

Henrique Silva Pesquisar Ocorrências: 410 1/1 Edição 04453 (1) 1/6



NEIRO, Sexta-feira 41 de Dezembro de 1896

maior tiragem e de maior circulação na America do Sul

ASSIGNATURA	CAPITAL 242 ESTADOS 289	N. 4453
	ESTRANGEIRO 606 POR ANNO	
	NUMERO AVULSO 100 RS.	

devoção os unidades ser desde a parte externa até o estabelecimento.

... certo que com a visita do Rio Torrey desaparecerá a vida e trabalhos deliciosos, que a não é o terreno que circunda Nacional.

... ministro do interior referindo-lhe prestadas a saída as atenções que a entrada o pessoal possui.

CUBA

... a serio não tomas morte do Maceo... quantes vezes morrem brase-se? o Maximo Gomes?

GAVACHO.

... Hamarary esteve hontem erencia com o Sr. vice-presidente e o general Dionysio

na fabricação do charutos: O Brazil, que, pelo seu clima, tanto se presta para o cultivo do fumo em grande escala, produzindo já em quantidade sufficiente para ser remetido em folha aos países estrangeiros, de onde volta em charutos que passam por finissimos farenas, muito lucrará com esse melhoramento.

• E sabido que as nossas fabricas, onde os charutos são feitos à mão, não produzem em quantidade sufficiente para a exportação, sendo toda a produção consumida no paiz.

Com as machinas Reuse, poderá o Brazil ser um dia grande exportador de charutos, tal a rapidez e perfeição da confecção. As machinas até hoje inventadas e introduzidas no nosso paiz servem apenas para o preparo da pulpa do charuto, no passo que pelo processo Reuse o charuto saca promptinho, para ser fumado, poupando o trabalho manual da colheita das duas capas, da cola e do corte das pontas.

dos conselhos ou intendencias substituidos e seus immediatos em votos.

Para a dita eleição nos Estados alludidos, não será considerado valido alistamento eleitoral organizado sob a intervenção dos novos conselhos ou intendencias.

Art. 3º. O officio de nomeação do fiscal poderá ser entregue a este funcionario em qualquer Estado em que se ache o processo eleitoral.

Art. 4º. Poderá ser fiscal o membro das mesas eleitorales o cidadão brasileiro que tenha as condições de elegibilidade, cimbora não esteja alistado eleitor.

Art. 5º. O candidato poderá apresentar como fiscal, em qualquer secção de municipio, a um eleitor de qualquer outra secção ou paróquia, sendo, na secção que fiscalizar, apurado o seu voto.

Art. 6º. Sob pretexto atzum poderão ser recusados os fiscaes apresentados nos candidatos ou por um grupo de

phos pelo Ex. Sr. ministro da industria, depois de se ter convencionado as condições em que a posse se devia dar.

Poi quando o pessoal desta repartição verificou o máo estado do fratego telegraphico, devido aos postes serem feitos de varas e estarem podres, estando a linha caída no solo na extensão de 6 kilometros mais ou menos.

Sera, pois, impossivel um serviço regular, sem que se faça uma nova reconstrução a que se está procedendo, com os pequenos recursos do orçamento.

Actualmente estende esta directoria um fim conductor para São Leopoldo, o que vira melhorar todo este serviço.

Aproveito a occasião para apresentar os pedidos do minha mais alta consideração — Alberto de Anaraz, official de gabinete.

CADERA DE UM MONARCHISTA

seu interlocutor mandou-o então levantar-se, allegando que era coronel: fardado embora, aquelle official levantou-se, e, vetado, esperou à porta do lludro quem assim o envergulara, para em presença do porteiro, justificar que bem occupava aquelle logar e assim desagravar a sua farda.

O porteiro justificou que o alfores Silva occupava com effeito a cadeira do fiscal do lludro, seu amigo e parente, mas isto não evitou que o outro cavalleiro, declarado do novo ser um coronel, desse voz de prisão ao alfores que procedeu com correção e no gozo de um direito que nada tinha com a mill-tancia.

Desagradavel e injusto, repetimos!

Damos ás vezes (damos, nós, o povo, não) os funcionarios da policia motivos bem fundamentados para que se chame a isto paiz de bugres.

Jornal *O Paiz*, morte de Benjamin Constant – doação de um dia de soldo.

Anexo 13

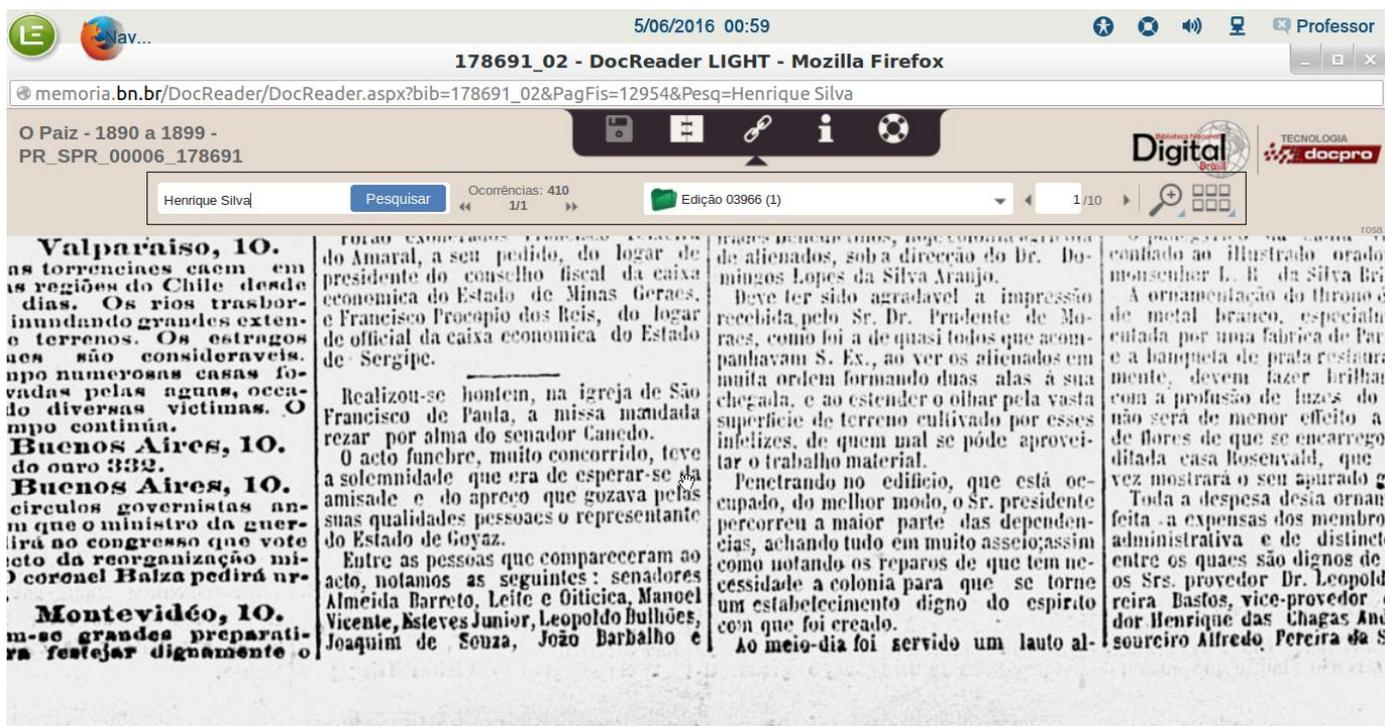


Jornal *O Paiz*, sábado, 12 de dezembro de 1896 – Briga por lugar em teatro.



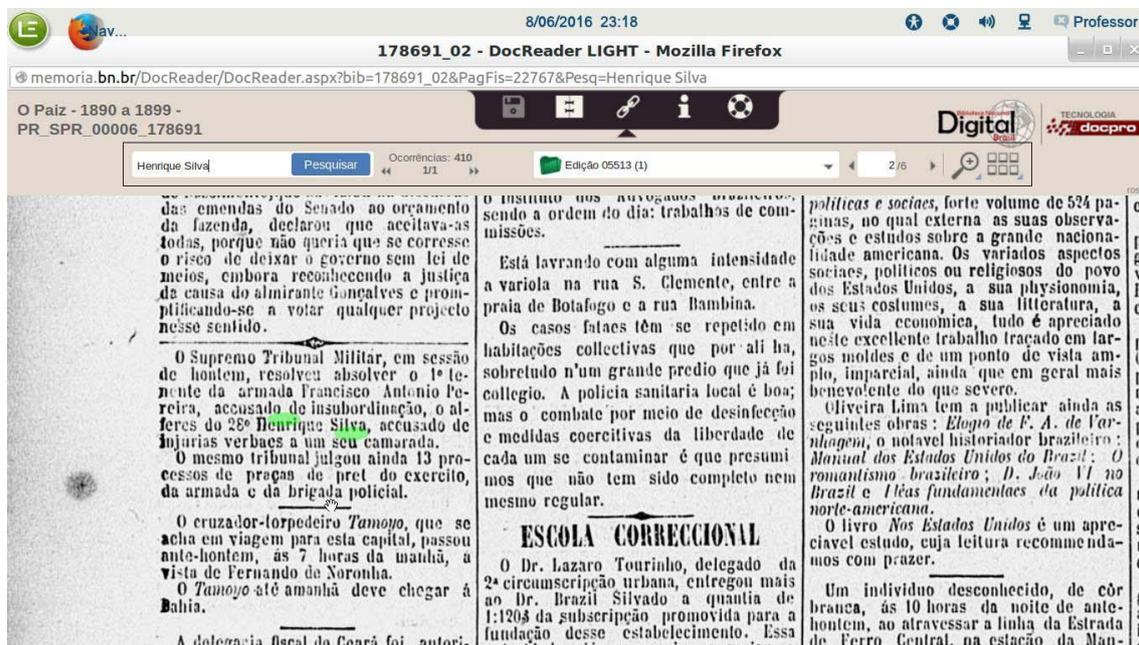
Continuação... Briga por lugar no teatro.

Anexo 14



Henrique Silva assiste missa em homenagem ao senador Canedo.

Anexo 15

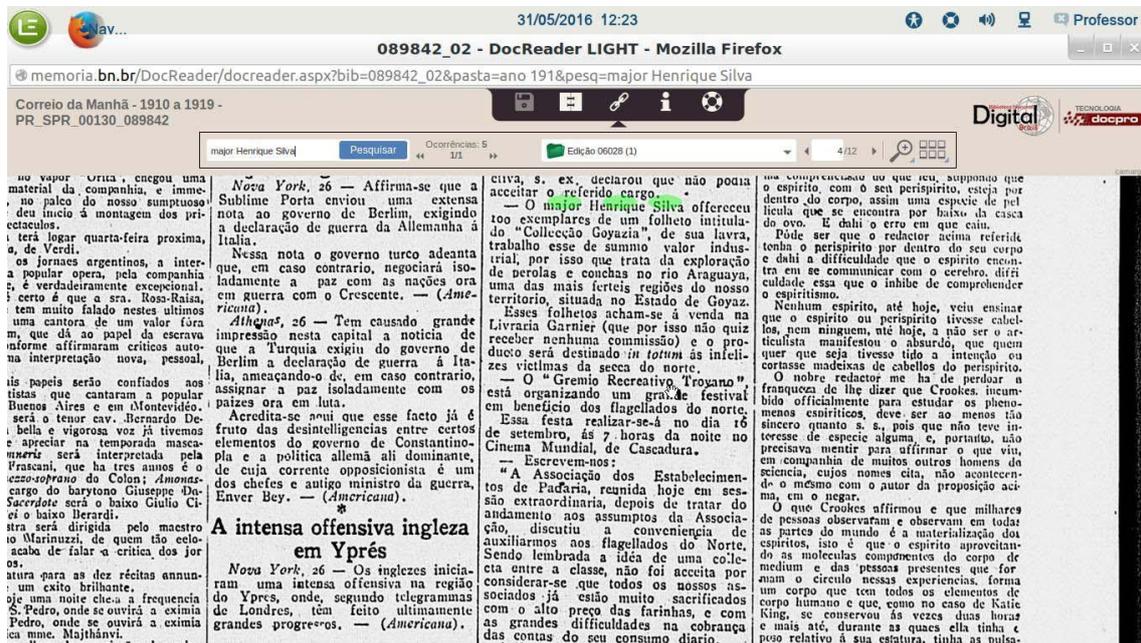


Jornal O Paiz, quinta-feira, 09 de novembro de 1899 – absolvido por injúria o tenente Henrique Silva.

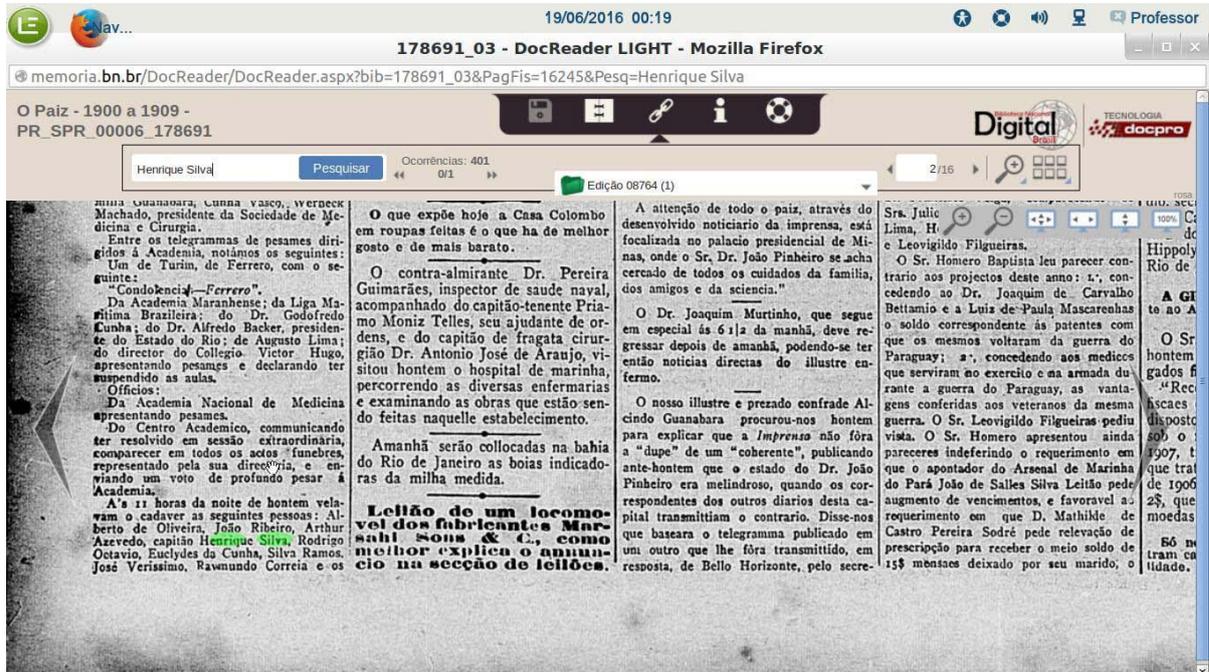
Anexo 16



Correio da Manhã, 27 de agosto de 1915 – o major Henrique Silva realiza doação de recursos obtidos com a venda de 100 exemplares as vítimas da seca do norte.



Anexo 17



Capitão Henrique Silva presente ao velório de Machado de Assis.

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Fundador e Director: **HENRIQUE SILVA**

Gerente: **FRANCISCO V. PALAZZO**

COLLABORAÇÃO DOS MAIS COMPETENTES E CONHECIDOS SABEDORES DAS COUSAS DO "HINTER-LAND" BRASILEIRO

Correspondencia para a R. Hermengarda n. 22, Meyer

ANNO VIII

RIO DE JANEIRO, SETEMBRO DE 1924

VOL. VIII — N. 2

DOMINICAES

Foi lendo este lindo e gracioso livrinho formado de uma lenda indigena. "Sumé e o destino da nação Goyá", com que Henrique Silva acaba de dotar o "folk-lore" goyano que me acudio á idéa a figura sympathica, original e proeminente desse patricio illustre, tão bom amigo, tão valente defensor das cousas de Goyaz e que tamanho prestigio e valor dá a este Estado.

Sempre afastado daqui, sem nunca imiscuir-se na politica local, sem ambições de elevar-se senão pelo seu valor individual, reconhece-se que o seu amor por esta terra, delido de conveniencias pessoas, é todo de desinteresse e sinceridade, e não fica só na classica theoria do platonismo, usual entre goyanos, e que tão bem se casa á nossa inercia e preguiça — caracteristicos que nos revelam a indole.

Amamos sinceramente Goyaz, mas nada fazemos para demonstrar a nossa afeição; cruzamos os braços diante de uma bella esperanza, e no presente que é máu antegomamos um futuro de grandezas e prosperidades, em epochas longinquas, distantes, quando tivermos estradas de ferro, machinas a vapor, etc., e tudo quanto constitue materialmente o progresso.

Henrique Silva não é somente um preguiçoso sonhador e idealista como nós outros; não, elle trata sempre de agir a idéa e fazer valer o seu amor e interesse por este Estado, não poupando esforços para arrancar-o ao esquecimento pernicioso em que jaz, no meio dos outros que prosperam dia a dia.

Não é este o primeiro livro que escreve a proposito desta terra; as differentes especies e qualidades dos nossos peixes já lhe mereceram um substancioso estudo scientifico, "Fauna Fluvial de Goyaz"; de outros sei que tem publicado, mas, na presente occasião não me foi possivel virem ás mãos.

As nossas florestas, arvores, rios, passaros, animaes, tudo lhe tem merecido estudos e interesses. Sente-se bem o enorme prestigio que elle dá a Goyaz, procurando sempre eleval-o no conceito dos outros, já publicando livros, já realizando conferencias, que são na actualidade o melhor carrilhão de propaganda.

Todos os artigos publicados nos jornaes do Rio defendendo o que nos pertence, quando outros Estados tentam chamar a si, demonstrando com dados positivos tudo quanto possuímos de precioso e desconhecido, só têm um unico signatario — Henrique Silva.

As nossas mattas exuberantes, as nossas cascatas, o esplendor das nossas paragens e toda a uberdade pasmosa desta Chanaan Sertaneja, Henrique Silva abre aos olhos atonitos dos que a ignoram, suggestionando a curiosidade de uns, incitando o interesse de outros, e alliando com intelligencia e criterio, a belleza descriptiva da terra, das paysagens e dos valles, á idéa pratica de aproveitamento, demonstrando a utilidade material, a vasta fonte de riquezas inexploradas.

Rasga com a maestria de sua penna o verde esplendor

de nossas florestas, virgens ainda da devassa humana, povoadas de lendas indigenas, descreve os rios que a enlizam nas suas voltas sinuosas e todas as riquezas dormidas nos sociecos das cordilheiras, nos barrancos dos rios e nas entranhas mysteriosas da terra.

Seja para descrever um panorama agreste desta "naturalidade", para provar a excellencia e superioridade da nossa graminea, ou para classificar o exotismo bizarro das nossas Cattléyas, temos sempre a penna scintillante e amiga de Henrique Silva.

Acresce ainda em nosso favor a fina bonhomia do seu espirito e o seu vasto saber scientifico, tudo ao amor desta terra.

Como uma de suas admiradoras e que se orgulha de o ser, consagro-lhe estas "Dominicaes" enviando-lhe ao mesmo tempo, com os meus melhores cumprimentos; uma braçada de flores agrestes que perfumam agora os valles do nosso sertão.

Córa Coralina.

A Construção da Estrada de Automoveis ligando Burity Alegre, em Goyaz, a Araguay, em Minas

De ha muito era idéa afagada a ligação a Araguay da opulenta e prospera zona que comprehende Burity Alegre e grande parte dos municipios goyanos de Morrinhos, Caldas Novas e outros, que ora mantêm suas relações commerciaes com Uberabinha via Santa Rita do Paranahyba, Ponte Affonso Penna.

Mesmo na imprensa de Araguay, por mais de uma vez foi o assumpto tratado.

Agora, depois de longa meditação sobre o caso, os habitantes da futura zona além de Corumbá, para que tenha realização a idéa; de que auferirá maiores vantagens Araguay, se movem empregando para tanto os maiores esforços.

Assim é que indo, como irá, Corumbahyba participar do resultado do auspicioso empreendimento; tendo de ser servida pela estrada, em meiado do mez findo, alli se encontraram pessoas de destaque do prospero municipio de Burity Alegre, entre ellas o intendente municipal coronel Sancho Carlos do Valle, para um entendimento sobre os meios a se porem em acção para o mesmo fim.

Entre os meios suggeridos na reunião de representantes de Burity Alegre e de Corumbahyba, diz "O Araguay", ficou assentado promoverem ambos os municipios, tenham ou não concurso extranho, a abertura da estrada que sahindo de Corumbahyba vá dar na fazenda de Pedro Alves Ribeiro, além de Corumbá, margem do rio Paracanjuba, abrindo-se nessa mesma direcção, no rio Corumbá, o porto em local apropriado, encarregando-se da abertura dessa estrada até o ponto mencionado, o municipio de Corumbahyba e de Paracanjuba, até Burity Alegre o municipio deste, que tambem se encarregará da construção da ponte sobre o rio Paracanjuba.

Uma grande raça bovina de Goyaz

COMO A JULGA O MAIS COMPETENTE ZOOTECHNISTA
BRASILEIRO

Do eminente sabio Dr. L. Pereira Barreto, nosso director recebeu a seguinte carta:

“S. Paulo, 6-2-1919.

Presado Sr. Henrique Silva

Agradeço sem duvida no supremo grau a sua gentileza, offerecendo-me a bella e esbelta vacca Franqueira, cuja photographia na *Informação Goyana* foi para nós todos aqui uma proveitosa revelação. Mas, é tal a minha admiração pela incomparavel raça Franqueira e tal a minha ancia por ver o Governo de S. Paulo na plena posse de um bom rebanho de novilhos e novilhas desta raça, que não posso deixar de supplicar-vos para attender em primeiro logar ao pedido de informações, que nos fez o meu amigo Mario Maldonado, zeloso Director da Industria Pastoril do Estado, e deixar a minha pessoa bem longe no segundo plano. Não póde ser maior o serviço que prestou a *Informação Goyana* dando-nos a conhecer a possibilidade de reconstituirmos a raça Franqueira, já totalmente extinta em São Paulo. Não concebo maior crime do que esse de deixar desaparecer uma raça bovina talhada pela natureza para constituir a mais grata e fecunda fonte de riqueza do nosso paiz.

São inestimaveis os vossos serviços indicando-nos os lugares e as pessoas de Goyaz, que podem melhor servir-nos pondo ao alcance do Governo e dos criadores paulistas os mais authenticos typos da raça Franqueira.

Ao mesmo tempo são tão interessantes as suas concepções sobre o mecanismo da formação das nossas raças nacionaes que não posso igualmente deixar de supplicar-vos para voltar ao assumpto, dando-nos mais amplos detalhes. Rejubilando-me deveras ao ver a questão collocada no pé em que se acha, graças á *Informação Goyana*.

Amº. aff.

L. P. BARRETTO

Excursão Científica a Goyaz

Do Dr. Estanislau Przyjemski, collaborador scientifico do Museu de Historia Natural de Varsovia, recebeu o nosso director a carta que se segue:

“Presado amigo Henrique Silva. — Consoante seu desejo, com muito prazer lhe participo já estar definitivamente resolvida, depois de ouvida a D. Doutora Emilia Snethlage, ora no Rio Doce, a nossa viagem a Goyaz — visando a Ilha do Bananal, no grandioso Araguaya.

Encontrei a illustre naturalista na Lagôa Juparaná, onde durante a sua estadia, apenas de 2 mezes, colleccionara 288 passaros e alguns mamíferos. Depois de alguns dias ella regressou á Collatina, d’ahi foi a Serra dos Milagres, perto do Baixo Guandu, onde se demorou 2 semanas colleccionando aproximadamente 100 aves.

Depois voltou ao Rio, onde ha poucos dias tive o prazer de vel-a novamente no seu gabinete de trabalho no Museu Nacional.

Nós combinamos assim nossa viagem ao Araguaya:

Partiremos juntos, ou, caso eu vá mais cedo, encontraremos em Santa Leopoldina no começo de Junho proximo.

Desceremos o Araguaya collegindo specimens fauninos e estudando os indios. Chegando á Ilha do Bananal caçando e colleccionando, tencionamos estudar os Javahés, e fazer uma tentativa no sentido de penetrar na mysteriosa Lagôa Grande, da qual faremos um levantamento topographico.

Projectamos igualmente uma excursão ao rio Tapirapés, a fim de estudar os indios desconhecidos, do mesmo nome, os quaes o ethnologo allemão Fritz Krause não logrou conhecer.

Depois desceremos o magestoso rio até Belém do Pará, onde nos separaremos — voltando eu ao Rio, e Dra. Emilia ficará ahí para organizar sua viagem ao Rio Branco.

Eu não lhe preciso dizer, meu caro amigo, a alegria e orgulho que sinto em fazendo essa grande viagem em tão illustre companhia.

O amigo conhece bem os titulos de gloria desta mulher extraordinaria e unica que é a Dra. Emilia Snethlage: 20 annos de trabalhos scientificos no Brasil equatorial, 5 annos directora do Museu Goeldi do Pará — a maior especialista actual da avi-fauna brasileira, estudos interessantes sobre os indios.

Ella explorou ainda o alto Xingú e o Tapajoz, descobrindo-lhes as nascentes, como tambem os cursos superiores dos rios Jemanchin e Iriri, onde antes della nenhum homem branco ousara penetrar.

Ver a edição do grande *Catalogo das Aves Amazonicas* e numerosas publicações scientificas, etc., etc.

Para acabar, um traço do character desta mulher extraordinaria.

Falando da sua viagem ao Rio Branco, eu fazia-lhe ver os inconvenientes e perigos desta empreza, citando o fracasso completo da grande expedição americana do Dr. Hamilton Rice, maravilhosamente equipado, conduzindo estação radio-telegraphica, hydroplanos, lanchas, etc., etc.

Eis o que ella me respondeu: Hamilton Rice não chegou, porque foi muito bem equipado, com muito material e homens... Eu irei sósinha com alguns indios e uma canôa, e chegarei!!!

Não é extraordinario, numa mulher, na qual os annos, as fadigas e as privações soffridas no serviço da sciencia pratearam-lhe os cabellos?

Peço ao caro amigo acrescentar a segurança dos sentimentos de admiração e de cordial amizade de seu devotado

ESTANISLAU PRZYJEMSKI

Tupi-Mania?

Goiás está numa polvorosa com a mudança de nome das suas localidades — que pelos modos breve serão todas chrisrnadas com appellidos de origem indigena, a exemplo da capital, que perpetua a tradição da tribu “Goiá”.

Depois de Entre Rios, que se passou a chamar “Ipa-meri”, Rio Verde, Mestre d’Arma, Antas, Allemão e agora Campo Formoso procuram substituir os seus nomes geographicos por outros tomados ao vocabulario indigena, ou melhor, abaqueenga. A difficuldade está, ao que parece, em se encontrarem nomes indigenas equivalentes aos que os innovadores desejam eliminar do mappa do Estado. Neste sentido tenho recebido varias cartas de patricios meus que, não sei a que attribuir, me consideram nas condições de resolver o para elles momentoso problema.

De modo que se me afigura satisfactoria, até agora só pude resolver o caso de Campo Formoso, a florescente localidade ha pouco elevada á cathegoria de séde de um novo e futuroso municipio goyano. Si acceitarem o que propuz, respondendo hontem á carta com que me honrara distincto habitante de Campo Formoso, esta localidade denominar-se-á “Nhuporan”, ou “Nhuporangaba” — que um e outro desses vocabulos significam a mesma cousa na lingua indigena, isto é, Campo Formoso.

Pela decomposição do vocabulo notar-se-á como o formei, sem precisar de recorrer a subtilezas de grammaticos: “nhu”: campo; “porang” ou “parangaba” — formoso. O processo da formação dos nomes em tupi-guarani é esse.

Qualquer daquelles vocabulos, como se vê, dispensa o impertinente y. — letra inutil na lingua indigena, e que, da parte dos que a empregam nessa lingua, só prova que elles não sabem o que fazem.

Não ha ahí quem se envergonhe de não saber a lingua indigena, mas, ao escrevel-a, todos querem alardear pedantemente os seus conhecimentos — que então se resumem em escrever com y grego todas as palavras que naturalmente deviam ser escriptas com i.

O peor, porém, é quando certos individuos dão para forgicar etimologias indigenas. Haja vista “Corumbáiba” ou “Corumbahyba”, como já tenho lido em alguns periodicos goyanos. Corumbá significa, na lingua indigena, “cesto” e tambem “cascalho” — e “iba” ou “jva” quer dizer “máu, ruim, imprestavel, cousa átôa”.

Para concluir, devo dizer que appiaudo a iniciativa dos meus patricios — mesmo porque estou vendo que ella obedece a uma nova phase da vida goyana; apenas lembrarei, de passagem, a idéa de que a cousa se faça de accordo igualmente com a tendencia geral para dar-se ás localidades nomes de accidentes geographicos ou cousas que fizeram ou fazem mais conhecidas as zonas onde se encontram as mesmas localidades, como por exemplo, no primeiro caso, a denominação de Pyrenopolis dada á outra cidade de Meia Ponte.

Henrique Silva.

Anexo 22 (Cartas do leitor)

A Jequirana de Goyaz

UMA PLANTA FORRAGEIRA DIGNA DE SER CULTIVADA

Ha longos annos atraz, o meu amigo Major Henrique Silva, na villa militar, em Deodoro, mostrou-me uma — “Jequirana” — cujos predicados como preciosa forrageira, em Goyaz, sua terra natal, prestava expontaneos e inestimaveis serviços á pecuaria goyana, etc.

Em o nosso pequeno sitio, de uma feita notei a avidéz com

80	INFORMAÇÃO
<p>que uma cabra nossa comia certa planta trepadeira, bastante disseminada pela varzea de nosso bananal para o fabrico de passas de bananas.</p> <p>Reparando cuidadosamente a planta, pareceu-me ser a mesma — “Jequirana” — que me havia mostrado o referido amigo.</p> <p>Querendo tirar á limpo essa duvida, mandei, convenientemente preparada, com os precisos elementos para uma classificacão botânica, uma haste com suas folhas, flores e vagens contendo sementes, á utilissima Revista “Chacaras e Quintaes”, editada em São Paulo; propriedade do Sr. Conde Barbielino, o qual interessou-se vivamente por esse vegetal.</p> <p>Recorreu ao professor de botânica, do Museu Nacional, Dr. A. José de Sampaio, que classificou a planta como sendo — “<i>Teramius uncinatus</i>”, para elle até então desconhecida.</p> <p>Dando publicidade ás apreciações do Dr. Sampaio, em o numero de 15 de Junho de 1926, veio á campo um botânico (?) lizitano — M. Pio Corrêa — asseverando ser a planta venenosa !!!...</p> <p>O Major Henrique Silva, pela “Informação Goyana”, publicacão de sua direccão e propriedade, no Rio de Janeiro, rebatou essa falsa informacão invocando o testemunho dos animaes goyanos e eu corroborei com os exemplos de nossos animaes; pois, após a revelacão de nossa cabra, distribui varias vezes ás vacas e bezerros, alem de um cavallo, rações da planta, colhida verde, sem jamais notar o menor vislumbre de intoxicacão nos animaes como em Goyaz.</p> <p>Era preciso elucidar este ponto; e, para isso tornava-se indispensavel uma analyse chimica, confiada á competencia de pessoa merecedora de confianca absoluta.</p> <p>A’ pedido de “Chacara e Quintaes”, remetti o material preciso para essa analyse, por ella solicitada ao abalisado chimico do Museu Nacional — professor Alfredo A. de Andrade, cujas conclusões, conforme carta recebida communicando-me o resultado, assim rezou: “seu valor é superior ao de muitas alfafas de plantio cuidadoso. Nada de venenosa.”</p> <p>De sorte que o que publicou em “Chacaras e Quintaes” o botânico (?) lizo, ao serviço do Ministerio da Agricultura, á estas horas em passeio fartamente remunerado pelos cofres publicos, no Alto Egypto a decifrar hieroglyphos, provavelmente; e o que prometteu estampar em o seu “dicionario das plantas uteis do Brasil”, em cujo numero inclue a venenosa. “<i>Teramius uncinatus</i> — S. W.”, que diz ser conhecida vulgarmente por — amendoim de veado”, não tem valor algum, vindo a analyse chimica confirmar peremptoriamente as provas anteriores da inocuidade desse vegetal, fornecidas pelos animaes goyanos e os da margem do Parahyba, no Estado de São Paulo.</p> <p>E’ conhecida a importancia da forragem “alfafa” que faz a prosperidade dos magnificos rebannos do Rio da Prata, na Argentina sobretudo.</p> <p>Assim, pois, possuindo nós uma alfafa nativa, superior, prestado-se á fenação ou a ser administrada verde, nas rações de vacas leiteiras sobretudo, escuso encarecer-lhe o valor; sabendo-se ainda que é planta que resiste ás secas mantendo-se verde.</p> <p>Vegeta nas varzeas, em terreno fertil, fresco sem excesso de humidade.</p> <p>Si já tivéssemos, como suggeri, a nossa associacão agropcuaria, cuja importancia para o municipio, não cessarei de proclamar, servindo de exemplo á toda esta vasta região cognominada — “Norte de S. Paulo” — em grandissima parte entregue á exploracão da industria pastoril, no tocante aos lacteicos; dispondo-se, como agora, de uma leguminosa, rica em principios nutritivos, poderiamos alcançar verdadeiros triumphos, que só medram nessas associacões, onde não haverá de forma alguma, sob pena de naufragio certo, a estreita e nociva politicagem, que tudo corrompe...</p> <p style="text-align: right;">João Baptista de Castro</p> <p style="text-align: center;">Apparecida, Maio de 1927. Ext. d’O Pharol, de Juiz de Fóra</p>	

Ano IX, Rio de Janeiro
05/1927, p. 79/80.

CARTA ABERTA

Rio, 12 / 8 / 1933.

Meu caro Major Henrique Silva.

Cumprimentos os mais cordiaes.

Nas varias palestras que tive o prazer de entreter consigo, ouvi-lhe sempre o queixume amargo do como o nosso caro Goyaz era tratado por todos, aqui na Capital Federal.

Nada se dizia a respeito de Goyaz; os que deviam mais directamente defendel-o, nem sempre o faziam, talvez por falta de tempo, e aos jornalistas, os orientadores das opiniões publicas, não sobrava tempo para se preocuparem com Goyaz, visto os assumptos varios e mais ao sabor dos leitores que se lhes apresentavam cada dia.

Taes eram os seus queixumes, meu caro amigo, que licito me seja o dizer-lhe, me pareciam um grito de revolta ditado pelo seu grande amor ao Estado que o viu nascer e o seu inegualavel patriotismo em defendel-o contra todas as erezias que de quando em quando appareciam, relativas a qualquer assumpto goyano.

Infelizmente, em dois mezes e tanto de permanencia nesta grande metropole, tive o desprazer de verificar que justas, justissimas mesmo, eram as suas palavras.

Verifiquei o quanto Goyaz é aqui desconhecido e esquecido. Nos nossos jornaes de maior circulação, rarissimas vezes se encontra o nome de Goyaz; entretanto, de todos os outros Estados da União não faltam noticias.

Parece que Goyaz está votado a permanecer esquecido, figurando sómente nos mappas e isto mesmo, não sei bem porque, e entretanto, Goyaz tem direito a melhor sorte, bastando para isto que se estudasse um pouco a sua historia.

Por que não dizer que Goyaz é um Estado rico, riquissimo mesmo e que se tivesse sempre gosado do amparo dos governos, seria hoje um dos Estados *leaders* da União.

Porque, quando se falla da *kultura do trigo*, endeosando-se a nova semente encontrada ou melhor, estudada por São Paulo, com cuja semente não é o trigo assolado pela "*ferrugem*", não se diz que o trigo se cultiva em Goyaz desde os tempos coloniaes, que em Goyaz a produção por hectare é a maior até hoje verificada, quer no paiz, quer no estrangeiro, que nos trigaeas de Goyaz jamais se verificou a calamidade da *ferrugem* e que Goyaz já produziu trigo não só para o seu consumo, mas até mesmo para exportação.

Por que não se diz que a alfafa em Goyaz dá 11 e 12 córtes por anno, isto tudo sendo já verificado pelos proprios Inspectores Agricolas do Governo Federal e de sobrejo manifestado por si, com provas photographicas, em sua admiravel revista de defesa de Goyaz — a *Informação Goyana*.

Por que quando se falla do algodão, não se proclama bem alto que o algodão do Tocantins, Araguaya e outros pontos do territorio goyano, foi estudado e preconizado por technicos competentes nacionaes e estrangeiros e pelos mesmos reputados *equal, senão melhor do afamado fibra longa* do Nordeste.

Por que não se diz que a canna de assucar em Goyaz produz de uma maneira assombrosa, fechando os canaviaes com uma unica carpa, cousa que não se verifica em nenhuma outra parte, onde ella é cultivada.

Por que não se falla do café de Goyaz, producto de primeira ordem, e que quasi nativo no Estado, a sua produção por pé é descommunalmente maior que em São Paulo.

Por que não se diz que a mamona é nativa em Goyaz. Porque quando se falla em Babassú, não se menciona as incommensuraveis florestas desta palmeira, disseminadas por quasi todo o territorio goyano.

Por que não falla nas enormes jazidas auríferas de

Goyaz e nem nas de manganez, salitre, nickel, titanio, *crystaes*, amianto e de tantos outros minerios que jazem no riquissimo sub-sólo goyano ?

Ah ! meu caro amigo, - verdadeiramente entristecedor o descaso com que é tratado o nosso caro Goyaz e não fosse a certeza de estar tomando um espaço valioso de sua Revista, eu continuaria a enumerar este rosario de "porquês", mas elle já vae longo e seja-me permitido terminar por hoje, ficando commigo, porém o compromisso de continuar a abusar de sua amizade para, pelas columnas da *Informação Goyana*, ir mandando, de tempos a tempos, algumas notas, que sendo corrigidas e publicadas por si, sirvam para provar o meu amor e a minha admiração pela grandeza deste rincão bendito da Terra de Santa Cruz.

Sejam estas notas que aqui lhe envio o meu cartão de despedida, ficando o meu bom amigo certo, que no interland goyano, para onde parto amanhã, afim de continuar a, com afineo, trabalhar em pról do nosso Goyaz, só terei immenso prazer em cumprir as suas ordens.

Com o melhor abraço do admirador respeitoso

Paes Barreto.

O Araguaya e a sua navegação

Palestra realizada no Salão Nobre do Sindicato Medico Brasileiro, ás 20 horas dia 15 de Agosto de 1933, sob o patrocínio da Associação Universitaria Goyana, pelo academico

LUIZ DA GLORIA MENDES

CAPITULO I

(Introdução)

Snr. Presidente.

Ha pouco mais de um mês, rumavamos da cidade de Goyaz, com destino á Leopoldina, nas altas barrancas do Araguaya, uma caravana que ia, em caracter official, esperar, de retorno de Registro, o vapor "Leão", que vinha trazer ao debatido e secular problema da navegação do grande Rio, uma feição nova, mais interessante e, quiçá, mais pratica de quantas têm surgido. Representante autorizado, d'essa Associação, pois que era áquelle tempo seu Presidente, entendi que não me seria licito deixar de trazer o punhado de observações e dados fidedignos que mais feriram a minha attenção, principalmente, porque, senhor Presidente, é dos fins primordiaes d'esta organização social o estudo dos meios mais racionaes e mais integrados no espirito moderno d'essa questão vitalissima para a vida economica do nosso grande Estado. E' contribuição modesta mas inegavelmente necessaria, já para a organização do nosso "bureau" de informações, já porque é preciso que alguém inicie o debate, para que outros, mais lucidos e mais competentes, venham completar a obra.

Não ha nesse trabalho nenhum sentimento nativista. A's proprias intelligencias menos avizadas não escapa o transcendentalismo do assumpto, não só para a prosperidade de uma parte do Territorio Nacional, como de todo o meio Brasil, o grande Brasil Central, ignorado e maravilhoso, que tem um sabor de lenda e permite ante-ver a mais portentosa das realidades do mundo contemporaneo. Entendo que basta o sentimentalismo platónico com que temos decantado as maravilhas de nossa terra, plageando um dos mais illustres dos meus collegas. E é um pouco da acção necessaria que venho trazer. Acção que é, senhor Presidente, uma offerta aos corações e um convite ás intelligencias. Offerta em retribuição ao que vi. Convide para que a meditação, cahindo sobre nós, nos faça ver que é necessario, sobretudo, accordar.

A CULTURA DA ALFAFA EM GOYAZ

Do nosso illustre collaborador Dr. Euler Coelho, digno e competente Inspector Agricola Federal do 19.º Districto (Goyaz), recebeu o nosso director a carta que se segue :

"Goyaz, 21 de Maio de 1931.

Presado amigo Major Henrique Silva.

Ha bastante tempo, attendendo a um seu pedido, prometti enviar-lhe algumas photographias de arvores fructiferas silvestres e sempre me lembro disso e sem me ter sido possivel cumprir a minha promessa. Finalmente, consegui duas photographias, sendo uma de *marmellada de areia* e outra de *quineira*.

Seguem outras photographias para o amigo estas palas na *Informação Goyana*, desejando, porém, que seja declarado que foram fornecidas pelo Inspector Agricola, porque essas photographias fazem parte de trabalhos meus.

Muito se tem falado das terras e clima de Goyaz para esta e aquella cultura. Agora poderá ser incluido mais a belleza destas condições para a cultura da alfafa.

De accôrdo com o Regulamento do Serviço, a Inspectoria continúa a mostrar as vantagens da lavoura mecanica, vindo fazendo os campos de cooperacão com os agricultores. Coube-lhe o momento de instalar um campo com a cultura da alfafa, no lugar denominado "Prisca", a 4,5 kilometros desta Capital, em demanda do arraial de Fereiro.

Não quero ir muito longe com isso, basta dizer ao amigo que em Dezembro do anno p. passado o alfafal deu dois côrtes !!

Em Janeiro do corrente anno, idem, — e continúa dando um corte por mez.

E' pasmoso ! Podemos dizer que a alfafa dá em Goyaz de 10 a 12 cortes ao anno.

Segue uma photographia na qual eu estou no meio do alfafal, após 10 dias de corte e, como se vê, já está a planta dando nos meus joelhos, isto é, proximo a receber outra colheita !

Vae tambem uma photographia de uma horta na fazenda "Caieira da Barriguda, do Sr. Edmundo Galvão de Moura Lacerda, no districto de Ouro Fino, de onde se tem colhido cabeças de repolho de 18 kilos !!

E' muito commum, ahi, colher-se repolhos de 12 a 15 kilos.

Ha ainda quem ignore as possibilidades deste sólo abençoado...

Aqui fica o

Amigo Agradecido

EULER

Acompanham a informativa carta acima, as seguintes interessantes photographias :

- 7 — Ponte de pedra (natural) no rio deste nome, na divisa de Rio Verde com Palmeiras.
- 8 — Tamanduá bandeira, encontrado nos cerrados proximos do rio Araguaya.
- 9 — Planicie do Municipio de Mineiros, vendo-se o gado pastando a forragem natural.
- 10 — Fazenda Babilonia, do Sr. José Alves Ferreira, no Municipio de Mineiros, e
- 11 — Buritisa na fazenda Babilonia, em Mineiros.
- 12 — Ponte inter-estadoal, em Santa Rita do Araguaya — Goyaz - Matto Grosso.
- 13 — Travessia do Rio Babilonia, perto de Santa Rita do Araguaya.
- 14 — Pedra no rio Araguaya, em Balisa, que deu origem ao nome do garimpo diamantifero, pois servia de marco aos garimpeiros.
- 15 — Mineraçãõ de diamantes, feita a escaphandro, em Balisa.
- 16 — Lavagem de cascalho feita em batcias — BALISA.
- 17 — Principal rua de Balisa.
- 18 — Vista geral de Balisa.
- 19 — Marmellada de areia e
- 20 — Quineira.



ALFAFAL, após 10 dias de cortado e em condições de receber novo côrte

- 1 — Alfafa, após 10 dias de cortada e em condições de receber novo côrte.
- 2 — Colheita de alfafa.
- 3 — Horta na fazenda "Caieira da Barriguda", do Sr. Edmundo Galvão de Moura Lacerda.
- 4 — Médas de feno de catingueiro, feitas pela Inspectoria Agricola, na fazenda do Sr. Miguel da Rocha Lima.
- 5 — Cachoeira Dourada.
- 6 — Canal de São Simão, no rio Paranahyba, tendo 40 metros de largura.

Anexo 25 (Cartas do leitor)

O ESTADO DE GOYAZ

HENRIQUE SILVA

"A INFORMAÇÃO GOYANA"

1917-1921

Ha quatro annos que Henrique Silva em constante trabalho vae mostrando a opulenta riqueza da sua terra nativa — Goyaz —, e nas preciosas paginas instructivas da *A Informação Goyana*, tem defendido com saber invejavel os limites do territorio do seu Estado contra a usurpação de muitos pedaços de valos desse patrimonio sagrado que coube a Goyaz, na divisão das antigas Capitánias Portuguezas, mais tarde Provincias do Imperio, com os mesmos limites de então, e na Republica tudo isto está esquecido sómente para contentar-se appetites de uma má politica ao serviço de interesses privados com reservas e sem escrupulos.

Com a publicação regular durante quatro annos da *A Informação Goyana*, lida sempre com interesse no Brasil, e já bastante apreciada no estrangeiro, sabe-se lá fóra que no nosso paiz encontra-se realmente uma porção consideravel de seu maravilhoso territorio, que está sendo apreciado ultimamente pelos brasileiros, confirmado tudo quanto disseram em seus notaveis escriptos illustres viajantes que em outras épocas vieram ao nosso paiz estudar e admirar as immensas riquezas naturaes que nos coube na partiha do Novo Mundo.

Henrique Silva, o militar patriota e estudioso, e companheiro de Cruls, Moritze, Tasso Fragoso e outros distinctos e camaradas na demarcação do territorio federal, no planalto de Goyaz, como ficou estatuido na Constituição da Republica, sempre mostrou-se vivamente interessado pela

Ano V, Rio de Janeiro
07/1921

JULHO DE 1921

VOL. IV — N. 12

sorte futura de seu Estado, só sentiu-se feliz quando pode dizer pela *A Informação Goyana*, tendo antes na collaboração da revista *Brasil-Ferro-Carril*, durante annos feito com admiravel competencia a propaganda do Estado de Goyaz, e agora a satisfação, de ver seus escriptos reproduzidos em varias publicações estrangeiras.

E' assim que Henrique Silva tem procurado até com sacrificio servir ao Brasil, pois tanto importa zelar pelos creditos de uma unidade da federação, proclamando as possibilidades de augmentar-se a fortuna publica com a exploração das muitas riquezas encontradas e fartamente espalhadas por toda a terra goyana.

Com estas palavras faço acompanhar o meu testemunho pelo que tem feito Henrique Silva pela prosperidade de Goyaz sem se deixar confundir com muita gente que tudo quer para si e não se importa quando occupa posições officiaes, que-bem podiam melhor servir ao desterrado Estado de Goyaz.

Cumpro com especial agrado felicitando Henrique Silva quando a *A Informação Goyana* completa o quarto anniversario da sua proveitosa publicação para todo o Brasil, e em particular para a sua idolatrada TERRA NATIVA o futuroso ESTADO DE GOYAZ.

Agosto de 1921.

Vice-Almirante JOSÉ CARLOS DE CARVALHO.

A "Informação Goyana" no estrangeiro

Do illustre Sr. Francisco Guimarães, Addido Commercial á Embaixada dos Estados Unidos do Brasil em Paris, recebeu o nosso Director a seguinte lisongeira carta :

Paris, 11 de Julho de 1932.

Illmo. Sr. Henrique Silva, Director da "Informação Goyana" — 30, rua Castro Alves — Meyer — Brasil.

Distincto patricio.

Tenho o prazer de lhe accusar recepção do n. 9 da "Informação Goyana", assim como dos anteriores.

E' sempre com o maior interesse que leio a sua esplendida revista, fonte rara de preciosas informações sobre tão longinquo Estado. Creia que de muito me valeu sempre o seu mensario para a confecção do meu "Annuaire du Brésil, Economique et Financier", em cuja bibliographia figura, em todas as edições nas quaes me servi da "Informação Goyana", o nome da sua revista por entre as differentes fontes da minha documentação. A crise obrigou-me a interromper, pela primeira vez depois de seis edições successivas, a publicação do meu annuario. Não obstante, a "Informação Goyana" continúa sendo de grande utilidade para o serviço de informações d'esta Embaixada.

Fazendo votos sinceros para o exito continuo e progressivo d'essa empreza que, pela sua abnegação de dezeseis annos, V. S. transformou num symbolo de amor ao rincão natal, aproveito o ensejo para apresentar-lhe, distincto patricio, os protestos da minha estima e consideração.

(a) F. GUIMARÃES.

Addido Commercial.